

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL
– DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Raquel Lazzari Pacheco

**HIBRIDISMO CULTURAL: A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA INGLESA NA REGIÃO DE
SANTA CRUZ DO SUL – RS – BRASIL**

Santa Cruz do Sul
2018

Raquel Lazzari Pacheco

**HIBRIDISMO CULTURAL: A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA INGLESA NA REGIÃO DE
SANTA CRUZ DO SUL – RS – BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Doutorado, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional, Linha de Pesquisa em Organizações, Mercado e Desenvolvimento. Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ângela Cristina Trevisan Felippi

Santa Cruz do Sul
2018

HIBRIDISMO CULTURAL: A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA INGLESA NA REGIÃO DE SANTA CRUZ DO SUL – RS – BRASIL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Doutorado, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional, Linha de Pesquisa em Organizações, Mercado e Desenvolvimento. Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

Prof.^a Dr.^a Ângela Cristina Trevisan Felippi (Orientadora - PPGDR/UNISC)

Prof. Dr. Rogério Lima da Silveira (PPGDR – UNISC)

Prof.^a Dr.^a Rosangela Gabriel (PPGL - UNISC)

Prof.^a Dr.^a Maria Lucia Castagna Wortmann (PPGEDU - ULBRA)

Prof. Dr. Alex Pizzio da Silva (PPGDR - UFT)

Às minhas filhas, Helena e Aline, minha
significação de vida.

Ao meu esposo, Richard Alan, minha
significação de amor.

À minha mãe, Marlene Therezinha, e à
minha irmã, Carla Lavínia, por tudo.

Aos meus irmãos, Inácio de Loyola e
Edgar, e ao meu pai, Ernani (em memória),
na esperança do reencontro.

AGRADECIMENTOS

Acredito que a busca pelo conhecimento possa ser traduzida como uma caminhada na qual encontramos pessoas que nos estendem a mão para ajudar.

Ao meu anjo da guarda (enviado por Deus), à minha família (Alan – *my rock* –, Helena – minha luz – e Aline – minha coragem) e às duzentas e setenta e cinco pessoas que, gentilmente, responderam ao meu questionário e entrevista (pela simples vontade de ajudar), minha eterna gratidão.

Ao Ernani Fagundes Pacheco (meu amado e adorado pai) e à Marlene Therezinha Lazzari Pacheco (minha mãe e modelo de vida), gostaria de dizer que seu esforço de sair da pequena cidade de Arroio do Tigre e vir para Santa Cruz do Sul, a fim de proporcionar estudo aos seus filhos, foi de inestimável valor humano.

À Cleci Inês Staub Mueller, muito obrigada por tanto cuidado e carinho.

Às superamigas Alayde Guimarães Motta (aquela das horas sem fim, minha mentora intelectual), Neusa T. Simon (incansável e fiel), Xênia Brandt de Alexandrino, Yhevelin Guerin (sempre dispostas a ajudar) e ao querido Guilherme Garibaldi Dornelles, meu muito, mas muito obrigada.

Aos alunos da *Difference Language School* (não somente os da atualidade, mas dos 15 anos de existência da escola), pela energia positiva e apoio constante, meus agradecimentos mais sinceros.

Aos meus colegas e amigos Vonja Engel e Diego Marques Gonçalves, agradeço pela parceria e pelo apoio estendido para além da sala de aula, ensinando-me que a busca de um objetivo requer, muitas vezes, tolerância, resignação e fé.

Ao agradecer à Professora Dr.^a Ângela Cristina Trevisan Felippi pelo trabalho de orientação, estendo o agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, por permitir a ampliação do meu conhecimento e a realização deste estudo.

Quero também sublimar a minha coragem de, aos 51 anos, ter iniciado um desafio e feito mais um investimento, de vida e financeiro, na busca de conhecimento. Por mais profundo que, muitas vezes, tenha sido o desencanto, algo aprendi.

À minha aluna Caroline Müller Bitencourt, por me ensinar a voltar a acreditar, minha eterna gratidão!

Aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro.

Christine Revuz

RESUMO

Esta tese consiste na investigação da influência da língua inglesa no processo de hibridização cultural na região de Santa Cruz do Sul, que compreende também os municípios de Venâncio Aires e de Vera Cruz, no Estado do Rio Grande do Sul – Brasil. O trabalho tem um condão interdisciplinar, pois envolve estudos históricos, bem como estudos a respeito da cultura, da hibridização cultural e da língua(gem) nos seus caracteres semiológico e discursivo, concorrendo para interação social. Alinhado ao referencial teórico encontra-se um estudo empírico com uma pesquisa qualitativa, sob o olhar da corrente teórica dos Estudos Culturais. Diante da particularidade cultural e identitária dessa região, desencadeou-se a seguinte problemática de pesquisa: como o aprendizado e o uso da língua inglesa configuram o processo de hibridização cultural na região de Santa Cruz do Sul, no contexto do desenvolvimento regional? Alinhado ao problema de pesquisa, o objetivo geral consiste em investigar o aprendizado e o uso da língua inglesa como elementos do processo de hibridização cultural na região de Santa Cruz do Sul e suas principais contribuições. Em virtude do objetivo principal, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: a) investigar o hibridismo cultural e suas interconexões; b) compreender o delineamento do território da região de Santa Cruz do Sul, a partir do olhar do hibridismo cultural, c) analisar o papel da linguagem na formação cultural; para, ao final; d) demonstrar como a língua inglesa contribuiu para o hibridismo cultural na região de Santa Cruz do Sul. A abordagem metodológica utilizada é a da fenomenologia-hermenêutica, contribuindo na assunção de uma atitude reflexiva em relação ao objeto (a língua inglesa e o hibridismo cultural na região de Santa Cruz do Sul). Ainda, foi realizada uma coleta de dados, através de um questionário, que contou com a participação de 274 (duzentas e setenta e quatro) pessoas, viabilizando a análise qualitativa das respostas, bem como das projeções numéricas. Esse processo contribuiu para a construção de uma resposta a partir das percepções dos participantes. Ao analisar a trajetória do estudo de inglês, nas últimas cinco décadas, com base nos relatos, percebe-se que esse tem tido influência nas relações sociais, pessoais e de trabalho. Pode-se afirmar que tem surgido uma nova visão em relação a aprender inglês, parte dessa reorganização se deve à vinda das empresas transnacionais e à demanda por uma língua mediadora de relações econômicas, sociais e culturais. Com relação à língua inglesa, percebe-se que esta

consiste em um elemento facilitador de integração, influenciando positivamente na vida de muitos participantes e contribuindo para a hibridização cultural.

Palavras-chave: cultura, hibridismo, identidade, língua inglesa, região.

ABSTRACT

This thesis consists of an investigation into the influence of English language in the process of cultural hybridity in the region of Santa Cruz do Sul which includes the municipalities of Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires and Vera Cruz. The work has an interdisciplinary approach, as it involves historical studies, as well as studies about culture, cultural hybridity and language in its semiological and discursive characters, competing for social interaction. Aligned with the theoretical reference is an empirical study together with a qualitative research, based upon the current theoretical perspective of Cultural Studies. Given the cultural and identity peculiarity of this region, the following research problem arose: how does learning and using English language configure the process of cultural hybridity in the region of Santa Cruz do Sul within the context of regional development? Emanating from the research problem, the general objective was to investigate the learning and use of English language as elements in the process of cultural hybridity and their main contributions within the region of Santa Cruz do Sul. From the main objective, the following specific objectives were elaborated: a) to investigate cultural hybridity and its interconnections; b) to understand the growth of the region of Santa Cruz do Sul, from the perspective of cultural hybridity, c) to analyse the role of language in cultural formation; to, at the end; d) demonstrate how English language has contributed to cultural hybridity in the region of Santa Cruz do Sul. The method used was that of phenomenology-hermeneutics, contributing to the assumption of a reflexive attitude towards the object of study (English language and cultural hybridism in the region of Santa Cruz do Sul). In addition, a data collection was performed through a questionnaire, which was completed by 274 (two hundred and seventy-four) people, with a subsequent qualitative analysis of their answers, as well as numerical projections. This process contributed to the construction of a response based on participants' perceptions. In analysing the trajectory of the study of English, in the last five decades, based on the respondents' reports, it is perceived that it has had an influence in the development of social, personal and work relationships. It can be said that a new vision has emerged in relation to learning English, and part of this process is because of the establishment of transnational companies and their demand for employees to have a proficiency in English language for mediating economic, social and cultural relationships within the companies. Regarding English language, it is perceived that this is a facilitating element in the process of social

interaction, influencing positively the lives of many participants and contributing to cultural hybridity.

Key words: culture, English language, hybridity, identity, region.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – Vale do Rio Pardo	68
Mapa 2 - Mapas do Rio Grande do Sul e Brasil	68
Gráfico 1 - População residente	69
Fotografia 1 - Casa Inglesa (início do século XX)	72
Fotografia 2 - Casa Inglesa e Cia. de Fumos Souza Cruz (1919)	73
Fotografia 3 - Antiga Casa Inglesa - Hotel Villa Flor	73
Fotografia 4 - American Hotel	74
Fotografia 5 - Prédio da Antiga Farmácia Americana	75
Figura 1 - O hibridismo cultural: a língua inglesa na região de Santa Cruz do Sul	108
Imagem 1 – Calculadora 1	116
Imagem 2 - Calculadora 2	117
Gráfico 2 – Idade	118
Gráfico 3 – Sexo	118
Gráfico 4 - Estado civil	119
Gráfico 5 - Tempo de trabalho	119
Gráfico 6 - Programa de idiomas	120
Gráfico 7 - Financiamento próprio	120
Gráfico 8 - Atuação em empresas	121
Gráfico 9 - Escola regular	121
Gráfico 10 - Escola de idiomas	122
Imagem 3 - Número médio aluno por turma	125
Gráfico 11 – Aprendizado na escola regular	125
Gráfico 12 - Aprendizado na escola de idiomas	126
Gráfico 13 – Opinião sobre o aprendizado na escola regular	126
Gráfico 14 - Opinião sobre o aprendizado na escola de idiomas	127
Gráfico 15 - Escolas de idiomas frequentadas	128
Gráfico 16 - Critérios para seleção da escola de inglês	129
Gráfico 17 - Contato com a língua inglesa	129
Gráfico 18 - Boa aula de inglês	130
Gráfico 19 - Atividades nas horas livres	131
Gráfico 20 - Motivo da vinda para a região	131
Gráfico 21 – Motivos pela busca do estudo do inglês	135
Gráfico 22 - Desempenho na língua inglesa	137
Figura 2 - Atos da Fala – Austin	138
Gráfico 23 - Viagem para países na língua inglesa	139
Gráfico 24 - Desejo de viagem para países na língua inglesa	140
Gráfico 25 - Contato com falante nativo	146
Gráfico 26 - Pais falantes de inglês	148
Gráfico 27/28 - Idades dos pais	149
Gráfico 29 - Oportunidade de emprego perdida	153
Gráfico 30 - Morar em outro país	154
Gráfico 31 – Países	155
Gráfico 32 – Esportes	157
Gráfico 33 – Você pratica esportes	158
Fotografia 6 - Red Container Hamburgueria	165
Fotografias 7/8 - Panfletos de distribuição gratuita (2017)	166

Fotografias 9/10 - Anúncios black week	168
Fotografia 11 - Sexy moda íntima	168
Fotografia 12 - Ponto Chick	169
Fotografia 13 – Chicky “10”	169
Fotografias 14/15 – Mesclas português inglês	169
Fotografia 16 – Outdoor	170
Gráfico 34 - Palavras mais recorrentes	177

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	HIBRIDISMO CULTURAL E SUAS INTERCONEXÕES	20
2.1	Os Estudos Culturais	21
2.2	Compreendendo os conceitos de cultura e hibridismo	22
2.2.1	Hibridismo cultural e os processos (i)migratórios	29
2.3	Cultura e identidade: entre o global e o local – a região	32
2.4	Relação entre a economia e a cultura	46
3	DELINEANDO O TERRITÓRIO DA REGIÃO DE SANTA CRUZ DO SUL PELO PROCESSO DE HIBRIDIZAÇÃO	52
3.1	Conceituando colonização e (i)migração	52
3.2	A formação do Sul do Brasil	53
3.3	O processo de colonização de Santa Cruz do Sul e entorno	55
3.3.1	Tipo de colonização	57
3.3.2	Sistemas agrícolas	59
3.3.3	Núcleos de população	61
3.4	A criação e transnacionalização das empresas na região de Santa Cruz do Sul e o processo (i)migratório em Santa Cruz do Sul	62
3.4.1	A urbanização de Santa Cruz do Sul	64
3.4.2	Capital social: aspectos culturais	70
3.5	Uma obliquidade da economia: a nova perspectiva cultural	75
4	A LINGUAGEM NA FORMAÇÃO CULTURAL: O INGLÊS COMO A LÍNGUA UNIVERSAL	79
4.1	Estudo da língua(gem): da abordagem semântica à pragmática – os atos da fala – uma linguagem voltada ao entendimento	80
4.2	A dimensão simbólica da linguagem: a palavra no contexto	88
4.3	Representação e língua(gem)	94

4.4 A língua universal como elo de identidade cultural.....	100
5 PROCESSO DE HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL	110
5.1 Técnicas e procedimentos metodológicos.....	111
5.2 Perfil da amostra no contexto da hibridização cultural	115
5.3 Análise qualitativa dos dados	131
6 CONCLUSÃO	183
REFERÊNCIAS.....	190

1 INTRODUÇÃO

Esta tese versa sobre uma investigação a respeito da importância da língua inglesa no processo de hibridização cultural na região de Santa Cruz do Sul, comportando, além do município de Santa Cruz do Sul, os de Venâncio Aires e de Vera Cruz, localizados na região central do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A escolha por esse recorte diz respeito ao fato de que a municipalidade de Santa Cruz do Sul ocupa posição nuclear entre os municípios do entorno com referência à cultura e à economia regional. Quanto à última, o fato determinante ocorre a partir da chegada das empresas multinacionais, em especial as fumageiras, inserindo a região no capitalismo global e, com esse processo, o inglês passa a ser a língua dos negócios e aprender o idioma torna-se imprescindível.

Trata-se de uma abordagem interdisciplinar, uma vez que o trabalho permeia estudos históricos que envolvem o processo de colonização, imigração e migração, assim como estudos a respeito da cultura e da hibridização cultural, perpassando por contribuições de teóricos da linguagem, somando-se a um estudo empírico com uma pesquisa qualitativa, sob o olhar da corrente teórica dos Estudos Culturais (E.C.).

O tema é complexo, porque transita no limiar de diversas questões que envolvem importantes contribuições da história, da sociologia, da economia e da dimensão cultural, para além do fato de necessitar fazer um trânsito entre o global e o regional. Este último é o enfoque basilar do trabalho, visto que ele vai remontar a situações que envolvem a formação da região de Santa Cruz do Sul (circunscrita para este estudo), mas, ao mesmo tempo, projeta-se para o futuro, tentando descrever como tais processos continuam influenciando a região nos aspectos econômicos, sociais e, especialmente, culturais.

A postura comprometida com o objeto de estudo deve evidenciar o caminho a percorrer: o pesquisador,¹ o que ele vai estudar e o universo no qual esses dois elementos (o pesquisador e o estudo) estão inseridos, fazendo parte de uma triangulação inicial do processo. Sendo assim, o caminho escolhido, através da interdisciplinaridade, compactua com o Programa de Pós-graduação em

¹ A pesquisadora, neste estudo, é professora em sua própria escola de idiomas, graduada em Letras (Português, Inglês e Literaturas). Mestre em Letras pelo PPGL (Programa de Pós-Graduação em Letras) - ambos os cursos realizados na Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. É doutora pelo PPGDR - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – UNISC.

Desenvolvimento Regional, na Linha de Pesquisa Organizações, Mercado e Desenvolvimento, justificando a discussão do desenvolvimento regional sob o prisma da hibridização cultural, a partir do papel da língua inglesa, no contexto da região objeto de estudo, ou seja, Santa Cruz do Sul.

Entende-se que a interdisciplinaridade é um dos canais de produção do saber comprometido com as transformações sociais e culturais. A interdisciplinaridade propicia que o pesquisador/profissional, ao final de um processo de busca de conhecimento, seja capaz de reunir saberes de diferentes áreas, percebendo o mundo como um todo interligado e interdependente, com melhor entendimento, sabedoria, respeito, integridade moral e ética para conduzir suas práticas no meio em que vive. Assim, ele poderá interagir de forma a compartilhar seu conhecimento para o seu benefício e de seus pares, pautado pelo repensar constante de como fazer uma sociedade mais justa e mais fraterna. Na medida em que se pensa a ação, interdisciplinarmente, apodera-se de um conhecimento ampliado, que permite uma visão mais abrangente na solução de problemas e no estabelecimento de objetivos, atendendo ao desejo de uma sociedade, em sua maioria. Utiliza-se aqui o termo “maioria” porque atender aos anseios de um grupo social na totalidade é infactível, uma vez que as pessoas são diferentes, discordam, conflitam nos seus espaços.

Acerca da importância do tema da presente tese, pode-se inferir que narrar a história e o desenvolvimento socioeconômico e cultural da região de Santa Cruz do Sul enriquece o entendimento desse processo interdisciplinar e a escolha por essa trajetória. Entende-se que a construção histórica pode orientar para a referência cultural do processo de desenvolvimento dessa região nesta pesquisa, pois conhecer o passado também significa a possibilidade consciente de projetar o que está por vir.

Sob o ponto de vista da referência, num mundo de constante deslocamento de identidades, a língua e a linguagem são elos geradores do sentimento de pertencimento cultural. A atividade linguística, assim como as demais, desenvolve-se dentro de um tempo e um espaço, ou seja, nos territórios onde são realizadas as relações e tempos sociais (com ritmos próprios).

Sabe-se que o Brasil apresenta características multiculturais, pois, ao longo de sua história, tem testemunhado a chegada de colonizadores e imigrantes de várias partes do mundo. Ao caracterizar a região em estudo, já identificada anteriormente, deve-se levar em consideração o processo de povoamento do Sul do Brasil, que ocorreu pela formação de colônias oficiais e privadas através do povoamento induzido

com colonizadores italianos, germânicos, poloneses, entre outros, vindos da Europa, no século XIX, e que ocuparam regiões específicas, até então não desenvolvidas.

Pensando na região de Santa Cruz do Sul, a presença de empresas fumageiras (hoje também de outros setores agrícolas, de produtos eletrônicos e de artefatos domésticos) impulsiona a geração de empregos e a criação de negócios e reflete na exigência de aprimoramento da educação e da criatividade dos trabalhadores. A empresa, ao reconhecê-los como corresponsáveis pelo aperfeiçoamento de produtos e processos, requer uma mudança cultural e interacional relevante ao seu gerenciamento.

Nessa perspectiva, a construção de uma região baseia-se, também, na articulação de dimensões ligadas à esfera econômica (de ordem material), à esfera cultural (dos símbolos e valores partilhados por um grupo social) e à esfera temporal, pois todos os processos de interação social, econômica e cultural envolvem transformações ao longo da história. Simbolicamente, o recorte territorial (região) pode moldar a identidade cultural e ser moldado por esta, uma vez que ela representa um aspecto relevante para a coesão social.

A língua inglesa e seu enraizamento nas práticas sociais e costumes da região contemplada neste estudo podem significar um elemento de transformação sociocultural e evidenciar uma cultura e uma identidade regionais, ou seja, discutir sua importância como meio influenciador da cultura, com consciência de suas potencialidades. A partir dessa intencionalidade percebida pelas experiências vividas, o referido idioma pode contribuir no contexto do desenvolvimento regional.

Sabe-se que a maioria das empresas transnacionais de Santa Cruz do Sul e da região possui programas de incentivo ao estudo da língua inglesa, subsidiando os funcionários que desempenham posições de relevância no processo de comunicação com as matrizes da empresa, no exterior. Estas estão localizadas, principalmente, nos Estados Unidos, em países europeus e da América Latina, como o México. Não há como tais fluxos não refletirem em trocas culturais que, de alguma forma, denotam características encontradas hoje nas empresas, na formação do mercado de trabalho, no comércio local, no setor empresarial, nas relações sociais, dentre outros.

Buscou-se informação, tanto por parte das empresas quanto das escolas de inglês locais, na tentativa de estabelecer um percentual representativo de pessoas que se dedicam ao estudo da língua e como tais questões podem influenciar o processo de hibridização. Daí a relevância de um estudo empírico.

Dessa forma, pode-se inferir que uma nova visão tem surgido em relação a aprender inglês, seja para estudo, seja para intercâmbio com o mundo, seja ainda para obter melhores oportunidades de trabalho ou mesmo de interação social e, obviamente, cultural.

Portanto, ao se estabelecer uma analogia com o uso da língua inglesa, entende-se que este está relacionado, inicialmente, com a presença de empresas transnacionais em segmentos agrícolas (produção de tabaco e sementes), de produtos eletrônicos e artefatos de uso doméstico. Essa presença trouxe um compartilhamento gerencial mediado pelo inglês. A vinda das empresas representa o começo de uma “nova colonização” e outra língua surge para estabelecer diferentes laços numa dinâmica cultural, social e econômica distinta.

A imersão no aprendizado da língua inglesa remete ao fato de que uma língua não é aprendida desvinculada de sua carga cultural: a língua(gem)² é um sistema social, pois requer a ativação de um conjunto de significados que já estão imbricados em seu sistema cultural e linguístico. Os seres humanos, nessa interação social, possuem a capacidade de interpretar e significar sua ação social devido aos vários sistemas e códigos que dão significação às suas ações e que permitem interpretar, significativamente, as ações dos outros. Esses sistemas e códigos constituem as "culturas". Nessa interação, o inglês representa a mediação, tanto para o imigrante que não fala português quanto para o migrante de outras regiões do Brasil, pois o mesmo necessita dessa língua em seu ambiente de trabalho.

Partindo das considerações apresentadas e da importância dessa região com uma cultura e uma identidade peculiares, desencadeou-se o problema a ser enfrentado nesta tese: como o aprendizado e o uso da língua inglesa configuram o processo de hibridização cultural na região de Santa Cruz do Sul, no contexto do desenvolvimento regional? Alinhado ao problema de pesquisa, o objetivo principal deste estudo é investigar o aprendizado e o uso da língua inglesa como elementos do processo de hibridização cultural na região de Santa Cruz do Sul e suas principais contribuições.

² Para Saussure (1966), a língua pode ser entendida como um sistema de signos dentro de uma comunidade linguística; e a fala, como ato performativo individual, intencional e intelectual da língua, nessa mesma comunidade. A língua é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só não pode nem criá-la nem modificá-la; ela existe em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros de uma comunidade. Entende-se por linguagem a capacidade que os seres humanos têm para produzir, desenvolver e compreender a língua.

Em decorrência do objetivo principal, foram elaborados os seguintes objetivos específicos, cada um deles correspondendo a um capítulo da tese: a) investigar o hibridismo cultural e suas interconexões; b) compreender o delineamento do território da região de Santa Cruz do Sul, a partir do olhar do hibridismo cultural, c) analisar o papel da linguagem na formação cultural; para, ao final; d) demonstrar como a língua inglesa contribuiu para o hibridismo cultural na região de Santa Cruz do Sul.

A pesquisa empírica está no último capítulo e teve por base um questionário aplicado *on-line*, com perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha, utilizando o sistema Google Drive Formulários; uma entrevista semiestruturada, na qual se busca analisar a influência da língua inglesa no processo de hibridização, ou seja, ela serve para contextualizar a importância e o papel do inglês na região.

Esta pesquisa está dividida em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução. O segundo capítulo aborda o hibridismo cultural e suas interconexões, levando à compreensão dos conceitos de cultura e hibridismo cultural; a cultura e a identidade, sob a perspectiva global e local, com o olhar para o regional – no contexto do desenvolvimento regional – como ponto focal do processo de identidade cultural; a relação entre a economia e a cultura, levando à reflexão de que são elementos de um processo imbricado e interdependente, em que a cultura tem seu peso nas decisões econômicas.

O terceiro capítulo versa sobre a região estudada, seus aspectos históricos relevantes, como o processo de colonização, a formação inicial através da vinda dos colonos (predominantemente de origem germânica), os seus meios de sustento, o processo de industrialização e posterior transnacionalização das empresas locais, produzindo outra configuração econômica, geográfica-urbana, social e cultural.

O quarto capítulo apresenta o aspecto essencial da pesquisa, que é o papel da linguagem na formação cultural, avaliando o inglês, seu papel na emancipação do sujeito numa abordagem linguística e sociológica; a representação e o significado da linguagem, além de uma retrospectiva histórica e analítica sobre a condição do inglês como língua universal, influenciadora nos contextos que se valem dela para a interação social. A partir dessa exposição, busca-se entender o uso da língua como elo de identidade cultural.

O quinto capítulo consiste em desvelar como o aprendizado e o uso da língua inglesa configuraram o processo de hibridização cultural na região Santa Cruz do Sul. Descreve os procedimentos metodológicos para a coleta dos dados e o amparo na

metodologia empregada, apresentando, em seguida, as análises qualitativas dos dados coletados, com o intuito de apontar as contribuições da língua inglesa no processo da hibridização, que pode ocorrer no mercado de trabalho, no estudo, no entretenimento, nas viagens, nas relações sociais e culturais.

Na conclusão, busca-se, através de uma retomada, responder ao problema apresentado, discorrendo sobre os principais elementos construídos ao longo do desenvolvimento, os quais dão o subsídio necessário à proposta da presente tese, enaltecendo seu caráter interdisciplinar.

2 HIBRIDISMO CULTURAL E SUAS INTERCONEXÕES

A palavra hibridismo³, de acordo com a biologia (genética), é o “cruzamento de dois progenitores de raças, linhagens, variedades, espécies ou gêneros diferentes”. “É comum entre as plantas”. “Na linguística, diz-se de uma palavra formada por elementos tomados de línguas diferentes, como *bicicleta*: *bi* (latim), *cicle* (grego)” (HOUAISS, 2009).

O que se quer dizer com o parágrafo acima é que o termo hibridização, a partir do discurso pós-colonial, assume outra acepção: diz respeito às culturas e como elas se comportam umas em relação às outras quando se encontram ou se confrontam (BHABHA, 1994; CANCLINI, 2003; HALL, 2003).

Cultura, num sentido amplo, pode ser entendida como conhecimento. Estreitando um pouco, pode-se dizer que é a expressão humana através das mais diversas artes (música, dança, pintura, escultura, agricultura, etc.), das crenças, das normas, da conduta moral, dos costumes, dos hábitos e competências que o homem apreende (e aprende) e expressa no meio em que vive e fora dele, quando interage com outras sociedades.

O modelo convencional imperialista, conforme Morley (2005), acreditava na existência de uma cultura pura, internamente homogênea, verdadeira e original que, então, tornava-se corrompida pela influência estrangeira. O que se tem, entretanto, é que cada cultura tem incorporado elementos de fontes externas, que gradativamente se tornam “traços culturais vernáculos” (expressão da autora).

A noção de que existem espaços geográficos com habitantes indígenas, radicalmente diferentes, que podem ser definidos com base em alguma religião, cultura ou “essência” racial, próprios desse espaço geográfico, é uma ideia altamente discutível. Como muitos autores observaram (por exemplo Appadurai, 1990; Bhabha, 1983 e 1994, Hall, 1990), a hibridação cultural é cada vez mais o estado normal das coisas. (MORLEY, 2005, p. 329).⁴

Cabe ressaltar que, “ao guardar a heterogeneidade na homogeneidade”, há o entendimento de que os vários discursos que interatuam não tendem à supressão, mas à constante transformação, como “uma travessia dentro de uma história que

³ Os termos hibridismo, hibridização e hibridação serão utilizados, nesta pesquisa, sem distinção conceitual.

⁴ The notion that there are geographical spaces with indigenous, radically different inhabitants, who can be defined on the basis of some religion, culture or racial “essence”, proper to that geographical space, is a highly debatable idea. As many authors have noted (for example Appadurai, 1990; Bhabha, 1983 and 1994; Hall, 1990) cultural hybridity is increasingly the normal state of affairs (tradução da autora).

aponta para o infinito, mas que não encontra a culminância terminal, porque se realiza num mundo que se abre cada vez mais para a mistura” (CARDOSO, 2008, p. 82).

Nesse processo, é importante entender que as culturas diferem, interagem, hibridizam ou não e, portanto, far-se-á uma incursão pelos conceitos de cultura e hibridismo cultural e algumas de suas inter-relações pertinentes a este estudo. Todavia, antes disso, trazem-se algumas considerações sobre os E.C. com o intuito de amparar a escolha por alguns de seus ícones.

2.1 Os Estudos Culturais

A definição de E.C., para Johnson (2010), inicialmente, refere-se a uma retomada dos elementos das diferentes abordagens teóricas em suas relações de mutualidade. O autor acena para o caráter interdisciplinar dos E.C., seja na filosofia, seja na linguística, por exemplo.

O autor entende que há distintos pontos de partida para definir os E.C., os quais podem ser concebidos dentro de uma tradição intelectual e política, na sua relação acadêmica e/ou com paradigmas teóricos em função de seus objetos específicos de estudo. Johnson (2010, p. 25) arrisca-se a afirmar, sinteticamente, que “os E.C. dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais”, pois entende que a cultura não é independente, tampouco externamente definida, mas um espaço de “diferenças e lutas sociais”.

Dentre os enfoques dos E.C., segundo Johnson (2010, p. 29), estão os grupos sociais (sociedades) e como eles se movimentam. Contudo, o ponto de vista é outro: é o de “abstrair, descrever e reconstruir, em estudos concretos”, as configurações nas quais as pessoas “vivem”, tornando-se sujeitos conscientes e autônomos dentro do contexto em que estiverem inseridos, pois este é determinante do significado e das “transformações de uma forma subjetiva particular tanto quanto a própria forma” (JOHNSON, 2010, p. 89).

Hoggart (1970), mencionado por Johnson (2010), foi um dos precursores dos E.C. e vislumbrava seu surgimento a partir de três fontes: a primeira, filosófica e histórica; a segunda, sociológica; e a terceira, crítico-literária.

Portanto, pode-se pensar que a cultura não é sabedoria estanque, mas um complexo de intervenções ativas, especialmente, no discurso e na representação, sob a qualidade de alterar a história da mesma forma que veicula o passado. A cultura é

divisível, pois desponta, diferenciadamente, em qualquer grupo social ou ocasião histórica. Ao exacerbar o caráter diferenciado da cultura, o prospecto dos E.C. pôde vincular-se às práticas sociais, históricas e econômicas (ESCOSTEGUY, 2010).

Os E.C., segundo Escosteguy (2010), estão voltados às formas de expressão culturais não tradicionais, descentrando a legitimidade cultural. Dessa feita, a cultura popular obtém validade, ocupando um espaço para agir criticamente e intervir. Os E.C. são influenciadores da crítica cultural quanto à instituição de hierarquias entre formas e práticas culturais que discriminam culturas ao privilegiar umas e negligenciar outras.

Outro aspecto relevante diz respeito à identidade; quando Hall (1997a) refere-se às identidades da modernidade, entende que estas estão sendo descentradas, num mundo acelerado e em constantes mudanças sociais, econômicas e culturais. Essas deslocções materiais e imateriais levam à desorientação quanto ao “pertencimento”. Como salienta Johnson (2010, p. 94), essa transitoriedade leva a “sujeitos contraditórios, fragmentados e produzidos, pois estão ‘em processo’”, dentro desse movimento social.

Os E.C. mostram, de forma esclarecedora, que todo esse movimento altera, desloca, cria e recria culturas e, conseqüentemente, novas formas híbridas daí surgem. Entender a cultura e o hibridismo cultural é providencial a partir dessa breve abordagem teórica dos E.C.

2.2 Compreendendo os conceitos de cultura e hibridismo

Williams (1958) estabelece um marco na concepção de cultura ao caracterizá-la como ordinária, partindo do pressuposto de que todas as sociedades humanas se moldam imbuídas de seus próprios objetivos e significados. Para o autor, há duas acepções a considerar quando se usa a palavra cultura: a primeira leva em conta todo um modo de vida em significações compartilhadas, e a segunda contempla os processos que envolvem o esforço criativo e a descoberta, que fomentam a aprendizagem e as artes. A cultura, segundo o autor, é um conjugar de ambos os conceitos, pois se insere em cada sociedade, em cada mente.

Por sua abrangência, a cultura é relida através das diversas ciências. Antropologicamente, a cultura representa o homem, o saber experiente de uma comunidade, o saber obtido graças a sua organização no espaço e no tempo, para manter e proteger as formas de se relacionar.

Quando se pensa em cultura como elemento de interação social, imediatamente ela é vinculada às ciências sociais, em que a conceituação remete a um conjunto de ideias, comportamentos e práticas sociais, que transformam a cultura num legado, numa herança (CANCLINI, 2007).

Clifford (2008, p. 4) conceitua cultura sob a perspectiva semiótica, crendo que “o homem está amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu [...]”; “a cultura é uma ciência interpretativa, à procura do significado.” Conforme o autor, deve-se investigar qual a importância da cultura: o que está sendo transmitido através da sua ocorrência, seja ela um escárnio ou uma provocação, um sarcasmo ou um aborrecimento. A cultura é pública, porque o significado o é. A cultura está à mercê das influências de novas formas de agir e pensar do ser humano, que está constantemente se reinventando ou se reconstruindo em sociedade.

Os seres humanos, nessa interação social, possuem a capacidade de interpretar e significar, pois

a ação social é significativa, tanto para aqueles que a executam quanto para os que a observam: não "em si mesma", mas por causa dos muitos e variáveis sistemas de significados que os seres humanos usam para definir as coisas, e codificar, organizar e regulamentar sua conduta para com os outros. Esses sistemas e códigos de sentido dão significação às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações dos outros. Tomados em conjunto, eles constituem nossas "culturas". (HALL, 1997a, p. 208).⁵

Entretanto, Hall (1997a), quando centraliza a cultura, contempla a necessidade de dar-lhe um peso tanto substantivo quanto epistemológico, que nem sempre lhe foi atribuído. A centralidade substantiva referencia o lugar da cultura na sua estrutura empírica e organização das atividades culturais, institucionais e relações da sociedade em um momento histórico específico. Sob o enfoque epistemológico, a cultura encontra-se relacionada às questões de como conhecê-la e conceituá-la, servindo de elemento transformador aos nossos modelos de compreensão, explicação e teorização do mundo.

A centralidade substantiva direciona para a importância do papel da cultura na organização e estruturação da sociedade moderna, nos processos de desenvolvimento em nível global e no arranjo dos recursos materiais e econômicos,

⁵ Social action is meaningful, both to those who perform it and to those who observe it: not “in itself”, but because of the many and variable systems of meanings which human beings deploy to define what things mean and to code, organize and regulate their conduct towards another. These systems and codes of meaning give significance to our actions. They allow us to interpret meaningfully the actions of others. Taken together, they constitute our “cultures” (tradução da autora).

especialmente, no que diz respeito aos meios de produção e compartilhamento da cultura através das novas tecnologias de mídia e revolução da informação (HALL, 1997a, p. 209).

Hall (1997a, p. 210) refere-se a esse processo veloz e interligado dos mundos virtuais como os novos “‘sistemas nervosos’ que entrelaçam as sociedades com histórias muito diferentes, modos de vida diferentes, em estágios de desenvolvimento diferentes e vivendo em fusos-horários diferentes”.⁶

O autor pontua que a revolução na cultura, em nível global, tem impacto nas formas de vida, em como as pessoas vivem, significam suas vidas e suas perspectivas futuras num sentido local. Hall (1997a), citando Du Gay (1994), atenta para o aprofundamento da conexão global pela compressão da distância entre pessoas e espaços, colocando-as em permanente contato, num “perpétuo presente”, em que o que acontece aqui pode acontecer em qualquer lugar. As transformações culturais globais, ao criarem mudanças sociais rápidas, geram uma “deslocação cultural” que seria de mesma proporção.

Todavia, segundo os autores, esse fator não implica suprimir uma vida local. As pessoas mantêm uma vida local situada no tempo e no espaço. O que ocorre é que o local não tem uma identidade “objetiva” fora de sua relação com o global.

Hall (1997a) reitera que é inegável a exposição aos produtos culturais uniformizados e que a homogeneização traz consequências negativas, mas contrapõe-se a pensadores que defendem a tese de que o mundo tornar-se-á uma cultura uniforme e homogênea.

O próprio ritmo e irregularidade da mudança cultural global frequentemente produz suas próprias resistências, que podem, é claro ser positivas, mas são, às vezes, reações negativas, defensivas contra uma cultura global e representam tendências poderosas ao “enclausuramento”. (HALL, 1997, p. 211-213).⁷

A cultura, segundo Hall (1997a, p. 213), “para o bem ou para o mal, é agora um dos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – elementos de mudança histórica no novo milênio”.

⁶ [...] the new “nervous systems” which thread together societies with very different histories, different ways of life, at different stages of development and dwelling in different time-zones (tradução da autora).

⁷ The very pace and unevenness of global cultural change often produces its own resistances, which can of course be positive but are sometimes negative, defensive reactions, against a global culture and represent powerful tendencies towards “closure” (tradução da autora).

Nessa perspectiva, é relevante destacar que as transformações do local e da vida diária não são exclusividade de determinado grupo ou classe social: as deslocamentos culturais se manifestam em qualquer dimensão (geográfica, econômica, social, institucional).

Observando ainda o caráter substantivo da centralidade da cultura, Hall (1997a) argumenta que a constituição de significados valida-se pela subjetividade, e sua objetividade está presente no mundo através das ações, instituições, rituais e práticas dos atores sociais e que a formação das nossas identidades se dá culturalmente, ou seja, passa por uma escolha pessoal e de interesses, mas essencialmente perpassa os aspectos objetivos presentes nas ações e estruturas sociais contextualizadas em determinado tempo e lugar.

Em termos substantivos, o autor sumariza dizendo que a centralidade da cultura contempla a ascensão de novos domínios e instituições e tecnologias associadas às indústrias culturais, que modificaram as esferas tradicionais da economia, da indústria e da cultura em si mesma; reconhece a cultura como uma força de mudança histórica global e como elemento de transformação cultural da vida cotidiana; e, muito significativamente, é um marco na formação das identidades subjetivas e sociais da sociedade contemporânea.

Sob a dimensão epistemológica, Hall (1997a) fala da “virada cultural” no que tange às atitudes em relação à linguagem. Esse tem sido o assunto de especialistas e profissionais da área da linguística, mas a preocupação do autor diz respeito à linguagem enquanto expressão das práticas de representação, elevando a língua a uma condição de importância na construção e circulação do significado.

Hall (1997a) explicita que a “virada cultural” está intimamente relacionada com a linguagem, uma vez que a cultura é essencialmente a soma de diferentes sistemas classificatórios e formações discursivas, na qual a língua delinea o significado das coisas.

Essas formações discursivas são o conjunto de afirmações sobre qualquer domínio que produz conhecimento através da língua. A “virada cultural” expande a visão sobre a linguagem à vida social, uma vez que os processos econômicos e sociais são dependentes dos significados e afetam as formas de vida: quem somos (nossa identidade) e como vivemos (HALL, 1997a).

As pessoas podem interpretar e dar sentido ao mundo de formas diferentes e, provavelmente, de forma única e individual. No entanto, podem comunicar, porque

compartilham mapas conceituais que, de forma geral, dão significado ao mundo, de forma similar. Nesse sentido é que Hall (1997b) faz referência ao “pertencer à mesma cultura”. Esse é o porquê, segundo o autor, de a cultura, às vezes, ser definida como “significados e mapas conceituais compartilhados” (HALL, 1997b, p. 18).

No entanto, mesmo que se tenha um amplo compartilhamento de mapas conceituais, este não é suficiente para representar e compartilhar significados e conceitos. É mister o acesso a uma língua, que vem a ser o segundo sistema de representação envolvido no processo geral de construção de significados.

Nesse ponto, compete observar que falar de hibridização em cultura envolve falar em linguagem, representação linguística e social, entre outros fatores constituintes desse processo e que, inevitavelmente, são inerentes a mais de um capítulo deste estudo. Todavia observa-se que a linguagem e a representação recebem destaque no capítulo 4.

Retomando, então, o segundo sistema, vale referir que ele depende da construção de um conjunto de correspondências entre nosso mapa conceitual e um conjunto de sinais, sistemas de linguagem e códigos que governam as relações de tradução entre eles, arranjados ou organizados em várias línguas que representam esses conceitos. Essa relação entre coisas, conceitos e sinais (símbolos) é o cerne da produção de significado da língua. Os códigos, para entender, estabelecem as relações entre os conceitos e os símbolos, estabilizam o significado dentro de diferentes culturas e línguas e dizem qual a linguagem a ser utilizada para transmitir determinada ideia. A traduzibilidade é o resultado de um conjunto de convenções estabelecidas socialmente, estabelecidas em cultura (HALL, 1997b, p. 19).

A revelação do espaço produtivo para o significante e o significado⁸, de acordo com Bhabha (1994), dá-se no interstício, onde aquele que usa a língua(gem) está posto num contexto social e ideológico em que a história e a expressão comunicativa se realizam dando surgimento para o hibridismo. É em seu enfoque sobre a cultura que as suas considerações teóricas sobre a representação e a identidade se juntam, enquanto construção híbrida em cultura, para realçar seu termo “tradução cultural”.

Ao entender que a cultura se encontra nas categorias “entre lugares”, “entretempos”, nos “hibridismos”, nos estranhamentos, nas vidas duplas, o autor substitui a diversidade cultural, enquanto objeto de conhecimento, pela diferença

⁸ Os conceitos de significado e significante são explicados no capítulo 4, na página 80.

cultural, cujo processo introduz uma quebra no presente atuante da identificação cultural. O deslocamento da diversidade cultural para a diferença cultural produz uma divergência no modo de entender a nossa atualidade, introduzindo, assim, a criação de um espaço cultural híbrido.

A discussão de hibridismo, sob o olhar de Bhabha (1994), parte da perspectiva da linguagem e da identidade. Para o autor, o hibridismo é elemento constituinte da linguagem e, por conseguinte, da representação. Pensar o hibridismo é inseparável de pensar o deslocamento existente entre o enunciado e a enunciação. O autor diz que, para entender a representação, é primordial entender o lugar de enunciação do narrador, do escritor, de quem fala; isso porque, contrário ao conceito de enunciados prontos, homogêneos e fechados, o conceito de lugar da enunciação revela um espaço atravessado por toda a sorte heterogênea das ideologias e valores socioculturais que constituem qualquer sujeito: o “terceiro espaço” em que todo o conjunto contraditório e conflitante de elementos linguísticos e culturais interage, estabelecendo o hibridismo.

Bhabha (1994) quando fala na divergência de significados entre a tradição e a modernidade, no desafio às expectativas normativas, no rearranjo do habitual, remete ao que Williams (1980) propõe sobre as artes, em todo o seu leque, como partes do processo cultural de todas as formas e setores: elas incorporam muito dos significados e valores residuais que, por fim, chegam às pessoas e começam a influenciá-las. Assim, Williams (1980, p. 45) conclui:

nesse processo, é claro, a própria cultura dominante se altera, não em sua formação central, mas em muitas de suas propriedades articuladas. Para isso, em uma sociedade moderna, ela deve sempre mudar nesse sentido, se for para permanecer dominante, se for ainda para ser percebida central em formas reais, em todas as nossas muitas atividades e interesses.⁹

A questão cultural, para Bhabha (1994), é gerada por fatores antagônicos ou cooperadores. A representação da diferença não deve ser entendida na brevidade de descrições culturais ou étnicas prefixadas pela tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, deve ocorrer num processo cuidadoso,

⁹ In this process, of course, the dominant culture itself changes, not in its central formation, but in many of its articulated features. But then in a modern society it must always change in this way, if it is to remain dominant, if it is still to be felt as in real ways central in all our many activities and interests (tradução da autora).

conferindo autoridade aos hibridismos culturais que emergem em períodos de transformação histórica.

Essas novas expressões culturais (híbridas), para Canclini (2003), são o resultado de processos socioculturais nos quais estruturas ou “práticas discretas”, que existiam de forma separada, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas.

Canclini (2003, p. 346-347) entende que as hibridizações são hoje todas as “culturas de fronteira”. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes; o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos, as canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim, as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento.

Esse processo causa estranhamento a qualquer acesso imediato à identidade de origem ou tradição “aceita” e essas alianças de “fronteira” podem ser tanto conciliatórias quanto controversas. Há, aqui, uma discrepância entre as “definições de tradição e modernidade; o rearranjo dos limites habituais entre o privado e o público, alto e baixo; e o desafio das expectativas normativas de desenvolvimento e progresso” (BHABHA, 1994, p. 2).¹⁰

Bhabha (1994) usa o termo *beyond*, um espaço além, que não seria “nem um novo horizonte e nem um deixar para trás o passado...”, uma vez que discorda da cultura situada num lugar no tempo e no espaço, pois as transições graduais que ocorrem têm uma série de pontos focais que aceleram ou não a transformação da sociedade e dos valores. Esses “eventos” são fundamentais no desenvolvimento das ideias, opiniões e atitudes dentro de uma sociedade e podem levar a mudanças políticas, econômicas, comportamentais e sociais. Mudanças em cultura, numa sociedade, acontecem gradualmente e não em um “começando ou terminando”.

Começos e términos podem ser mitos sustentantes nos anos intermediários, mas neste final de século, encontramos-nos num momento de transição onde o espaço e o tempo se atravessam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, de passado e presente, de dentro e fora, de inclusão e exclusão. Pois há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção no “além”; um movimento exploratório e inquieto, capturado tão bem na interpretação das palavras francesas *au-dela* - aqui e ali, em todos os lados,

¹⁰ [...] definitions of tradition and modernity; realign the customary boundaries between the private and the public, high and low; and challenge normative expectations of development and progress (tradução da autora).

fort/da, de um lado para outro, para frente e para trás. (BHABHA, 1994, p. 1).¹¹

Na mesma proporção, Canclini (2003), quando pensa na transnacionalização da arte, diz que esse processo não leva à perda da identidade cultural dos diversos países, uma vez que a cultura é o meio distintivo e caracterizador dos povos e elementar na compreensão de aspectos específicos de cada geração. É a cultura que fornece os moldes para a obra. Ele assegura que a hibridização surge da criatividade individual e coletiva nas artes, sem, contudo, esquecer que ela surge, também, da vida cotidiana e do desenvolvimento tecnológico.

Os deslocamentos humanos representam outro fator substancial nos processos de hibridização cultural. Hall (2003) entende que nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos e suas origens são distintas. Os que estão aqui pertencem a outro lugar. Esse movimento dos indivíduos, por inúmeras razões, propicia que se façam algumas considerações a respeito da hibridização e os processos (i)migratórios.

2.2.1 Hibridismo cultural e os processos (i)migratórios

A hibridização, no entendimento de Canclini (2003), pode ocorrer de modo não planejado ou ser resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Evidencia-se em condições históricas e sociais específicas e, por ser um processo histórico-social, pode ser delineada desde os primeiros deslocamentos da humanidade, quando esses irrompiam permanentes entre grupos distintos.

A América Latina, de acordo com o autor (2003), é sem dúvida solo fértil para o hibridismo cultural, uma vez que é terra de colonização, de imigração e migração¹² há muito tempo. Ao se pensar o (i)migrante, há de entendê-lo como um sujeito em processo de hibridização, porque, quando deixa sua terra, torna-se outro, pelas novas experiências que irá vivenciar, pela interação com as pessoas que irá encontrar na

¹¹ Beginnings and endings may be the sustaining myths of the middle years; but *fin de siècle*, we find ourselves in the moment of transit where space and time cross to produce complex figures of difference and identity, past and present, inside and outside, inclusion and exclusion. For there is a sense of disorientation, a disturbance of direction, in the 'beyond' an exploratory, restless movement caught so well in the French rendition of the words *au-dela* - here and there, on all sides, *fort/da*, hither and thither, back and forth. (tradução da autora)

¹² Os conceitos de colonização e (i)migração serão aprofundados no capítulo 3.

outra terra. Elas têm outros costumes, outras crenças, outras formas de pensar e agir, ouvem outro tipo de música, dançam em outro ritmo e falam outra língua, carregada de significações constitutivas do contexto social onde é produzida. Por sua vez, o imigrante traz seus costumes, ritmos, significações que se unem ao que encontra. Assim, a sua bagagem cultural pode integrar-se aos que encontra como também influenciá-los.

Acredita-se que, quando uma pessoa se desloca de um ambiente para outro, as semelhanças entre os dois lugares são absorvidas com mais naturalidade ou nem percebidas. O que causa estranheza é o que, provavelmente, terá que ser incorporado, no sentido de se manter a coexistência.

Hall (2003), ao mencionar a cultura caribenha como exemplo, diz não ser mais possível desagregá-la em seus elementos autênticos de origem, devido ao resultado maior do entrelaçamento e da fusão dos diferentes elementos culturais de outros povos que a ela se mesclaram.

Os eventos que levam aos processos de hibridização nem sempre foram ou são pacíficos: eles se constituem de contradições e injustiças, mas o desdobramento desses processos, segundo Canclini (2003, p. 346-347), pode ser ofuscado se os registros visarem somente o poder pelo confronto e ações verticalizadas. O autor entende que “o poder não funcionaria se fosse exercido unicamente por burgueses sobre proletários, por brancos sobre indígenas, por pais sobre filhos, pela mídia sobre os receptores”. Há um entendimento de que “essas relações se entrelaçam umas com as outras, cada uma consegue uma eficácia que sozinha nunca alcançaria”. O autor entende que isso não implica a potencialização da superposição das formas de dominação. O que contribui para “a eficácia é a obliquidade que se estabelece na trama”, é a distinção entre onde um poder inicia ou acaba em relação ao outro, e é na forma inteligível da mescla dos fios que ocorre a penetração e aceitação de “ordens secretas”.

Ao referir-se ao processo de hibridização pelas migrações, Hall (2003, p. 45) fala da mudança mundial de composição nos processos de migrações livres e forçadas e que diversificam as culturas e “pluralizam as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais”. Para o autor, há duas forças atuantes: a dominante de homogeneização cultural e uma que vagarosa e sutilmente está descentrando os modelos ocidentais, levando a uma

disseminação da diferença cultural em todo o globo. Esses processos opostos em funcionamento, em si contraditórios, coexistem.

Canclini (2003) complementa que essa proliferação de significações e mensagens ocorre, também, pelas tecnologias culturais que impregnam o universo mental das pessoas, afetando e moldando estilos de vida, dentre eles as escolhas profissionais, a valoração material, relacionando aspectos econômicos com a possibilidade de proporcionar bem-estar, *status*, felicidade, reconhecimento social, importância enquanto membros da sociedade.

A dimensão dos processos de hibridização tem assumido proporções imensuráveis, levando em consideração os processos de (i)migração que vêm ocorrendo em todos os cantos do planeta e alterando configurações culturais e identitárias, que não levam mais em consideração apenas os países que antes impunham o modelo. A passagem a seguir expressa esse pensamento pertinente, aplicável a qualquer instância por sua atemporalidade:

as identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes das antigas potências imperiais e, de fato, do próprio globo. Os fluxos não regulados de povos e culturas são tão amplos e tão irrefreáveis quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia. (HALL, 2003, p. 44).

A (i)migração (ou o processo (i)migratório) é intrínseca ao ser humano ao longo da história. As razões que levam à (i)migração podem ser inúmeras e distintas. Há pessoas que migram para estar perto da família ou porque a escassez as levou a passar fome no lugar onde viviam. Outras migram por ameaças de morte, perseguição, rejeição de toda ordem; pela guerra; pelo tráfico humano; pela busca de trabalho e pela vocação missionária.

Poder-se-ia elencar uma gama de razões para a (i)migração, mas o que ainda se mantém é que ela, habitualmente, não ocorre de forma espontânea e, ainda que os processos de migração tragam a nuance da “espontaneidade”, eles revelam um (i)migrante que traz consigo dúvidas, contradições, inquietações em relação ao novo, ao desconhecido, mesmo que tenha vindo em busca de algo melhor para sua vida.

Todavia, o foco está nos processos de hibridização. A análise empírica desses processos, articulados com estratégias de reconversão, demonstra que a hibridização

interessa tanto aos setores dominantes quanto aos populares, que querem apropriar-se dos benefícios da modernidade. A palavra “hibridização” se molda para nomear as combinações de elementos étnicos ou religiosos e, também, as de produtos das tecnologias avançadas e processos sociais modernos ou pós-modernos (CANCLINI, 2003).

Considerando as dimensões em que os processos culturais podem se realizar, e, tomando como exemplo o tanto que as tecnologias avançadas podem proporcionar em interação com o mundo com apenas o toque de uma tecla, busca-se, a seguir, expor como o global e o local contatam, levando em conta a região, a organização territorial que determina o suporte e a condição para que as relações com o global se efetuem.

2.3 Cultura e identidade: entre o global e o local – a região

A diversidade regional, imbuída em seu caráter cultural, pode projetar uma região e dar-lhe personalidade, ao mesmo tempo em que compartilha e interatua com outras regiões. A região é o espaço de pertencimento simbólico, de referência e de identidade regional. Lencioni (1999) fala da transcendência do lugar em relação à sua realidade objetiva, por isso ele passa a ser visto como um conjunto de significados. Pode-se aqui elencar obras de arte, monumentos, as práticas sociais em geral, mesmo as do cotidiano, pelo sentido e representação que suscitam. Em contrapartida, o lugar também pode se transformar em espaço homogêneo, devido aos aparatos tecnológicos que fazem dos lugares espaços idênticos (“clones”) e esses passam a ser “não lugares”. Lencioni (1999, p. 154) completa:

considerando os objetos como fenômenos e como estes aparecem na consciência, o enfoque regional passou a desenvolver novos temas. A discussão sobre o modo de o espaço ser percebido e sobre os significados e valores modelados pela cultura e estrutura social atribuídos a este espaço passaram a ser analisados com o objetivo de compreender o sentimento que os homens têm por pertencer a uma determinada região. Assim, procurou-se apreender os laços afetivos que criam uma identidade regional. A identidade dos homens com a região se tornou, então, um problema central na Geografia Regional de inspiração fenomenológica. Portanto, a análise regional, na perspectiva fenomenológica, não se restringe à investigação geográfica da dinâmica econômica ou da estrutura social. O procedimento de investigação procura ultrapassar o nível socioeconômico, buscando compreender como o homem se coloca em relação à região, e a partir disso, procura analisar os aspectos estrutural, funcional e subjetivo da região. (LENCIONI, 1999, p. 154).

Os estudos regionais passaram a olhar o homem incorporado aos seus valores culturais e sociais, em busca da superação de análises reducionistas que o colocam apenas como um ser econômico ou um dado estatístico. A fonte historicista da Geografia foi resgatada à medida que a região passou a ser considerada como um produto da história e da cultura (LENCIONI, 1999).

Há, conforme Santos, uma corrente de pensamento que coloca a região em extinção, mas ele acredita que o que ocorre é uma diferenciação aumentada dos lugares, pois o tempo célere, tensionando as diferenças dos fatos, distingue também os lugares. Por conseguinte, uma vez que o espaço se torna mundial, a área permanentemente habitada se redefine em seu todo pelo “fenômeno da região”. “As regiões são o suporte e a condição das relações globais que de outra forma não se realizariam” (SANTOS, 2006, p. 165).

O mesmo autor ressalta ainda que se deve valorar a região, ainda que como um espaço de conveniência e mesmo que a ela se atribua outra denominação. Acrescenta que, devido ao mundo globalizado, à ampliação da divisão internacional do trabalho e ao incremento do intercâmbio, concomitantemente, ocorrem mudanças frequentes em forma e conteúdo dentro das regiões.

Santos (2006, p. 166) também ressalva que “o que faz a região não é a longevidade do edifício, mas a coerência funcional, que a distingue das outras entidades, vizinhas ou não. O fato de ter vida curta não muda a definição do recorte territorial”.

A ideia aqui expressa é que a região se transforma no seu conteúdo, mas não deixa de existir, mesmo que em níveis intrincados e, muitas vezes, incompreensíveis ou imperceptíveis pelas pessoas.

O processo de homogeneização, longe de significar aniquilamento da região, significa fragmentação e também diferenciação regional. Tanto é que os movimentos regionalistas emergem como força política no momento em que o processo de globalização procura açambarcar e homogeneizar todo o espaço. O movimento regionalista nega o nacional, podendo se fechar em sua particularidade, e se coloca como um sentido totalmente inverso de outrora [...] Sinais de outros tempos: o regionalismo nega o nacionalismo e a identidade nacional num contexto em que o nacional, que se dilui no bojo do processo de globalização, nega o regional. (LENCIONI, 1999, p. 199).

Nessa constante oscilação de forças é que a região vai sendo recortada em um específico território, levando em consideração os interesses sociais, políticos,

econômicos, culturais e ambientais. E, ainda que, ao definir seus interesses, esses sejam permeados de conflitos e desencontros, os mesmos serão alavancas para o seu próprio desenvolvimento. É nessa perspectiva de diferenças que os processos avançam.

As dinâmicas e diferenças próprias de um território não significam necessariamente desigualdades, quando comparadas. Há de se levar em consideração que as diferenças que se dão dentro de uma região ou entre regiões devem ser vistas como potenciais de desenvolvimento.

Guerin (2017) discorre sobre o fato de que o território pode ser percebido a partir de diferentes olhares e dinâmicas, realçando aspectos do território antes não observados. Cada espaço social pode trazer representações específicas, pois é um tecido social confeccionado por intrincados laços que vão além de suas características físicas óbvias. Há de se considerar as relações históricas, sociais, políticas, identitárias e suas representações. Os aspectos históricos e a organização de um território sob as diversas ordens são determinantes no processo de desenvolvimento de determinada região.

Segundo Lencioni (1999, p. 154), houve a recuperação do viés histórico da geografia, “à medida que a região passou a ser considerada como um produto da história e da cultura”. A região passou a ser vista como uma construção mental, individual, mas, também, submetida à subjetividade coletiva de um grupo social, por assim dizer, inscrita na consciência coletiva.

O homem, com seus valores culturais e sociais, recebe uma nova acepção dentro dos estudos regionais, eliminando-se o caráter que o reduzia a um ser praticamente econômico ou um dado estatístico.

Por sua vez, o lugar, segundo Lencioni (1999, p. 154), é visto fenomenologicamente não como um lugar em si, objetivo, mas como algo que vai para além de sua materialidade, por ser intenso em significados. Portanto, esse “lugar, concreto, único e que tem uma paisagem, não apenas natural, mas essencialmente cultural, torna-se o centro e o objetivo do conhecimento geográfico”. A região passa a ser analisada na sua estrutura, em como os elementos estão organizados numa dinâmica regional, que configura sua funcionalidade e a relação das imagens mentais que os homens constroem acerca do espaço vivido, em que o subjetivo se mostra.

Santos (2006) entende que através das redes é que se pode reconhecer três níveis de compromisso entre os homens, que da mesma feita geram tantos outros

níveis de incoerência: o nível mundial, dos territórios e o local. O autor explica que o novo nesse processo é o surgimento de uma totalidade não somente concreta, mas ao mesmo tempo empírica.

O território pode ser um país e um Estado (“uma formação socioespacial”), produto de um contrato e delineado por fronteiras. Todavia a mundialização das redes fragiliza esses limites e põe em perigo o contrato, mesmo que sobre os Estados resida a responsabilidade de inúmeras maneiras para regular e controlar as redes.

O lugar, considerado por Santos (2006) o terceiro nível, é onde partículas da rede recebem unicidade e tornam-se concretas, pela contiguidade de fenômenos sociais agregados, “baseados num acontecer solidário”, resultado da diversidade e de um repetir dos fatos, que não excluem os elementos-surpresa.

Nas palavras do autor, “as redes são um veículo de um movimento dialético que, de uma parte, ao Mundo opõe o território e o lugar; e, de outra parte, confronta o lugar ao território tomado como um todo” (SANTOS, 2006, p. 182).

Tomando como ponto de partida o funcionamento das redes, Santos (2006) declara que dissociações e partições presentes no espaço sugerem, pelo menos, dois recortes. De um lado, há extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade, ao mesmo tempo em que se renovam ou se recriam, são os espaços da contiguidade, como na definição tradicional de região: são as “horizontalidades”. Quando o território é ocupado como um todo, numa perspectiva de contiguidade (vizinhança) territorial, a expressão da organização está na região.

De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, garantem o funcionamento global da sociedade e da economia. São as “verticalidades”, espaços de fluxos formados por pontos, providos de uma função reguladora em todas as escalas geográficas. A ideia de racionalizar o espaço vem da configuração do mundo atual, de difundir a ideia dominante para que diversos aspectos da vida econômica, social, política e cultural igualmente se instalem na própria composição do território. Os arranjos espaciais não se dão apenas através de figuras formadas de pontos ininterruptos e aproximados. Ao lado dessas manchas, ou sobre essas manchas, há agrupamentos de pontos descontínuos, mas interligados, que determinam um espaço de fluxos reguladores (SANTOS, 2006).

A ideia de região como subespaço de constituição estabilizada no mundo globalizado deve ser repensada com a ampliação da divisão internacional do trabalho

e o aumento significativo do intercâmbio, que ocorrem junto a uma aceleração do movimento e de mudanças mais repetidas, na forma e no conteúdo das regiões.

Para entender como as relações ocorrem, sob o escopo dos conceitos do global e do local, dando sentido ao mundo circundante, Herod (2003) salienta três aspectos do local e do global: seu sentido mais abrangente; como a relação entre o global e o local tem sido conceituada dentro dos escritos geográficos; e como, pelo uso de metáforas diferentes, no que diz respeito às escalas, o global e o local podem moldar as formas como entendemos as relações, em escalas, entre lugares diferentes.

A escala, no seu sentido antológico, é um aspecto de preocupação especialmente quando tida apenas como um dispositivo mental para categorizar e ordenar o mundo ou se realmente existe como um produto material social. Esse debate traz muitas teorias do conhecimento de diversos geógrafos à tona – idealistas ou materialistas. Segundo Herod (2003), geógrafos, com base em Immanuel Kant, sugerem que as escalas são mecanismos conceituais para ordenar o mundo. Outros, seguindo Karl Marx, dizem que as escalas são produtos sociais reais (que realmente existem no mundo), havendo uma política para a construção das mesmas. Isso afeta como conceituamos o global e o local. O idealismo de Immanuel Kant leva o global e o local a serem vistos como parte de uma matriz conceitual pré-existente de escalas dentro das quais a vida social é vivida.

Herod (2003, p. 231) salienta que, para os materialistas, o aspecto-chave da escala geográfica é entender que escalas são socialmente produzidas através de processos de esforço e compromisso. Foram criadas através de processos econômicos e políticos que consolidaram ducados, feudos em nações-estados maiores (unidades políticas maiores). Esse foi o processo que formalmente “reconheceu o Tratado de Westphália, em 1648, que estabelecia a noção de integridade territorial de cada nação-estado, mesmo as derrotadas em guerra e primazia da nação-estado sobre sua cidadania”. Outros argumentam que o local também é “produzido” e não é mais natural do que é o global: atores sociais tornam-se globais e/ou locais. Isso quer dizer o como eles se envolvem localmente ou se estendem globalmente. Mover-se do local para o global é um processo de desenvolvimento de redes de associações que permite aos atores mudarem entre os vários espaços de engajamento.

Gibson-Graham (2002) explicita que o local e o global são frequentemente pensados como as duas extremidades do espectro escalar, como se contrastassem,

levando a uma forma de pensar binária. Essa visão binária leva a seis formas de relação entre como o local e o global são interpretados: 1) o local e o global vistos como quadros interpretativos (um lugar em particular pode se beneficiar com uma recessão global); 2) o global e o local só fazem sentido quando contrastados um com o outro; 3) o local e o global não são extremidades opostas do espectro escalar, mas são uma terminologia para contrastar redes conectadas mais ou menos curtas com redes conectadas mais ou menos longas; 4) o global é local, uma vez que o global não existe, à medida que, ao se tracejar algo global, achar-se-á a localidade. A partir dessa concepção, as firmas multinacionais seriam de fato “multilocais”, em vez de “globais”; 5) o local é global e lugar é um “momento específico” nas redes espacializadas das relações sociais, partindo da ideia de que o local não é um lugar, mas um ponto de entrada para o mundo dos fluxos globais que cercam o planeta, e 6) o global e o local não são locações, mas processos. A globalização e localização produzem todos os espaços como híbridos, tanto em diferenciação quanto em integração. São processos a serem refeitos. Um exemplo são os produtos McDonald’s adaptados aos gostos locais.

Quando se fala dos processos de apropriação, em empresas transnacionais, por exemplo, estas utilizam os valores e os aspectos próprios da cultura e as características locais/regionais, em suas estratégias de ação com vistas ao mercado global. Nesse contexto, abordar a diferenciação entre mundialização e globalização, a partir de Ortiz (1994) e Benko (2002), abre uma perspectiva para entender a cultura nesse orbe.

Na visão de Ortiz (2000), as sociedades contemporâneas estão interconectadas de várias formas, uma delas se dá através dos meios de comunicação. Mas, mais do que isso, e talvez uma coisa menos enfatizada, é que as sociedades contemporâneas, não todas, é claro, mas grande parte delas, participam de uma mesma matriz.¹³ Basicamente, o que caracteriza o mundo contemporâneo são essa interligação e uma matriz comum, o que não quer dizer que seja idêntica. É comum no sentido de que se realiza historicamente de forma diferenciada.

¹³ Entende-se por matriz comum, neste texto, a matriz cultural comum, sob a acepção de Martin-Barbero (1997), apud Mazzarino (2008), quando a autora afirma que as matrizes culturais são “como marcas incrustadas na experiência social dos sujeitos, que são ativadas nas interações sociais, embaralham-se com as novas experiências e os novos movimentos. São fazeres na vida do sujeito, sejam estes individuais ou coletivos. Estas matrizes culturais atualizam-se no (des)encontro cultural da interação social – comunicacional e/ou mediatizada – e são também nestes encontros que se modificam, desterritorializam-se para reterritorializarem-se”.

Todavia o t3pico das identidades est3 intimamente ligado 3 problem3tica da globaliza33o, um processo de integra33o distinto, desigual, mas que integra, colocando as identidades em contraposi33o a esse movimento. S3o identidades nacionais variadas, h3 muito formadas ou de diferentes etnias, mas a discuss3o sobre elas ocorre dentro do desenvolvimento da globaliza33o. Elas debatem no contexto de uma matriz e a3 reside a diferen3a. A matriz 3 a sociedade urbana, racional, industrializada (ORTIZ, 2000).

O autor ainda esclarece seu ponto de vista utilizando h3bitos alimentares do cotidiano, resolvidos de uma forma alimentar espec3fica. O caso dos *fast foods*: n3o h3 relev3ncia se 3 *McDonald's*, *Subway*, *Pizza Hut* ou se 3 um sandu3che local; 3 o significado que 3 o mesmo: 3 uma refei33o r3pida, numa sociedade na qual as pessoas t3m de se mover rapidamente.

V3o para o trabalho, voltam do trabalho, v3o para um lugar, voltam para o outro, se locomovem, essa 3 a perspectiva. Tudo isso demonstra claramente um processo de mundializa33o da cultura muito forte, mudando n3o s3 cont3udos, mas procedimentos. Importante 3 entender a diferen3a nos cont3udos e nos procedimentos, as duas coisas se mundializam. 3 dentro desse processo que as identidades novamente se afirmam. O problema 3 que essa identidade se afirma num contexto globalizado. Antes esse processo se dava num territ3rio basicamente delimitado pela na33o. N3s t3nhamos a ilus3o de que s3 havia uma identidade, a nacional. As outras n3o apareciam. (ORTIZ, 2000, p. 71).

Tem relev3ncia dizer que os Estados devem responder a “duas for3as contradit3rias” que surgem do sistema econ3mico internacional e do compromisso para com a sua sociedade civil numa intera33o complexa, que se entrela3a a partir das “estrat3gias pr3-competitivas” praticadas pelos governos, com vistas ao seu desenvolvimento numa economia aberta, e as utilizadas pelas empresas para garantir sua rentabilidade dentro do sistema global, proporcionando “uma margem de liberdade” (BENKO, 2002).

Benko (2002) e Ortiz (1994) fazem distin33o entre a globaliza33o e a mundializa33o. Essa diferencia33o 3 pertinente aqui para entender o processo de influ3ncia entre as escalas local e global, especialmente no aspecto econ3mico e cultural, quando pensamos numa economia global (empresas transnacionais com sua “cultura”) instalando-se num determinado local com sua “cultura pr3pria”.

Esse processo 3 percept3vel quando os governos locais (munic3pios, regi3es, etc.) tomam medidas para estabelecer-se como atores no palco global. Isso pode

variar de conexões com outros governos locais em outros países até o desenvolvimento de estratégias para atrair ou reter os investidores internacionais (SWYNGEDOUW, 2004).

Ainda no escopo da mundialização e da globalização, Benko (2002) explicita que, em primeiro lugar, a mundialização marca a crescente integração das distintas partes do mundo, sob o resultado da aceleração das trocas, do impulso das novas tecnologias da informação e da comunicação, dos meios de transporte, etc.

Por outra parte,

a mundialização corresponde, de certo, a uma transformação profunda da economia em mosaico de nações. A explosão, desde 1985, do investimento direto no exterior levou à criação de vastas redes transnacionais de produção e não mais apenas às trocas. Duas constatações esclarecem a lógica das novas estruturas. Por um lado, o papel crescente das relações de proximidade. Com a queda regular de todas as barreiras nacionais, entre outras, pela redução dos direitos alfandegários, constata-se uma volta da geografia no sentido ordinário do termo. As relações de proximidade adquirem um papel mais importante em todas as escalas. Por exemplo, com a queda do muro de Berlim, a Europa descobre-se novamente não somente como uma entidade social e histórica, mas como uma entidade geográfica. Percebe-se que Praga ou Varsóvia são muito próximas dos centros industriais do Oeste. As geografias centradas sobre as bacias marítimas reaparecem, e o mar continua sendo o meio de transporte, de longe, menos oneroso. Novos “Mediterrâneos” formam-se, como na Ásia do Leste. (BENKO, 2002, p. 51).

O autor pontua o crescimento fenomenal dos investimentos internacionais, concomitantemente à presença cada vez mais visível das companhias transnacionais nas trocas internacionais e na atividade econômica dos países. Essas, segundo Benko (2002), são responsáveis por dois terços do comércio mundial, do qual um terço representa o comércio no interior das empresas, tornando-as o centro da atividade econômica dos países.

Esses dados mostram bem a mundialização econômica que começou há uns vinte anos. Os resultados, porém, levam os economistas a duas direções: uma em que a consequência seria a convergência das políticas econômicas nacionais e a outra seria uma intensificação da interdependência das economias nacionais.

Benko (2002) vê a mundialização, sob o aspecto sociológico, como a convergência dos modos de vida e, no plano cultural, como:

a difusão de uma cultura universal planetária (por meio de marcos emblemáticos: como Coca-Cola, Disney, os Jogos Olímpicos...), paralelamente a processos de “hibridização”, de mestiçagem (até de “crioulização”) dos modos de expressão cultural de dimensão universal,

fazendo empréstimos a partir das culturas locais, re-apropriados depois, por estas mesmas culturas. (BENKO, 2002, p. 47).

A mundialização é vista sob dois aspectos: por suas relações internacionais e a partir das “teorias do sistema mundial”.

Ortiz (1994) chama a atenção para os artifícios do mundo contemporâneo, no que se refere à globalização e à relevância da diferenciação entre globalização e mundialização, especialmente no que diz respeito à cultura. A ameaça seria negar a globalização, considerando-a inexistente, uma ideologia do neoliberalismo, valorizando somente a diversidade. A outra face seria dizer que o mundo é homogêneo e que todos seriam iguais. O autor busca nomear esses processos de maneiras distintas: globalização e mundialização. Na dimensão econômica e tecnológica, Ortiz considera que é possível falar em globalização, pois há uma única economia: o capitalismo. Da mesma forma, entende existir um único aparato tecnológico, que é o mesmo em todos os lugares.

Contudo, quando a dimensão cultural está posta em questão, Ortiz (1994) entende que não existe uma única cultura, uma cultura global. O que existe é um processo de mundialização da cultura que está atrelado ao processo de globalização econômica e tecnológica. Sob esse enfoque, evita-se submeter a cultura a um reducionismo, tanto do ponto de vista econômico quanto do tecnológico. Não se pode cair numa perspectiva culturalista de que a cultura está no ar e não tem materialidade específica, interesses econômicos, técnicos ou outros.

No mundo há um processo de globalização, e a esfera da cultura ocupa uma parte específica. A mundialização da cultura significa que um conjunto de signos e símbolos se “desterritorializa”. O autor aqui não se refere à esfera de contato entre civilizações, pois isso é milenar. O novo na história dos homens é o imaginário coletivo transnacional. Ele se refere à esfera transnacional com abrangência no mundo moderno e de técnica avançada recente, ocasionada pela expansão do capitalismo e da própria modernidade, que transpõem fronteiras que já não são mais unicamente físicas, devido à revolução tecnológica (ORTIZ, 1994).

Portanto, a identidade da cultura regional contribuiria para criar a confiança e a integração entre os cidadãos nativos, ao mesmo tempo que abriria espaço para que os (i)migrantes (os não nativos) tivessem os mesmos direitos nas tomadas de decisões comunitárias, incluindo os trabalhadores/residentes temporários na interação econômica, cultural e social na região, para que os mesmos pudessem se

identificar e se sentir pertencentes.

O processo de identificação é permeado por uma dinâmica interativa sociocultural, resultando em novas combinações de culturas – hibridização – que se manifestam em todas as áreas do conhecimento numa sociedade. A hibridização pode ser também envolta por tensões, levando a sobreposições de culturas (CANCLINI, 2003).

Nesse sentido, há de se considerar a análise do processo de constituição da cultura, a importância da composição de identidades que nos leva a pertencer a uma comunidade (que compartilha interesses comuns), num mundo globalizado.

Esses espaços no mundo moderno, segundo Hall (2011, p. 47), podem também ser descritos como “as culturas nacionais em que nascemos” e “se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”. A identidade nacional é formada e transformada no interior da representação. É o conjunto de significados que permite saber o que é ser “inglês”, por exemplo. Ele reitera que “a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*”. Nesse processo abstrato, as pessoas compartilham sentimentos através dos quais se identificam e mantêm laços de lealdade, numa coesão identitária.

Trazendo a ideia de nação, ao aludir à definição identitária de um país, Larrain (2003) refere-se às categorias mais gerais, o que significa que toda identidade requer uma referência a um grupo mais amplo com o qual compartilhamos certas características.

Ortiz, por sua vez, ao referir-se à noção da identidade nacional, coloca-a no patamar da abstração. Esta, aliada à memória nacional, é um “projeto que se vincula às formas sociais que a sustentam” (ORTIZ, 1994, p. 137-138). Segundo o autor, a memória nacional e a identidade nacional brasileira são construções moldadas em fragmentação da diversidade dos grupos sociais que são portadores de memórias diferenciadas.

A cultura e a identidade, para Larrain (2003), assumem uma relação intrínseca, pois a identidade só pode se construir a partir da interação simbólica com o outro. A cultura passa a ser catalisadora dos significados incorporados em formas simbólicas, expressões linguísticas, ações e objetos significativos pelos quais as pessoas se comunicam e compartilham experiências.

É nesse viver em conjunto que se retoma cultura como compartilhamento de ideias que nos identificam e nos vinculam a uma sociedade, a uma cultura nacional,

que, conforme Hall (2011), não é, necessariamente, uníssona, mas constituída de diferenças que coexistem numa nação e num mundo em constante transformação.

Larrain (2003) complementa que o processo de construção em que os indivíduos vão se definindo em estreita interação simbólica com as outras pessoas é o que determina a identidade que, simultaneamente, é cultural, material e social: cultural, pelo compartilhamento do que está culturalmente definido, como a religião, a profissão, a etnia, a nacionalidade e outras categorias; material, quando os sujeitos projetam, simbolicamente, a si mesmos, suas próprias qualidades nas coisas materiais, vendo-se a si mesmos nelas; e, por fim, um processo social, porque a identidade diz respeito à referência para com os outros nos dois sentidos.

Por sua vez, Hall (2011), ao falar do sujeito pós-moderno como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, conceitua identidade como uma celebração móvel, pois é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais esse sujeito é representado ou interpelado nos sistemas culturais que o rodeiam. Nesse processo cíclico, mutante, “a moldagem e remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representações têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas” (HALL, 2001, p. 71).

Esse processo acelerador de mudanças, que suplanta os limites espaciais e temporais, conectando comunidades em todos os cantos do mundo, chamado globalização, traz, segundo Hall (2011, p. 69), impactos sobre as identidades culturais nacionais, ao desintegrá-las no que se refere à “homogeneização do pós-moderno global”; ao incitar a resistência das mesmas à globalização, reforçando identidades nacionais e outras identidades “locais” e gerando novas identidades (híbridas).

Nessa perspectiva, como pensar desenvolvimento com vistas à qualidade de vida e bem-estar social, quando as identidades estão em constante deslocamento? Há de se considerar a análise do processo de constituição da cultura, a importância da composição de identidades que nos leva a pertencer a uma comunidade (que compartilha de interesses comuns) num mundo globalizado.

North (2008) aborda a relevância de se considerar o papel das instituições (enquanto regras) no desenvolvimento econômico das sociedades, trazendo uma questão fundamental, que a economia deixou em segundo plano, que é o caráter social das relações. Para o autor, a falta de crenças, de tempo, de cultura e de

instituições resulta na ineficiência do desenvolvimento econômico e explica o porquê de a ausência desses elementos ser tão marcante.

As crenças, porque a forma como se entende o mundo circundante produz diferentes sistemas de crenças de acordo com as experiências, em diferentes culturas, ambientes e civilizações. North (2008) diz que o cérebro humano é uma das coisas mais complexas que existe em qualquer lugar e em qualquer tempo e opera das formas mais diversas possíveis, usando os sentidos e construindo diferentes leituras do mundo.

O tempo, porque a forma como se compreende a evolução do mundo é através do tempo. Há diferentes tempos. A economia tende a ignorá-los – o que acontece no tempo “um” até chegar ao tempo “dois” e, assim, sucessivamente. Tem-se que explicar como se chega de um ao outro. Não se sabe onde se está até saber onde se esteve.

As crenças e instituições acumulativas estabelecidas no passado restringem a forma como se vê o presente, como se vê o mundo. Acumulam-se do passado várias instituições e crenças que moldam a forma como se entende o presente, e isso é, de fato, o que é a cultura. O autor, a partir dessa alusão, evidencia que cultura é um conjunto de instituições e crenças que se herda do passado, que molda a forma de ver o presente e como se moldará o futuro.

Portanto, segundo North (2008), é muito importante entender que as instituições são a forma como se estrutura a interação humana, isto é, elas definem como ocorre a interação de uns com os outros e como o jogo é jogado. Não somente se molda o modo de fazer as coisas, mas reduzem-se as formas de transação e ganha-se em confiança uns nos outros, quando há a percepção de se estar culturalmente identificado numa comunidade.

Essa visão pode ser aliada à de Hall (1997a, p. 232), quando fala da governança pela cultura e diz que “é a cultura que nos governa – que regula a conduta, ação social, práticas humanas e, portanto, a forma como as pessoas agem dentro das instituições¹⁴ e na sociedade em geral”.¹⁵ O autor retoma a questão da significação que, por sua vez, leva à dimensão discursiva ou cultural da ação social e da conduta

¹⁴ Aqui o termo instituições (sentido físico, material) difere da aceção dada por Douglass North (2008) à instituição (regra).

¹⁵ [...] it is culture which governs us – which “regulates” our conduct, social action, human practices and thus the way people act within institutions and in society at large (tradução da autora).

humana. Analogicamente, retoma a ideia da “construção do muro”, que certamente requer fatores materiais e físicos, mas não poderia acontecer fora de um “sistema de significados, conhecimento cultural institucionalizado, entendimentos normativos e a capacidade de conceituar e usar a língua para representar” a tarefa na qual o indivíduo está engajado e de construir em torno dessa tarefa um mundo de significados colaborativo e comunicativo: a cultura.

Para Bhabha (1994, p. 1),

o que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre” espaços fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou comunal – que originam novos signos de identidade e locais inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.¹⁶

No surgimento dos entremeios, a sobreposição e os deslocamentos de, sobre e na emergência dos interstícios (a sobreposição e a transferência de dominância pela diferença das vivências entre sujeitos e coletividade [*nationness*]), o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. A incógnita é saber como surgem os sujeitos nos “entre-lugares”, nos “excedentes de”, a soma residual da diferença, expressa por gêneros musicais, expressões artísticas de toda sorte, grupos sociais específicos, etc., e de que modo chegam a ser formuladas estratégias de representação ou aquisição de poder (*empowerment*) no interior das comunidades em que, apesar de histórias comuns de privação e discriminação, o intercâmbio de valores, significados e prioridades, muitas vezes, deixa de ser de cooperação e diálogo, podendo ser profundamente adverso e incompatível (BHABHA, 1994).

Hall (2012) afirma que não se

pode definir cultura e desenvolvimento da cultura somente em termos de ser orientada por um tipo de estrutura econômica, mas pela articulação entre cultura e interesses econômicos [...], tem-se que voltar e comprometer-se com aqueles pontos aos quais cultura e interesses políticos ou interesses de classe ou interesses sociais se interligam [...] eu não quero retornar a algo, mas eu quero reengajar os mesmos tipos de questões que eu colocaria, você sabe, bem diferentemente. No começo, eu sempre pensei que cultura não era, você sabe, uma questão autônoma em si mesma e o que os estudos

¹⁶ What is theoretically innovative, and politically crucial, is the need to think beyond narratives of originary and initial subjectivities and to focus on those moments or processes that are produced in the articulation of cultural differences. These “in-between” spaces provide the terrain for elaborating strategies of selfhood – singular or communal – that initiate new signs of identity, and innovative sites of collaboration, and contestation, in the act of defining the idea of society itself (tradução da autora).

culturais estavam tentando fazer era entender a soma de relações entre a economia, a política, a cultura, a ideologia e o social. Eu não acho que jamais tenha sido pretendido que a cultura iria se erguer [...] como um espectro de si mesma, um gerador de poder autônomo, isso nunca foi pretendido, não era sobre isso. Então, nós temos que voltar àquelas perguntas iniciais: como você pensa a relação entre cultura e ideologia, cultura, ideologia e classe, cultura, ideologia e poder, cultura e ideologia e outras esferas da vida social, incluindo algumas que nós não examinamos, como educação, gênero, raça [...].¹⁷

Os atores sociais, ao tomarem consciência do espaço em que se inserem subjetivamente e ao se apropriarem ou, ainda, cercarem-se deste espaço objetivamente, constroem e, de alguma forma, passam a ser construídos pelo território (HAESBAERT; LIMONAD, 2007).

Culturalmente, a apropriação do espaço surge a partir da interação do dia a dia, da alteridade social, no bojo de representações, crenças, sentimentos pelos quais um ator ou um grupo de atores sociais vê sua realidade e a si mesmo, produto fundamentalmente de uma identidade social (SANTOS, 2006).

Nesse sentido, Canclini apresenta um novo enfoque de percepção do “ser cidadão”, levando em consideração os elementos socioculturais:

[...] ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem com que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades. (CANCLINI, 1999, p. 46).

Do ponto de vista econômico, Santos (1982, p. 14) explicita que “os modos de produção se tornam concretos sobre uma base territorial, historicamente determinada. As formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção”. O valor de cada local está sujeito aos níveis de qualidade e quantidade dos modos de produção e de como eles se ajustam.

Assim, a cultura é um elemento crucial para desencadear o avanço, bem como um entrave no que diz respeito ao desenvolvimento comunitário, de forma que as ações humanas pelo desenvolvimento têm relação estreita entre cultura e as outras esferas da vida social, dentre as quais está a econômica, dependente da boa vontade e da sensatez entre os atores, no desejo de ajudar e na aceitação para ser ajudado.

¹⁷ In the third part of his interview with Sut Jhally. Media Education Foundation, 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=95CBvCLGx94> > (tradução da autora).

A partir dessa conjectura, serão apresentadas, a seguir, algumas considerações sobre a economia e a cultura.

2.4 Relação entre a economia e a cultura

Comumente, cultura e economia são temas abordados como esferas distintas da atividade humana no escopo das ciências sociais. A discussão sobre essa lacuna, que por tempos era posta, toma novo rumo no contexto da globalização, uma vez que as novas tecnologias se desenvolvem propiciando vasta gama e fluxo de informações e produtos. Essas transformações tendem a fazer confluir esses dois temas; e o processo de consumo muda as possibilidades do exercício da cidadania (CANCLINI, 1999).

Canclini (1999, p. 46) vale-se do exemplo de uma pesquisa de *marketing* para uma eleição, em que o eleitor escolhe seu candidato da mesma forma que pinça um produto na prateleira de uma loja. As escolhas deixam de receber a percepção do “ser cidadão”, não levando em consideração elementos socioculturais.

A ideia de cidadania vem se transformando na atualidade, alicerçando-se na capacidade de aquisição de bens, em oposição às concepções de igualdade formalizadas em direitos tácitos:

homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertença e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos. (CANCLINI, 1999, p. 37).

A partir do século XXI poder-se-ia adicionar ao contexto uma ruptura na oposição entre os valores nacionais e internacionais com as céleres e contínuas transformações em tecnologias de produção. Se consumir bens de marcas estrangeiras era razão para distinção, hoje não possui a mesma representação, uma vez que os objetos e mesmo a cultura passam por “um processo de montagem transnacional, em que qualquer cidadão de qualquer país, religião e ideologia pode ler e utilizar” (CANCLINI, 1999, p. 41).

Sob esse enfoque, Moscovici (2013) esclarece que as representações (aliando, por exemplo, o inglês como um bem de consumo) possuem duas funções: uma é que

elas “convencionalizam” os objetos, pessoas e acontecimentos que encontram, criando rótulos nos quais estes se enquadram, sob pena de não possuírem codificação e não serem compreendidos. Aquilo que é convencionalizado passa a ser representativo, e a percepção se torna a representação do comum e já convencional e existe uma tendência de as características particulares esvaírem-se para que o signo seja assimilado de uma forma mais familiar.

Às percepções somam-se as experiências de realidades previamente determinadas por convenções, aquilo que tem significado ou não. Ninguém provido de memória está livre dos efeitos de condicionamentos prévios determinados por suas representações, linguagem ou cultura. Moscovici (2013, p. 35) complementa:

nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, quanto por nossa cultura. Nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções.

A outra função das representações é que são “prescritivas”, pois impõem uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado. São impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de construções e modificações que ocorrem no decorrer do tempo, através das gerações.

Para Canclini (1999), a relevância da influência mútua entre economia e cultura reside na celeridade com que os bens circulam no mundo, muito mais do que a região de onde o item é fabricado. O autor analisa o que a pessoa considera publicamente como valor, o que transpõe a apropriação de bens de consumo, pois reflete muito mais o que o indivíduo considera publicamente valioso, além de refletir as configurações de integração e distinção de grupos em sociedade.

A sensação de pertencimento e a identidade se esvaem, legando à cidadania uma representação nula no que diz respeito a uma opinião pública influenciadora quanto ao bem-estar e à qualidade de vida. Para o autor, meios de comunicação têm convivência nesse processo de reconfiguração das instituições e da consciência de cidadania.

Esse panorama, segundo Canclini (1999), leva a dimensão sociocultural a mudanças e redimensionamentos das instituições de esfera pública, com o surgimento de conglomerados transnacionais; mudança nos assentamentos urbanos,

com as atividades básicas sendo realizadas longe das residências, com isso utilizando-se um tempo de deslocamento que limita a habitação das pessoas na própria cidade; complexidade na assimilação do que é “próprio”, uma vez que os bens e os valores agregados conectam-se a uma economia e cultura globalizadas. Há uma distorção das noções de localidade e nacionalidade.

Entre esses fatores que concorrem para a compreensão dos processos de formação e estruturação, especialmente urbana, de uma cidade específica, estão os aspectos históricos, sociais, culturais e econômicos.

Bhabha (1994) assegura que, na linguagem da economia política por parte de redes de indústrias tecnológicas de comunicação e multinacionais, representar relações de exploração e de dominação possui legitimidade. A circulação de símbolos e mercadorias está atrelada às redes ensimesmadas do superávit que ligam o capital do primeiro mundo aos mercados de trabalho do terceiro mundo, pela divisão de trabalho internacional e pelos intermediários internacionais, com o intuito de preservar sistemas arcaicos trabalhistas e ambientais para proveito dos atravessadores. O autor também acredita que na linguagem diplomática internacional exista um agudo aumento de um novo nacionalismo anglo-americano e que a dominação política e econômica tenha profunda influência dominante sobre as ordens de informação do mundo ocidental, sua mídia e instituições acadêmicas.

Bethlem (1998) apresenta a visão de que a cultura do país de origem e a ênfase às tradições do mercado local permitem aos “estrategistas” e à organização como um todo uma abordagem mais assertiva na conquista de uma vantagem competitiva, uma vez que, para o autor, valores e culturas estão intimamente ligados. Em nossa realidade de estudo entre a cultura latino-americana e a anglo-americana, há uma “diferença cultural”, fazendo valer a distinção de Bhabha (1994). Pensa-se, então, ser relevante que, ao transplantar técnicas e configurações provenientes dos Estados Unidos ou da Inglaterra, as empresas examinem valores culturais envolvidos. Deveria haver a aplicação de um conhecimento da cultura organizacional e da cultura local, promovendo interação social de organizações e nações.

Na implementação de estratégias globais, a empresa precisa firmar sua cultura através do respeito às demais; definir suas normas sem ferir tradições locais; gerenciar resistências às mudanças e considerar o tempo e a velocidade como elementos-chave para uma integração bem-sucedida (BETHLEM, 1998).

Pecqueur, nessa perspectiva, traz à discussão a grande relevância que o conhecimento e a informação têm obtido como fatores de produção:

a demanda de diferenciação e o aumento da proporção de serviços associado à evolução das técnicas e das inovações criaram as condições geradoras da crise que emergiu no decorrer dos anos 1970, refletindo a importância de levar-se em conta o conteúdo cultural envolvido na dinâmica produtiva. (PECQUEUR, 2009, p. 90).

Dessa maneira, Benko (1999) diz que as práticas de gerenciamento moderno em companhias bem-sucedidas valorizam os trabalhadores mais do que no passado. Uma vez que as atividades mais operacionais têm sido executadas por robôs computadorizados, aos trabalhadores recai a exigência do aprimoramento de sua educação e criatividade e, ao reconhecê-los como contribuintes do desenvolvimento de produtos e processos para a sua melhoria, a empresa requer uma mudança cultural e interacional relevante ao gerenciamento da mesma.

Ainda no âmbito econômico, Benko (2002, p. 53) aborda a globalização como a integração dos mercados, considerando geograficamente a articulação dos territórios locais com a economia mundial. Assim, a economia apoiada na produtividade de operações (quase uniformizadas) deu espaço a uma economia em que o desempenho deva ser considerado com base nas “relações entre atores”.

Essa visão crescente da “economia relacional” é de que a eficácia deva estar ancorada nos serviços prestados (produto), desde que aliada à qualidade (no sentido de qualificação) de quem produz. A necessidade de comunicação entre os homens tem levado as empresas a se comprometerem com o aprimoramento de seus empregados, proporcionando enriquecimento de seu conhecimento na área em que atuam (BENKO, 2002).

Esse processo une a finalidade e a razão pelas quais as empresas usufruem das diferenças entre as economias nacionais, sua organização e divisão de tarefas nas várias unidades de produção integrantes de suas redes. O nível da economia mundial constitui a dialética da homogeneização e da diferenciação.

Em outras palavras, o que se tem é um sistema de produção cada vez mais integrado na escala mundial, associado a duas causas: a primeira seria pelas várias subsidiárias dos grupos transnacionais, que estão interconectadas em redes, buscando sua posição no sistema, devido às estratégias globalizadas de gestão, produção e investimento pelos grupos dominantes; e a outra seria pelas redes cada

vez mais intrincadas; o domínio das operações é cada vez de mais difícil de ser apreendido, especialmente, pelo fato dessas redes se cruzarem e entrelaçarem.

Nessa perspectiva, para Benko (2002), o que ocorre é que as empresas em nível internacional estariam reproduzindo o modelo de integração corporativa, similar ao antes encontrado no âmbito nacional; outro aspecto é que as formas de relação das economias nacionais com a economia mundial atual estão cada vez mais determinadas pelo lugar que as empresas multinacionais irão ocupar dentro desse sistema de produção internacional; e um terceiro fenômeno, decorrente do surgimento de um novo modelo de arranjo da produção de ordem escalar mundial, é que estaríamos assistindo a um novo modelo de integração da economia internacional.

Ainda que percebida sem nitidez, essa integração não impede que a transnacionalização das atividades das empresas altere a natureza das relações entre os Estados e os meios de integração dos diversos espaços econômicos. Os Estados enfrentam duas forças conflitantes, as que surgem do próprio sistema econômico internacional e as que provêm do seu papel em relação à sua própria sociedade civil. Há de se considerar as interações difíceis que ocorrem “entre as estratégias pró-competitivas utilizadas pelos governos para garantir o crescimento em uma economia aberta e as usadas pelas empresas para assegurar a sua própria rentabilidade dentro do sistema mundial” (BENKO, 2002, p. 50).

Williams (1980), ao analisar a relação entre base e superestrutura¹⁸, explica que só se pode entender uma cultura efetiva e dominante quando houver o entendimento do processo social de fato e do processo de incorporação de que ele depende. Esses são de importante significação social e têm considerável importância econômica.

Na visão desse autor, a noção mais simples de uma superestrutura (que não está totalmente abandonada) é de ser o reflexo, a imitação ou a reprodução da realidade da base, de forma mais ou menos direta. A relação entre a base e a superestrutura não é direta. A base seria o conceito mais relevante a ser observado, se se quisesse compreender as realidades do processo cultural. Porém, essa relação está longe de ser um dado possível de se prever e engessar. Ao se considerar uma etapa particular do desenvolvimento da produção, essa não é, na prática, invariável.

¹⁸ Para detalhes, recomenda-se a leitura do ensaio de (WILLIAMS, 1980).

Deve-se considerar as contradições nas relações de produção e nas consequentes relações sociais, e essas são processo. Como Williams (1980, p. 34) argumenta:

então, temos que dizer que quando falamos de "base", estamos falando de um processo e não de um estado. E não podemos atribuir a esse processo certas propriedades fixas para posterior dedução aos processos variáveis da superestrutura. A maioria das pessoas que queriam tornar a proposição comum mais razoável, concentrou-se na refinação da noção de superestrutura. Mas eu diria que cada termo da proposição deve ser reavaliado em uma determinada direção. Temos que revalidar a "determinação" em relação aos limites e o esforço de pressão, e longe de um conteúdo previsto, reproduzido e controlado. Temos que revalorizar a "superestrutura" em relação a uma gama de práticas culturais relacionadas, e longe de um conteúdo refletido, reproduzido ou especificamente dependente. E, fundamentalmente, devemos revalorizar a "base" longe da noção de uma abstração econômica ou tecnológica fixa e em relação às atividades específicas dos homens em relações sociais e econômicas reais, contendo contradições e variações fundamentais e, portanto, sempre em um estado de processo dinâmico.¹⁹

Ao estabelecer esse contraponto à supervalorização da base em detrimento da superestrutura, Williams (1980) reconhece, para esclarecimento teórico, que Karl Marx estava envolvido em uma análise de um tipo particular de produção, que é a produção capitalista de *commodities*. Todavia, isso reduziu significativamente, num contexto cultural, a coisa mais importante que um trabalhador produz, que é ele mesmo; o tipo de trabalho ou a ênfase histórica maior dos homens que produzem eles próprios e sua história.

No contexto desta tese, entender que o Brasil viveu processos diferenciados na sua constituição, bem como delinear a história da formação da região em estudo, vem fornecer subsídios para a compreensão do processo de hibridização, por isso esse tema será desenvolvido no próximo capítulo.

¹⁹ So, we have to say that when we talk of "the base", we are talking of a process and not a state. And we cannot ascribe to that process certain fixed properties for subsequent deduction to the variable processes of the superstructure. Most people who have wanted to make the ordinary proposition more reasonable have concentrated on refining the notion of superstructure. But I would say that each term of the proposition has to be revalued in a particular direction. We have to revalue 'determination' towards the setting of limits and the exertion of pressure, and away from a predicted, prefigured and controlled content. We have to revalue 'superstructure' towards a related range of cultural practices, and away from a reflected, reproduced or specifically dependent content. And, crucially, we have to revalue 'the base' away from the notion of a fixed economic or technological abstraction, and towards the specific activities of men in real social and economic relationships, containing fundamental contradictions and variations and therefore always in a state of dynamic process (tradução da autora).

3 DELINEANDO O TERRITÓRIO DA REGIÃO DE SANTA CRUZ DO SUL PELO PROCESSO DE HIBRIDIZAÇÃO

No passado, na concepção de Santos (2006), o que reunia as distintas porções de um território era a energia, em “estado bruto”, vinda dos próprios “processos naturais”. Ao longo da história foi técnica e mais recentemente, é a informação (o conhecimento) que assume essa função, para ser hoje elemento conector das diversas partes de um território. O conhecimento exerce sua função de recurso, participando do processo pelo qual, no sistema capitalista, os detentores dos recursos competem vantajosamente com os que deles não dispõem.

Conhecer a história e os processos constituintes da formação de um território amplia a compreensão do que hoje se apresenta. Para tal, entende-se que um discernimento pontual se faz necessário no que diz respeito à terminologia que será adotada.

3.1 Conceituando colonização e (i)migração

A diferenciação entre colonização e imigração, no que se refere à ocupação do Sul do Brasil, diz respeito ao fato de que colonização seria o processo de povoamento de terras vazias, ou seja, em estado bruto, sem qualquer ação humana sobre elas. Por sua vez, a imigração seria o deslocamento para terras já habitadas em cidade, região ou estado de país estrangeiro. Em complementação ao exposto, cabe salientar, sucintamente, que migração é o deslocamento em si, de um lugar para outro, dentro ou fora do mesmo estado ou país, por mais de um ano (PRADO JR., 1986).

É relevante salientar que existem autores que argumentam sobre a não diferenciação entre colonização e imigração, como é o caso de Gertz (2011, p. 243), quando afirma que “até os indígenas que habitavam o território que veio a constituir o Rio Grande do Sul provinham de um processo de migração. Isto significa que, a rigor, neste estado, ninguém é ‘autóctone’”.

Mesmo assim, deu-se preferência à diferenciação dos termos. Acredita-se que essa breve conceituação permite um esclarecimento de ordem interdisciplinar, dissipando ambiguidades; além do mais, trata-se de conceitos basilares aos estudos do desenvolvimento regional.

Em conformidade com o que se propõe o capítulo, o item que segue introduz o processo de povoamento do Sul do Brasil como ponto inicial à narrativa da história de formação do povoamento da região contemplada no estudo.

3.2 A formação do Sul do Brasil

Pensando na independência do Brasil, em 1822, sabe-se que houve ênfase à colonização das duas províncias mais meridionais do País (os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina), que, segundo Waibel (1949), estavam sujeitas a ataques dos argentinos pelo lado sul e dos índios botocudos pelo interior. As enormes florestas do Sul do Brasil eram de domínio desses índios, e os colonos luso-brasileiros, por sua vez, utilizavam essas áreas somente como passagem ao longo dos caminhos de boiadeiros e de tropas.

Os luso-brasileiros, colonos dos Açores e da Madeira, não mostravam interesse em habitar essas áreas florestais. Preferiam o campo aberto para o estabelecimento e a administração de suas estâncias, com o auxílio de escravos negros.

Por consequência, o Rio Grande do Sul, durante o século XIX, viveu um processo de imigração e colonização, com a formação de pequenas e médias propriedades voltadas, inicialmente, para o mercado interno, levando a uma diversidade produtiva não encontrada no latifúndio pecuarista. As diversas etapas da colonização, especialmente, neste estudo, a alemã, revelaram diferentes objetivos em torno do processo colonizador (VITAL JUNIOR, 2011).

Assim, o novo tipo de colono deveria ser tanto um soldado quanto um agricultor, para poder de tal maneira defender sua terra e cultivá-la. Esse perfil de colonizador estava na Europa, especificamente, na Europa Central, onde “soldados desengajados dos exércitos de Napoleão e camponeses pobres oprimidos estavam prontos a emigrar para qualquer país do mundo” (WAIBEL, 1949, p. 9).

Seyferth (2002) acrescenta aos motivos para a colonização explicitados por Waibel (1949) o pressuposto da superioridade branca como justificativa para um modelo de colonização com pequena propriedade familiar, baseado na vinda de imigrantes europeus. Isso ocorreu a partir de meados do século XIX, diferentemente da grande propriedade escravista. Seyferth (2002, p. 118) complementa que o conteúdo racista está presente na “discussão da política imigratória articulada ao povoamento e na externalização nacionalista dos problemas de assimilação,

especificados através das probabilidades de caldeamento de raças”, mesmo que pouco evidenciada nas leis e decretos relativos à colonização.

Na visão de Vital Junior (2011, p. 179), a questão da branquidade foi um aspecto relevante, uma vez que perpassou o processo colonizador por todo o século XIX, evidenciando “o caráter racista das elites brasileiras”. E, mesmo com as diferenças internas existentes nos grupos de imigrantes que vieram para o Brasil, o isolamento a que foram submetidas as colônias alemãs levou-os ao núcleo étnico, forjando uma identidade teuto-brasileira.

[...] os imigrantes alemães que para cá vieram integravam grupos étnicos distintos e com dialetos próprios. Os primeiros colonos vieram de Hunsrück, Saxônia, Württeerg, Saxônia-Coburg. Diante da nova realidade, confrontados com uma cultura estranha, desenvolveram entre eles um sentimento de pertencimento étnico. (VITAL JUNIOR, 2011, p. 167).

Segundo Seyferth (2002), a colonização passou a ser representada como um amplo processo civilizatório e uma forma mais racional de ocupação das terras devolutas.

Essa constatação é perceptível no Primeiro Reinado, quando houve interesse no recrutamento de mercenários vindos da Europa. Já no Segundo Reinado, devido à proibição do tráfico negreiro, a vinda do imigrante progressivamente passou a cumprir uma função na substituição do trabalho braçal no campo (VITAL JUNIOR, 2011).

Assim, os tratados com a Inglaterra, que contemplavam a abolição do tráfico de escravos e a ideia do trabalho livre, fizeram o Brasil buscar esse novo tipo de colonos, pequenos proprietários livres que cultivassem as terras de mata com o auxílio de suas famílias e sem vínculo com o trabalho escravo e tampouco com a criação de gado (WAIBEL, 1949).

Vital Junior (2011, p. 179) ainda alega que, “no contexto econômico rio-grandense dominado pelo latifúndio pecuarista, tal impacto não se fez sentir de forma tão rápida, e que o conflito entre latifúndio e imigração foi menos intenso por ocuparem espaços e interesses distintos”.

Resultante disso, da necessidade de buscar a proteção das terras no Sul do País sujeitas a invasões, da motivação para um branqueamento da população brasileira e de questões econômicas e mercadológicas – relacionadas ao processo

capitalista –, estabeleceram-se, então, as primeiras colônias no Sul do Brasil, salientando-se, aqui, a colonização germânica.

As primeiras três colônias (São Leopoldo – RS, São Pedro de Alcântara – SC, e Rio Negro – PR) foram subsidiadas pelo governo federal, que, posteriormente, mudou a política imigratória, em setembro de 1830, proibindo qualquer despesa governamental que se relacionasse com a colonização de estrangeiros em qualquer das províncias do Império. O processo imigratório foi suspenso até que, em 1834, as províncias receberam a tarefa de promover a colonização. Porém, de 1835 a 1845, devido à guerra civil, a província do Rio Grande do Sul esteve impedida de realizar qualquer plano de colonização.

Foi entre 1849 e 1874 que cinco colônias se estabeleceram nas encostas florestais da serra.

A colonização da região ocorreu no vale (Vale do Rio Pardo)²⁰, por decisão do Governo Provincial, que desapropriou terras para esse fim. A desapropriação foi justificada pela abundância de água proporcionada pelos rios da região, tornando-se uma das colônias mais prósperas do Sul do Brasil, com o cultivo do tabaco, principal cultura comercial (MARTIN, 1979).

A colônia de Santa Cruz (hoje município de Santa Cruz do Sul - emancipado em 1878), foi fundada no dia 19 de dezembro de 1849, com a chegada de doze germânicos, a municipalidade cerne deste estudo, constituindo o tópico a ser desenvolvido a seguir.

3.3 O processo de colonização de Santa Cruz do Sul e entorno

Quando Waibel (1949) discorre sobre a colonização do Sul do Brasil, faz referência aos três estados mais meridionais do País: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Ao analisar as condições legais e sociais especialmente exigidas para o povoamento dos campos ao sul do Brasil, para o pequeno agricultor europeu (possuidor de conhecimentos e de algum capital), Waibel (1949) entende que essas

²⁰ O Vale do Rio Pardo é uma divisão territorial composta por vinte e três municípios, dos quais a região circunscrita para esta pesquisa, Santa Cruz do Sul, Vera Cruz e Venâncio Aires, faz parte. O Vale do Rio Pardo está localizado na parte centro-oriental do Estado do Rio Grande do Sul. Santa Cruz é a municipalidade que assume a posição nuclear dessa região, razão pela qual o processo colonizador, nesta pesquisa, centra-se nela. Tais informações podem ser localizadas na página da Federação de Economia e Estatística.

não o colocam, de modo algum, na dependência do Brasil. Esses colonos teriam possibilidades em muitos outros países do mundo. E acrescenta: “Se o Brasil deseja obter e conservar estes imigrantes, deve acomodar-se à psicologia deles, da mesma maneira que os colonos deverão adaptar-se ao novo país e às suas instituições econômicas e culturais” (WAIBEL, 1949, p. 55).

Partindo do questionamento sobre quais seriam as exigências sociais e culturais de uma colonização europeia próspera e florescente no Brasil, Waibel (1949) elenca três aspectos: o primeiro refere-se ao fato de que cada colônia deveria representar uma unidade étnica; o segundo é que deveria também manter a uniformidade religiosa; e o terceiro é que, nessas comunidades, somente professores com alta qualificação poderiam atuar.

O primeiro aspecto indica que a colônia deveria ser habitada por algumas centenas de holandeses ou alemães ou polacos ou italianos, sempre com grupos étnicos diferentes. A regulamentação da época destinava-se a prevenir que houvesse uma colonização nacional em larga escala, como aconteceu, por exemplo, no Rio Grande do Sul, onde, na opinião da maioria dos brasileiros, algumas colônias alemãs e italianas quase chegaram a formar um “estado dentro do estado”. Para que esse tipo de situação fosse evitado, novas leis estabeleceram apenas colônias mistas.

Para compreender o segundo ponto, sobre a uniformidade religiosa, Waibel lembra o quanto a religião era importante na vida da comunidade e que na Europa havia também divisão religiosa. Como ele mesmo diz: “Para o colono dessas regiões, depois do idioma, o elemento mais importante da vida de sua comunidade é a religião” (WAIBEL, 1949, p. 56).

Numa curta narrativa, Waibel (1949) descreve os domingos, quando os colonos vinham de todas as partes à igreja, de carroça ou a cavalo e, depois do serviço religioso, ficavam juntos, conversando por horas seguidas, tornando-se o “serviço divino”, no domingo, o acontecimento social mais importante da semana.

Nesse sentido, cabe ressaltar a influência religiosa dos pastores, padres e outros religiosos descendentes de alemães. As igrejas luteranas foram construídas com a chegada dos imigrantes, e os ritos da igreja católica adquiriram diferenciações nas comunidades alemãs (IBGE, 2017b).

O terceiro aspecto diz respeito à educação das colônias estrangeiras, pois primavam por boa qualidade em suas escolas. Muitas colônias estrangeiras, antes de 1938, tinham suas escolas particulares, organizadas pelas igrejas. Depois que

passaram a receber professores das escolas estaduais, houve muita reclamação por parte dos colonos, quanto à qualidade do ensino.

A tarefa para esses professores era árdua, pois estavam numa comunidade de estrangeiros na missão de preservar a tradição cultural estrangeira e amalgamá-la com a cultura brasileira, fazendo da nova geração cidadãos brasileiros. Waibel (1949, p. 58) ressalta: “Todos os pais do mundo só têm um desejo: o de ver os seus filhos galgarem um nível econômico e cultural superior ao que eles puderam atingir”.

Além das dificuldades com os aspectos educacionais, questões de ordem geográfico-espacial (distâncias a percorrer, acesso aos bens de consumo, comunicação, entre outros) também tinham que ser superadas, refletidas pelo tipo de colonização formado, que desencadeou o sucesso ou não das colônias estabelecidas.

3.3.1 Tipo de colonização

A colônia de Santa Cruz, fundada em 1849, a cerca de 150 quilômetros a oeste de São Leopoldo, nos contrafortes da serra (50 metros) e na borda da mata, tornou-se uma das colônias mais prósperas do Sul do Brasil, produzindo fumo como cultura comercial.

A razão por que a província estabeleceu duas colônias tão longínquas, no oeste, foi pelo fato de o curso inferior do Jacuí ser navegável e também porque, na parte central, a altitude da serra é menor e a sua faixa de mata é mais estreita do que mais para leste. Isso significava que as comunicações através da serra eram facilitadas, servindo ao propósito das duas colônias de facilitar a comunicação e o tráfego entre a depressão do Rio Jacuí e os campos do planalto (WAIBEL, 1949).

A região da serra, que fica entre São Leopoldo a leste e Santa Cruz a oeste, era, na década de 1850, uma enorme selva, na qual apenas alguns intrusos luso-brasileiros tinham penetrado.

Rodeada de ambos os lados por prósperas colônias europeias, essas florestas atraíram então o interesse de especuladores e capitalistas, que ocuparam grandes áreas, especialmente, ao longo dos cursos do Caí e do Taquari, agindo antes que a lei de 1850 (que proibia a aquisição de terras por qualquer meio – exceto por compra) se tornasse efetiva, em 1854. Esses intrusos iniciaram uma colonização por conta própria, dividindo a terra em pequenos lotes e os vendendo aos colonos. Nas mesmas condições de Santa Cruz e Santo Ângelo, a massa da população foi constituída pela

primeira geração de colonos vindos de São Leopoldo e por novos vindos da Alemanha (WAIBEL, 1949).

Em torno de 1870, toda a serra, até as margens do planalto, estava em propriedade dos colonos alemães. Esses não estabeleceram colônias no planalto, porque tinham conhecimento de que os solos das matas nessa área eram menos férteis do que os das florestas latifoliadas (folhas largas) da *tierra templada* (argila vermelha).

Conseqüentemente, na serra do Rio Grande do Sul, o limite superior da colonização alemã geralmente coincide com o limite inferior das matas de araucárias e está situado em altitudes entre 500 e 600 metros. Mais tarde, os colonos alemães fizeram o mesmo no que se refere aos dois tipos de mata no planalto ocidental do Rio Grande do Sul, bem como no estado de Santa Catarina e, ainda que em menor grau, no Paraná. Esse é, segundo Waibel (1949, p. 13), “um dos princípios mais importantes da colonização europeia no Sul do Brasil.”

O município de Venâncio Aires inicia sua formação mais tarde, a partir de 1853, quando os donos de sesmarias fizeram o loteamento de suas terras para imigrantes alemães e um número menos expressivo de italianos. Essas terras eram ocupadas por luso-brasileiros, seus escravos e agregados, nas quais mantinham a pecuária extensiva, extração de madeira e erva-mate, bem como a agricultura de subsistência. Com o desenvolvimento gradativo, Venâncio Aires, em 1891, conquistou sua autonomia política e administrativa (VOGT, 2004).

Vera Cruz tornou-se município em 1959. Iniciou sua povoação, com colonizadores alemães, no ano de 1854, na localidade de Dona Josefa. Em 1858, foi criado o povoado de Vila Tereza, onde hoje se situa a sede do município. Em 1889, passou à freguesia de Vera Cruz, subordinada ao município de Santa Cruz do Sul. A proximidade geográfica facilitava o acesso à colônia de Santa Cruz do Sul (município-polo), permitindo o trânsito e o escoamento dos produtos coloniais, um dos facilitadores para a obtenção de sua autonomia político-administrativa (IBGE, 2017a).

Em poucos anos, de acordo com Waibel (1949, p. 15), o Rio Grande do Sul (bem como as companhias privadas de colonização) havia vendido as terras florestais até o Vale do Rio Uruguai a colonos italianos, alemães, polacos e luso-brasileiros, fazendo desaparecer as últimas reservas florestais e de terras devolutas de mata do estado. Ele completa afirmando que se extingue “qualquer zona pioneira digna de menção no estado do Rio Grande do Sul.” Além disso, um aspecto que reflete o

descaso pelos colonizadores, enquanto brasileiros, mostrava-se na forma de serem recenseados: pela língua. A língua estabelecia o número populacional.

Depois do tipo de colonização, é o sistema agrícola adotado pelos colonos o fato mais significativo para a colonização.

3.3.2 Sistemas agrícolas

Havia os sistemas agrícolas extensivos com resultados satisfatórios nas grandes propriedades, porém, quando aplicados nas pequenas, tornavam-se impraticáveis pois, dos três fatores da produção – terra, capital e trabalho –, a terra era o principal e deveria ser de grandes proporções. Os colonos europeus, de acordo com Waibel (1949) receberam ou compraram pequenas propriedades e aplicaram o sistema chamado de *Raubbau* ou agricultura extrativa, comprovadamente inadequado, por esterilizar o solo. Outro aspecto que a história não explicita, claramente, segundo o autor, é que os alemães, como todos os demais colonos europeus, receberam dos índios o sistema de rotação de terras, bem como as plantas cultivadas por eles (o milho, o feijão preto, a mandioca, a batata doce) e também suas ferramentas. Em contrapartida, o imigrante alemão introduziu no País o cultivo do trigo e a criação de suínos (IBGE, 2017b).

Os três sistemas²¹ representam teoricamente estágios sucessivos do desenvolvimento histórico da paisagem agrícola. Entretanto, apenas em poucas áreas, o desenvolvimento real da paisagem cultural passa pelos três estágios. A maioria das áreas atingiu somente o segundo estágio, e muitas chegaram a um ponto morto (improdutivas) no primeiro estágio.

A produção agrícola aumentada e a criação de gado elevam, consideravelmente, o padrão econômico e cultural do colono. Isso é claramente expresso pelos tipos melhorados de casas que, em contraste com as casas dos pioneiros, têm decididamente um caráter nacional e étnico. Waibel (1949) científica que, nas áreas coloniais mais novas dos planaltos, ricas em araucárias, o tipo *standard* de casa (construída de tábuas) pode ser visto no Rio Grande do Sul,

²¹ 1 - O sistema da primitiva rotação de terras; 2 - O sistema de rotação de terras melhoradas, e 3 - Rotação de culturas combinadas com a criação de gado. Para aprofundamento de cada sistema, recomenda-se a leitura de (WAIBEL, 1949).

reconhecendo-se a origem étnica do colono. Nas áreas ocupadas pelos alemães, temos a casa de enxaimel, e alguns italianos moravam em casas de dois andares construídas de pedra, cercadas de parreirais.

A situação econômica melhorada oportunizava ao colono mandar seus filhos à escola durante quatro ou cinco anos, em vez de somente um ou dois anos, conforme fez o pioneiro. A mão de obra familiar era um dos aspectos relevantes para a melhoria de vida.

Esses colonos puderam proporcionar a seus filhos escolaridade, e eles próprios mantiveram contato com o mundo europeu, através da leitura de jornais, livros e revistas profissionais. Gostavam do rádio e da vitrola, mantinham um estilo de vida similar ao produtor médio dos Estados Unidos (WAIBEL, 1949).

O estágio final do desenvolvimento agrícola no Sul do Brasil foi a aplicação da rotação de culturas em campos arados e adubados ou o tabaco, mais para oeste, na colônia de Santa Cruz.

Conforme Vogt (2004), o tabaco é plantado no Rio Grande do Sul, principalmente, em pequenas propriedades, mediante a intensiva utilização da força de trabalho de caráter familiar. Devido à colonização europeia, em território gaúcho, ter influenciado a multiplicação da pequena propriedade, acentuadamente em municípios de colonização alemã, estes geriram o maior complexo de beneficiamento de fumo do mundo, formado pela triangulação que compreende os municípios de Santa Cruz do Sul, Vera Cruz e Venâncio Aires.

Finalmente, o tipo de povoamento é de grande significado para a colonização. Os colonos podem agrupar-se em povoamento aglomerado nas chamadas *villages* ou em povoamento disperso. Os dois sistemas têm suas vantagens e desvantagens. No tipo de povoamento aglomerado, a vida social e comunal podia ser facilmente mantida, a frequência à escola ou ao serviço religioso não constituía problema. A dificuldade residia no fato de que a terra de um agricultor ficava consideravelmente distante de sua casa na vila, de modo que ele perdia muito tempo indo para a lavoura e voltando.

O tipo de povoamento disperso tinha a vantagem de que o agricultor vivia na sua terra, e que a casa era cercada pelas suas lavouras, seus pastos e suas matas. O gerenciamento da propriedade era mais fácil. A desvantagem é que o colono estava isolado de seus vizinhos e os contatos sociais e culturais com sua comunidade eram

dificultados, especialmente aos pioneiros. Isso fez com que se estabelecessem núcleos populacionais distintos.

3.3.3 Núcleos de população

Por toda parte, nas terras de mata do Sul do Brasil, temos "povoamento rural disperso". As propriedades, entretanto, não são espalhadas irregularmente, pois a distribuição da terra que era usada no fim da Idade Média, na colonização das montanhas do leste da Alemanha, chamada *Waldhufendorf* (faixa comprida e estreita na floresta) foi seguida pelos colonos alemães no Sul do Brasil. O fato interessante para Waibel (1949) é que esse tipo de povoamento é quase desconhecido no norte, no oeste e no sul da Alemanha, de onde vieram os primeiros imigrantes. Quase toda essa população é originária de vilas aglomeradas (*Haufendörfer*), onde moravam próximos uns dos outros nesse país.

Os "povoados aglomerados" estão localizados a distâncias de 8 ou 10 quilômetros, geralmente em cruzamentos de estradas. As casas se distribuem em volta de uma igreja e um cemitério, uma escola e uma ou duas lojas e bares. Há frequentemente um moinho, um ferreiro ou um fabricante de rodas. Em outras palavras, esses núcleos aglomerados são centros culturais, sociais e comerciais, muito característicos das áreas coloniais, mas inteiramente desconhecidos nas regiões habitadas por luso-brasileiros e ocupadas pelo sistema de latifúndios.

As casas se alinham ao longo de uma ou duas estradas. Esses povoados são *Strassendörfer* quando se considera sua projeção sobre o mapa. Entretanto, a sua função não é a de um *Dorf* ou vila europeia, mas de uma pequena cidade. Os alemães, por isso, denominam esses povoados aglomerados *Stadtplätze*, mesmo que consistam apenas de algumas casas.

Além desses pequenos povoados comerciais rurais, formaram-se, nas áreas coloniais, muitos "núcleos urbanos", grandes e pequenos.

Nestas cidades, os artífices, comerciantes e industriais europeus criaram comunidades prósperas, que se comparam favoravelmente com cidades europeias de tamanho semelhante. As cidades de colonização alemã de Joinville e Blumenau e a de italiana de Caxias do Sul são pérolas de civilização e cultura urbana. Em muitas cidades luso-brasileiras, também, especialmente nas capitais dos estados, o elemento europeu contribuiu muito para o desenvolvimento do comércio, da indústria e da cultura. (WAIBEL, 1949, p. 42).

Segundo Waibel (1949), diferente da colonização rural, a formação urbana teve mais êxito no Sul do Brasil. Os habitantes da cidade permaneceram em comunicação constante com a Europa, com o Rio de Janeiro e as capitais dos estados, podendo acompanhar a cultura no mundo, ao mesmo tempo em que mantiveram seu caráter étnico.

A partir dessa contextualização histórico-geográfica e cultural da região em estudo, tem-se uma noção do recorte territorial, ou seja, como esse território tem moldado e é moldado pelos que nele habitam. Haesbaert e Limonad (2007) pensam o território como algo imerso nas relações de domínio e propriedade, que perpassa níveis socioespaciais, da dominação político-econômica até a apropriação mais subjetiva e cultural.

Reside, aqui, a importância de entender uma particularidade territorializada (região) de acordo com os sujeitos que a constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições, entre outros, uma vez que todo território é, ao mesmo tempo, composto de diferentes combinações, em que se exerce influência sobre o espaço, tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados” (HAESBAERT; LIMONAD, 2007).

Pensando nessas combinações, cabe salientar, neste caso, que eventos na mudança do cenário econômico brasileiro e internacional também contribuíram para que a região de Santa Cruz do Sul, como já foi mencionado, se especializasse na produção do tabaco. E, por conseguinte, é pertinente entender o processo de criação e transnacionalização das empresas em Santa Cruz do Sul e região.

3.4 A criação e transnacionalização das empresas na região de Santa Cruz do Sul e o processo (i)migratório em Santa Cruz do Sul

A partir do início do século XX, o processo de urbanização de Santa Cruz do Sul recebeu um forte estímulo decorrente da progressiva industrialização centrada principalmente na agroindústria fumageira. Nas décadas seguintes, muitas mudanças econômicas se processaram entre fases de crescimento e recessão.

A partir de 1917, iniciam-se a reorganização e as novas composições de estabelecimentos comerciais e de beneficiamento de tabaco, movidos pela acumulação de capital advindo do comércio e da entrada de capital internacional na região. As indústrias de beneficiamento e de fabricação de cigarros surgem a partir

dos comerciantes abastados da época, com capital acumulado suficiente para transformarem seus negócios, ampliando seus empreendimentos comerciais e criando suas próprias indústrias (VOGT, 1997).

A posição nuclear foi determinante para o desenvolvimento de Santa Cruz do Sul desde as primeiras atividades até o fim dos anos sessenta, período que marca a instalação e o funcionamento das corporações internacionais, principalmente de tabaco, no município. Hoje, o espaço urbano local apresenta um dos centros de processamento industrial de tabaco, bem como de fabricação de cigarros, de relevância mundial.

Silveira (2003), ao abordar o início da industrialização em Santa Cruz do Sul, também a vincula, estreitamente, ao sucesso de sua agricultura, direcionada para a exportação, e que estimulou a atividade de beneficiamento de produtos primários e permitiu que o acúmulo de capital obtido pelos comerciantes locais, que também eram exportadores, tornasse possível a instalação de novas unidades de produção a partir de novas tecnologias. Cabe ressaltar aqui que o autor menciona outros ramos industriais de importância na economia municipal, como o metalúrgico, o da alimentação e o da borracha, mesmo que em menor escala.

Retomando a consolidação da indústria do tabaco, ainda de acordo com Silveira (2003), essa se fez, também, pela demanda que ia além dos mercados regionais e nacionais, o que explica a razão que levou o setor ao mercado internacional.

Vogt (1997) elucida que muitos fatores concomitantes tornaram as circunstâncias favoráveis à transnacionalização do setor na região: em meados dos anos 1960, os conflitos étnicos na Rodésia (África) fizeram a British American Tobacco (no Brasil, Souza Cruz) buscar alternativas fora desse país para seu fornecimento de tabaco; a abertura do mercado internacional para o tabaco brasileiro (que se tornou competitivo, equiparando-se à qualidade e ao padrão exigidos pelo mercado mundial); e a política brasileira favorável à instalação de grandes agroindústrias no País e à constituição dos complexos agroindustriais.

Nos anos 1960, além do Brasil, outros países do terceiro mundo²² modelaram a sua agroindústria à norte-americana. Essa internacionalização resultou numa

²² Expressão utilizada pelo autor. Algumas correntes utilizam “países periféricos”, outras, “países em desenvolvimento”. Se fosse possível, usar-se-ia o termo “países subdesenvolvidos”, partindo do pressuposto de que: enquanto houver uma criança sem escola, passando fome e sem assistência médica, vive-se num país

dominação aumentada das multinacionais sobre a produção de alimentos e demais matérias-primas (VOGT, 1997).

Naquele período, o acesso ao crédito internacional era estimulado pelo governo brasileiro, porém era praticamente uma regalia dos consórcios multinacionais. É relevante salientar que o regime antidemocrático e ditatorial no Brasil proporcionava garantia e estabilidade para os investimentos estrangeiros.

A transnacionalização do setor se deu através de um processo gradual de compra das ações das empresas locais pelas empresas multinacionais e que hoje estão instaladas em Santa Cruz do Sul, cidade-polo regional, e cidades vizinhas.

Silveira (2003) também atribui à internacionalização do setor fumageiro local o papel decisivo na aceleração do crescimento urbano de Santa Cruz do Sul e afirma que a economia local é gerida pelo setor e demais agentes, que “com pequenas variações têm integrado as ‘redes de crescimento’ dessa municipalidade e nelas interagido”.

3.4.1 A urbanização de Santa Cruz do Sul

Ao se pensar o início da configuração de expansão urbana de Santa Cruz do Sul (cidade-polo da Região em estudo) e das cidades de Venâncio Aires e Vera Cruz, em virtude da característica econômica e da localização histórica serem relacionadas à mobilização das empresas para esta região, Silveira (1997), em seu estudo sobre a cidade de Santa Cruz do Sul, quanto à formação das áreas imediatamente limítrofes do perímetro urbano, refere-se aos lugares periféricos da cidade não apenas por serem áreas em condições precárias quanto à infraestrutura urbana e ao atendimento dos serviços públicos, mas também pela situação irregular dos imóveis.

Essa situação de precariedade provém, numa escala global, da necessidade da reprodução ampliada do capital, porém, segundo o autor, “no espaço urbano local, ela tem representado a desordem e a irracionalidade no processo de urbanização, pelo caráter seletivo do uso que oportunizam e pelas implicações sociais e espaciais que promovem” (SILVEIRA, 1997, p. 22).

subdesenvolvido. Nada pode contrabalançar o pêndulo da balança do ponto de vista humanitário, para classificar um país como melhor do que subdesenvolvido nessas condições (posição da autora).

Silveira (1997) acrescenta que a produção do espaço urbano leva em conta o desenvolvimento capitalista no âmbito do território municipal e também a mediação entre as diferentes escalas geográficas presentes na produção da cidade.

Muitos fatores concomitantes fizeram com que as circunstâncias se fizessem favoráveis à transnacionalização do setor na região. Silveira (1997) esclarece que, desde o momento em que as empresas urbanas começaram a organizar-se de forma capitalista, com o aparecimento das relações de produção capitalistas, gradativamente o centro dinâmico da economia se deslocou da área rural para a urbana. A cidade, ao assumir o comando da divisão territorial do trabalho, começou a apresentar modificações internas significativas. Pelo aumento das atividades geradas pela agroindústria fumageira, novas áreas foram sendo exigidas para garantir a reprodução do capital e da força de trabalho. Isso também estimulou a migração rural-urbana e a consequente expansão de bairros operários da periferia (SILVEIRA, 2003).

Segundo o autor (1997), a partir de 1920, passou a ocorrer um gradativo parcelamento das chácaras, que constituíam uma espécie de cinturão verde, onde os proprietários criavam gado e animais domésticos e cultivavam produtos hortifrutigranjeiros, visando ao abastecimento do núcleo urbano, tanto pela incorporação de novos lotes de terrenos à cidade, como pela necessidade de expansão do sistema viário existente.

Por sua vez, a desigual localização e situação dessas chácaras implicou uma valorização diferenciada desses imóveis e, como consequência, intenso processo de especulação imobiliária na cidade. O autor acrescenta que muitos dos proprietários dessas chácaras foram desmembrando e comercializando seus imóveis por etapas, seguindo a expansão da cidade.

Os proprietários vendiam ou loteavam, em primeiro lugar, aquelas áreas localizadas junto à zona urbana, garantindo maior valorização do imóvel, uma vez que os clientes-alvo eram pessoas com capacidade aquisitiva.

Durante os anos sessenta e início da década de setenta, esse processo de fragmentação das chácaras e a especulação imobiliária dele resultante continuaram levando a uma forma desigual de acesso à cidade. A paisagem urbana de Santa Cruz do Sul, gradativamente, foi se alterando: inicialmente, as pessoas com maior poder aquisitivo construía nas imediações do núcleo urbano; além dessa característica, a cidade passou a apresentar, em sua área central, um processo de verticalização que se tornou mais intenso nos últimos anos. A produção da periferia urbana em Santa

Cruz do Sul, a partir de então, empreendeu um ritmo acelerado e desigual nessa nova etapa de urbanização da cidade.

Dessa forma, a maior parte da população operária buscou construir suas moradias em áreas mais afastadas do núcleo central, constituindo loteamentos, em alguns casos, irregulares e/ou clandestinos, naquelas chácaras situadas próximas às indústrias, ou então localizadas além do limite perimetral urbano (SILVEIRA, 1997).

O autor alerta para o significado contraditório ao plano urbano inicial. Se, por um lado, o plano proporcionou o desenvolvimento da cidade nos primeiros anos da colônia, regularizando o processo de ocupação do solo, no tempo em que crescia como freguesia e depois cidade, ele também acabou impondo consideráveis restrições ao futuro desenvolvimento urbano do município.

Mesmo Santa Cruz do Sul sendo uma cidade de porte médio, os problemas de infraestrutura foram se mostrando, agregados ao descontrole na localização das edificações, uma vez que instalações para atividades comerciais, de serviços e, até mesmo, industriais estavam sendo construídas em meio a áreas residenciais. Diante da necessidade de controle da expansão urbana, segundo Wink (2002), determinou-se a criação de um plano diretor e, em 1977, o primeiro Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Santa Cruz do Sul foi aprovado, com a função de zonedar a cidade, determinando uma área específica para as indústrias, junto à BR 471, o chamado Distrito Industrial.

Wink (2002) acrescenta que a expansão urbana de Santa Cruz, ao longo das últimas décadas, registrou períodos de crescimento, vistos através de numerosos loteamentos para as mais diversas camadas sociais e diretamente associados às supersafras de tabaco desse período.

Tais desequilíbrios trazem uma desigual distribuição setorial e espacial dos investimentos públicos. Assim, o planejamento urbano vai mudando de forma, conteúdo e rótulo, porém nunca enfrentando e muito menos resolvendo os grandes problemas de nossas maiorias urbanas. Com isso, o planejamento urbano passa a ser uma atividade intelectual pura, quando não técnica pura, ou seja, um elemento da tecnocracia (VILLAÇA, 2000).

Dentre esses desequilíbrios, Villaça (2000) menciona a questão imobiliária, em que a moradia para um trabalhador deveria adequar-se ao orçamento, à localização, de modo a facilitar o acesso ao local de trabalho, bem como ter uma infraestrutura condizente. Esses fatores podem explicar a localização espacial da população.

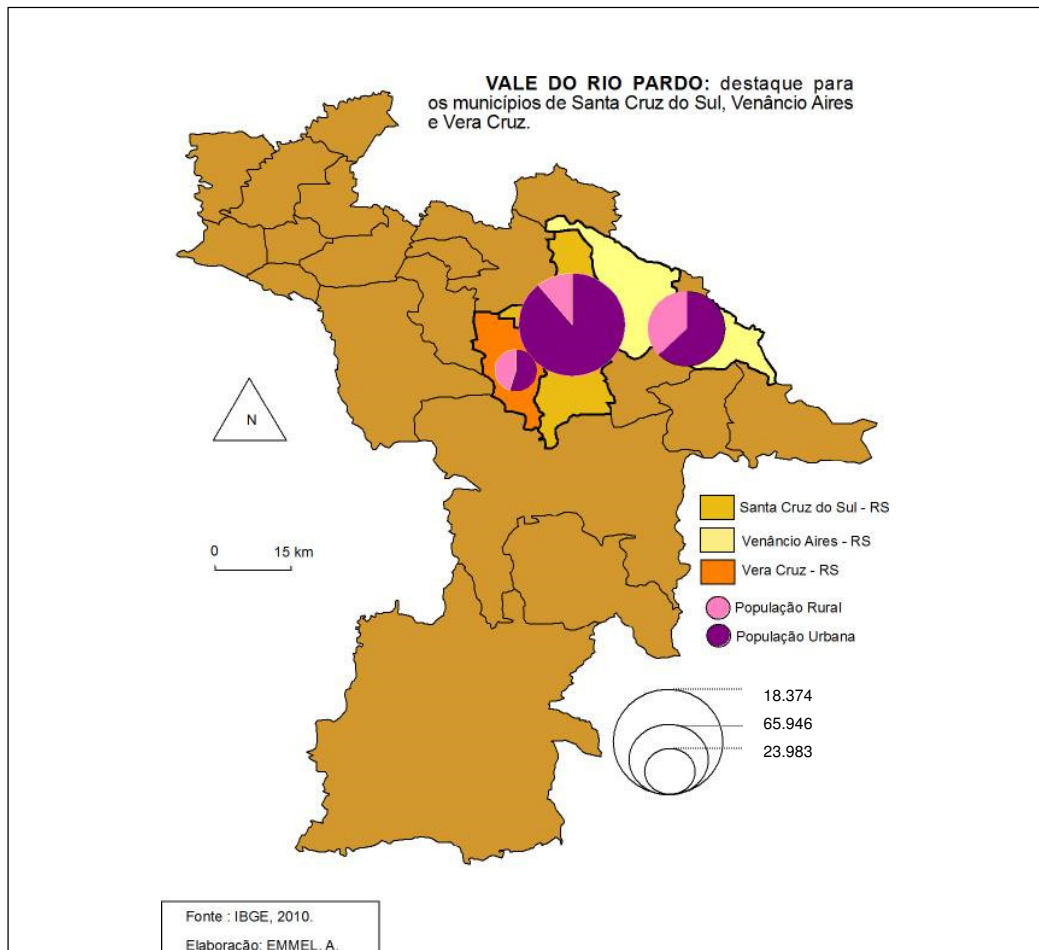
Emmel (2016), no seu estudo sobre migrações pendulares²³ entre Vera Cruz e Santa Cruz, dois dos municípios deste estudo, menciona que essas devem ser compreendidas à luz de seus contextos históricos, sob o prisma da divisão territorial do trabalho e da expansão do mercado imobiliário, principalmente.

As migrações pendulares contribuem para compreender os processos de urbanização e seus detalhamentos, mas também nos permitem conhecer as características que marcam a sociedade urbana. A distribuição espacial do trabalho industrial de processamento do tabaco e de empresas de outros segmentos ocorre entre as cidades da região, concentrada em Santa Cruz do Sul, seguida de Venâncio Aires e de Vera Cruz.

Outros aspectos a se levar em consideração, além do tipo de deslocamento (pendular, intrarregional e inter-regional, interestadual, internacional), são o tempo de permanência (definitiva ou temporária,) e como se deu a migração (espontânea ou forçada). Neste estudo, o processo está relacionado à busca por trabalho que, suscitado pela instalação das empresas transnacionais, impulsionou a geração de empregos e a criação de negócios que estão, ou não, vinculados diretamente a esse fluxo, na cidade-polo de Santa Cruz do Sul e nos municípios vizinhos de Vera Cruz e Venâncio Aires.

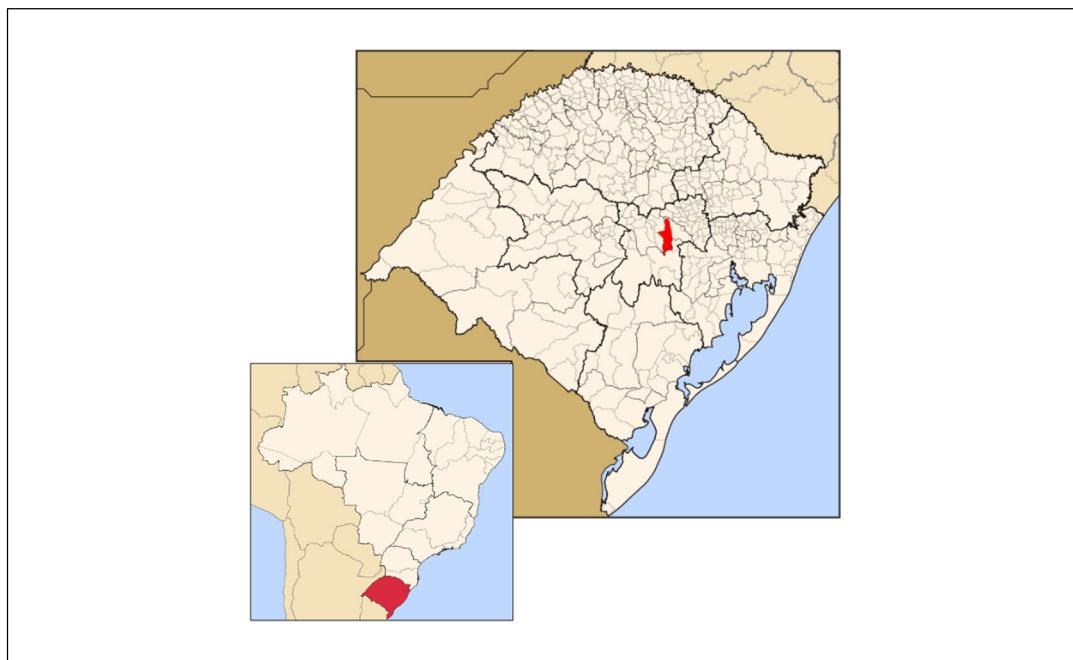
O mapa, a seguir, ilustra todo o Vale do Rio Pardo, incluindo as demais municipalidades que não foram eleitas para este estudo. Neste mapa, o número geral de habitantes pode ser visto, em realce e gráfico complementar com estimativa de população.

²³ Há autores que utilizam a expressão “deslocamento pendular” ou “movimento pendular”.



Mapa 1 – Vale do Rio Pardo

No mapa abaixo, em outra perspectiva escalar observa-se o principal município da região e o Estado, em relação ao Brasil.



Mapa 2 - Mapas do Rio Grande do Sul e Brasil
Fonte: <RioGrandedoSulMesoMicroMunicip.svg>

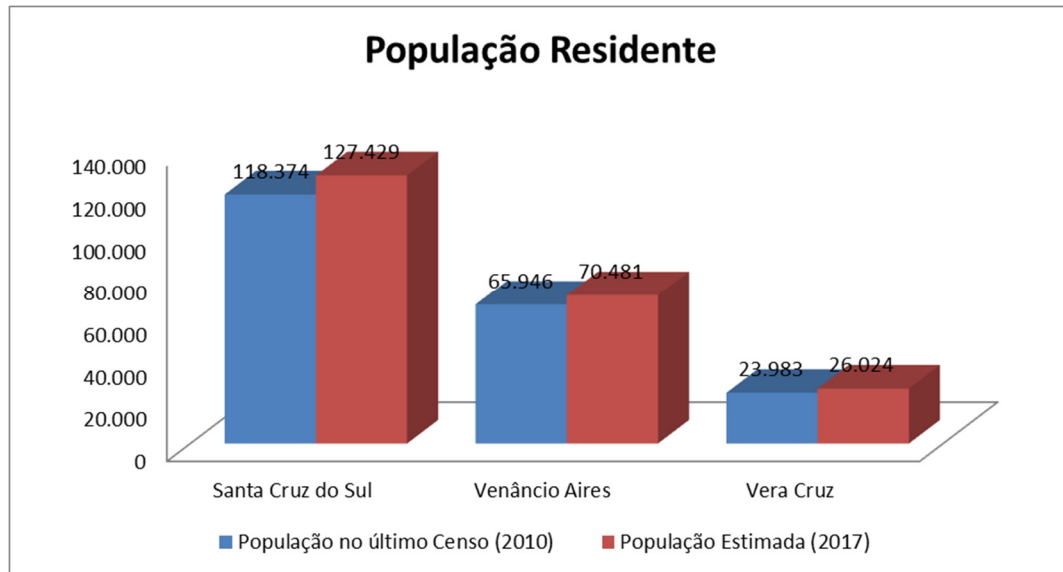


Gráfico 1 - População residente
 Fonte: IBGE CIDADES. <https://cidades.ibge.gov.br/>(2017).

Com o intuito de apresentar peculiaridades da região, cabe dizer que, neste estudo, a atenção não é dada apenas para as empresas transnacionais de tabaco, pois temos outras importantes empresas com a característica transnacional que foram levadas em consideração. Contudo, as empresas de tabaco têm maior representatividade no panorama econômico das três municipalidades deste trabalho, sendo Santa Cruz do Sul a de maior destaque por ser a catalizadora do processo de produção e exportação de tabaco. Hoje, na região como um todo, conforme o mapa da região (municípios do Vale do Rio Pardo), há quinze (15) grandes empresas afiliadas ao Sinditabaco (sindicato representante das empresas fumageiras) (SINDITABACO, 2017).

É significativa a posição que a região de Santa Cruz do Sul ocupa como produtora de tabaco e os municípios de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, no Estado do Rio Grande do Sul, concentram o maior número de empresas, constituindo o maior complexo de processamento de tabaco do mundo. Esses dados colocam a região em destaque devido ao cultivo do tabaco, representando o produto principal de sua base econômica. O Brasil é o segundo maior produtor de tabaco do mundo e o maior exportador de tabaco em nível global (ANUÁRIO BRASILEIRO DO TABACO, 2017).

Economicamente, essa posição de destaque, considerando o processo de urbanização e a diversificação de serviços, fez com que a região se tornasse um centro de referência para a saúde com o melhoramento de hospitais e outros centros

de saúde e serviços especializados nesse campo, entidades educacionais (universidades), centros culturais, entre outros.

3.4.2 Capital social: aspectos culturais e o processo inicial de hibridização pelo inglês

Retomando a colonização dessa região, enfatiza-se a chegada dos colonizadores germânicos ou alemães (como podem ser chamados a partir de 1871), com a finalidade de salientar os aspectos culturais dessa etnia, como a busca pelo conhecimento, pelo crescimento intelectual e econômico que sempre transpareceu na região de Santa Cruz do Sul e seu entorno. Isso, de forma alguma, tem a intenção de mostrar demérito ou ausência de reconhecimento pela importância das outras etnias compositoras da região.

Ao trazer a construção histórica, política e geográfica da região para esta tese, reflete-se a ideia de que as transformações socioeconômicas e culturais do ontem podem justificar a diversidade, bem como as diferenças regionais, delineando o território sob esses paradigmas no hoje.

Nesse escopo, Vogt (2004, p. 14), em sua obra, diz que “procurou-se buscar no passado um potencial, existente na população destes e de outros municípios com a mesma origem, que pudesse ser despertado para a superação das dificuldades que o momento impõe”. Sob influência dos escritos de Putman (2000,2003) apud Vogt (2004), passou-se a procurar evidências de existência, no passado, de capital social em áreas de colonização alemã do Estado. A definição de capital social reúne a influência dos trabalhos de Putman (2003) e dos pesquisadores da CEPAL (2003), apud Vogt (2004), como sendo:

(..) o conjunto de relações sociais caracterizadas por atitudes de confiança e comportamentos de cooperação e reciprocidade [...] um recurso de pessoas, de grupos e de coletividades em suas relações sociais, com ênfase nas redes de associatividade das pessoas e dos grupos. E, a exemplo da riqueza, o capital social também estaria desigualmente distribuído na sociedade. Porém, diferentemente do capital financeiro e de outras formas de capital, não é somente quem investe nele que se beneficia de seus resultados. Todos os que se encontram inseridos na estrutura social desfrutam de seus benefícios, ainda que o esforço não tenha sido realizado por algum de seus membros. (VOGT, 2004, p. 34).

Segundo Vogt (2004), o capital social mobilizado se torna um dos ativos mais importantes de qualquer coletividade, podendo proporcionar o desenvolvimento

econômico e social; contribuir para o crescimento da democracia, o combate à pobreza e a solução de diferentes problemas que atingem determinada comunidade.

A vida cultural dos imigrantes também teve um papel importante na formação da cultura brasileira, especialmente no que diz respeito a certos hábitos alimentares, encenações teatrais típicas, corais de igrejas, bandas de música, entre outros (VOGT, 2004).

Na colonização alemã, considerada neste estudo, deposita-se a origem de um campesinato típico, marcado por traços da cultura camponesa da Europa Central. A imigração e a colonização alemãs no Brasil tiveram influência no processo de diversificação da agricultura e no processo de urbanização e de industrialização, refletindo na arquitetura das cidades, na paisagem físico-social brasileira (IBGE, 2017b).

A partir da história de Santa Cruz do Sul, Wink (2002) contempla o prisma sociocultural e a cultura trazida pelos alemães que, na época da colonização, mesmo sem o devido suporte do Governo Provincial, mostravam o espírito associativo e de cooperação, a preocupação com a construção de escolas e com a educação do povo. Esse paradigma foi se perdendo, na medida em que o fator econômico passou a ditar as regras, mas não significa que foi completamente perdido, tendo em vista o que Bhabha (1994) indica quando afirma que a cultura está no entre-lugar, é um processo.

Ao se fazer a relação do processo constitutivo do território em questão, por sua colonização, características culturais dos colonizadores, ímpeto pelo trabalho e busca pela estabilidade e pelo crescimento econômico, num mundo em transição, com a Revolução Industrial aportando, a abolição da escravatura, a questão da posse da terra, mudanças no sistema governamental e político brasileiro, entre outros, não há dúvida de que os investidores objetivavam as regiões de “solo fértil”, como diz Santos (2006), onde poderiam privilegiar-se da informação e onde o lucro poderia fluir.

Nesse processo, iniciaram-se as (i)migrações e estas, segundo Menezes (2012), podem ser internacionais ou intranacionais (com suas subdivisões). Sob o prisma internacional, considera-se relevante trazer alguns fatos a respeito de um estrangeiro que representa o imigrante do início do século XX, que deixa seu país por conta de seu emprego nesta região do Brasil. Um exemplo dessa condição é da empresa Souza Cruz (subsidiária da BAT – British American Tobacco), que, possivelmente, melhor representa o processo da transnacionalização das empresas

na região de Santa Cruz do Sul, complementando, assim, os aspectos históricos e culturais utilizados nesta pesquisa.

Em entrevista semiestruturada com o Sr. Patrick Francis Fairon realizada em 2017, esse relatou que, em 1922, o seu pai, Sr. Patrick Joseph Fairon, veio da matriz de Londres para cuidar da parte financeira da subsidiária em Santa Cruz do Sul, uma das empresas-referência no ramo fumageiro – a Companhia Brasileira de Fumo em Folha –, para a compra de tabaco. Na ocasião, esse estrangeiro instalou-se na Casa Inglesa (hoje Hotel Vila Flor), tendo na parte superior a área residencial e o setor administrativo, e, na parte inferior, área de lazer e serviços. Quanto à alimentação, havia a tentativa, por parte dos brasileiros, de aproximar os pratos ao gosto do estrangeiro, com ingredientes locais.



Fotografia 1 - Casa Inglesa (início do século XX)

Fonte: Acervo Histórico de Santa Cruz do Sul –<https://www.facebook.com/acervosantacruz/>



Fotografia 2 - Casa Inglesa e Cia. de Fumos Souza Cruz (1919)
Fonte: Acervo Histórico de Santa Cruz do Sul –<https://www.facebook.com/acervosantacruz/>



Fotografia 3 - Antiga Casa Inglesa - Hotel Villa Flor
Fonte: Fotografia por Guilherme Garibaldi Dornelles, 2017.

Na frente da Casa Inglesa havia uma quadra de tênis, onde hoje se encontram as instalações administrativas da Souza Cruz que foram utilizadas como tal até a construção do novo complexo industrial, no Distrito Industrial de Santa Cruz do Sul.

Um hábito da época, quando poucas pessoas tinham relógio, era os operários serem acordados pelo apito da companhia e, uma hora depois, começavam a

trabalhar, ao sinal do segundo apito; esse procedimento funcionava uma vez que os operários moravam nos arredores da fábrica, no então chamado “Bairro Americano”.

Esse fato ilustra uma configuração urbana típica da segunda fase da Revolução Industrial no século XIX, na Inglaterra, quando os operários moravam nos arredores das fábricas onde trabalhavam, sujeitos à escassez de recursos materiais, vivendo em condições precárias e sob as regras dos empregadores (MATHIAS, 2013).

Outra tradição era os funcionários receberem um bônus de Natal que correspondia a um salário extra no final do ano. Isso era uma prática da empresa muito antes da instituição legal do décimo terceiro salário no Brasil.

No período entre 1922 e 1954, a empresa só produzia cigarros como subsidiária da BAT, juntamente com outra subsidiária, em São Paulo, a Fábrica de Cigarros Castellões, e para fabricação do papel do cigarro havia a Companhia Litográfica Portuguesa Ferreira Pinto, também de São Paulo.

Com o falecimento do Sr. Patrick Joseph Fairon, em 1954, a nova direção, em 1955, resolveu juntar todas as subsidiárias num bloco, que foi vendido por seu proprietário, Albino Souza Cruz, para a British American Tobacco. Todavia, segundo Fairon (2017), manteve-se o nome “Souza Cruz”, por ser considerado “mais simpático”.

No então Bairro Americano, onde a empresa estava instalada, havia um hotel chamado Hotel Americano, hoje *American Hotel*, e a Farmácia Americana, que já foi espaço para outra farmácia e hoje está desativada. Os estabelecimentos e o bairro eram assim chamados em alusão à empresa BAT.



Fotografia 4 - American Hotel
Fonte: Fotografia por Guilherme Garibaldi Dornelles, 2017.



Fotografia 5 - Prédio da Antiga Farmácia Americana
 Fonte: Fotografia por Guilherme Garibaldi Dornelles, 2017.

Desde o início das instalações, os funcionários eram estimulados a estudar inglês para progredir na empresa e, ao empregar um funcionário, levava-se em consideração a sua especialização. Porém, pela política da empresa, um funcionário com apenas um conhecimento básico da mesma especialização também era reconhecido e poderia conseguir uma posição, pois o conhecimento cultural do candidato era respeitado. Dir-se-ia “que o conhecimento cultural geral poderia ajudar a talhar o conhecimento específico requerido para posição a ser ocupada”.

Um aspecto peculiar, informado por Fairon (2017), é que muitos dos mais bem-sucedidos funcionários da empresa, no sentido de avançarem em posição, atingindo postos de liderança, eram seminaristas, pois tinham preparo cultural, estudavam filosofia, tinham conhecimentos aritméticos, de linguagem (latim e grego), história, geografia, etc. Nas palavras de Fairon, “quem tem preparo cultural é um diamante a ser lapidado. Com diploma não se resolve tudo”.

Com a transnacionalização das empresas pela qual a região de Santa Cruz do Sul passou, tendo em mente a importância do conhecimento, houve a necessidade do uso de uma língua que intermediasse as culturas da empresa (global) e a da região.

3.5 Uma obliquidade da economia: a nova perspectiva cultural

A crescente demanda pelo estudo da língua inglesa, em virtude da necessidade de uma mão de obra bilíngue, qualificada a atender às exigências do mundo globalizado e informatizado, trazidas pelas empresas, gerou uma oportunidade de

negócios visível com a criação e o aumento expressivo do número de escolas de inglês e de profissionais dessa área na região, especialmente em Santa Cruz do Sul. Todavia, não é possível quantificar com acurácia, devido ao fato de que muitas escolas não estão cadastradas nos municípios, não possuindo o CNAE (Código Nacional de Atividade Econômica).

Outro aspecto é que as empresas buscam se beneficiar do território em que se encontram, mas, para que isso aconteça, elas também têm que privilegiar as pessoas que para elas produzem. Como esse processo aconteceu não cabe explicar aqui. Se, no início, foi perverso e teve apenas caráter explorador, hoje, uma mudança pode ser notada pelo fato de as pessoas, ou uma parcela delas, estarem despertando para sua própria valorização, buscando qualidade e aprendendo a escolher, devido à guinada cognitiva (leia-se, também, guinada territorial).

Nesse sentido, Mattelart e Mattelart (2011) entendem que as empresas, em seu interior, almejam pôr fim às hierarquias rígidas e formas de autoridade piramidais herdadas do modelo de organização fordista e taylorista – no qual a retenção da informação era a fonte do saber-poder –, a fim de adotar um modelo de administração “comunicativo”, em rede, comandado pela necessidade de livre circulação dos fluxos. Há uma nova corrente que aponta para a adoção de um novo modelo de interação.

O processo de expansão da tecnologia de informação requer uma capacidade cognitiva exacerbada dos empregados que trabalham nas empresas. Assim, o exercício agora é também de troca, não só de exploração, porque a reorganização cultural do poder, referenciada por Canclini (2003, p. 345-346), analisa as consequências políticas na transição de uma “concepção vertical e bipolar para outra descentralizada, multideterminada das relações sociopolíticas”.

O autor contesta a argumentação das representações maniqueístas e conspirativas do poder, de que os países centrais usam as inovações tecnológicas para acentuar a disparidade em relação aos dependentes, dizendo que uma visão mais abrangente permite ver outras transformações econômicas e políticas, apoiadas em transformações culturais de longa duração, que estão dando uma estrutura diferente aos conflitos. Portanto, a representação da oposição política entre hegemônicos e subalternos, concebida como se tratasse de conjuntos totalmente diferentes e sempre confrontados, é relativizada. Os paradigmas clássicos que explicavam a dominação não conseguem explicar a dispersão dos centros, “a multipolaridade das iniciativas sociais, a pluralidade de referências – tomadas de

diversos territórios –” (CANCLINI, 2003, p. 346) com que os atores sociais e os meios de massa criam suas obras.

Para Canclini, os termos “hegemônico” e “subalterno” são ásperos e nos condicionaram a estabelecer divisões entre os homens, fazendo-nos esquecer dos “movimentos do afeto, a participação em atividades solidárias ou cúmplices, em que hegemônicos e subalternos precisam um do outro” (CANCLINI, 2003, p. 347). Ele acrescenta haver uma supervalorização ideológica das relações sociais, salientando as oposições e não permitindo visualizar os ritos que aproximam e se compartilham. Fala de “uma sociologia das grades”, que não permite ouvir o que se diz através delas, mesmo quando essas grades nem existem. Essa nova visão é pouco evidente e, talvez, em muitos casos, embrionária ou endêmica, mas existe. Nesse sentido o autor alerta para a obliquidade do poder, que caracteriza a modernidade na América Latina, afirmando ser essa a responsável pelas “misturas” que identifica a existência de instituições liberais e hábitos autoritários, de movimentos sociais democráticos e regimes paternalistas, entre outros aspectos.

Pecqueur (2009) salienta que o aspecto cognitivo não pode mais ser relegado ao segundo plano e acrescenta:

ao se redescobrir a historicidade, combinada com a percepção da importância dos fenômenos cognitivos nas escolhas estratégicas dos agentes econômicos, a ciência econômica admite um fundamento cultural na produção e nas trocas. (PECQUEUR, 2009, p. 90).

Em pesquisa (*survey*) realizada pelo British Council (2014) sobre a demanda pelo estudo da língua inglesa no Brasil, resultados apontam que as principais motivações para estudar o idioma são ampliar conhecimento e assegurar um emprego.

O reflexo dessa nova forma de considerar a importância do inglês está expresso no relatório da mesma agência (2013), que coloca o Brasil no sétimo lugar em nível mundial, no que se refere a estudantes de inglês que se deslocam para o Reino Unido e estudam a língua dentro das 368 (trezentas e sessenta e oito) escolas de inglês britânicas, afiliadas ao setor privado.

O fato de as empresas transnacionais da região de Santa Cruz do Sul possuírem programas de incentivo ao estudo da língua inglesa tem possivelmente gerado um aumento do interesse com vistas ao seu aprendizado.

Ao aproximar as análises de Canclini (1999), Silveira (1997) e Bhabha (1994) a fatos cruciais na história compositiva cultural e econômica da região em estudo, quando e como os eventos aconteceram com a “configuração desenvolvimentista” (expressão da autora), percebe-se o quanto as mudanças políticas que permitiram a abertura da economia ao investimento estrangeiro e à entrada das multinacionais na região, estabelecidas em Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Vera Cruz, alteraram a forma de vida das pessoas dessas municipalidades. Essas empresas introduziram um novo “item de consumo” (expressão da autora) que determinaria melhores oportunidades de trabalho nas empresas aos que tivessem maior compreensão e uso do inglês, de acordo com o cargo a ocupar.

Ao mesmo tempo, essa abertura fomentaria outros tipos de negócios que orbitariam em torno dessas empresas transnacionais. Esse foi um dos fatores que levou à criação de várias escolas e cursos de idiomas nessas cidades.

Haveria uma mudança cultural baseada numa necessidade econômica que igualmente geraria mudanças socioculturais intrínsecas pela carga cultural que o aprendizado de uma língua traz consigo. Cabe salientar que a própria cultura regional já instaurada tem importância no processo de internacionalização das empresas, ao levar em consideração a vantagem competitiva e, entre essas vantagens, o aprendizado do inglês se destaca.

4 A LINGUAGEM NA FORMAÇÃO CULTURAL: O INGLÊS COMO A LÍNGUA UNIVERSAL

A função da linguagem é significar, possibilitando a comunicação objetiva, que tem como base a comunicação intersubjetiva, pois depende da interação entre o organismo e o valor cultural que ele dá ao lugar de onde fala. Sistema e realidade são categorias que se fundem na produção de sentido pelo sujeito da locução, pensando a cognição como um fenômeno essencialmente social e elaborado intersubjetivamente no plano discursivo (MARCUSCHI, 2007).

Entender o papel da língua(gem) na formação cultural faz-se necessário, pois o delineamento de alguns dos processos teóricos pelos quais a língua(gem) vem sendo estudada contribuem para o processo central deste estudo que é investigar o aprendizado e o estudo da língua inglesa como elemento de hibridização cultural na Região de Santa Cruz do Sul.

Partindo de Saussure (1966), a língua pode ser entendida como um sistema de signos dentro de uma comunidade linguística; e a fala, como ato performativo individual, intencional e intelectual da língua, nessa mesma comunidade. Essa abordagem direciona à semiótica.

Bakhtin alude à filosofia da linguagem²⁴ e às divisões metodológicas correspondentes da linguística geral em duas orientações principais no que consiste em “isolar e delimitar a linguagem como objeto de estudo específico” (BAKHTIN, 2006, p. 71). O filósofo nomeia a primeira orientação de “subjetivismo idealista”, que se interessa pelo ato da fala, de criação individual, como fundamento da língua; e a segunda, de “objetivismo abstrato”, em que “o psiquismo individual constitui a fonte da língua – as leis da criação linguística –, sendo a língua uma evolução ininterrupta, uma criação contínua”. E acrescenta:

²⁴ O paradigma da filosofia da linguagem vem contrapor-se ao paradigma da consciência, que se sustenta na ideia de que o sujeito, na busca do conhecimento, tem como base para suas decisões uma intencionalidade subjetiva incontestável. Sobressai, na relação sujeito-objeto, a ação do sujeito sobre o objeto, em que o sujeito reserva a si a quase total autonomia, na construção do conhecimento e do pensamento. A filosofia da consciência ou do sujeito enfatiza uma única linguagem, a linguagem da razão, o conhecimento organizado, o modelo, a visão sistemática da realidade. Por sua vez, o paradigma da filosofia da linguagem centraliza a linguagem na filosofia, na ciência, na arte. É a linguagem que constitui o mundo humano. O quesito central está em dar sentido às coisas, como se transmitem os significados, como esses significados se transformam em cultura. A ideia é de que os sentidos que atribuímos às coisas vão dando forma às experiências do sujeito e vão se constituindo em linguagem. Nesse paradigma, antes da relação sujeito-objeto, há a linguagem. A linguagem é a primeira realidade humana. A linguagem é um sistema que não apenas reflete significados, mas constrói significados. Nesse sentido, recomenda-se a leitura de (HABERMAS, 1984).

Enquanto, para a primeira orientação, a língua constitui um fluxo ininterrupto de atos de fala, onde nada permanece estável, nada conserva sua identidade, para a segunda orientação, a língua é um arco-íris imóvel que domina este fluxo. [...] Cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores. São justamente estes traços *idênticos* que são assim normativos para todas as enunciações – traços fonéticos, gramaticais e lexicais –, que garantem a unicidade de uma dada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade. (BAKHTIN, 2006, p. 77).

Pela primeira orientação, a língua, conforme Bakhtin (2006), vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua, ou no imaginário individual dos falantes. Logo, para o filósofo, o valor da língua está representado pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através das enunciações. O autor contrapõe-se à visão de um sistema estável, sincrônico, homogêneo, caracterizado por um estudo linguístico com regras que mantêm a língua num sistema fechado. A língua é apresentada por Bakhtin (2006) como uma atividade social, fundamentada na comunicação. A abordagem é essencialmente dialógica.

Essas duas abordagens encaminham aos aspectos elucidativos na análise das questões de língua(gem) no processo de hibridização tanto pela semiótica (semiologia) quanto pelos atos da fala e interação social (dialógica).

4.1 Estudo da língua(gem): da abordagem semântica à pragmática – os atos da fala – uma linguagem voltada ao entendimento

A semiótica ou semiologia estuda os signos em uma cultura linguística. Saussure (1966), seu precursor na Europa, acreditava que a língua era um sistema governado por regras, que poderia ser estudado com a precisão de uma ciência: o “estruturalismo”. Ao distinguir o sistema linguístico de suas manifestações reais, ele chega ao ponto diferencial entre *langue* e *parole*. A língua e a fala (linguagem). Validando o acima exposto, Saussure declara o seguinte sobre a língua:

se pudéssemos abranger a soma das imagens de palavras armazenadas nas mentes de todos os indivíduos, poderíamos identificar o vínculo social que constitui a língua. É um depósito preenchido pelos membros de uma determinada comunidade, através do seu uso ativo da fala, um sistema gramatical que tem existência potencial em cada cérebro ou, mais especificamente, no cérebro de um grupo de indivíduos. Porque a língua não

está completa em nenhum falante, ela existe perfeitamente apenas dentro de uma coletividade (...) A língua é um sistema de sinais que expressam ideias e, portanto, é comparável a um sistema de escrita, o alfabeto de surdos, ritos simbólicos, expressões educadas, sinais militares, etc. Mas é o mais importante de todos esses sistemas. (SAUSSURE, 1966, p. 13-14, p.16).²⁵

Na teoria de Saussure (1966), o signo linguístico designa a combinação de conceito com a imagem acústica, ou seja, a combinação de um significado com um significante. Em “janela”, por exemplo, a sequência de sons j-a-n-e-l-a é o significante, e a ideia do objeto é o significado. Como já dito, a língua é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que por si só não pode nem a criar nem a modificar; ela existe em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros de uma comunidade (SAUSSURE, 1966).

Outro aspecto relevante à linguística externa diz respeito à difusão geográfica das línguas e separação dos dialetos. E o autor completa:

sem dúvida, a distinção entre linguística interna e externa parece mais paradoxal aqui, já que o fenômeno geográfico está tão intimamente ligado à existência de qualquer idioma; mas a difusão geográfica e a separação dialectal não afetam o organismo interior de um idioma. (SAUSSURE, 1966, p. 21).²⁶

O linguista e filósofo (1966) também insistiu no que ele chamou de natureza arbitrária do signo: não há qualquer ligação entre o significante e o significado. Os significados não possuem um sentido essencial ou fixo. O significado pode se alterar, historicamente, o que leva ao processo ativo de interpretação. Ao separar a parte social da língua e o ato individual da fala, ele denominou o segundo como a superfície da língua. Sua teoria quebrou o senso comum sobre o funcionamento da língua.

O grande feito de Saussure foi concentrar-se na própria língua(gem), como um fato social; no processo de representação em si; em como a língua realmente funciona; e no papel que desempenha na produção de significado. Em assim fazer, ele salvou a língua(gem) do *status* de um mero meio transparente entre coisas e

²⁵ If we could embrace the sum of word-images stored in the minds of all individuals, we could identify the social bond that constitutes language. It is a storehouse filled by the members of a given community through their active use of speaking, a grammatical system that has a potential existence in each brain, or, more specifically, in the brains of a group of individuals. For language is not complete in any speaker; it exists perfectly only within a collectivity. (...) Language is a system of signs that express ideas, and is therefore comparable to a system of writing, the alphabet of deaf-mutes, symbolic rites, polite formulas, military signals, etc. But it is the most important of all these systems (tradução da autora).

²⁶ Doubtless the distinction between internal and external linguistics seems most paradoxical here, since the geographical phenomenon is so closely linked to the existence of any language; but geographical spreading and dialectal splitting do not actually affect the inner organism of an idiom (tradução da autora).

significado. Ele mostrou, em vez disso, que a “representação era uma prática” (HALL, 1997b, p. 34).

Com a abordagem semiótica, além de palavras e imagens, os próprios objetos podem funcionar como significantes na produção de significado. Portanto, Hall (1997b), sugere que é possível utilizar um elemento como representante de uma espécie inteira. O que traz o significado é a função simbólica que serve na generalização da morfologia, fisiologia, taxonomia, etc.

De acordo com Hall (1997b), o que Saussure não conseguiu abordar, no entanto, foram questões relacionadas ao poder na linguagem. Os teóricos da cultura desistiram da ideia de que a linguagem poderia ser estudada com a precisão de lei, principalmente porque a linguagem não opera dentro de um sistema "fechado", como sugeria Saussure. Em uma cultura, a linguagem tende a operar em unidades de análise maiores – narrativas, declarações, grupos de imagens e discursos inteiros – que operam em uma variedade de textos e áreas de conhecimento.

O fator crucial da discussão da semiótica em cultura, para Clifford (2008), é dar acesso ao orbe conceitual no qual vivem os sujeitos, permitindo, num sentido ampliado, que outros indivíduos com eles possam dialogar. A barreira para entrar num universo não familiar de ação simbólica, as demandas da evolução técnica na teoria da cultura, as exigências de aprender e analisar são questões basilares. Para que se compreenda a cultura de um povo, leva-se à exposição a sua “normalidade”, mas não se reduz a sua “particularidade”.

Bakhtin (2006) concorda com a posição de Saussure de que a língua é um fato social fundado no imperativo de comunicação. Todavia, discorda acerca da concepção de língua, enquanto “sistema de regras”, pois entende que todas as esferas da ação humana têm relação com o uso da língua, uma vez que, para ele, os procedimentos de análise linguística (fonéticos, morfológicos e sintáticos) são insuficientes para atender à enunciação completa, mesmo que seja um vocábulo, uma frase ou um parágrafo. O enunciado passa a ser compreendido como resposta ao diálogo social. É de natureza social e, dessa feita, ideológica. O autor apregoa que cada locutor tem um “horizonte social”, ou seja, há sempre um interlocutor potencial. O locutor pensa e se expressa para um auditório social marcado. Para ele, o dialogismo, como denomina, é a “interação de vozes” (BAKHTIN, 2006, p. 17).

Pelo paradigma da filosofia da linguagem, o mundo é o todo no qual nossa experiência está linguisticamente delineada. A formação linguística da experiência de

mundo possibilita abranger as mais diversas relações e mudanças de vida. Assim, pela transformação das palavras, pode-se tomar conhecimento das mudanças de costumes e valores. A importância dessa concepção é que “a linguagem efetiva a própria relação ao mundo em que vivemos” (OLIVEIRA, 1996, p. 239).

A linguagem não é exata, está sempre aberta a codificações e recodificações, que em última instância vai depender do contexto em que tais significações se dão, contudo, o papel da comunidade histórica, na formação da cultura, e a forma de expressar de uma determinada comunidade tal qual seu uso corrente da linguagem, o que Wittgenstein denomina “jogos de linguagem”²⁷ é que vai determinar a validade e a praticidade da linguagem. (OLIVEIRA, 1996, p. 132)

Portanto, a utilização e a compreensão da linguagem dependem do jogo de linguagem utilizado. Esse, por sua vez, depende do contexto histórico e social comunitário para sua aplicação. O contexto é determinante dos processos de significação linguística. Então, para atingir o intento da semântica, busca-se a pragmática (OLIVEIRA, 1996).

Em sua abordagem teórica, Austin (1962) argumenta que o ato de fala é composto de três atos simultâneos: um ato “locucionário”, que é a produção dos sons pertencentes a um vocabulário e a articulação entre a sintaxe e a semântica, em que, segundo ele, se dá a significação no sentido convencional (sua definição em lógica como sentido e referência); um ato “ilocucionário”, que é estipular uma ação através de um enunciado (corresponde à força do enunciado – informar, ordenar, prometer); por último, o ato “perlocucionário”, que é o ato que produz efeito sobre o interlocutor (a ação realizada – persuadir, convencer, surpreender). Assim, Austin (1962) diferencia o ato “locucionário” da “força” do ato “ilocucionário”; esses dois se distinguem do ato “perlocucionário”, que é a produção de um “efeito” sobre o interlocutor. A realização de um ato “ilocucionário” envolve assegurar sua apreensão (*uptake*). Esse ato está na dimensão simbólica a que remete; é o não dito. O ato da fala, segundo o autor, promove uma concepção performativa: no momento

²⁷ Jogo de linguagem (em alemão: *Sprachspiel*) é um conceito cunhado por Ludwig Wittgenstein, referindo-se a exemplos simples do uso da linguagem e das ações em que a linguagem é tecida. Os jogos de linguagem são múltiplos e variados, e atendem a finalidades diversas: às vezes empregamos a linguagem para dar ordens, às vezes para pedir desculpas, outras vezes para fazer piadas. Dizer que a função primordial da linguagem é descrever ou representar os fatos é uma generalização irrefletida, causada pelo equívoco de se tomar um jogo de linguagem específico como paradigma para os outros. Sobre o assunto, vale a leitura de (OLIVEIRA, 1996).

em que há o reconhecimento entre os interlocutores de que algo está assegurado por meio da linguagem.

Todo sistema de normas sociais encontra-se numa posição análoga; somente existe relacionado à consciência subjetiva dos indivíduos que participam da coletividade regida por essas normas. Austin adiciona (1962, p. 18): “o pensamento não existe fora de sua expressão potencial e, por consequência, fora da orientação social dessa expressão e do próprio pensamento”. A referência depende do conhecimento que se tem do que for dito (*utterance*). Para Austin (1962, p. 121) existem alguns sentidos de consequências e efeitos nessas conexões,

especialmente três sentidos em que os efeitos podem surgir mesmo com atos “ilocucionários”, ou seja, garantir a aceitação, produzir efeitos e respostas convidativas. No caso do ato “perlocucionário”, fizemos uma distinção simples entre alcançar um objeto e produzir uma consequência. Os atos “ilocucionários” são atos convencionais: os atos perlocucionários não são convencionais. Os atos de ambos os tipos podem ser realizados, ou, mais precisamente, atos chamados pelo mesmo nome (por exemplo, atos equivalentes ao ato de advertência “ilocucionário” ou ao ato de convencer “perlocucionário” – podem ser alcançados de forma não verbal; mas, mesmo assim, para merecer o nome de um ato “ilocucionário”, por exemplo, uma advertência, deve ser um ato convencional não verbal: mas os atos “perlocucionários” não são convencionais, embora os atos convencionais possam ser utilizados para completar o ato “perlocucionário”.²⁸

Pelas palavras de Austin (1962), percebe-se cada vez mais claramente que a ocasião em que algo é dito tem séria relevância, e que as palavras usadas são, em certa medida, “explicadas” pelo “contexto” no qual elas são intencionadas a serem ou terem sido faladas em um intercâmbio linguístico. Para a abordagem performativa, a relevância está nas circunstâncias de sua enunciação, na força que ela tem e na consequência que ela provoca, muito mais do que no enunciado ou no que as palavras significam.

Searle (2002) adiciona que o ato da fala encontra êxito, se envolver tanto a intenção de representação quanto a intenção comunicativa. O falante, ao realizar o

²⁸ [...] especially three senses in which effects can come in even with illocutionary acts, namely, securing uptake, taking effect, and inviting responses. In the case of the perlocutionary act we made a rough distinction between achieving an object and producing a sequel. Illocutionary acts are conventional acts: perlocutionary acts are *not* conventional. Acts of *both* kinds can be performed, or, more accurately, acts called by the same name (for example, acts equivalent to the illocutionary act of warning or the perlocutionary act of convincing), can be brought off non-verbally; but even then to deserve the name of an illocutionary act, for example a warning, it must be a *conventional* non-verbal act: but perlocutionary acts are not conventional, though conventional acts may be made use of in order to bring off the perlocutionary act (tradução da autora).

ato da fala, quer representar um estado de relações de uma ou mais formas de mensagens, ao mesmo tempo que comunica o conteúdo de sua representação ao ouvinte. O autor enfatiza que os atos da fala já preconizados, especialmente por Austin (1962), abordam a noção fundamental da intencionalidade, em que o significado é criado pelos atos individuais, objetivando produzir efeitos nos ouvintes para que reconheçam sua tentativa de produzir tais efeitos. Portanto, significado é o produto dos atos de significados individuais. Um segundo aspecto associado aos atos da fala de Austin (1962) e de Searle (2002) é o papel das instituições sociais no desempenho desses atos. As convenções sociais, regras, contextos do discurso cumprem um papel importantíssimo nos mesmos. O significado, nessa perspectiva, representa o produto da intencionalidade individual, bem como o resultado de práticas sociais; torna-se um fenômeno social.

Finalmente, dissemos que existe uma outra gama completa de ideias sobre "como estamos usando a linguagem" ou "o que estamos fazendo ao dizer algo"[...] ...existem insinuações (e outros usos não literais da linguagem), brincadeiras (e outros usos não sérios da linguagem), palavrões e ostentações (que são talvez usos expressivos da linguagem). Podemos dizer: "Ao dizer x, estava brincando" (insinuando..., expressando meus sentimentos...). (AUSTIN, 1962, p. 121).²⁹

Entende-se que as relações são intersubjetivas e que os sujeitos são atores comunicativos que se movem por meio da língua(gem), referindo-se a algo, simultaneamente, num mundo objetivo, num mundo socialmente compartilhado e num mundo próprio (subjetivo). No sentido de trazer outro paradigma teórico, voltado à pretensão do homem de ser compreendido, na busca do entendimento, Habermas (1984, p. 86), diz que:

o conceito da ação comunicativa se refere à interação de, pelo menos, dois sujeitos capazes de discursar e agir, que estabelecem relações interpessoais (por meios verbais ou por meios extra verbais). Os atores buscam atingir um entendimento sobre a situação de ação e seus planos de ação no sentido de coordenar suas ações por meio de acordo. O conceito central da interpretação se refere, num primeiro momento, a negociar definições da situação que admite o consenso. Como veremos, a língua recebe lugar de relevância neste modelo.³⁰

²⁹ Finally, we have said there is another whole range of questions about 'how we are using language' or 'what we are doing in saying something' [...]...there are insinuating (and other *non-literary* uses of language), joking (and other *non-serious* uses of language), and swearing and showing off (which are perhaps expressive uses of language). We can say 'In saying x, I was joking' (insinuating..., expressing my feelings...) (tradução da autora).

³⁰ [...] the concept of communicative action refers to the interaction of at least two subjects capable of speech and action who establish interpersonal relations (whether by verbal or by extra-verbal means). The actors seek to reach an understanding about the action situation and their plans of action in order to coordinate their actions by way of

A língua(gem) é um elemento de transformação da qual os humanos têm o privilégio de se valer e, pela ação comunicativa, tem-se condições de estabelecer uma ação estratégica e outra comunicativa para o alcance do consenso e para o benefício do grupo ou indivíduo. Habermas (1984) fornece base teórica para o planejamento reflexivo, enfatizando a participação ampla do grupo, o compartilhamento de informação, sendo o consenso atingido muito mais pelo diálogo do que pelo exercício do poder, evitando privilégios de uns em detrimento de outros.

A ação comunicativa de Habermas (1984) vê a possibilidade de uma conexão com o capital social, talhada para promover o entendimento num grupo e a cooperação, ao contrário da “ação estratégica” desenhada para os objetivos pessoais. Ele dedica à língua extensa análise, definindo como o uso da mesma difere nos distintos modelos de ação.

A língua é constitutiva da comunicação, mas comunicação é um conceito amplo, e a ação comunicativa designa um tipo de interação realizada por atos de fala ou discurso e não coincide com eles. Habermas (1990, p. 95) comenta que, assim como a língua difere nos modelos de ação, a ação comunicativa difere da ação teleológica. Ele argumenta que os três modelos da língua apresentam só um lado. Na ação teleológica, o objetivo é conseguir que alguém faça alguma coisa e a ação é “comunicação daqueles que têm somente a realização dos seus próprios fins”.

As pessoas que agem de forma comunicativa sempre chegam a um entendimento no horizonte de um mundo da vida [...] formado por convicções de um passado mais ou menos difuso, sempre descomplicado. Este passado de mundo da vida serve como uma fonte de definições de situação que são pressupostas pelos participantes como descomplicadas [...] O mundo da vida também guarda o trabalho interpretativo das gerações precedentes. (HABERMAS, 1984, p. 70).³¹

A tradição cultural e a socialização para Habermas (1984) referem-se ao mundo da vida em ação, amparado numa correlação desse com a ação comunicativa. O mundo da vida se estrutura na cultura (conhecimento que serve ao indivíduo para

agreement. The central concept of interpretation refers in the first instance to negotiating definitions of the situation which admit of consensus. As we shall see, language is given a prominent place in this model (tradução da autora).
³¹ Subjects acting communicatively always come to an understanding in the horizon of a lifeworld [...] formed from more or less diffuse, always unproblematic, background convictions. This lifeworld background serves as a source of situation definitions that are presupposed by participants as unproblematic [...]. The lifeworld also stores the interpretive work of preceding generations (tradução da autora).

suprir-se de interpretações ao buscar a compreensão de algo); na sociedade, pois é nela que os atores sociais regulam suas relações sociais; na pessoa (por sua competência de falar e agir, construindo sua personalidade).

Nesse intento, o autor descreve o papel da linguagem nos três modelos: a normativa, como meio de transmitir valores culturais e chegar a um consenso; a prática, define-se no conhecimento passado, no horizonte do saber implícito e compreensão anterior, podendo ser fonte de afirmações e articulações inovadoras (essas levam à mudança da experiência prévia); e o código, que é implantado e inovado no decurso da prática linguística. Como ele assegura (1984, p. 136), no sentido cotidiano, o mundo da vida pode ser apreendido como aquele em que "os atores comunicativos situam e datam seus pronunciamentos em espaços sociais e tempos históricos".

Sob a perspectiva de dar continuidade aos estudos significativos da linguagem, interpretados num mundo em constante transformação, cabe trazer Johnson (2010, p. 66) que considera a linguística (sob o prisma da semiótica) "uma verdadeira caixa do tesouro para a análise cultural, mas que está soterrada sob uma mística técnica e um profissionalismo acadêmico exagerados dos quais felizmente está começando a emergir". Complementa dizendo que as normas do sistema de linguagem determinam os atos de fala e o desenvolvimento cotidiano de formas linguísticas. Essas normas não são suficientes para mover o sistema de linguagem. Conforme o autor, apenas pela semiótica, a percepção da linguagem ocorre de forma "tão abstrata que a mudança histórica ou a variação cultural deixam de ser detectadas, mas isso ocorre também porque não existe nenhum momento de produção verdadeiro do sistema de linguagem em si" (JOHNSON, 2010, p. 83-84). As línguas (linguagens) são produzidas, reproduzidas ou modificadas pelo seu uso em sociedade, com exceção das línguas mortas (sem seus falantes – atores sociais). A língua(gem) é sempre promovida em suas palavras, em sua organização sintática e em sua performance discursiva. Em sua visão, estudiosos da cultura devem dar relevância ao estudo do discurso, direcionando o olhar para um de seus teóricos, Mikhail Bakhtin.

Bakhtin (2006) dá especial importância à fala (a enunciação), salientando sua natureza social, uma vez que entende que a fala está intrincada às condições da comunicação e, por decorrência, às estruturas sociais. Para ele, a comunicação verbal não pode ser separada das outras formas de comunicação e alude a desacordos, relações de dominação e de resistência.

A comunicação para Hall (1997b) não se mostra como uma ocorrência natural e espontânea, mesmo quando os interlocutores compartilham um mapa conceitual idêntico. Um processo mútuo de ensinar e aprender está sempre envolvido quando duas pessoas tentam se comunicar e torna-se ainda mais desafiador quando elas vêm de diferentes contextos culturais. A dimensão simbólica que subjaz à linguagem se efetua a partir do diálogo, da interação social. É quando a palavra é posta em contexto.

4.2 A dimensão simbólica da linguagem: a palavra no contexto

Para Bakhtin (2006), a visão ampla da filosofia ajuda nos debates dos cenários de estudos linguísticos. Através de sua teoria, o dialogismo, ele expressa a ação entre duas pessoas, a fala constituída do eu e do outro; a alteridade da linguagem. O dialogismo pode ser constitutivo ou composicional. O primeiro vai se constituindo de enunciados que se formam a partir de outros enunciados e das duas vozes do discurso, montado, preparado. O segundo deriva-se da absorção do discurso alheio no próprio enunciado; pode ser citado ou bifocal, internamente argumentado.

Sob o ponto de vista desse filósofo, há sempre uma ideologia no discurso. Entende-se ideologia, aqui, sob o enfoque filosófico, que seriam as ideias humanas frente às percepções sensoriais do mundo externo. Da mesma forma, ao referir-se à significação, afirma ser esta a função do signo, razão pela qual não há como representar a significação (no sentido meramente relacional, funcional) dissociada do signo. Como exemplo, “a significação da palavra *cavalo* como sendo o cavalo em particular que tenho diante dos meus olhos”. “Se assim fosse, seria possível, tendo comido uma maçã, dizer que se comeu não uma maçã, mas a significação da palavra *maçã*” (BAKHTIN, 2006, p. 50).

A interpretação de significado para Bakhtin (2006) é ideológica. E tudo que é ideológico é um signo, fora de si mesmo, pois sem os signos não há ideologia. Ele complementa afirmando que o domínio dos signos é ao mesmo tempo “o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira” (BAKHTIN, 2006, p. 33). Assim sendo, a palavra opera como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for. “A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico [...]

A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (BAKHTIN, 2006, p. 36).

O primeiro caminho, para Bakhtin (2006, p. 199), na busca por uma definição de palavra, é que esta é um “fenômeno ideológico” em si e se transforma ao veicular fidedignamente as mudanças sociais. Ele diz: “O destino da palavra é o da sociedade que fala”. Todavia, ele aponta que há diversas formas de pesquisar a modificação dialética da palavra. Essa pode se dar pela “evolução semântica” (a história da ideologia no sentido); “a história do conhecimento” (a historicidade da verdade); e a “história da literatura” (a evolução da verdade na arte).

A outra via é pela evolução da própria língua como “material ideológico” de “reflexão da refração da existência” na consciência humana que só se realiza na palavra e através dela. Obviamente, investir neste estudo não poderia ser dissociado do ser social que nela se “refrata e das condições socioeconômicas refratantes.” Esses dois primeiros caminhos interagem constantemente. E é no terceiro caminho que Bakhtin (2006, p. 199) situa seu trabalho, ou seja, o estudo da “reflexão da evolução social da palavra na própria palavra”, que leva a duas subdivisões: “a história da filosofia da palavra e a história da palavra na palavra.”

Para Bakhtin (2006 p. 116) toda palavra apresenta duas facetas, pois é proferida “de” alguém, “para” alguém. Ela passa a ser o resultado da interação “locutor” / “ouvinte”. “A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.” E completa: “a palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais.”

Pode-se concluir que produzir sentido é entender algo no contexto de uma relação com o outro situado numa cultura e num tempo histórico. Essa relação é marcada por uma ação discursiva, pois ambos os sujeitos trabalham o enunciado pela cognição em que o outro é visto como um agente intencional.

Bourdieu (1991) entende que há todo um conjunto de diferenças sociais não contempladas pelos linguistas e que são pertinentes do ponto de vista do sociólogo, porque pertencem a um sistema de oposições linguísticas que representa a retradução de um sistema de diferenças sociais. Entende que a linguística não oferece elementos para uma reflexão sobre o poder da língua (linguagem), sugerindo que essa é o resultado do poder social e econômico. Sua perspectiva sobre a língua (linguagem) está baseada no condicionamento mercadológico e o valor da mesma para a parte dominante da época. De acordo com o autor, a parte dominante dentro

da comunidade requer um modo de expressão. Essa imposição pressiona a legitimação de uma língua sobre todos, e essa força que apoia um mercado econômico é o resultado de uma “comunidade linguística”.

O sociólogo (1991) busca evitar o paradigma objetivista do estruturalismo, para não configurar a filosofia da consciência. Ele desenvolve a Teoria dos Campos³², em que o *habitus* é um conjunto de disposições (formas de perceber, sentir, agir, pensar), que levam o sujeito a atuar de determinada forma, em circunstâncias dadas, dentro de um contexto, ao que ele conceitua de campo. Um campo é um tipo de organização social configurado por papéis sociais, sendo ainda proveniente de um processo histórico, em que tais posições se efetivam tanto entre agentes individuais quanto coletivos. Nesse aspecto, o campo se torna um elemento que modela e constitui o indivíduo mediante o *habitus* (BOURDIEU, 1991).

Esclarece ainda que, quando os sujeitos não possuem o capital e as habilidades linguísticas para capacitá-los a se apropriarem dos significados, entendê-los e interagir utilizando os mesmos, eles não conseguem a integração com o grupo. O autor considera a língua como um aspecto essencial pelo qual o indivíduo constrói significados, ideias e conceitos que favorecem a integração acadêmica, treinamento e construção do conhecimento. A ausência do capital linguístico e de formas de expressão cria uma barreira que gradualmente marginaliza os sujeitos. O mesmo ocorre com aqueles que pertencem a um espaço, sem possuir capital linguístico e cultural para serem incorporados nesse campo.

Bourdieu (1991) explica que uma linguagem neutra significa o elemento de “acomodação” (grifo da autora) mútua, desde que estabeleça um consenso prático entre os agentes ou grupos de agentes com interesses, parcial ou totalmente diferentes no campo da luta política legítima e também nas tratativas e interações da vida diária. E complementa que: “estamos conscientes de que a linguagem é parte integrante da vida social, com todas as suas inércias e iniquidades, e que uma boa

³² Para maiores detalhes, ver a Teoria dos Campos, de Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1990; BOURDIEU, 1991). Um campo é o espaço dentro do qual os agentes ocupam posições que determinam como eles irão agir em relação ao campo, tanto para conservar quanto para transformar a estrutura das relações de forças que é constitutiva do campo.

Habitus: recursos, combinação da quantidade de capital. Capital social: quem você conhece, redes. Capital econômico: dinheiro. Capital cultural: códigos de conduta, comportamentos em vários contextos e ambientes. Os três formam o capital simbólico.

parte da nossa vida social consiste na troca rotineira de expressões linguísticas no fluxo diário de interação social” (BOURDIEU,1991, p. 1).³³

Assim sendo, poder-se-ia ampliar a análise, levando em consideração outros aspectos que envolvem o sujeito em sua relação com a língua, não apenas na descrição do seu funcionamento interno, enquanto estrutura, mas na relação entre o linguístico, enquanto materialidade linguística, e o histórico, o socioeconômico, o político e o cultural, enquanto processos ininterruptos de produção de sentidos, através da língua(gem).

Em seu ensaio, proferido em 1973, num discurso televisivo, Hall (1993) lança a abordagem teórica denominada “*coding and decoding*”, de como a mensagem pode ser produzida e consumida. A base do modelo é o significado. Ele parte dos emissores que o codificam para receptores, os quais o decodificam ou não, criando três possíveis leituras ou interpretações: a dominante, a negociada e a de oposição. O objetivo do emissor é evitar a polissemia e nesse aspecto, a escolha da língua(gem) desempenha o papel crucial.

Mesmo que esse ensaio tenha sido objetivado, inicialmente, para o contexto da mídia, ele é facilmente incorporado a qualquer contexto comunicacional. A mensagem é a forma necessária de aparição do evento para ser fonte ao receptor. Dessa maneira, a transposição para dentro ou fora da “forma mensagem” (ou a maneira simbólica de troca) não é um momento aleatório. É um momento decisivo, mesmo que em outro nível abranja movimentos superficiais do sistema de comunicações e requeira, em outro estágio, a integração em relações sociais do processo comunicativo como um todo, do qual essa é apenas uma parte.

O processo de produção, aquilo que suscita a mensagem, traz em si o aspecto discursivo, pois é moldado por significados e ideias que dizem respeito às rotinas, habilidades definidas pela história, ideologias profissionais, conhecimento prévio, e suposições sobre o ouvinte/receptor (HALL, 1993). Isso

inicia um momento adicional distinto, no qual regras do discurso e da língua estão no comando. Antes que a mensagem possa ter um “efeito” (embora definido), satisfazer uma “necessidade” ou receber um “uso”, ela deve, primeiramente, ser apropriada como um discurso significativo e ser significativamente decodificada. É um conjunto de significados decodificados que “tenham um efeito”, influenciem, entrettenham, instruem ou persuadam,

³³ [...] we are aware that language is an integral part of social life, with all its ruses and iniquities, and that a good part of our social life consists of the routine exchange of linguistic expressions in the day-to-day flow of social interaction (tradução da autora).

com consequências perceptuais, cognitivas, emocionais, ideológicas ou comportamentais muito complexas. (HALL, 1993, p. 93).³⁴

Quaisquer desajustes entre os códigos trazem consequências para quem emite a mensagem e para quem a recebe, devido à assimetria entre os códigos da fonte e os do receptor ao ocorrer a transformação para a forma discursiva que, em outras palavras, constitui as incoerências ou mal-entendidos. Isso ocorre devido à falta de equivalência (contrapartida) entre os dois lados da troca comunicativa. Na argumentação de Hall (1993), a realidade existe fora da língua, mas é mediada pela e através da mesma. O que sabemos e proferimos é criado dentro e através do discurso. Portanto, tem-se um discurso inteligível, à medida que os signos sejam codificados também.

Vale destacar que certos códigos são amplamente circulados numa comunidade linguística ou cultura, nos estágios iniciais de vida, parecendo não terem sido parte de um processo construtivo (baseado no significado e significante).

A teoria linguística, conforme Hall (1993), usa os termos “conotação e denotação”. Denotação busca trazer o signo linguístico, quase universalmente reconhecido, enquanto a conotação refere-se a significados menos convencionais e mutáveis, dependentes da intervenção dos códigos. Em sua abordagem de codificação e decodificação, utiliza-se dos termos acima citados, de forma analítica, entendendo que num discurso real a maioria dos signos linguísticos irão combinar aspectos valorativos. É no nível conotativo dos signos que se pode perceber que as ideologias alteram a significação. Todavia, isso não implica que o significado literal ou denotativo esteja isento da ideologia. De fato, ele está repleto dela, uma vez que se torne universal e “natural”. Hall (1993, p. 97) diz que “haverá muito poucas ocorrências em que os signos organizados em um discurso signifiquem somente seu significado literal (isso é, quase universalmente consentido)”.³⁵

Os “significados preferidos” possuem uma abrangente ordem social de práticas, crenças e significações entranhada neles: vida social do dia a dia, como as coisas

³⁴ [...] initiates a further differentiated moment, in which the formal rules of discourse and language are in dominance. Before this message can have an 'effect' (however defined), satisfy a 'need' or be put to a 'use', it must first be appropriated as a meaningful discourse and be meaningfully decoded. It is this set of decoded meanings which 'have an effect', influence, entertain, instruct or persuade, with very complex perceptual, cognitive, emotional, ideological or behavioural consequences (tradução da autora).

³⁵ There will be very few instances in which signs organized in a discourse signify only their 'literal' (that is, near-universally consensualized) meaning (tradução da autora).

funcionam na prática em determinada cultura, a legitimidade na estrutura de poder, interesses, limites e desaprovações.

Os códigos de codificação e decodificação podem não ser perfeitamente proporcionais. Os graus de entendimento, ou não, dependem das relações de correspondência estabelecidas entre as posições das "personificações", codificador-produtor e decodificador-receptor. Mas isso, por sua vez, depende do nível de identidade entre os códigos que conduzirem a mensagem de forma compreensível ou obtusa, amparados por um contexto.

Entende-se que as abordagens – semiótica e discursiva (dialógica) – não são antagônicas, pois ambas são constitutivas dos processos de produção de sentido. Nesse raciocínio, quando se fala da importância do significado para que os processos comunicativos se completem, não se pode negligenciar o valor da representação, pois ela delinea a significação.

Austin (1962) propõe uma profunda reflexão em torno da ação pela/na linguagem, através da filosofia, em que uma palavra não expressa um conceito preciso ou mesmo uma frase não expressa um pensamento nítido. Não há encaixe fidedigno entre a palavra e o conceito e entre a frase e o pensamento. A questão do sentido, do significado e da referência, para um certo tipo de linguística e de filosofia, cria um impasse decisivo entre algumas abordagens teóricas a respeito da linguagem. Em sua concepção, não se pode pensar a linguagem de forma fragmentada ou institucionalizada. O autor (1962) apresenta a relação da fala com seu uso por um sujeito. A fusão de sujeito e objeto na análise da linguagem e, por conseguinte, a linguagem ordinária – da qual ele trata – pode ser apurada, partindo da análise da sensação sobre a percepção humana.

As reflexões de Austin (1962) alcançam várias áreas do estudo da linguagem. A linguagem é o domínio por excelência da ação sobre o outro e sobre o mundo. Trata-se de uma posição que encara o humano não apenas a partir de seus atos, mas de seus atos de linguagem. Acredita que a abordagem performativa da linguagem tende a revelar questões importantes sobre a construção discursiva da identidade, levando à compreensão da relação entre linguagem e identidade, tema central das ciências humanas. Acrescenta, ainda, que a função primordial da linguagem é representar.

4.3 Representação e língua(gem)

O conceito de representação tem um importante papel nos E.C. A representação conecta significado e língua à cultura. A representação basicamente é o uso da língua para dizer alguma coisa significativa sobre algo ou representar o mundo de forma significativa aos outros. Ela desempenha uma parte fundamental do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura. Diz respeito à linguagem enquanto expressão das práticas de representação, elevando a língua a uma condição de importância na construção e circulação do significado. Envolve o uso da linguagem, signos e imagens que representam as coisas no intuito de comunicar (HALL, 1997b).

As representações podem se dar em nível de linguagem como acima exposto, bem como a partir dos processos interacionais, que são chamadas por Moscovici (2013) de representações sociais.

As representações sociais, assim, são um sistema de valores, ideias e práticas que possibilitam às pessoas orientar-se e controlar-se em seu mundo material e social, bem como comunicar-se dentro de uma comunidade, a partir de um código, para nomear e classificar, sem ambiguidade, os diversos aspectos de seu mundo e história individual e social. Elas se caracterizam a partir das interações significativas que ocorrem entre duas pessoas ou grupos, influenciando o comportamento do indivíduo participante dessa coletividade. São o produto de ações e comunicações que se validam, circulam, encontram-se, atraem-se ou não e proporcionam o surgimento de novas representações.

O conceito de representação social tem um sentido dinâmico que se refere tanto ao processo quanto às estruturas do conhecimento estabelecidos. Quando Moscovici (2013) fala da familiarização do processo de “ancoragem e objetivação”³⁶ no qual o não familiar se torna familiar, essa passa também a constituir o sujeito numa dialética do conhecimento. As representações sociais surgem não somente de como

³⁶ A ancoragem consiste na incorporação de eventos, acontecimentos e significados estranhos às categorias e noções familiares dentro de um grupo social específico. Este processo de ancoragem depende da difusão de conhecimentos e crenças em grupos sociais diferentes. A objetivação é o processo de transformar a informação abstrata em conhecimento concreto pela comunicação, gerando significados figurativos ou simbólicos compartilhados em diferentes níveis. Essa temática é abordada na obra de (MOSCOVICI, 2013), a qual sugere-se a leitura.

se compreende um objeto em específico, mas também do valor simbólico pelo qual o sujeito ou grupo conseguem defini-lo e com ele estabelecer uma identidade.

Em princípio, as representações sociais são maneiras de compreender e comunicar o que é familiar, o que já se sabe e é compartilhado no grupo. Elas igualam toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem. As representações são carregadas pela linguagem, expressando os fatos e os símbolos abstratos. É nesse entrelaçamento das representações e da linguagem que se compreendem e se comutam as formas de ver as coisas (MOSCOVICI, 2013).

Existe um processo de reciprocidade/mutualidade entre a representação social e a comunicação, uma vez que as representações podem ser produto da comunicação, ao mesmo tempo em que a comunicação seria inexistente sem a representação. A mudança de interesses pode gerar novas formas de comunicação e resultar na inovação e no surgimento de outras representações. Assim, as representações são estruturas que conseguem estabilizar-se pela transformação de uma estrutura que as antecedeu (MOSCOVICI, 2013).

Ao conjecturar as representações como elemento da comunicação, Hall (1997b) considera seus efeitos, a capacidade de desenvolver possibilidades mais convincentes na disseminação das representações e das possibilidades de identidades resilientes. O autor examina as representações, não apenas como a linguagem e a representação produzem significado, mas como o conhecimento expresso em um discurso, em específico, liga-se ao poder, regula conduta, compõe ou restringe as identidades e as subjetividades.

Muitas teorias abordam como a linguagem é elemento constituinte na representação do mundo. Hall (1997b, p. 15) nos apresenta três abordagens ou teorias: “a reflexiva, a intencional e a construcionista.” A linguagem pode refletir um significado que já existe no mundo dos objetos, pessoas e eventos. Ela pode ser intencional, pois revela a intenção daquele que dela faz uso para expressar um significado desejado. Por sua vez, a língua(gem), sob a abordagem construcionista, representa o significado construído através dela. Essa tem maior relevância para Hall (1997b), pois é nela que a representação da linguagem encontra maior impacto nos E.C.

Com a abordagem reflexiva, a língua supostamente opera como um espelho à representação, pois reflete o sentido verdadeiro de um objeto, pessoa, ideia ou evento como algo existente no mundo. A palavra grega “mimesis” serve para ilustrar como a

língua imita ou replica a natureza. A proposição da teoria reflexiva é, em poucas palavras, refletir ou imitar uma “verdade” estabelecida que esteja presente no mundo real (HALL, 1997b).

A abordagem intencional fornece o oposto, indicando que o falante ou autor de um trabalho específico “impõe” o significado no mundo, através do uso da linguagem. As palavras significam o que o seu autor deseja que elas signifiquem. No entanto, isso não quer dizer que o autor possa com isso criar suas próprias línguas, pois, se a comunicação é a essência da linguagem, depende de convenções linguísticas e códigos compartilhados dentro de uma cultura (HALL, 1997b).

Logo, a abordagem construcionista ou construtivista prevê o caráter social da língua e reconhece que nem as coisas por si mesmas nem os indivíduos que usam a língua podem cunhar o significado. O significado não é inerente dentro de um objeto em si, mas construído usando o sistema de representação (conceitos e signos). Segundo Hall (1997b):

os construtivistas não negam a existência do mundo material. No entanto, não é o mundo material que transmite um significado: é o sistema de linguagem ou qualquer sistema que seja, que usamos para representar os nossos conceitos. São os atores sociais que utilizam os sistemas conceituais de sua cultura e os sistemas de representação linguística e outros sistemas para construir significado, tornar o mundo significativo e comunicar sobre esse mundo significativamente aos outros. (HALL, 1997b, p. 25).³⁷

Hall (1997b) examina mais detalhadamente duas variantes na abordagem construcionista: a semiótica e a discursiva, ambas abordadas anteriormente.

Adicionalmente, conforme Hall (1997b), dois processos ou sistemas caracterizam a representação. Essa pode ocorrer por um sistema pelo qual objetos, pessoas e eventos são correlacionados num conjunto de conceitos, imagens ou representações mentais que nos permitem relacionar e interpretar as coisas tanto interna quanto externamente. Permitem dar significado ao mundo pela construção de um conjunto de correspondências ou cadeia de equivalências entre as coisas, pessoas, objetos, eventos (ficcionalis ou reais), ideias abstratas e um sistema de conceitos: os mapas conceituais.

³⁷ Constructivists do not deny the existence of the material world. However, it is not the material world which conveys meaning: it is the language system or whatever system we are using to represent our concepts. It is social actors who use the conceptual systems of their culture and the linguistic and other representational systems to construct meaning, to make the world meaningful and to communicate about that world meaningfully to others (tradução da autora).

As pessoas podem interpretar e dar sentido ao mundo de formas diferentes e, provavelmente, de forma única e individual. No entanto, podem se comunicar, porque compartilham mapas conceituais que de forma geral dão significado ao mundo de forma similar. Nesse sentido é que Hall (1997b) faz referência ao “pertencer à mesma cultura”. Esse é o porquê, segundo o autor, de a cultura, às vezes, ser definida como “significados e mapas conceituais compartilhados” (HALL, 1997b, p. 18).

Mesmo que se tenha um amplo compartilhamento de mapas conceituais, ele não é suficiente para representar e compartilhar significados e conceitos. É essencial o acesso a uma língua, que vem a ser o segundo sistema de representação envolvido no processo geral de construção de significados. Este depende da construção de um conjunto de correspondências entre nosso mapa conceitual e um conjunto de sinais, arranjados ou organizados em várias línguas que representam aqueles conceitos. Essa relação entre coisas, conceitos e sinais (símbolos) é o cerne da produção de significado da língua. O significado é sempre produzido dentro da linguagem; é a prática da representação, construída através da significação. O próprio "mundo real" não transmite sentido. Em vez disso, a criação de significado depende de dois sistemas de representação diferentes, mas relacionados: conceitos e língua(gem) (HALL, 1997b).

Os conceitos são as representações mentais dos fenômenos do mundo real. Eles podem ser construídos a partir de objetos físicos e materiais que se pode perceber através dos sentidos (por exemplo, uma cadeira, uma flor, uma fruta), ou podem ser coisas abstratas que não se pode ver, sentir ou tocar diretamente (por exemplo, amor, guerra, cultura). Mentalmente, organizam-se, agrupam-se e classificam-se os diferentes conceitos e se constrói um esquema complexo para descrever as relações entre eles. Se há um conceito para algo, pode-se dizer que se sabe o seu significado, mas não há como comunicar esse significado, sem o segundo sistema de representação: a língua. A língua(gem) pode incluir palavras escritas ou faladas, mas também pode incluir imagens visuais, gestos, linguagem corporal, música ou outros estímulos, como os semáforos. Para produzir significado, os significantes devem ser organizados em um sistema de diferenças. Por exemplo, não são as cores, especificamente, usadas num semáforo que trazem significado (vermelho, amarelo, verde), pois são todas arbitrárias. O que as valida é que são diferentes e podem ser diferenciadas umas das outras. É a diferença das cores que

produz a significação e, nessa situação, nem mesmo as palavras usadas para descrevê-las o fazem (HALL, 1997b).

Os códigos governam a tradução entre conceitos e linguagem. Esses códigos são construídos culturalmente e estabilizam significados dentro de diferentes idiomas e culturas. Porém, mesmo que os significados possam ser estabilizados dentro de uma cultura, eles nunca são corrigidos. As convenções sociais e linguísticas mudam ao longo do tempo à medida que as culturas evoluem (HALL, 1997b).

Há uma propensão, de acordo com Austin, de se procurar a explanação em termos de "significados das palavras". É certo que podemos usar "significado" também com referência à força "illocucionária." Porém, faz-se necessário "distinguir força e significado, no sentido em que o significado é equivalente ao sentido e à referência, assim como se tornou essencial distinguir sentido e referência dentro do significado" (AUSTIN, 1962, p. 100).

Quanto à referência, Moscovici (2013 p. 37) acrescenta que:

todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições científicas implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e quebra as amarras da informação presente.

Do seu posicionamento filosófico, Foucault (1980, p. 114) acredita que o "ponto de referência não deva ser o modelo de (língua)gem e os sinais". Para ele, a história que nos leva e nos determina está em forma de guerra em vez de linguagem: "com base em relações de poder e não relações de significado." E acrescenta: "Nem a dialética, como lógica de contradições, nem a semiótica, como a estrutura de comunicação, pode representar a intrínseca inteligibilidade dos conflitos.

Foucault (1980) utilizou a palavra "representação" para se referir à produção de conhecimento – e não exclusivamente de significado –, através do uso de discursos, em vez de apenas linguagem. Sua concepção de "discurso" estava mais concentrada na proveniência do significado do que na sua existência, partindo de seu princípio de que o discurso é sempre dependente do contexto.

Essa dependência nos recursos ou sistemas culturais (valores, ideias e práticas), para Moscovici (2013), capacita os indivíduos a se orientarem dentro do seu mundo material e social e controlá-lo. Concomitantemente, permite-lhes a comunicação entre os membros de uma comunidade por fornecer um código (língua)

para interação social e para nomear e classificar, sem ambiguidades, vários aspectos de seu mundo, em sua individualidade ou grupo histórico.

Há uma imprecisão necessária e inevitável sobre a linguagem. Há um deslizamento constante de significado em toda interpretação, uma margem – algo em excesso do que pretendemos dizer – em que outros significados ofuscam a afirmação ou o texto; onde outras associações são despertadas para a vida, dando o que se diz ser um toque diferente. Assim, a interpretação torna-se um aspecto essencial do processo pelo qual o significado é dado e tomado (HALL, 1997b).

Clifford (2008), no estudo da cultura, entende que os significantes são os atos simbólicos ou conjuntos deles, e o objetivo é analisar o discurso social. Seria o mesmo que investigar a relevância não manifesta das coisas. Em outras palavras, é buscar os detalhes, descartando “rótulos” falsos para apreender a essência não somente das culturas, mas dos indivíduos dentro de cada cultura. O autor complementa:

O intelecto humano, no sentido específico do raciocínio orientador, depende da manipulação de certos tipos de recursos culturais, de maneira tal a produzir, descobrir, selecionar os estímulos ambientais necessários ao organismo — qualquer que seja o propósito; trata-se de uma busca de informação (CLIFFORD, 2008, p. 59).

As representações, na psicologia social de Moscovici (2013), orientam-se para as indagações de como os processos sociais, tanto o que é preservado quanto o que é transformado, fazem parte da vida social. É na trajetória que as transformações ocorrem, e os processos sofrem influências que vão além da “conformidade ou submissão”. Para o autor, o processo de influência social deve levar em consideração a influência da minoria ou valer-se da inovação. Entende que as representações não podem ser tomadas como algo pronto ou dado. Sua preocupação é discuti-las como fenômeno, algo em construção, muito mais do que um conceito dado, estático. Essa postura leva à perspectiva da diversidade, da falta de homogeneidade dentro das sociedades, refletindo uma distribuição desigual de poder e diferentes formas de representação.

Em qualquer cultura, rupturas nos sistemas de representação ocorrem e novas formas de representação surgem. Moscovici (2013) refere-se a pontos de clivagem onde surge o “não familiar”. Esses pontos geram falta de sentido, e a cultura precisa de completude, buscando algum tipo de trabalho representacional para tornar familiar aquilo que não o era.

Há de se pensar, segundo o autor (2013), que em nenhum momento da história humana houve homogeneidade. O que havia, nas sociedades pré-modernas, eram instituições de poder que regulavam a legitimação do conhecimento e da crença. A modernidade trouxe condições descentradas de legitimação, pois se caracteriza pela diversidade de centros de poder, e o conhecimento e a crença não são mais exercidos da mesma maneira, devido aos “fenômenos das representações” da vida coletiva. Existem, assim, muitas formas de se estabelecer representações sociais; uma delas, a partir da modernidade, foi a comunicação que enfatizou a heterogeneidade da vida social moderna, levando a um olhar diferenciado para o surgimento de novas formas de representação, entre elas, a linguagem.

Vislumbra-se, então, que o significado se apoia na representação por meio da linguagem, pois a representação é um processo de construir a realidade de forma diferenciada através das culturas, em seus períodos da história. No momento em que o foco deste trabalho é a hibridização, entende-se que há uma relevância em compreender as culturas através de sistemas de representação, dos processos; considerar como as práticas sociais e comunicativas se realizam. É visar como as culturas mudam, transformam-se, encontram-se, (re)surgem, conflitam ou se solidificam.

A língua prova, indubitavelmente, tanto por sua abordagem semântico-pragmática quanto discursiva e pelos processos de representação, que uma mesma comunidade linguística compartilha sua história, valores abstratos e concretos, numa interação significativa. À medida que um membro sai de sua comunidade linguística ou interage com sujeitos externos que vêm para a sua comunidade, há a necessidade de uma língua(gem) mediadora que possa ser interventora e comunicadora dos seus desejos e intenções e vice-versa: ela deve ser uma língua(gem) compartilhada em termos de um mapa conceitual básico, sob pena da representação e da significação não se realizarem. Neste estudo, a língua de interesse é o inglês, bem como sua repercussão como a língua universal da atualidade, justificando entender a trajetória da língua na sua universalização.

4.4 A língua universal como elo de identidade cultural

Existe uma tendência de as pessoas pensarem em conhecer uma língua meramente como um instrumento de uso, no seu caráter utilitário. O seu valor é

mensurado pelo que ela pode fazer por nós, e não para nós. Equivocadamente, muitos pensam que dominar uma língua é, em última análise, dizer a mesma coisa com um conjunto de palavras e sons diferentes. Na realidade, aprender uma língua é participar em relações sociais, num mundo complexo de pessoas e culturas diferentes. Conhece-se uma língua à medida que se descobre um novo eu, num novo mundo, através do aprendizado dessa língua (REVUZ, 1998).

Aprender outra língua envolve: a compreensão de um universo de signos arbitrários que deslocam o sujeito a um novo contexto, na reconstrução de conceitos de mundo, num processo ao mesmo tempo pessoal e social; a percepção de aspectos culturais diferentes de seus próprios; o entendimento de que diferentes culturas recortam o mundo de formas diversas e que essas se expressam na língua(gem). Isso exige, também, a consciência linguística das estruturas da segunda língua, pois essa consciência facilita o processo de compreensão e aprendizagem (PACHECO, 2007).

Muitas vezes, professores de inglês são induzidos a realizar suas aulas como se não houvesse a necessidade de negociar significado com seus alunos. Alguns métodos de aprendizagem pecam por não levar em consideração alguns tópicos que podem gerar duplicidade de sentido.

Sob esse aspecto, James e Garret (1992) apresentam cinco grandes domínios (campos) acerca da consciência linguística: o afetivo, o social, o de desempenho, o cognitivo e o de poder.

O afetivo relaciona-se com a abordagem humanística de Stevick (1976), segundo a qual a consciência linguística visa a uma atividade linguística individual. O encorajamento do aprendiz a interiorizar a gramática de uma língua estrangeira não é somente uma ação de inteligência e cognição. Essa incorporação de informações linguísticas deve passar pelo afetivo para alcançar o sucesso de aprendizagem da língua. A consciência linguística, sob o domínio afetivo, contribui para a formação de um aprendiz sensível, atento e interessado na busca de respostas.

O social enfoca a multiplicidade de línguas interligadas em virtude das (i)migrações, especialmente, em países de primeiro mundo. A diversidade étnica e as relações intergrupais ocasionam divergências quanto à manutenção da unidade de linguagem, e a consciência linguística serve como suporte para o entendimento das diferenças de origens e características de cada língua ou dialeto (JAMES; GARRET, 1992).

Concernente ao domínio do desempenho, volta-se à questão de o conhecimento sobre a língua influenciar, ou não, o desempenho ou controle sobre a mesma. Os aprendizes de línguas fazem progresso em suas habilidades na medida em que percebem que seu discurso falado ou escrito não se encaixa no discurso modelo.

O cognitivo está intimamente ligado ao de poder. A vantagem de uma abordagem cognitiva estrutura-se em virtude da consciência de padrões, contrastes, sistemas, unidades, categorias e regras da língua em uso e da capacidade de refletir sobre elas. Os aprendizes devem estar conscientes das formas e funções da língua, sem, contudo, voltar ao estudo gramatical descontextualizado. O estudo da língua deve partir do modelo da língua em uso, e as implicações cognitivas devem permitir que a linguagem seja a tradução do intelecto (JAMES; GARRET, 1992).

Finalizando, o domínio do poder aponta para a questão do uso da língua como instrumento de manipulação. Aqui é relevante citar Freire (2003) quando fala da conscientização como uma forma de alertar as pessoas dos significados implícitos, que nos levam à aceitação silenciosa de artifícios retóricos daqueles que têm maior acesso à comunicação verbal.

Por vezes, a língua é entendida como um aparelho para descrever e relatar fatos da realidade ou, mais cientificamente, dentro de uma organização para melhorar seu gerenciamento instrumental e tecnológico. Acredita-se que essa visão sobre a língua é um tanto limitada. A língua não é apenas conteúdo, ela é, como já foi expresso, constituinte do processo de contextualização do conteúdo. Ela é meio de criação, e o que se cria com ela provê opiniões (um contexto) dentro do qual apropriase de uma realidade e orienta ações.

Oliveira (1996, p. 206) propõe que:

o primeiro passo nessa nova experiência consiste em superar a postura objetivante na consideração da linguagem: a linguagem não é simplesmente um objeto presente que está diante de nós, mas todo pensar que já se movimentou no seio da linguagem, ou seja, se articula numa abertura, num espaço linguisticamente mediado, no qual se abrem para nós perspectivas para a experiência do mundo e das coisas. Quando falamos da linguagem, diz Heidegger, nunca abandonamos a linguagem, mas sempre falamos a partir dela. Nosso ser-no-mundo é, portanto, sempre linguisticamente mediado, de tal maneira que é por meio da linguagem que ocorre a manifestação dos entes a nós.

Bakhtin (2006, p. 34) assevera que, nesse fluxo das relações sociais, a consciência toma forma e existência através dos signos criados por um grupo

organizado. São os signos o sustento da consciência individual, o conteúdo para seu desenvolvimento, refletindo sua coerência e suas regras. “A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada.”

A língua conecta a cultura e a identidade. A língua(gem) é a “cola” da comunicação entre os membros de uma comunidade, facilitando a significação da língua comum que está em constante processo de transformação, formatando e sendo formatada pela cultura e pela identidade do grupo.

A teoria da Ação Comunicativa de Habermas (1984) sugere um repositório dos valores e normas culturais da comunidade linguística a que pertence, uma vez que a língua(gem) fornece a base para a consciência do indivíduo. A racionalidade é expressa pela linguagem, enquanto o pensamento coletivo é formado por indivíduos que compartilham a língua entre si. Essa língua compartilhada, conforme o autor, estabelece relações por construir uma base de experiências comuns para os que compartilham dela.

Moscovici (2013, p. 55), nesse sentido, agrega a memória, considerando que a dinâmica das relações, em sua totalidade, é uma dinâmica de familiarização, em que os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a encontros e paradigmas anteriores. A memória se sobrepõe à dedução, o passado sobre o presente.

Mesmo que as considerações anteriores possam aludir à importância da linguagem, num sentido amplo, como elemento de conexão cultural e identitário, crucial às relações sociais, no compartilhamento de experiências de grupo, não se pode esquecer que, aqui, o inglês, é a língua catalizadora dessas abordagens.

Em sua posição como uma língua global, o inglês é falado por um quarto da população mundial e permite um verdadeiro mercado único de conhecimentos e ideias. Ele pertence ao mundo, pois é falado, cada vez mais, por falantes não nativos, que já superam, significativamente, os falantes nativos (BRITISH COUNCIL, 2013).

Nesse aspecto, Ortiz (1994, p. 28) refere-se ao inglês como “língua mundial” por entender que sua “transversalidade revela e exprime a globalização da vida moderna e sua mundialidade preserva os outros idiomas no interior deste espaço transglóssico”. Sua abrangência ultrapassa as fronteiras dos povos anglofônicos, penetrando domínios distintos para se transformar na língua oficial das relações internacionais.

Crystal (2003) explica que uma das motivações de aprender inglês é que ele proporciona o contato com mais pessoas do que qualquer outra língua, mesmo que o domínio da língua exija muito esforço, ocasionando, até mesmo, resistência em aprender.

Outro aspecto salientado pelo autor é a íntima ligação entre o domínio da língua e seu poder cultural, tecnológico e econômico, que é explicado, no caso do inglês, através de sua história:

uma língua não se torna uma língua global por causa de suas propriedades estruturais intrínsecas, ou por causa do tamanho de seu vocabulário, ou porque tem sido um veículo de uma grande literatura no passado, ou porque ela já foi associada com uma grande cultura ou religião. Esses são todos fatores que podem motivar alguém a aprender uma língua, é claro, mas nenhum deles, sozinho, ou em combinação, pode garantir uma propagação mundial de uma língua. Na verdade, tais fatores não podem mesmo garantir a sobrevivência como uma língua viva – como é evidente a partir do caso do latim, aprendido hoje como uma língua clássica por poucos acadêmicos ou religiosos. Do mesmo modo, as propriedades estruturais inconvenientes (como ortografia difícil) não inibem uma língua de alcançar o status internacional também. Uma língua, tradicionalmente, se torna uma língua internacional por uma razão principal: o poder do seu povo – especialmente seu poder político e militar. (CRYSTAL, 2003, p. 9).³⁸

O autor complementa que a história de uma língua global pode ser traçada através do sucesso de suas expedições, na voz de seus soldados e navegadores, e o inglês não foi exceção.

Nesse passo, Raffestin (1993) refere-se à língua como um “trunfo”, um meio identitário marcado pelas relações de poder. O autor, ao fazer uma analogia da língua como recurso, entende que o inglês é a “mais-valia” na maioria das grandes relações econômicas, políticas, sociais e culturais, sendo meio de acesso à modernidade cultural para sociedades como um todo. Essa “mais-valia” se manifesta no plano da língua, feita no interior da relação de produção. Não é direta como a detectada na relação econômica, mas indireta e de caráter sêmico. É um modo de troca linguística.

³⁸ A language does not become a global language because of its intrinsic structural properties, or because of the size of its vocabulary, or because it has been a vehicle of a great literature in the past, or because it was once associated with a great culture or religion. These are all factors, which can motivate someone to learn a language, of course, but none of them alone, or in combination, can ensure a language's world spread. Indeed, such factors cannot even guarantee survival as a living language – as is clear from the case of Latin, learned today as a classical language by only a scholarly and religious few. Correspondingly, inconvenient structural properties (such as awkward spelling) do not stop a language achieving international status either. A language has traditionally become an international language for one chief reason: the power of its people – especially their political and military power (tradução da autora).

Essa mais-valia linguística promove a língua dominante, que passa a ser veiculadora da produção, da circulação e da interpretação das mensagens e passa a controlá-las.

Dentre os principais fatores que levaram o inglês ao patamar de língua universal, segundo Crystal (2003), estão aqueles relacionados a uma fundamentação cultural, devido à gama de produção literária em inglês; aos desenvolvimentos políticos, justificados pelo crescimento do Império Britânico, que a tornou a língua oficial das colônias britânicas; e ao fato de a Grã-Bretanha ter se tornado a nação líder no comércio e na indústria, em nível mundial. A maioria das inovações da Revolução Industrial era de origem britânica, o que induziu as outras nações a buscarem aprender o inglês como acesso ao conhecimento e o que levou, também, muitos empresários e investidores estrangeiros a deixarem seus países de origem e estabelecerem seus negócios em solo britânico.

A história do inglês durante todo esse período foi de rápida expansão e diversificação pela inovação, tornando a língua o primeiro meio de expressão. Segundo Crystal, não é possível identificar a causa e o efeito. Assim, muitos avanços foram ocorrendo e, no final do século XIX, “um clima de opinião, em grande parte não expressa, tinha tornado o inglês a escolha natural para o progresso” (CRYSTAL, 2003, p. 83).

Mas o crescimento da influência da língua, através da expansão política, entrou em declínio. Muito mais importante para o idioma inglês, no mundo pós-guerra, foi a maneira pela qual os legados culturais da era colonial e da revolução tecnológica foram sendo sentidos em uma escala internacional. O inglês estava, agora, emergindo como um meio de comunicação em áreas de crescimento que, gradativamente, moldavam o caráter da vida doméstica e profissional do século XX.

A Liga das Nações, que foi substituída, em 1945, pela Organização das Nações Unidas, foi a primeira, entre muitas alianças modernas internacionais, a designar um lugar especial para o inglês nos seus trabalhos (CRYSTAL, 2003).

Outro aspecto que provocou ascensão do idioma parte da postura pós-guerra assumida pelos Estados Unidos, através de sua indústria midiática, mais especialmente, a cinematográfica, responsável pela proliferação de modelos de relações sociais e modo de vida (*the American Way of Life*), pelo enaltecimento dos produtos de sua economia, bem como pela geração de uma indústria cultural própria nas relações internacionais com impactos políticos (MATTELART, 2005).

Ortiz (2000) ressalta que não se pode esquecer que o inglês não é americano ou britânico. O inglês é uma língua utilizada hoje em função de vários fatores, principalmente devido ao processo de colonização nos continentes asiático e africano. Então, o inglês se colocou de fato como uma língua importante. Isso não significa que as outras línguas vão desaparecer. Não há um processo gradativo que fará com que as outras culturas desapareçam. Existe um processo e, nesse processo, um movimento de expressão das diferenças culturais, identitárias e linguísticas.

Esse processo não é neutro, ele é hierarquizado. E, nesse sentido, a posição do português é muito inferior à posição do inglês, também é inferior em relação ao espanhol. O espanhol deixou de ser uma língua latino-americana ou espanhola e tornou-se uma língua importante, também, dentro dos Estados Unidos, por causa da imigração de mexicanos. No contexto internacional, a utilização do espanhol passou a ser muito mais importante do que a do português, mas essas línguas permanecerão. Ao contrário, pode-se dizer que o processo é de afirmação, de multiplicidade, de diversidade. Só que essa multiplicidade se afirma num mundo hierarquizado. Tem diversidade que vale mais e tem diversidade que vale menos (ORTIZ, 2000).

Aprender inglês para falantes de outras línguas se tornou uma realidade inegável. Seu aprendizado associa-se ao seu caráter social, no qual um conjunto de significados intrínsecos ao seu sistema cultural e linguístico é ativado no processo da aprendizagem. Ocorre uma interação de significações na vida e no modo de ser da comunidade em questão, em que a cultura, fruto da interação social, é o vínculo de um conjunto de ideias, comportamentos e práticas sociais, na constante reconstrução identitária (HALL, 1997a).

Os signos, ao serem proferidos, repetidos e identicamente, têm sua significação reiterada. Dessa maneira, a significação é entendida como necessária para a realização de uma enunciação (aqui entendida como “tema”) que reúne um “sistema de signos dinâmico e complexo”, adequando-se “às condições de um dado momento da evolução”. Nas palavras de Bakhtin (2006, p. 132), “o tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema.”

Ao se ensinar uma língua estrangeira, é infactível atribuir uma significação a uma palavra independente, sem colocá-la numa proposição, num exemplo (num tema). Em contrapartida, o tema deve carregar certa estabilidade, mantendo

vinculação semântica com os elementos circundantes, sob pena de perder seu sentido (BAKHTIN, 2006).

Para o autor, a significação da palavra é inseparável da situação concreta em que se realiza. Mas Bakhtin (2006, p. 133-134) explica que

à medida que a linguagem se desenvolveu, que o seu estoque de complexos sonoros aumentou, as significações começaram a estabilizar-se segundo as linhas que eram básicas e mais frequentes na vida da comunidade para a utilização temática dessa ou daquela palavra.

Ao pensar a origem da língua(gem), Bakhtin (2006, p. 102-103) busca, no historiador e linguista Nicholas Marr, a sustentação para conectar o fato de que a linguística e a filologia estão voltadas para a palavra estrangeira pelo papel histórico que essa desempenhou no processo de formação de todas as civilizações da história. Essa função foi aferida à palavra estrangeira em toda a gama da criação ideológica, da estrutura sócio-política ao código de boas maneiras. Segundo o filósofo:

a palavra estrangeira foi, efetivamente, o veículo da civilização, da cultura, da religião, da organização política (os sumérios em relação aos semitas babilônicos; os jaféticos em relação aos helenos; Roma, o cristianismo, em relação aos eslavos do leste, etc.). Esse grandioso papel organizador da palavra estrangeira – palavra que transporta consigo forças e estruturas estrangeiras e que algumas vezes é encontrada por um jovem povo conquistador no território invadido de uma cultura antiga e poderosa (cultura que, então, escraviza, por assim dizer, do seu túmulo, a consciência ideológica do povo invasor) – fez com que, na consciência histórica dos povos, a palavra estrangeira se fundisse com a ideia de *poder*, *de força*, *de santidade*, *de verdade*, e *obrigou* a reflexão linguística a voltar-se de maneira privilegiada para seu estudo. (BAKHTIN, 2006, p. 103).

Bakhtin (2006) entende que tanto a filosofia da linguagem quanto a linguística negligenciam o papel ideológico da palavra estrangeira. Sendo produto da palavra estrangeira, a linguística deveria buscar compreender o papel dessa palavra na historicidade e consciência linguística. Tendo a origem do processo de aquisição de uma língua estrangeira como objetivo de investigação científica, a reflexão linguística passou a servir também para além da pesquisa e voltou-se para o ato de ensinar, à medida que era decifrada.

Retomando o sentido da palavra, diz-se que esse é determinado por seu contexto. A palavra tem tantas significações quantos forem os contextos que possam existir para ela. Entretanto, ela não perde sua unidade, não se desintegra. Conciliar a polissemia da palavra com sua unicidade requer a manutenção de sua composição

fonética, bem como uma unicidade inerente a todas as suas significações; ou seja, uma questão que envolve a dialética.

Bakhtin (2006) entende que a consciência linguística tem fundamental impacto no aprendizado de outra língua. Entende que a língua não é um algo pronto a ser utilizado; há a necessidade de se penetrar na corrente da comunicação verbal, e é nessa corrente que a consciência desperta e começa a operar. É no processo de aquisição de uma língua estrangeira que a consciência já constituída – graças à língua materna – se confronta com uma língua formada, que está posta para ser assimilada. Ressalta que as pessoas não “adquirem” sua língua materna, pois é por ela que ocorre o primeiro sopro de conscientização.

Num exercício elucidativo, buscou-se, através do diagrama, representar a região, como base da pirâmide, e a língua como agente do processo de hibridismo cultural, ou seja, o modo como uma possível apropriação da língua inglesa se insere nesse processo.

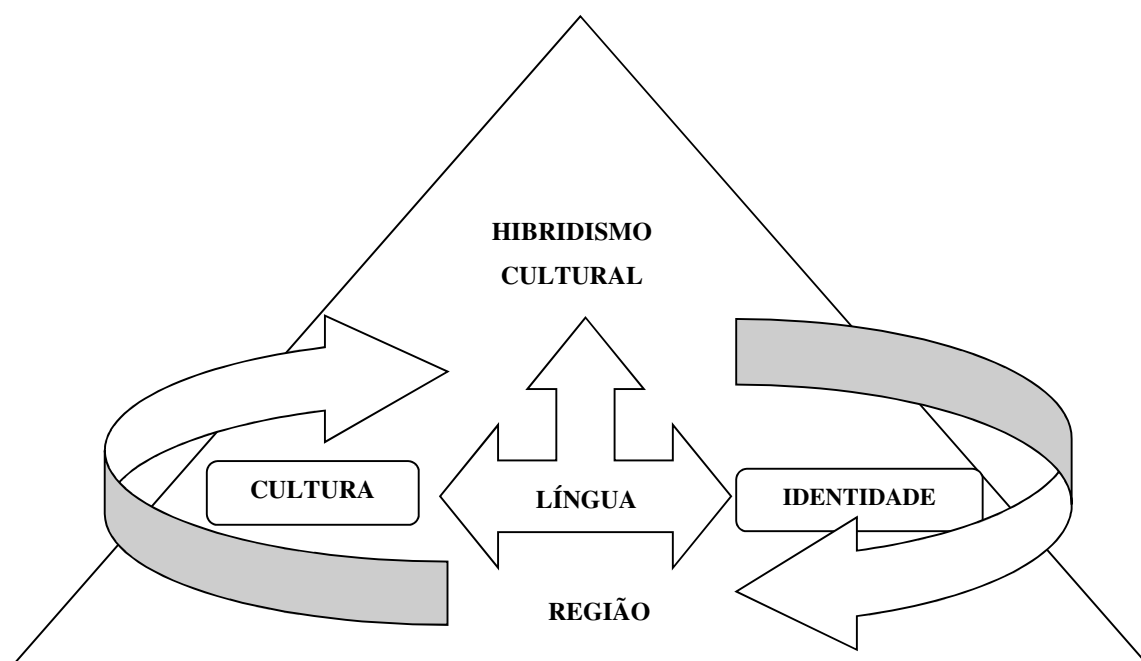


Figura 1 - O hibridismo cultural: a língua inglesa na região de Santa Cruz do Sul
Fonte: figura criada pela autora (2015)

Apesar do entendimento de que a teorização sobre temas tão entretrecidos pode gerar a ideia de que as abordagens são recorrentes, entende-se, neste estudo,

que elas são reforçadoras dos aspectos basilares que conduziram para a análise da pesquisa empírica, que é o capítulo que segue.

5 PROCESSO DE HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

A abordagem metodológica da fenomenologia-hermenêutica colaborou de forma a ampliar e aprofundar o estudo aqui proposto, uma vez que, por meio dela, foi possível assumir uma atitude reflexiva em relação ao objeto (a língua inglesa e o hibridismo cultural na região de Santa Cruz do Sul), levando em consideração a percepção dos agentes (os sujeitos participantes na pesquisa), ao passo que é, também, da fenomenologia, o processo de constituição do fato social, pois são os agentes sociais que concebem a realidade social a partir da construção de significados (cultura e identidade regionais).

Coltro (2000) diz que Husserl, fundador da fenomenologia, parte da concepção de que o conhecimento se dá não na observação do fato, mas na compreensão do fenômeno; é como vem à consciência um fluxo temporal de vivências que, tendo a intenção, tem a capacidade de atribuir significação às coisas externas.

Aquilo que a consciência intenciona, dando significação para o objeto, faz com que ele transcenda sua existência real, que está sujeita ao conhecimento de sua relação com a consciência. O aspecto hermenêutico da base metodológica pode ser interpretado metaforicamente por um elemento circular que representa as atividades que agrupam o fenômeno, a sua interpretação e reinterpretação, voltando a se repetir. Vale-se da experiência vivida em si, um processo primordialmente interpretativo, em que a interação entre as pessoas é compreendida por meio do uso da linguagem. Portanto, em suma, esse questionamento deve reunir dados do vivido, interpretação e análise dos mesmos, realizando uma nova compreensão do fenômeno que leve a posteriores interpretações (COLTRO, 2000).

Lencioni (1999, p. 154), ao aproximar essa abordagem metodológica à geografia regional, acentuou que a “preocupação com o caráter social da Geografia conduziu a construção de novos parâmetros ao estudo regional”.

Da mesma forma, um dos elementos de significação para a sociologia é pôr em suspenso as noções recebidas de nossa cultura (estruturas simbólicas, incluindo a linguagem) e questionar o que nos foi transmitido. Há uma tendência em apreender o mundo pelo que nos foi ensinado, e a aceitação dessas noções ocorre sem questionamento. Wolff (1980) afirma que pela fenomenologia não deveríamos aceitar noções recebidas como prontas. Há de se questionar a nossa maneira de ser e ver as

coisas – nossa cultura.

A circunscrição histórica do sujeito é enfatizada por Holanda (2006), uma vez que a pesquisa envolve lembrar sua experiência, expô-la, para proporcionar uma descrição compreensiva para a análise estrutural que refletirá na imagem, cerne dessa experiência. Essa abordagem metodológica orienta à reunião dos dados do vivido, à análise e interpretação dos relatos do vivido e a uma nova compreensão, que pode levar à concretização de outra proposta no contexto histórico do sujeito. Envolve um retorno ao vivido e obtém entendimentos para fundamentar a nova imagem gerada a partir dessa reflexão.

Metodologicamente, e sendo base deste trabalho, os Estudos Culturais trazem em sua bagagem os termos-chave consciência e subjetividade, dizendo respeito às formas históricas da consciência ou às formas subjetivas pelas quais se vive. Significa construir leituras dos modos de compreender o mundo relacionados a um contexto histórico (JOHNSON, 2010).

Segundo Escosteguy (2010), o material obtido diante de práticas metodológicas etnográficas deveria ser tratado com vistas a lidar com a cultura no escopo da hermenêutica, levando em conta os discursos, os sentidos, as narrativas, pois a pesquisa em E.C. interpreta, podendo levar a novos significados.

Outro aspecto importante é que os valores qualitativo e de projeção numérica podem ser considerados complementares nos E.C. Stokes (2003) diz que é importante entender que a maioria dos tópicos de pesquisa em E.C. envolvem medidas e análises de ambos. O método qualitativo pode englobar dados numéricos válidos e confiáveis. A confiabilidade é medida em quão bem a pesquisa é feita, e a consistência dos resultados, pela forma acurada e apropriada como é conduzida. A noção estereotipada por muito tempo levou pesquisadores a negligenciar as oportunidades que cada método traz em si.

A partir desse embasamento, buscou-se aliar técnicas e procedimentos metodológicos que levassem a pesquisa ao seu encaminhamento e completude.

5.1 Técnicas e procedimentos metodológicos

A pesquisa bibliográfica e documental contribuiu para o entendimento dos temas a serem aprofundados, vindo a complementar, ratificar e retificar o planejamento do trabalho de campo, bem como sustentar o objetivo referente ao

levantamento histórico e cronológico.

A entrevista semiestruturada evidenciou aspectos da configuração urbana, a partir da instalação das indústrias, especialmente na cidade de Santa Cruz do Sul, na metade do século XX.

O ensaio fotográfico, no qual coletaram-se fotografias tiradas nas municipalidades de Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Vera Cruz levou a perceber a concretude do que está relacionado à influência da língua, como, por exemplo, nomes de estabelecimentos comerciais escritos em inglês, bem como a intencionalidade que subjaz à escolha desses nomes. Para isso, procurou-se contatar, aleatoriamente, alguns proprietários e gerentes dos locais fotografados. A fotografia cria oportunidades para a representação da identidade, (re)criação e reconhecimento de aspectos culturais inseridos no processo de hibridização. É uma técnica de observação e análise válida dentro dos estudos socioculturais (BOURDIEU, 1990).

A pesquisa empírica, também, teve como base um questionário aplicado *on-line* com perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha, utilizando o sistema Google Drive Formulários:

<https://forms.gle/1yKeTiyoS2ng>

O termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE A) para participação no questionário constava na primeira página do mesmo, e a autorização era formalizada mediante o envio de todas as respostas.

O questionário (APÊNDICE B) foi uma técnica de coleta de dados de campo escolhida por entender-se que o mesmo vem a contribuir para a descrição de aspectos que facilitam a compreensão de peculiaridades culturais em grupos determinados, amparando a analogia com outros. Esse tipo de questionamento abre espaço para o participante se expressar, ao mesmo tempo em que estreita algumas questões pontuais que se queira definir. Ele permite tanto a qualidade quanto a quantidade nos procedimentos de coleta e sistematização dos dados, levando a uma melhor amostra da população de interesse, ao aprofundamento do tema discutido, bem como apresenta maleabilidade de sua “validade” por seu caráter atemporal. Ele também permite que os participantes mostrem sua subjetividade, valores culturais e comportamentos, levando, talvez, a elementos não previstos pela pesquisadora e que sejam relevantes a esta pesquisa (MINAYO, 1992).

O questionário está dividido em seções, sendo algumas apenas direcionadas para trabalhadores das empresas, como a questão acerca de políticas de incentivo ao

estudo de língua estrangeira (inglês), outra seção é exclusiva para (i)migrantes. Salvo as seções para grupos específicos, de modo geral, a essência do questionário versa sobre como o aprendizado/contato com essa língua interfere nas atividades cotidianas de trabalho e nos demais espaços da vida (cultura).

Os procedimentos de coleta dos dados empíricos iniciaram a partir de contatos com as empresas transnacionais de tabaco, empresas de sementes e artefatos domésticos, escolas de inglês da região de estudo (Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Vera Cruz), hotéis, agências de turismo, direcionando-se às áreas específicas para a explanação dos objetivos da pesquisa e obtenção de permissão para que se pudesse captar o grupo de participantes em cada entidade.

Os sujeitos da pesquisa são trabalhadores de empresas transnacionais (nascidos na região ou (i)migrantes de outros países e regiões do Brasil), jovens-adultos que estudam ou falam inglês (residindo na região há, pelo menos, dois anos – considerados trabalhadores em potencial), funcionários de hotéis, agências de turismo e de *marketing* e propaganda, professores de escolas de inglês e afins. Para fins de cálculo amostral utilizou-se a faixa etária da população de 20 a 61 anos ou mais.

A partir da definição do perfil dos participantes, buscou-se a forma de captação dos mesmos. Esta ocorreu de acordo com a melhor adequação de contato entre a pesquisadora e os participantes.

Os meios de envio do *link* para o questionário aos participantes foram *e-mail*, *Facebook*, *WhatsApp* e *pdf*.

Um dos meios utilizados, que solicitava justificativa e correspondência formal, mesmo que por *e-mail*, foi o contato com chefias e outros funcionários das empresas, sendo alguns, não todos, conhecidos, alunos ou ex-alunos da pesquisadora. Estes, por sua vez, repassavam para colegas de setor ou, em comunicação interna, divulgavam a pesquisa para todos dentro da empresa, sempre respeitando as normas internas dos seus locais de trabalho.

Uma abordagem, por assim dizer, mais simplificada, no sentido de otimização do tempo, foi a da “bola de neve” (*snowball sampling*)³⁹ repassando para conhecidos, amigos e alunos que, por sua vez, faziam o mesmo.

³⁹ A execução da amostragem em bola de neve se constrói a partir de informantes-chave, que indicam pessoas de suas relações de amizade, de trabalho ou com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população definida para a pesquisa. Esse procedimento é um facilitador para o pesquisador iniciar seus contatos com o grupo a ser

Em seguida, foram contatados colegas de trabalho da pesquisadora, ou seja, professores de língua inglesa e proprietários de escolas de idiomas. Esses repassavam aos seus alunos e colegas professores. Quando os alunos de escolas tinham o aval dos seus próprios professores, o retorno dos questionários fluía imediatamente.

Em uma situação específica, houve uma diretora/professora de escola que enviou todos os números de telefone e os *e-mails* dos alunos, colocando a pesquisadora em contato direto com os mesmos. A diferença percebida foi em relação à confiabilidade para com a pesquisadora. Nesse caso, em particular, que ocorreu com intermediação da pesquisadora, houve um certo estranhamento ou constrangimento em aceitar responder ao questionário, mesmo sendo pela internet. Assim, o procedimento usado pela pesquisadora foi, imediatamente após identificar-se ao telefone, mencionar ter conseguido o número para contato através da professora do participante. Dessa forma, criava-se um vínculo e eles, então, mantinham o diálogo até o final, entendendo a razão do telefonema e a importância de responderem ao questionário. Esse é um aspecto cultural a ser levado em consideração, pois a identidade, como reitera Larrain (2003), é processo de construção de identificação entre os sujeitos. É no compartilhamento de significados, no processo social que ocorre uma projeção simbólica de referência de duas vias e que se consolida a identidade e a confiança mútua. Ao mencionar o nome da professora, abriu-se aos alunos a referência, aquela com a qual se identificavam, e o diálogo se estabeleceu. Acredita-se que o êxito de em torno de 86% dos alunos dessa escola terem respondido deu-se pela confiança estabelecida no início do diálogo, ao citar o nome da professora.

Houve casos de participantes que responderam à pesquisa e repassaram para os cônjuges que trabalham em empresas, pois ambos haviam vivenciado experiências como expatriados.⁴⁰

pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas inicialmente indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente. Dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada questionário, caso seja do interesse do pesquisador. A amostragem em bola de neve mostra-se um processo de permanente coleta de informações, que procura tirar proveito das redes sociais dos participantes identificados para fornecer ao pesquisador um conjunto cada vez maior de contatos potenciais, sendo que o processo pode ser finalizado a partir do critério de um ponto de saturação. Nesses termos é a abordagem conferida na obra de (GOODMAN, 1961).

⁴⁰ Expatriado é o profissional que reside (temporariamente ou não) em um país estrangeiro. No meio empresarial, esse termo é utilizado para se referir a quem foi transferido para trabalhar em outra nação. Nesse processo, o mesmo pode fazer antecipadamente uma viagem ao país para o qual será transferido para conhecer um pouco a

Os contatos com agências de turismo, agências de publicidade e hotéis também foram relevantes. Nos hotéis, os respondentes cumprem variadas funções de trabalho e mantêm contato com os estrangeiros que sazonalmente visitam Santa Cruz do Sul e região a trabalho ou turismo. Houve um caso em que o gerente (devido à ferramenta utilizada) colocou-se à disposição para auxiliar as camareiras a responderem ao questionário. Segundo alguns gerentes de hotéis contatados, há incentivo para que todos os funcionários estudem inglês, e em alguns casos há auxílio financeiro para que isso ocorra.

Por outro lado, uma parcela dos participantes, de igual valor, pertencente à geração BC (*Before Computer*), apresentou certa resistência em preencher o formulário *on-line*, mas mostrou grande vontade em participar, por entender a relevância do trabalho que estava sendo feito. Para esses participantes, foi estabelecido um horário de encontro no qual a pesquisadora fez a digitalização das respostas, enquanto o questionário era respondido. Esses participantes eram conhecidos da pesquisadora.

Os dados qualitativos provenientes das respostas abertas foram categorizados e subcategorizados em tabelas, e os dados numéricos percentuais foram codificados em gráficos de barra e *pizza*, utilizando-se a ferramenta “Google Drive Formulários”. Na sequência, passa-se para a análise dos dados.

5.2 Perfil da amostra no contexto da hibridização cultural

O instrumento utilizado na pesquisa foi o questionário disponível no APÊNDICE B e as tabelas e gráficos de pizza e barra, no APÊNDICE C e, no corpo do trabalho, excertos relevantes para exemplificação. Os dados numéricos pesquisados foram sistematizados automaticamente pelo Google Drive Formulários e para um acompanhamento mais detalhado, sugere-se a observação dos gráficos pizzas e de barras, nesse APÊNDICE.

Entendeu-se reunir um número de entrevistados que registrasse um valor de expressão no universo habitacional das municipalidades que compõe a Região de estudo. A municipalidade de Santa Cruz do Sul é composta de 118.374 habitantes,

cidade, a cultura e a empresa onde vai trabalhar e escolher sua residência. Sobre o assunto, recomenda-se a leitura de (METADADOS, 2017).

Venâncio Aires, de 65.946 e Vera Cruz, de 23.983. A população dos três municípios é de 208.303 habitantes. (IBGE, 2010). No final de 2017, o IBGE publicou a estimativa para as populações desses municípios: Santa Cruz tem uma projeção para 127.429 habitantes, Venâncio Aires, 70.481 e Vera Cruz de 26.024.

A ideia de um número significativo de respondentes, dentro de uma pesquisa de valor qualitativo, teve o objetivo legitimar os resultados. Uma vez que se discute hibridização pela influência da língua inglesa, entende-se que um grupo numericamente representativo, apresentando opiniões e expondo se sua forma de vida é afetada ou não pelo objeto de estudo, substancia a pesquisa.

Conseqüentemente, seguindo os parâmetros determinados no perfil da amostra, buscou-se o número populacional pela faixa etária dos residentes. Sendo assim, Santa Cruz do Sul apresenta 86.732 habitantes de 20 a 61 anos ou mais. Venâncio Aires 48.070 e Vera Cruz 17.129 nessa mesma faixa etária. Dois cálculos amostrais foram realizados, sendo um, através do site <<https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator>> e os resultados apontaram para uma amostra de 269 (duzentos e sessenta e nove) respondentes. A amostra do site foi inferior ao número de respondentes obtido pela pesquisa. Dessa forma, para precisão dos dados valeu-se de outro mecanismo de cálculo do site <<https://www.chekmarket.com>>, para verificar o grau de confiança e margem de erro, informando o universo pesquisado, ou seja, os 274 (duzentos e setenta e quatro) respondentes e população. Essa amostra de 151.931 habitantes apresenta margem de erro de 0% e de um índice de confiança de 99%. Os cálculos seguem nos gráficos abaixo:

Calcule o tamanho da sua amostra:

? Tamanho da população:	<input type="text" value="151.931"/>
? Grau de confiança (%):	<input type="text" value="90"/>
? Margem de erro (%):	<input type="text" value="5%"/>

CALCULAR

Tamanho da amostra:269

Imagem 1 – Calculadora 1

Fonte:< <https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator/> > (2017).

Calculate sample size margin of error

Margin of error	
Population size:	151.931
Number of respondents:	274
Confidence level:	99%
Margin of error:	0.00%

Imagem 2 - Calculadora 2
 Fonte: <<https://www.checkmarket.com>> (2017).

Sabe-se que o cálculo amostral é um parâmetro distintivo, dependendo de vários procedimentos metodológicos na condução da pesquisa. Neste caso, deve-se levar em consideração a técnica utilizada na captação dos respondentes que foi a abordagem da “bola de neve”. A amostra por bola de neve é uma técnica de amostragem não probabilística e neste estudo foi utilizada a amostra exponencial, em que os respondentes poderiam convidar dois ou mais indivíduos a participar da amostra. Procurou-se assegurar a diversidade dos respondentes através da seleção adequada dos indivíduos iniciais e com a solicitação de que expandissem a corrente de contatos.

Compreende-se, também, que essa abordagem pode gerar riscos de improbabilidade e a não garantia de representatividade, se não observados alguns critérios, como por exemplo, certificar-se que os respondentes tenham o perfil necessário para responder o instrumento da pesquisa. Essa garantia foi obtida através da seleção inicial dos contatos, que avalizou que qualquer subgrupo existente seja acessível na rede de contatos dos indivíduos iniciais (GOODMAN, 1961).

Ao estabelecer o número final de respondentes, o formulário foi fechado para adicionais respostas para que os dados pudessem ser apurados. Os gráficos pizza são autoexplicativos, todavia, algumas considerações serão tecidas a respeito dos mesmos.

Cabe ressaltar que a idade dos participantes da pesquisa, na sua maioria, 34,7%, abrange a faixa dos 21 aos 30 anos; seguida de 33,2% de respondentes entre 31 e 40 anos. Outros 19% têm de 41 a 50 anos. Os demais respondentes,

enquadrados em 13,1%, estão entre 51 a 60 anos e, desses, uma reduzida percentagem encontra-se acima dos 61 anos de idade. Esse equilíbrio etário proporciona uma incursão a diferentes períodos histórico, cultural e social, permitindo pareceres variados em relação ao trabalho, estudo, vida social, a relação das gerações com o estudo, entre outros.

Idade: (274 respostas)

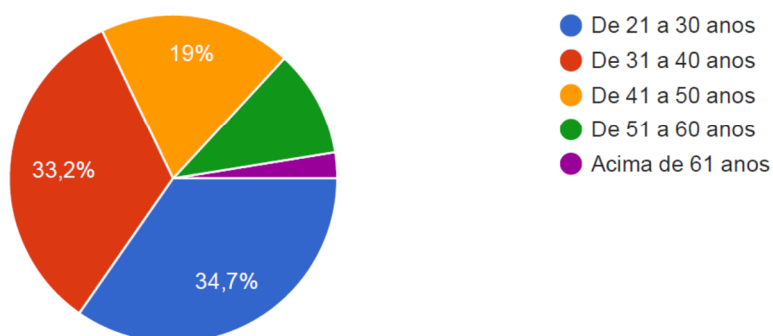


Gráfico 2 - Idade
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Percebe-se um número equilibrado de respondentes quanto ao sexo, sendo 46,4% masculino e 53,6% feminino. Da mesma forma, quanto ao estado civil, o percentual de casados de 43,1% é seguido de 40,9% de solteiros e uniões estáveis com um percentual bem menor.

Sexo: (274 respostas)

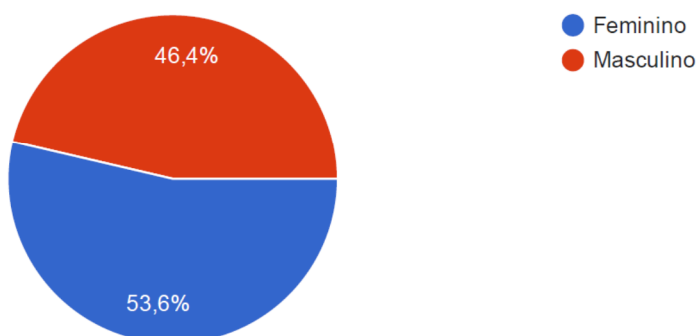


Gráfico 3 - Sexo
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Estado civil: (274 respostas)

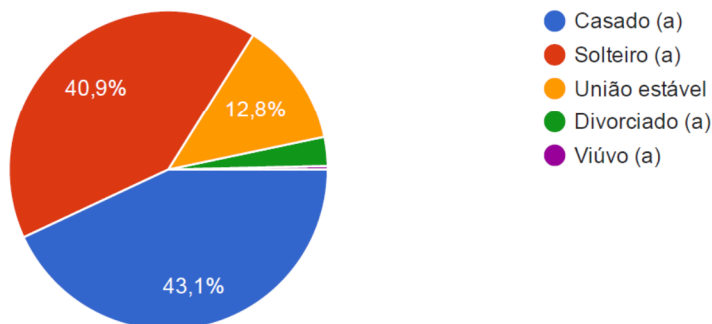


Gráfico 4 - Estado civil
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Dos duzentos e setenta e quatro respondentes, 86% trabalham em empresas sendo que desses, 40,9% estão trabalhando há menos de 5 anos; 15,7% trabalham entre 5 a 10 anos; 28,1% estão na empresa entre 10 a 20 anos; 15,3% trabalham acima de 20 anos. Desse universo, apenas 17,6% está inserido no programa de idiomas da empresa e 82,4% não possui auxílio financeiro da empresa para o estudo da língua inglesa.

Tempo de trabalho na empresa (se for o caso): (235 respostas)

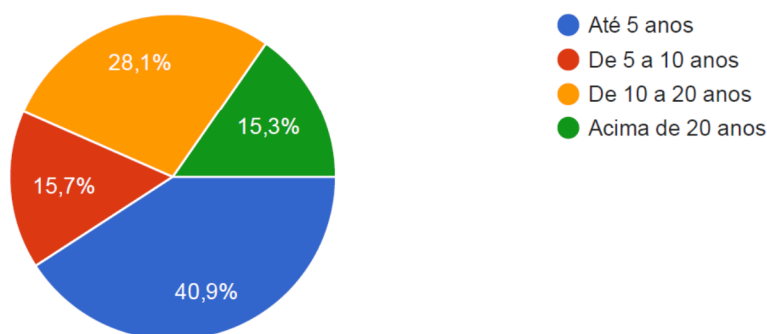


Gráfico 5 - Tempo de trabalho
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Está inserido(a) no programa de idiomas da empresa? (239 respostas)

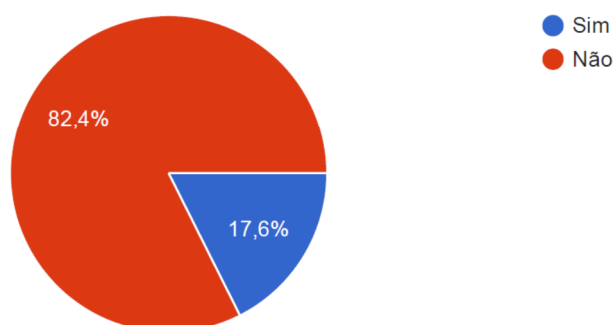


Gráfico 6 - Programa de idiomas
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Ao serem perguntados, se financiam seu próprio curso de inglês, com base em 91% de todos os respondentes, 60,2% responderam que sim, 28,1% não financiam e 11,6%, financiam parcialmente. Essas respostas têm como base o fato de que muitos recebem auxílio de familiares ou incentivos dos empregadores ou algum outro tipo de patrocínio.

Financia seu próprio curso de inglês? (249 respostas)

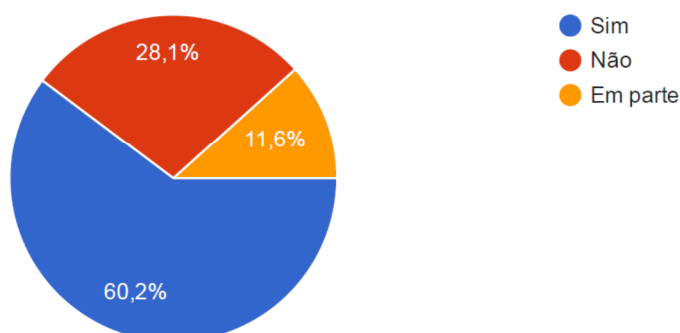


Gráfico 7 - Financiamento próprio
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Levando em consideração o fato de que muitos trabalhadores das empresas transnacionais se encontram na região por algum tipo de designação (*assignment*) de caráter temporário, para projetos específicos e com tempo definido para retornar a sua empresa base (e esta informação ser pertinente para pesquisa), procurou-se

saber se o respondente (que atua em empresas) estava nesta região em caráter permanente, temporário ou indefinido. Obtiveram-se os seguintes percentuais: 83,3% entendem estar de forma permanente na região, 9,7% não sabem definir e 7% estão em caráter temporário. Essas respostas facilitam a análise de aspectos quanto à busca de integração e interação interpessoal com membros da comunidade, especialmente, aos que estejam vivendo na região de forma interina.

Você (que atua em empresas) está nesta região em caráter: (227 respostas)

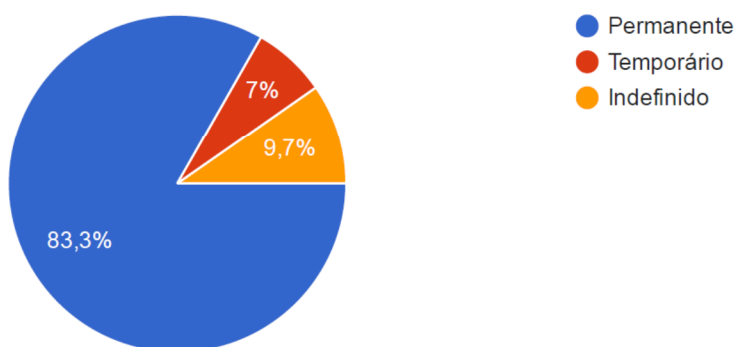


Gráfico 8 - Atuação em empresas
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Quanto ao tempo de estudo do inglês em escola regular, considerando todos os respondentes, 38,7% afirmaram ter estudado em torno de 6 anos ou mais, 35% estudaram de um a três anos, 9,9% estudaram por 4 anos e 11,3%, por cinco anos. Um número inexpressivo não estudou inglês.

Quanto tempo você estudou inglês em escola regular? (274 respostas)

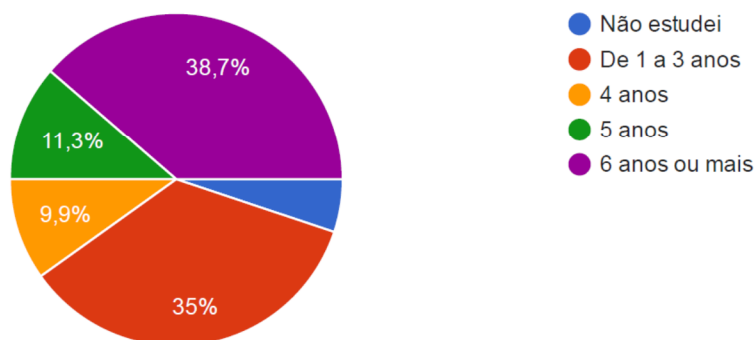


Gráfico 9 - Escola regular
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Os mesmos, ao serem indagados quanto ao tempo de estudo em escolas de idiomas, 40,1% disseram que estudaram por 5 anos ou mais, 15,3% por 4 anos, 16,1%, por 3 anos, 12%, por 2 anos e 16,4%, por um ano. Esses percentuais mostram que a maioria dos respondentes entende que o processo de aprendizagem de um idioma é um processo gradativo e demanda tempo, especialmente quando o mesmo ocorre fora de seu ambiente autóctone. Crystal (2003) salienta que uma das motivações de aprender inglês é que ele proporciona o contato com mais pessoas do que qualquer outra língua, mesmo que esse processo exija muito esforço e tempo e para alguns, ainda, cause até resistência em aprender. Da mesma forma, Hall (1997a) releva que o aprendizado e uso de uma língua, com a compreensão do seu arcabouço cultural, elemento-chave na construção dos significados para a interação social, requer tempo. Quanto ao aspecto de aprendizagem, Bakhtin (2006) afirma que aprender uma língua é um processo gradual e, permanentemente, em diálogo com um mundo real em transformação, considerando que a incompletude exige do aprendiz aperfeiçoamento constante. O tempo pode, também, estar relacionado a algum aluno que interrompe os estudos e volta ou ao tipo de metodologia.

Há quanto tempo você tem estudado inglês em escolas de idiomas?

(274 respostas)

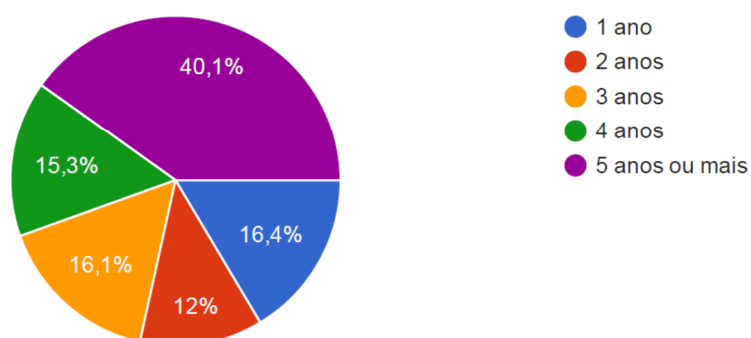


Gráfico 10 - Escola de idiomas
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

O simples fato de frequentar escolas de inglês remonta à hibridização, apontando para uma mudança de hábito, ou seja, de estudar.

Os aspectos linguísticos com maior representatividade na base da aprendizagem dos respondentes, em escola regular, foram: a gramática, com 66,9%; o vocabulário, com 44,5%, e a leitura, com 29%. A tabela do INEP (2017) reflete a

realidade das salas de aula, em que os alunos são agrupados em turmas numericamente populosas, com aulas de 45 a 50 minutos, restringindo os professores à alternativa de atividades dirigidas e que possam atingir todos os alunos de forma simultânea. As atividades, propícias a pequenos grupos, são usadas com menos frequência. Aulas de conversação, por exemplo, mostraram o percentual de 18%, que mesmo que fosse adicionado à alternativa (todas as alternativas) não geraria o percentual da leitura e estaria aproximado ao nível percentual da escrita (29%).

Número médio aluno por turma		
Período	Rede pública de ensino	Rede privada de ensino
1999	25,7	25,6
2000	25	25,4
2001	22,6	24,9
2002	22,4	24,8
2003	22,2	24,6
2004	22	24,3
2005	21,9	24,1
2006	21,8	24

Imagem 3 - Número médio aluno por turma
Fonte: INEP-MEC (2017).

É importante ressaltar o valor do estudo da gramática para o aprendizado da língua, levando em consideração que é um dos aspectos que contribui para a consciência linguística e metalinguística como habilidades individuais para refletir sobre a língua, convencionar discursos escritos ou falados a partir do conhecimento linguístico. Ao fazer uso da consciência linguística de forma a otimizar um resultado, há controle deliberado e planejado de todos os aspectos que concorrem para a compreensão e interpretação da linguagem. Existe um mito em relação às aulas de inglês nas escolas regulares como sendo “pura gramática” e não acrescentam qualquer efeito ao processo de aprendizagem. Esse é o equívoco, pois essas aulas ajudam a solidificar estruturas da língua(gem) essenciais, mesmo quando o foco é a gramática e a leitura. As aulas *the book is on the table*⁴¹ irão refletir ao longo dos

⁴¹ A frase *The book is on the table* refere-se às aulas consideradas por alguns como monótonas e ligadas ao estudo da gramática e tornou-se um jargão no meio linguístico, para enfatizar que aulas de conversação são variadas e

anos, pois o conhecimento construído e armazenado na memória de longo prazo é um dos elementos a fundamentar uma boa escrita e consequente habilidade de falar a língua com precisão (PACHECO, 2007).

Para Bakhtin (2006) a consciência linguística tem fundamental função no aprendizado de outra língua. Não é um algo acabado a ser usado. Deve-se aprofundar no fluxo da comunicação verbal, e é nesse fluxo que a consciência desperta e começa a operar. A assimilação da nova língua permite que novas construções ocorram levando à significação e à representação.

Esse processo contribui significativamente para a hibridização, uma vez que os códigos fornecem as relações entre os conceitos e os símbolos e estabilizam o significado dentro das várias culturas e levam à linguagem a missão de tornar uma específica mensagem compreensível e representativa. O resultado vem a ser o conjunto do que convencionamos em sociedade, podendo alterar-se em cultura e hibridizar-se (HALL, 1997b).

Concernente aos aspectos linguísticos que embasam seu aprendizado na escola de inglês, 47,4% dos respondentes consideram (em alternativa de múltipla escolha) que a gramática, o vocabulário, a leitura e interpretação, a escrita, a conversação são contempladas em seu aprendizado de forma equilibrada. Esses são seguidos por 46,4% de respondentes que colocam em destaque a conversação; 39,1% que tiveram o aspecto vocabular como prioridade em seus estudos. A leitura e interpretação são apontadas como os aspectos linguísticos que perfazem 28,5% das escolhas. A gramática é o aspecto que representa 29,2% das escolhas e a escrita encontra-se em 17,2% da base de aprendizagem dos respondentes. É nítida a inversão do gráfico em relação à escola regular. A população de sala de aula, tem uma influência significativa nas possíveis atividades pedagógicas e novas dinâmicas em sala de aula. Há de se levar em consideração que todo o conhecimento armazenado, do tempo de escola regular, aflora, tornando a aprendizagem em escolas de idiomas mais eficiente e eficaz, o que muitas vezes é elemento de comparação e marginaliza o processo ensino-aprendizagem na escola regular e, via de regra, as escolas de idiomas recebem todo o crédito por isso (PACHECO,2007).

Essa abordagem acima se justifica também ao avaliarem-se os resultados sobre grau de satisfação do desempenho na escola regular em relação às escolas de

atraentes, como se isso não fosse possível numa aula em que o enfoque seja a estrutura da língua ou o desenvolvimento de outras habilidades.

idiomas. Ocorre a inversão novamente. Na escola regular, a maioria, ou seja, 46,5% respondem que é básico, outros 25,6% alegam ser pouco aproveitável, 15,4% entendem ser satisfatório e 7,3%, muito bom. Uma parcela muito pequena diz que não teve inglês na escola regular. Em contrapartida os percentuais de grau de satisfação de desempenho, na escola de idiomas, apresentam-se como segue: 44,9% dizem ser muito bom; 41,2%, satisfatório, e 11%, básico. As alternativas pouco aproveitável ou inexistente não têm representatividade.

Neste ponto, incluem-se os dois gráficos com o intuito de facilitar a visualização das posições quanto às escolas regular e de idiomas.

Escola regular:

Seu aprendizado teve base em quais aspectos linguísticos (marque todas as alternativas que considerar relevantes):

(272 respostas)

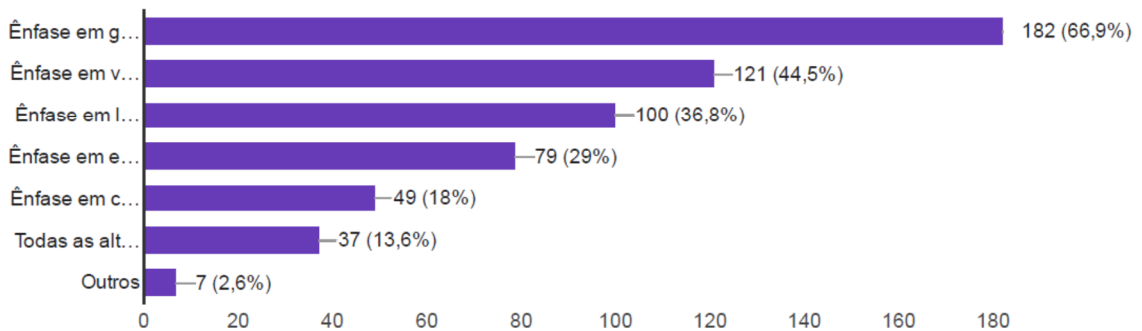


Gráfico 11 – Aprendizado na escola regular
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Escola de Idiomas:

Seu aprendizado teve base em quais aspectos linguísticos (marque todas as alternativas que considerar relevantes):

274 respostas

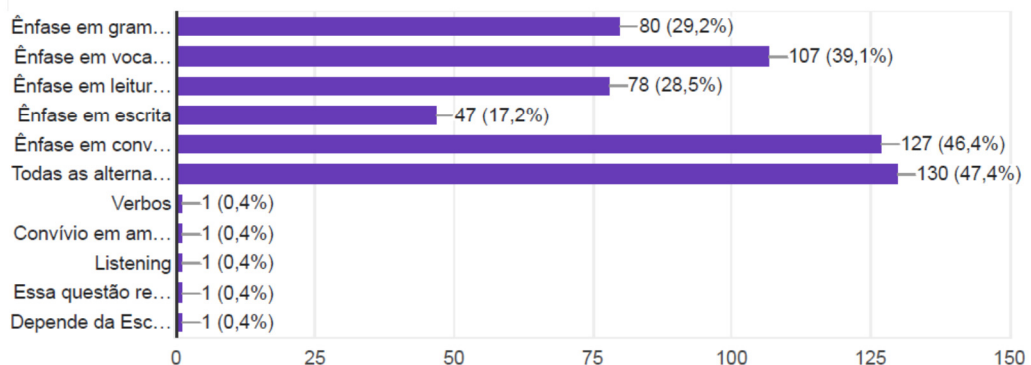


Gráfico 12 - Aprendizado na escola de idiomas
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Descreva o seu aprendizado de inglês na escola regular: (273 respostas)

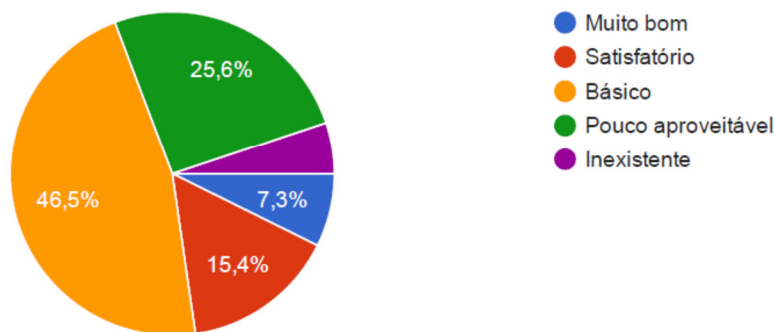


Gráfico 13 – Opinião sobre o aprendizado na escola regular
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Descreva o seu aprendizado de inglês na escola de idiomas: (274 respostas)

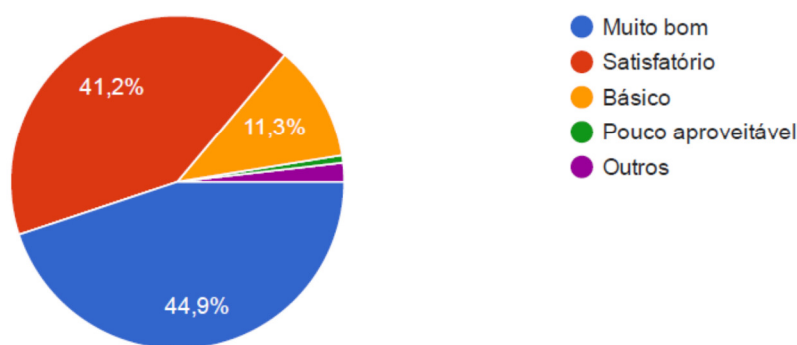


Gráfico 14 - Opinião sobre o aprendizado na escola de idiomas
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Quanto às escolas em que os respondentes estudam, as mais assinaladas independem de serem franquias ou não, mas observa-se que as escolas que proporcionam atendimento individualizado ou personalizado têm preferência. Essa observação baseia-se pelos percentuais obtidos por uma escola com metodologia própria e a escolha por professores particulares, seguidos por duas franquias. O aspecto a salientar é o fato de que, dentro do universo pesquisado, encontram-se pessoas que procuram focar nas suas necessidades e as escolas escolhidas oferecem esse diferencial. É importante ressaltar que os respondentes são jovens adultos e adultos (20 anos a 61 ou mais) e essa característica de escola é mais visada,

pelo atendimento personalizado (talvez os números seriam outros, se crianças estivessem na amostra, pois há uma tendência de as crianças preferirem grupos, para interagir com os amigos e essas não foram contabilizadas na amostra pesquisada. O processo de hibridização na região também se vincula por influenciar os respondentes para um estudo específico para atender suas necessidades. As evidências estão em subliminares mudanças de hábitos ou comportamentos.

Quais as escolas de inglês que você frequentou? (265 respostas)

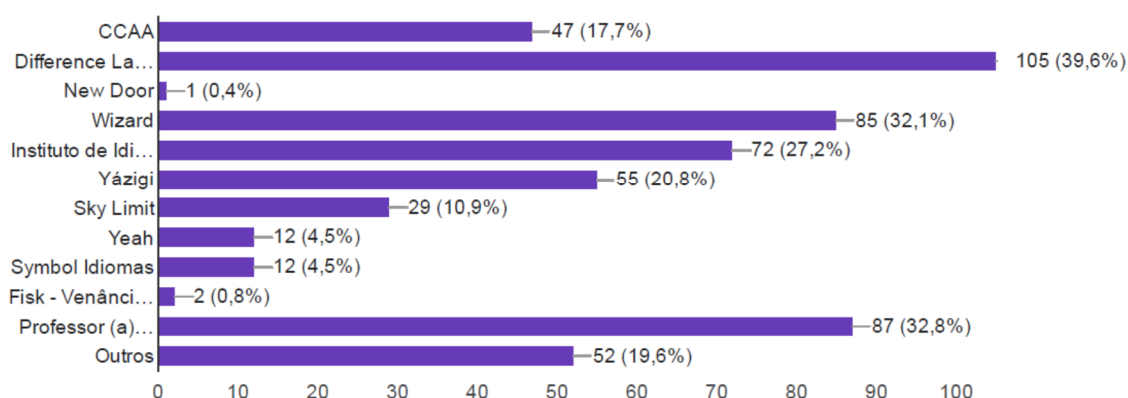


Gráfico 15 - Escolas de idiomas frequentadas
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Ao serem perguntados quanto aos critérios para escolher a escola de inglês, o percentual maior foi para “confiança na indicação de amigos” (58,4%). A propaganda de boca se explica pelos critérios da confiabilidade. Essa resposta ratifica o acima mencionado, quanto ao tipo de escola e metodologias, pois essa alternativa fica em segundo lugar, com 48,7%. O custo segue em terceira posição, com 20,6%. Há de se salientar que existe a alternativa (todas as alternativas) que leva a diluir esses percentuais, mesmo que de forma pouco expressiva. Da mesma forma, os 19,9% que optaram pelo “professor” refletem o caráter da confiança, também. Esse é um aspecto cultural valioso, pois traduz um dos fundamentos de como se estrutura a interação humana, isto é, não somente se molda o modo de fazer as coisas, mas reduzem-se as formas de transação e ganha-se em confiança uns nos outros, quando há a percepção de se estar identificado numa comunidade (NORTH, 2008).

Vogt (2004), ao referir-se ao capital social, entende que o conjunto de relações sociais caracterizadas por atitudes de confiança e comportamentos de cooperação e reciprocidade são recursos que enfatizam “associatividade das pessoas e dos grupos”, gerando o sentimento de identidade.

Para Larrain (2003), a identidade só se realiza a partir da interação simbólica com o outro. A cultura passa a conter os significados incorporados em formas simbólicas, expressões linguísticas, ações e objetos significativos vias de comunicação entre as pessoas que compartilham suas experiências.

Quais os critérios que você usou para selecionar sua escola de inglês?
(marque todas as alternativas que considerar relevantes)

(267 respostas)

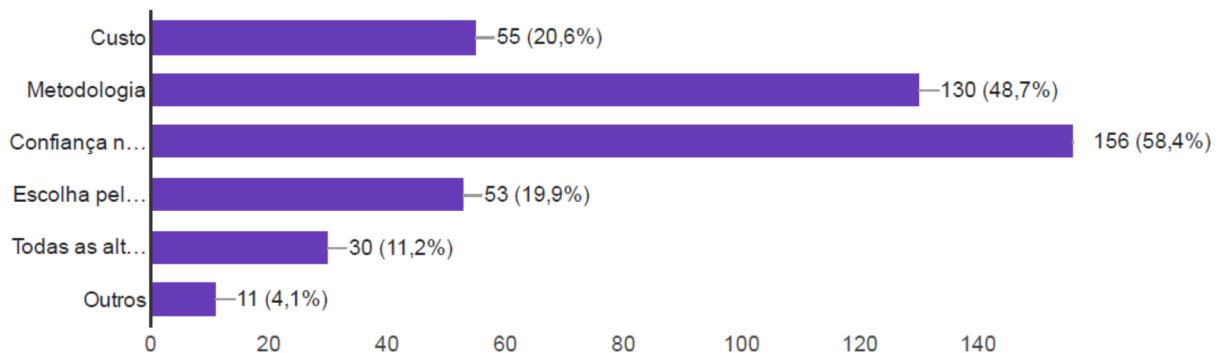


Gráfico 16 - Critérios para seleção da escola de inglês
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Buscando perceber a hibridização e o grau de uso da língua, por meio dos hábitos do cotidiano, a pergunta posta foi “Como você mantém contato com a língua inglesa fora da sala de aula ou do trabalho?” A maioria, ou seja, 73,7% entende que assistir a programas e/ou filmes em inglês é a melhor alternativa, seguida de ouvir música, com 69,7%; leitura, com 52,2 %; e socializar com falantes nativos em inglês refletem outros 22,6%. Essa interação social ocorre em certos espaços e situações, tais como: nas empresas, onde o inglês é língua recorrente, por conta das relações com a matriz, no exterior, e de executivos de outros países que permanecem na região por temporadas; entre certos grupos de jovens, em que há grande interação por meio das atividades lúdicas, como jogos e presença em redes sociais, em que dialogam em inglês, e nos ambientes de lazer dos trabalhadores de empresa, como jogos e festas, em que muitas das interações se dão em inglês. Esses aspectos representam a existência do hibridismo na região, pela mescla do uso das línguas conforme o ambiente e a situação.

Como você mantém contato com a língua inglesa fora da sala de aula ou do trabalho? (marque todas as alternativas que considerar relevantes)

(274 respostas)

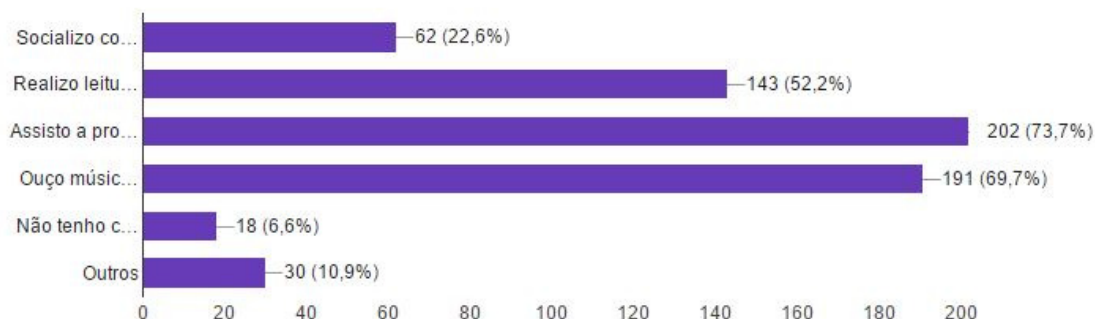


Gráfico 17 - Contato com a língua inglesa
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Ao serem indagados sobre o que acham necessário para uma boa aula de inglês, em resposta de múltipla escolha, 93,1% entendem que a diversificação das aulas, ou seja, que contemple todas as habilidades de aquisição de linguagem (ler, ouvir, escrever e falar) têm maior relevância. Após, vem a motivação do aluno, com 83,6%, a motivação do professor, com 73,4% e 74,1% entendem que a qualificação do professor deva ser considerada.

O que você acha que é necessário para uma boa aula de inglês? (marque todas as alternativas que considerar relevantes)

(274 respostas)

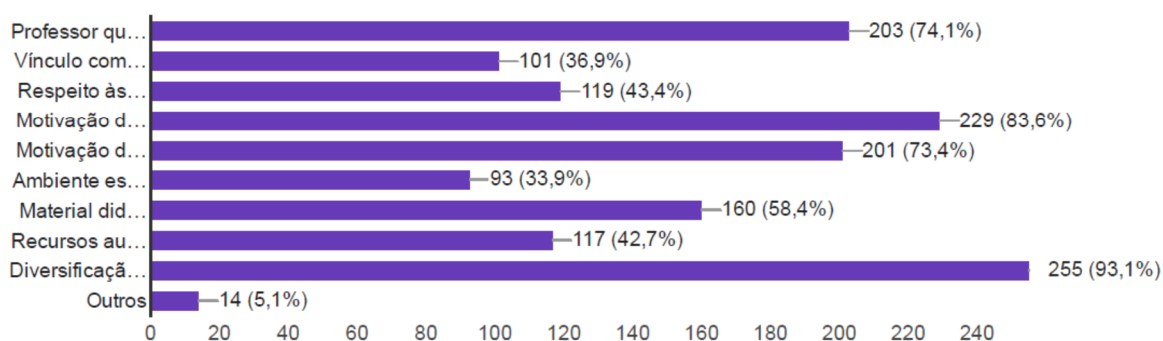


Gráfico 18 - Boa aula de inglês
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A pergunta “Quais são suas atividades nas horas livres, finais de semana ou férias”, no formato de múltipla escolha, 77% (relativo ao número de respondentes –

270) afirmam que assiste a filmes; 74,8% preferem passar o tempo em festas com a família; 70% assinalaram a opção “festas e visitas a amigos”; 69,3% gostam de ouvir música estrangeira; 53,3% preferem ouvir música brasileira, seguida da leitura de livros brasileiros, com 45,2%. “Viajar pelo Brasil” trouxe um percentual de 59,3% e “Viajar pelo exterior” representa 37,4%.

Quais são suas atividades nas horas livres, finais de semana e férias?
(marque todas as alternativas que considerar relevantes)

(270 respostas)



Gráfico 19 - Atividades nas horas livres
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

No questionário, a penúltima seção está endereçada apenas para os participantes que migraram para esta região, razão pela qual os percentuais irão referir-se a um número menor de respostas.

Inicialmente foram questionados quanto às razões para morar nesta região. A principal motivação foi o trabalho, com 47,2% dos cento e oito (108) respondentes; no segundo plano, o estudo trouxe 17,6% e o trabalho dos pais apresenta 16,7%. Pode-se dizer que menos de 4% migraram para a região para acompanhar o cônjuge. Uma parcela inexpressiva migrou pelo estudo dos filhos. Em torno de 13,9% alegaram outros motivos.

O que motivou sua vinda para este município ou região? (108 respostas)

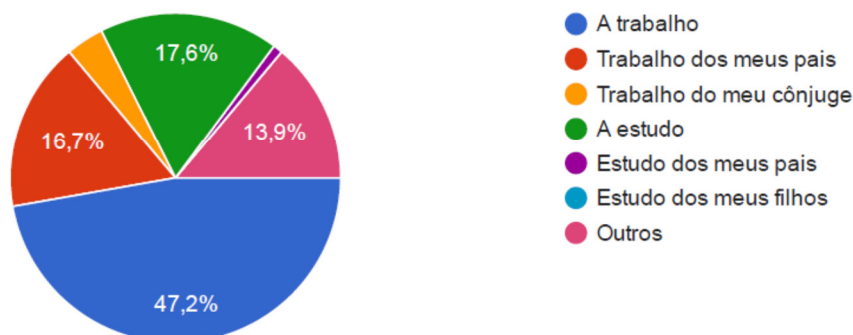


Gráfico 20 – Motivo da vinda para a região
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Apresentar o perfil da amostra e constituir alguns dados de relevância informativa e mesmo analítica, estabelece sustentação para a análise qualitativa dos dados, contribuindo para a compreensão dos mesmos.

5.3 Análise qualitativa dos dados

A análise qualitativa baseou-se nos dados obtidos através de um questionário composto de seis seções com sessenta questões abertas, fechadas e de múltipla escolha: a seção 2 (12 questões); a seção 3 (25 questões); a seção 4 (16 questões); a seção 5 (6 questões) e a seção 6 (1 questão). O tratamento dado às respostas subjetivas ou dissertativas foi individualizado e reagrupado por categorias, que estão, na íntegra, em tabelas anexas. A seção 1 apresenta o título da tese e o “Termo de consentimento livre e esclarecido”; a seção 2 são os “Dados pessoais”; a seção 3 é intitulada “Estudo e uso do inglês”, a seção 4, “Vida e trabalho”; a seção 5, é “destinada aos participantes que migraram para a Região de Santa Cruz do Sul, e a seção 6 é denominada “O inglês no cotidiano”.

Para obter a resposta individual, para cada uma das perguntas dissertativas do questionário (Google Drive Formulário), esse foi aberto duzentas e setenta e quatro vezes, criando-se tabelas de três colunas com categoria, subcategoria-justificativa e número do respondente (mantendo o anonimato). Os respondentes estão identificados por números. Esses números foram determinados pela ordem que os questionários entraram no sistema. Para evitar qualquer prejuízo às análises,

procurou-se dar o tratamento das respostas, evitando olhar o nome do participante, bem como respeitou-se a forma de expressão escrita dos mesmos, mantendo os erros de ortografia, pontuação e concordância verbal e nominal.

As categorizações foram estabelecidas a partir das incidências dos resultados provenientes do questionário, em consonância com os objetivos da pesquisa, analisando a relação entre o aprendizado e uso da língua inglesa, como elemento para a hibridização de práticas socioculturais na cultura e identidade regionais e explicando a constituição da cultura regional.

Nos duzentos e setenta e quatro (274) questionários, houve, na quase totalidade, um comprometimento e um empenho em responder às questões dissertativas. Pode-se estar fazendo um julgamento equivocado, mas a maioria dos participantes transita diariamente pelo mundo virtual, sem qualquer dificuldade, e, gradativamente, as pessoas se sentem mais seguras e encorajadas em dizer o que pensam por detrás do “escudo protetor”, ou seja, da tela do computador ou do celular.

Essa argumentação tem o propósito de demonstrar que, ao longo das leituras das respostas, percebeu-se que os participantes estavam expressando suas análises de forma fidedigna, validando a base desta pesquisa de tese, que versa sobre aspectos culturais relevantes à região de Santa Cruz do Sul.

O número de sujeitos a serem questionados foi definido quando se alcançou o patamar desejado para uma análise qualitativa no universo pesquisado, com representatividade. Assim, os questionários foram analisados integralmente e submetidos a mais de uma leitura, objetivando buscar o conteúdo expresso no processo de construção de sentido das respostas, a fim de formular categorias e subcategorias, a partir das informações que apareciam com regularidade.

No momento do levantamento dos dados, foram considerados os motivos que levam os sujeitos pesquisados a estudar a língua inglesa, como esse aprendizado está desencadeando novos comportamentos culturais (hibridismo cultural) e a percepção dos mesmos em relação a terem esse conhecimento. Os dados foram trabalhados de forma a interpretar os elementos investigados, ao mesmo tempo em que se pretende atribuir significados aos processos estudados (incentivo aos trabalhadores, aprendizado de uma nova língua, contato com outra cultura, importância da língua inglesa em suas vidas).

Inicia-se a análise qualitativa dos dados questionando: “Por que você decidiu estudar inglês? Qual seu objetivo com a língua?”

Embora o número de respondentes seja 274, nesta questão, obtiveram-se 416 respostas, por ser alternativa de múltipla, gerando mais do que uma categoria e subcategoria para o mesmo respondente, e as barras indicam o número de respostas para cada uma das categorias e subcategorias. Além do gráfico que segue, todas as repostas subjetivas estão no APÊNDICE C, em tabelas. Para esta questão, consultar APÊNDICES – Tabela 1.

Dentre as justificativas para estudar inglês, as categorias que reuniram o maior número de respostas foram a de “trabalho”, seguida pela de “cultura”. A categoria do trabalho foi justificada pelas subcategorias que se referem a “fins profissionais”, para “crescimento profissional”, “inserção no mercado de trabalho”, “leitura e trabalhar” e “morar no exterior”. Nesse quesito, esclarecendo que não se refuta o impacto da globalização na vida das pessoas e a necessidade de comunicação em nível mundial, é evidente a preocupação do estudo da língua inglesa com a questão profissional. A segunda categoria refere-se à cultura, que segue pela ordem decrescente de ocorrência: “comunicação”, “crescimento intelectual” (aprimorar conhecimentos), “necessidade acadêmica”, “estudar no exterior”, “incentivar o filho a estudar também”.

Essas duas categorias (“crescimento intelectual” e “estudo”) remetem ao fato de que a região de estudo traz características acentuadas da colonização germânica e é latente a determinação para o trabalho e a preocupação com o estudo e crescimento intelectual, vistos os principais aspectos considerados pelos colonizadores ao chegarem aqui, no capítulo 3 – formação da Região.

Arrisca-se dizer que os aspectos culturais são determinantes do desenvolvimento da região, levando em consideração Williams (1980), quando se refere à “Superestrutura e à Base”, dentro dos E.C. Ao analisar a relação entre Base e Superestrutura, ele explica que, para entender uma cultura predominante, deve-se assimilar o processo social de fato e o processo de abrangência do qual ele faz parte. Esses são significativos socialmente e impactam economicamente.

A ideia manifesta é que se deve levar em consideração os aspectos culturais, esses causaram o impacto na realidade regional, para que essa tenha se desenvolvido economicamente.

Mesmo tendo classificado viagens e turismo na categoria ‘lazer’, não se pode desvinculá-la de toda a gama cultural que viajar envolve. Foram também mencionadas a importância do aprendizado para prevenção de doenças mentais, bem como para projetos pessoais, vencer o desafio de aprender inglês e ser profissional da área.

A resposta do participante 44, afirmando que nunca estudou, merece uma ressalva. É importante esclarecer que nesta resposta houve um entendimento diferenciado para a pergunta, pois o número 44 é profissional da área de línguas, é fluente (proficiente) no idioma em questão e tem uma renomada escola de inglês, na região. Entende-se aqui que essa pessoa possa sempre ter tido muita facilidade em aprender e nunca precisou dedicar-se ao estudo formal do idioma para chegar à fluência.

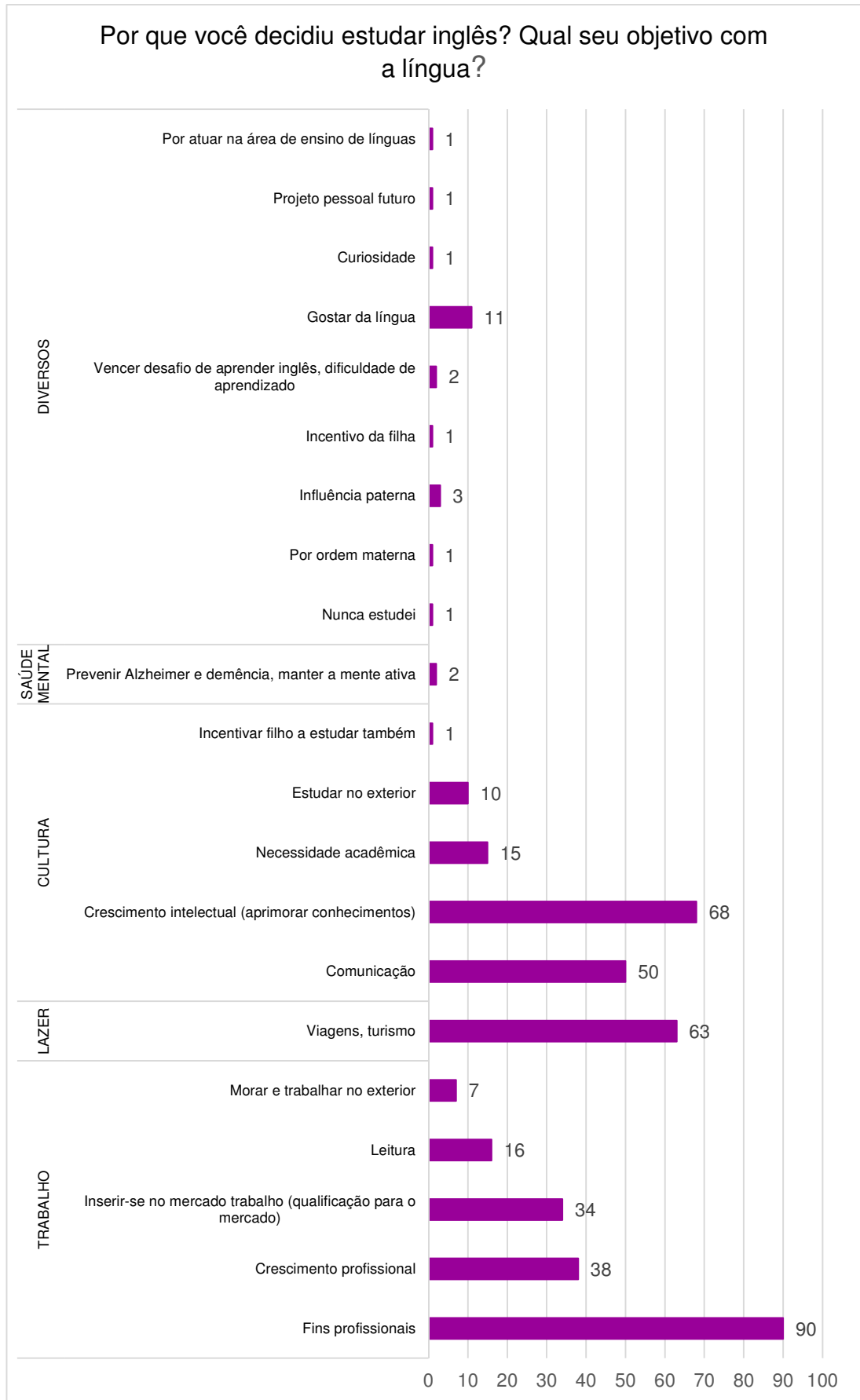


Gráfico 21 – Motivos pela busca do estudo do inglês
 Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2017).

A segunda pergunta dissertativa (Tabela 2 – APÊNDICE C) é: “Como você acha que é seu desempenho na língua inglesa? Por quê?”

Na medida em que os aspectos da consciência linguística e metalinguística são considerados de relevância na aprendizagem e desempenho de uma outra língua, obter dados referentes à autorreflexão ou autoavaliação são importantes para entender o universo subjetivo dos respondentes, como eles se veem nesse processo. Como pode ser visto no gráfico pizza que segue, a maioria tem uma visão positiva sobre seu desempenho e mencionando uma gama de justificativas que envolvem: “conhecer o idioma”, ter tido “ótimos professores”, “ser profissional da área”, ter “dedicação ao estudo”, “ter morado no exterior”, “assistir a filmes”, estar “envolvido diariamente no local de trabalho”. Os que apresentaram uma avaliação de desempenho de bom para ruim, consideram que o que lhes falta é: a interação comunicacional; uma boa metodologia de aprendizagem; falta de memória; não gostar do idioma; o fato de possuírem somente conhecimento técnico ou o domínio de apenas uma ou duas habilidades: têm boa leitura, mas não conseguem se comunicar, entre outros.

Esse sentimento expresso pelos respondentes, quanto a não conseguir se comunicar confirma que o Hall (1997b) se refere ao domínio da linguagem o qual requer estabelecer a relação entre coisas, conceitos e sinais (símbolos) para produzir o significado da língua e qual a linguagem a ser utilizada para transmitir uma determinada ideia. É a percepção do que falta para a realização da interação social, que muitas vezes impede o processo de significação e representação que levam ao possível hibridismo.

Para ele, a comunicação se efetua, pelo compartilhamento de um mapa conceitual semelhante, num processo recíproco de ensinar e aprender. Envolve duas pessoas no desejo de se comunicarem e é ainda mais desafiador quando vêm de diferentes contextos culturais. A dimensão simbólica que subjaz à linguagem se efetua a partir do diálogo, da interação social. É quando a palavra é posta em contexto.

Como você acha que é o seu desempenho na língua inglesa? (274 respostas)

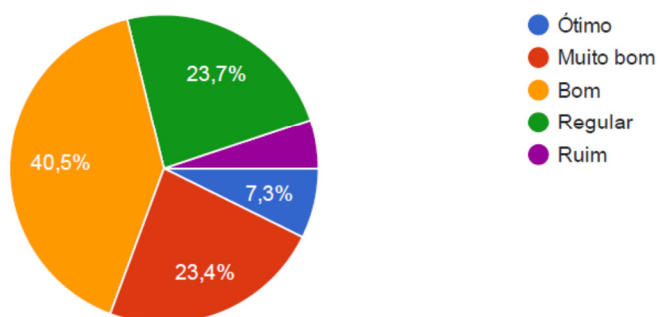


Gráfico 22 - Desempenho na língua inglesa
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Ao serem indagados “Qual sua maior dificuldade em relação ao estudo e uso do inglês?” (Tabela 3), as respostas remeteram a questões como à “falta de tempo”, “não ter condições de praticar”, “carência de vocabulário”, na mesma proporção que lhes “falta a parte estrutural da língua (gramática)” e a “ausência da habilidade de conversação”, essa última como a maior dificuldade estabelecida pela maioria.

É importante entender que as habilidades (ler, ouvir, falar, escrever) num sentido se atingir a fluência da língua(gem) devem estar entrelaçadas e que para se chegar à comunicação verbal, deve-se desenvolver essas habilidades em proporção de equilíbrio. Saber ler auxilia na ampliação de vocabulário, na visualização da estrutura de linguagem escrita. Saber ouvir, uma das questões levantadas pelos participantes, é dependente de exercícios específicos de audição para o reconhecimento fonético das palavras elevando à compreensão e interpretação na completude do ato discursivo. Por sua vez, e pouco valorada como tal, a escrita é, talvez, a habilidade com maior influência no processo da fala e, na maioria das vezes, é negligenciada na hora do estudo. Não é de se estranhar que a grande queixa seja a dificuldade de conversação.

O enriquecimento de vocabulário é relevante, mas se não houver a estruturação da palavra dentro do contexto linguístico, sob os preceitos da língua (gramática), não haverá a realização dos atos “locucionário”, tampouco do “ilocucionário” e perlocucionário, fazendo do processo dialógico, um discurso vazio, sem significado ou qualquer representação (AUSTIN,1962; BAKHTIN, 2006; MOSCOVICI, 2013).

Para retomar os atos da fala de Austin (1962), acima citados e explicados, em detalhe, no referencial teórico, traz-se aqui um exemplo:

A pesquisadora, como professora de inglês, ao ensinar a palavra 'bread' (pão - em inglês) auxilia os alunos a terem uma pronúncia acurada. Uma estratégia é associar ao nome do ator americano 'Brad' Pitt, aproveitando-se do uso informal do termo regionalista (gíria) "pão", em português, que significa 'bonito' (expressão familiar a algumas gerações - anos 1970-80-90). Para os alunos, especialmente do universo feminino, torna-se divertido dizer: "Brad Pitt is a 'bread'".

Todavia, numa aula, em específico, estavam uma aluna, um professor britânico (convidado) e a pesquisadora (professora) e a palavra 'bread' era um dos tópicos de vocabulário da aula. Ocorreu que, ao usar a ideia de associar 'bread' para referenciar o ator como 'bonito', somente uma pessoa na sala de aula teve completo domínio do sentido: a professora.

A aluna brasileira e jovem, desconhecia a gíria 'pão', no sentido de 'bonito'. O professor britânico: outra geração, outra cultura, nunca associou pão a bonito: o único sentido suscitado foi de ordem fonética e o fato que os britânicos têm um quadro decorativo para cozinhas, que associa palavras da culinária com nome de pessoas famosas (bread/Brad) A professora: pertencente à geração que usava e usa a gíria 'pão', sendo brasileira, deu-se conta que a relação que o britânico e a aluna faziam com a palavra era somente de ordem fonética. Ao dizer 'Brad Pitt is a bread' o sentido figurado não pôde ser alcançado. O ato perlocucionário não se realizou, pois a reação pretendida (ser engraçado) não ocorreu.

Atos da Fala – Austin		
Aluna brasileira: bread (som/significado) = pão + Brad Pitt (homônima homófona)		Britânico :bread (som/significado/) = pão + Brad Pitt (homônima homófona)
	Tempos, gerações, conceitos, significações diferentes. Alcança-se o ato perlocucionário somente pelo aspecto fonético	
Professora: bread = pão (som/significado) + ator + bonito (homofonia + metáfora/simbólico) = Brad Pitt is a 'bread'! = (ato perlocucionário)		

Figura 2 - Atos da Fala - Austin
Fonte: Elaborado pela autora.

É o que Austin (1962) refere como a produção de um efeito sobre o interlocutor. Está na dimensão simbólica a que remete: é o não dito. Para Bakhtin (2006), seria a falha na interpretação do significado. Perdeu-se o valor ideológico do signo. Para Moscovici (2013), expressam-se os fatos e símbolos abstratos pela representação impelida pela linguagem. É na trama entre as representações e a linguagem que se compreendem e se compartilham as formas de ver as coisas.

A pergunta da Tabela 4 (APÊNDICE C), “Você deseja, algum dia, viajar ou voltar para algum país de língua inglesa? Por quê?”, foi respondida pela massiva maioria, afirmando que sim e que as razões que levariam os participantes a viajar para esses países dizem respeito ao desejo de enriquecimento cultural através do turismo. Em segundo lugar, estão os interesses pelo aperfeiçoamento da língua, seguido de objetivos profissionais. É recorrente a afirmação da vontade de que os filhos estudem, para que possam desfrutar das vantagens e oportunidades que se abrem quando existe domínio de idiomas. A vontade de viver experiências novas também faz parte das justificativas, entre outras de menor incidência. Essa pergunta foi precedida da seguinte indagação: “Você já viajou para algum país de língua inglesa? (Reino Unido, Canadá, Austrália, Estados Unidos, Irlanda...)”. O primeiro gráfico pizza, que segue, apresenta que 54,9% já viajaram e 45,1% ainda não. O segundo gráfico pizza apresenta o percentual de quem gostaria de viajar: 98% responderam que sim.

Você já viajou para algum país de língua inglesa? (Reino Unido, Canadá, Austrália, Estados Unidos, Irlanda...)

(273 respostas)

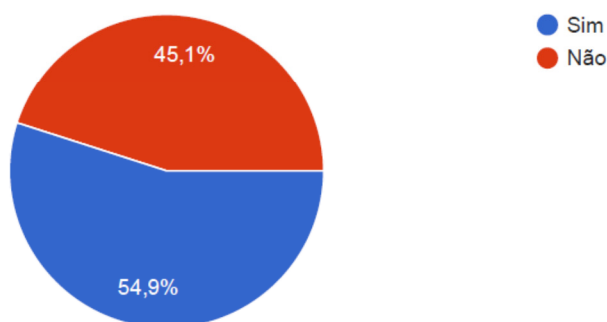


Gráfico 23 - Viagem para países na língua inglesa
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Você deseja algum dia viajar ou voltar para algum país de língua inglesa?
(272 respostas)

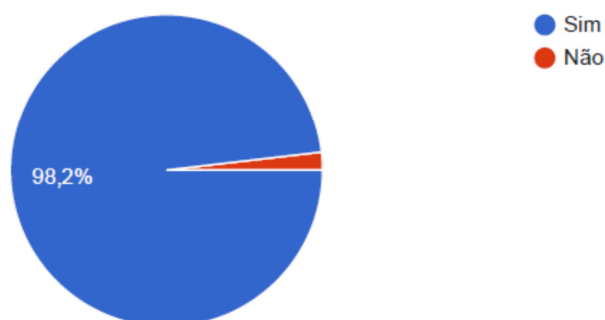


Gráfico 24 – Desejo de viagem para países na língua inglesa
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A Tabela 5 (APÊNDICE C) apresenta os resultados da pergunta “O que é preciso para falar bem inglês?”. A pergunta suscitou outra abordagem que foi complementar à pergunta da Tabela 3. Cruzando as respostas percebe-se, por exemplo, que os respondentes que entendem que lhes falta tempo para estudar, são os mesmos que entendem que dedicação e tempo estão entre as soluções para falar bem inglês. Entre os aspectos mais citados estão, então, como dito, “dedicação”, “estudo”, “vontade de aprender aliada à motivação e determinação”. Um número expressivo entende que praticar sempre é a solução. A interação com falantes nativos foi colocada em pauta, assim como iniciar cedo a estudar, e conhecer as regras da gramática e o vocabulário estão entre as ações mais indicadas para aperfeiçoamento da língua.

Quanto à pergunta “Quando, qual e como foi sua primeira experiência ao utilizar o inglês escrito ou falado?” que está, em detalhe na Tabela 6 (APÊNDICE C), observa-se que o período escolar e o local de trabalho foram registrados como o tempo e o local para as experiências mais marcantes. Seguem alguns excertos retirados dos depoimentos de algumas das categorias. É importante ressaltar que na categoria “Viagem”, muitas das viagens foram a trabalho.

Na infância e adolescência

“No Yázigi, onde fiz o curso básico que iniciei por volta dos 7 anos” (PARTICIPANTE 208 - 21 a 30 anos).

“Quando eu era bem pequeninha (5 anos) fui para os Estados Unidos e morei três meses em Los Angeles, mas na época só sabia falar 'Hi' e 'thank you'” (PARTICIPANTE 172 - 21 a 30 anos).

“Tinha uns 10 anos de idade quando acompanhei o aprendizado de inglês do meu pai, por conta da atuação na indústria do tabaco. Assistíamos juntos cursos em vhs, leituras, etc” (PARTICIPANTE 198 – 31 a 40 anos).

“Estudei inglês a infância e adolescência inteiras, mas o primeiro contato real provavelmente foi em alguma viagem aos Estados Unidos, em viagem com meus pais” (PARTICIPANTE 214 – 21 a 30 anos).

“Aos 6 anos, com meu pai” (PARTICIPANTE 174 – 31 a 40 anos).

“Desde muito pequena já escutava minha irmã mais velha estudando” (PARTICIPANTE 151-21 a 30 anos).

Na escola

“Minha primeira experiência foi no ensino fundamental, acho que na quarta série, quando aprendi a falar coisas básicas como "good morning" na aula de inglês. Lembro até hoje que quando cheguei em casa, a primeira coisa que fiz foi contar aos meus pais que tinha aprendido a falar em inglês, ainda que algumas palavras” (PARTICIPANTE 219 – 21 a 30 anos).

“Foi no colégio, quinta série. Durante a aulas, treinávamos os estados americanos e suas capitais e tínhamos que mostrar no mapa na frente dos colegas, falando corretamente os nomes. Foi uma das primeiras experiências. Escrevíamos cartas para a família em inglês também (dia dos pais, das mães). Era muito legal” (PARTICIPANTE 197- 31 a 40 anos).

“Foi no ensino regular. Eu me interessei, porque o professor era bom e me motivou. Minha primeira experiência falada foi com um estrangeiro; trocamos algumas palavras e pensei que ele poderia ou deveria estar falando minha língua por estar no Brasil” (PARTICIPANTE 168, acima de 61).

“Comecei a ter aulas de inglês aos 12 anos no colégio. Nessa época encarava apenas como mais uma matéria da escola. Aos 14, viajei a primeira vez para fora do país e comecei a perceber a importância do inglês, e foi então quando busquei aulas fora da grade curricular do colégio” (PARTICIPANTE 21, 31 a 40 anos).

“Foi justamente em sala de aula, no aprendizado junto ao curso de inglês da Wizard, com colegas e professor, tanto o inglês escrito como o falado” (PARTICIPANTE 274 - 21 a 30 anos).

“Em 1976, ao iniciar CCAA. O método usado foi muito didático e prazeroso” (PARTICIPANTE 146 – 51 a 60 anos).

“Foi na escola. Me senti muito mal por perceber que era uma das únicas pessoas que não sabia falar em inglês” (PARTICIPANTE 50 - 21 a 30 anos).

“Foi na escola. Não me lembro bem de como foi, pois foi irrelevante para o meu aprendizado” (PARTICIPANTE 66, 21-30 anos).

Viagem

“Foi numa viagem a trabalho ao exterior (Carolina do Norte-EUA) e a experiência não foi boa, uma vez que eu achava que poderia me comunicar com maior facilidade, porém praticamente não conseguia entender nada o que era falado devido ao forte sotaque (principalmente nesta região dos EUA). Foi frustrante” (PARTICIPANTE 161 – 41 a 50 anos).

“Em 2007 quando viajei para a Europa e tive muita dificuldade para me comunicar, nos lugares onde, mesmo não sendo a língua nativa, falava-se em inglês” (PARTICIPANTE 14 – 41 a 50 anos).

“Minha primeira experiência foi há exatamente 10 anos, em um congresso nos Estados Unidos. Experiência boa, apesar das dificuldades iniciais, principalmente para captar/compreender a fala dos ‘nativos’. Foi motivador cada nova descoberta e evolução” (PARTICIPANTE 19 – 31 a 40 anos).

“Quando fui à Disney em 1997, lembro de ter ficado decorando o meu pedido na fila e uns americanos começaram a rir de mim, não porque eu falasse errado, mas pela minha preocupação. Acabo de me dar conta de que boa parte do meu medo de falar errado pode vir disso!” (PARTICIPANTE 23 – 31 a 40 anos)

“Quando: necessidade profissional. Qual: viagem aos USA e contato com colegas nativos. Como: frustrante, porque percebi que o meu conhecimento era básico” (PARTICIPANTE 59 – 51 a 60 anos).

“Poucos anos atrás. Na Argentina. Em uma loja. O ‘portunhol’ não funcionou” (134 – 51 a 60 anos).

“Foi numa viagem para a Europa. Tinha muito receio em falar. Entendia, mas não falava” (PARTICIPANTE 209 – 31 a 40 anos).

“Aos 15 anos em uma viagem para a Disney. Tive mais dificuldade para criar as frases e falar, do que para compreender as informações que recebia” (PARTICIPANTE 224 - 31 a 40 anos).

Trabalho

“Minha primeira experiência com o idioma foi ainda como estagiário, em outra empresa multinacional (não pertencente ao ramo da Indústria do Tabaco), onde tive que realizar uma pequena apresentação de atividades e resultados realizados e obtidos em minhas tarefas, ao final de uma campanha de negócios (6 meses) - Material e Apresentação (fala), ambos em inglês” (PARTICIPANTE 20 – 21 a 30 anos).

“Nos anos 80, fazendo traduções de material da Associação Internacional dos Produtores de Tabaco. O início foi difícil, mas propiciou-me ampliar meu vocabulário.” (PARTICIPANTE 95 – acima de 61)

“Na empresa, durante uma auditoria internacional, não foi uma situação muito boa, pois estava com uma equipe mais sênior e com inglês avançado e foi nesta ocasião que decidi começar a estudar (momento de motivação)” (PARTICIPANTE 115 – 31 a 40 anos).

“Me comuniquei no meu trabalho, a primeira vez foi um pouco difícil pois sentia vergonha de falar algo errado” (PARTICIPANTE 132 – 31 a 40 anos).

“No trabalho, após um tempo de estudo, ao receber a visita de um colega estrangeiro que estava conhecendo a produção agrícola do tabaco. A experiência foi satisfatória, pois conseguimos nos comunicar. O conhecimento da língua alemã me auxiliou na aceleração do aprendizado em Inglês” (PARTICIPANTE 163 – 31 a 40 anos).

“Trabalho há muito tempo em empresas multinacionais, portanto o contato foi desde o início da minha carreira aqui em Santa Cruz do Sul” (PARTICIPANTE 187 – 41 a 50 anos).

“Foi com hóspedes estrangeiros no hotel, há 3 ou 4 anos, por abordar sempre o mesmo conteúdo, que são solicitações referentes ao hotel, a escrita e a tradução na internet auxiliaram, após isto foi-se criando uma rotina e as solicitações eram mais fáceis de compreender e responder” (PARTICIPANTE 215 – 21 a 30 anos).

“Quando a empresa que trabalhava foi vendida para uma multinacional e tudo aconteceu muito rápido. Fui chamada para ser ‘power user’ de um projeto e isso me fez buscar mais rapidamente a fluência no idioma, porque todo suporte foi por colegas estrangeiros. Naquele momento tive certeza que o idioma fez grande diferença e me oportunizou estar no projeto” (PARTICIPANTE 266 - 41 a 50 anos).

Diversos

“Muita dificuldade e me senti um analfabeto na língua e constrangimento em relação aos meus colegas que possuíam muita experiência” (PARTICIPANTE 36 – 41 a 50 anos).

“Na escrita ruim, penso em inglês, mas não consigo escrever” (PARTICIPANTE 39–31 a 40 anos).

“Não tive a oportunidade de usá-lo ainda” (PARTICIPANTES 90 e 150 – 21 a 30 anos).

“O aprendizado do inglês me possibilitou realizar leituras nesse idioma, especialmente de livros e artigos, bem como estabelecer contato com pessoas de outros países, especialmente aqueles cuja língua oficial não era o inglês. Entre esses países destaco o Vietnã, Japão e Coreia do Sul, por exemplo. É interessante o quanto o inglês pode aproximar realidades culturais diferenciadas” (PARTICIPANTE 241- 31 a 40 anos).

“Quando meu pai trabalhava com exportação de pedras e tivemos a visita de um alemão e um inglês e tivemos que chamar um intérprete. Foi maravilhoso, mas trouxe uma sensação de impotência” (PARTICIPANTE 110 – acima de 61 anos).

“Desesperador” (PARTICIPANTE 178 – 41 a 50 anos).

“Desafiadora” (PARTICIPANTE 179 – 41 a 50 anos).

“Não recorro ao certo, mas causou bastante apreensão e nervosismo” (PARTICIPANTE 269 – 21 a 30 anos).

Há significativas leituras feitas a partir dos depoimentos acima, bem como dos que estão nas tabelas. Porém, procurou-se avaliar aspectos com maior ocorrência. Um deles diz respeito às experiências em viagens tanto por lazer quanto por negócios. Percebe-se que os participantes em contato com o novo ambiente cultural, permeado pelo inglês, demonstram reações e mudanças de comportamento que são trazidas na memória até hoje.

Quando o item se refere às viagens e relações sociais, traz-se a posição de Ortiz (2000), sobre o processo de mundialização da cultura. É por esse movimento de idas e vindas, demonstrando que mundialização da cultura é muito intensa, em que as identidades novamente se afirmam, mesmo que num contexto globalizado.

As constatações a partir dos excertos dos participantes, acima identificados pelos números - 14,19, 20, 59,115, 161 e 266 expressam a ideia do autor, tanto pela perspectiva positiva quanto negativa das experiências vividas.

Considerações sobre os aspectos psicológico e cognitivo revelam o quanto o emocional interfere no processo de aprendizagem e posterior interação social. O participante 115, pela falta de conhecimento na língua e ter tido uma experiência frustrante, tomou a experiência negativa como uma motivação para estudar. Os participantes 132 e 178, por exemplo, relatam nervosismo, timidez, embaraço ao tentar se comunicar. O participante 269 chega a afirmar que não lembra qual foi a primeira vez que usou o idioma, mas lembra do nervosismo.

Moscovici (2013), nesse sentido, diz que ninguém com plena capacidade de memória está livre dos efeitos de um sistema que está dependente de condicionamentos prévios, determinados por suas representações, linguagem ou cultura. As representações determinam a estrutura e a tradição transmitidas, resultado de construções e transformações que ocorrem no tempo e entre gerações, sem mesmo que se perceba. A insegurança e a timidez, ao falar outro idioma, podem estar relacionadas a processos culturais históricos. O participante 23, no momento em que está respondendo ao questionário, num processo catártico, descobre a razão do seu medo de falar em inglês incorretamente. Conforme Moscovici (2013), a memória tem influência vital na dinâmica das relações, pois é o momento da familiarização, onde os acontecimentos passados são percebidos e compreendidos posteriormente.

O participante 95, por sua vez, revela a dificuldade de fazer traduções, mas está consciente de que isso o auxiliou na ampliação do seu vocabulário. Esse fato leva à questão, já abordada neste estudo, sobre a importância da consciência metalinguística e linguística. Esse participante está acima dos 61 anos. Por sua vez, o participante 146, que está entre 51 e 60 anos, avalia o método da escola CCAA, em 1976, mostrando que, na época, já percebia a importância de avaliar seu aprendizado pela metodologia utilizada pela escola.

Por outro lado, o participante 66, que está entre 21 e 30 anos, afirma que não lembra de exatamente como foi sua experiência, entendendo que na escola regular o seu aprendizado foi irrelevante. Entra aqui, conforme exposto anteriormente neste capítulo, a questão de esclarecimento e entendimento de que a escola regular, dentro dos parâmetros em que as aulas de inglês são estabelecidas, prepara a base para estudos adicionais ou de aperfeiçoamento.

Revuz (1998) fala da valorização da língua pelo que essa pode fazer para nós e não por nós. O participante 266 declarou que:

“[...] para ser ‘power user’ de um projeto e isso me fez buscar mais rapidamente a fluência no idioma, porque todo suporte foi por colegas estrangeiros. Naquele momento tive certeza que o idioma fez grande diferença e me oportunizou estar no projeto”.

Bourdieu (1991) esclarece ainda que, enquanto os sujeitos não possuem o capital e as habilidades linguísticas para capacitá-los a se apropriarem dos significados e os entenderem, e, interagir utilizando os mesmos, eles não conseguirão a integração com o grupo. O autor considera a língua como um aspecto essencial pela qual o indivíduo constrói significados, ideias e conceitos que favorecem a integração acadêmica, treinamento e construção do conhecimento. A ausência do capital linguístico e formas de expressão formam uma barreira que gradualmente marginaliza os sujeitos. O mesmo ocorre com aqueles que pertencem a um espaço, sem possuir capital linguístico e cultural para serem incorporados naquele campo. Pela visão do autor, vê-se o quanto a língua pode nos “empoderar” (grifo da autora).

Na seção acima, foi intencional colocar as idades dos respondentes, pois elas expressam momentos diferentes das vidas das pessoas bem como a forma que o inglês impactou nesses momentos.

Na Tabela 7 (APÊNDICE C), a pergunta posta foi: “Você já teve contato com algum falante nativo? Como sentiu? Se não, como você acha que se sentiria? Você gostaria disso?”

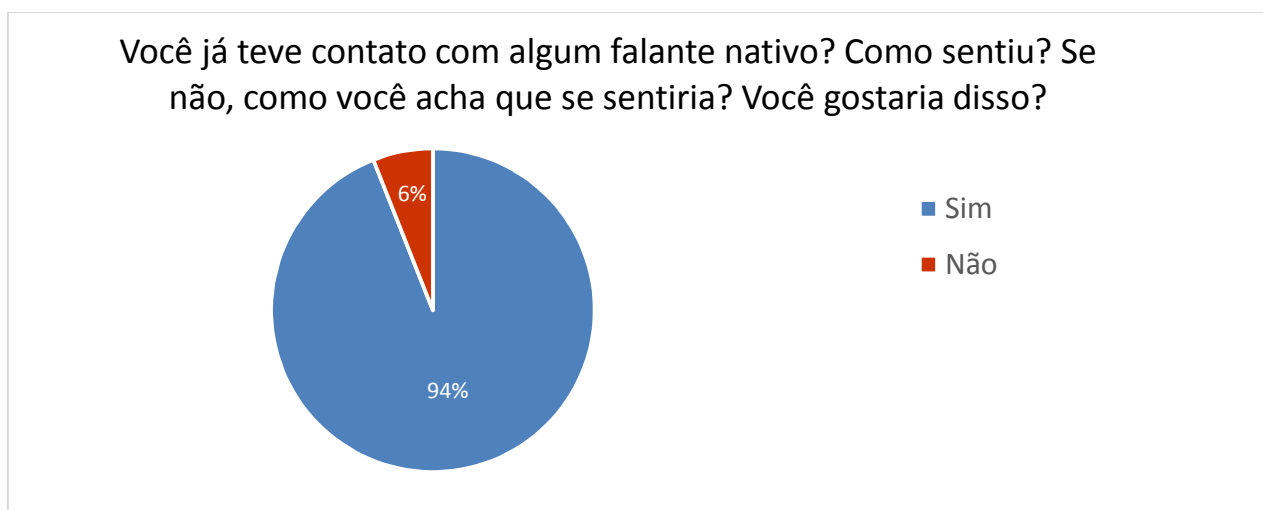


Gráfico 25 – Contato com falante nativo
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Essa questão suscitou muitas respostas que ressaltaram o lado emocional dos respondentes, grande parte relata que a comunicação foi difícil no começo, mas, depois do momento de ansiedade passar, a comunicação aconteceu. As palavras constrangimento, vergonha e ansiedade estão em praticamente em todas as respostas dessa categoria ou subentendidas. Cabe ressaltar também que em todas as perguntas que estão nas tabelas, em APÊNDICE, houve a incidência do uso de expressões em inglês como “naturalizadas” (grifo da autora) nas respostas:

A respondente 9 diz:

“Levo alguns minutos para “setar” o cérebro. Este momento inicial é de nervosismo, muitas vezes, atrapalhando o entendimento da conversa e desencadeando em tropeços na fala e na escuta”.

Esta declaração abrange as duas observações acima, demonstrando a ocorrência do nervosismo, aliada ao uso de palavras em inglês, e neste caso específico, a participante cria um verbo em português a partir de “set” (em inglês). Nesse excerto, o hibridismo se revela na criação de expressões não reconhecidas na língua portuguesa, a partir de palavras em inglês.

Na mesma pergunta, outra categoria estabelecida foi “boa comunicação”, que, em algumas declarações, destacou o estado emocional dos respondentes. Há sempre uma preocupação em acertar ou falar tudo corretamente. Se por um lado, ocorrem os medos, as frustrações, por outro, o fato de estabelecer comunicação, mesmo com tropeços, gera confiança e autoestima e um sentimento de valorização.

Algumas afirmações para essa categoria abordam posições tais como:

“De fato, é muito difícil, mas percebo que o nativo tem de fato muita receptividade em ouvir e, mesmo cometendo erros, temos da parte deles muito respeito e valorização pelo que falamos” (PARTICIPANTE 33).

“Me senti confortável quando falava de termos técnicos da empresa, porém nos almoços ou jantãs não tinha o mesmo sentimento pois meu vocabulário do dia a dia não está no nível que quero ainda” (PARTICIPANTE 115).

“Me senti com pouca gramática” (PARTICIPANTE 128)

“Me senti desafiada, pois me dei conta de que não é possível fazer traduções literais, estrangeiros não entenderão, temos que pensar em inglês” (PARTICIPANTE 151).

“O fato de ele ser nativo me deixou preocupada em falar tudo corretamente e ser bem compreendida” (PARTICIPANTE 224).

“Consegui me virar, por incrível que pareça. Me senti bem. Fiz uma entrevista no Schütz e Kanomata, em inglês, e consegui responder a tudo, sem gestos” (PARTICIPANTE 190).

“Várias vezes e me senti ótima, é maravilhoso quando conseguimos estabelecer comunicação, mesmo com inglês muito pobre de vocabulário como o meu, eu entendo e consigo me comunicar, é muito bom” (PARTICIPANTE 210).

Com referência às perguntas que seguem, mesmo representando um dado numérico, optou-se por colocar, nesta seção - “Seus pais falam inglês?”, “Qual a idade da sua mãe?” e “Qual a idade do seu pai?” -, por seu caráter objetivo, para auxiliar como um recurso visual e no entendimento da pergunta posterior. Outra intenção, também, é fazer uma localização temporal (cronológica) e extrair dados extras, pois cada filho(a) falando a opinião dos pais revela, mesmo que indiretamente, o sentimento de outras pessoas, além das 274 questionadas.

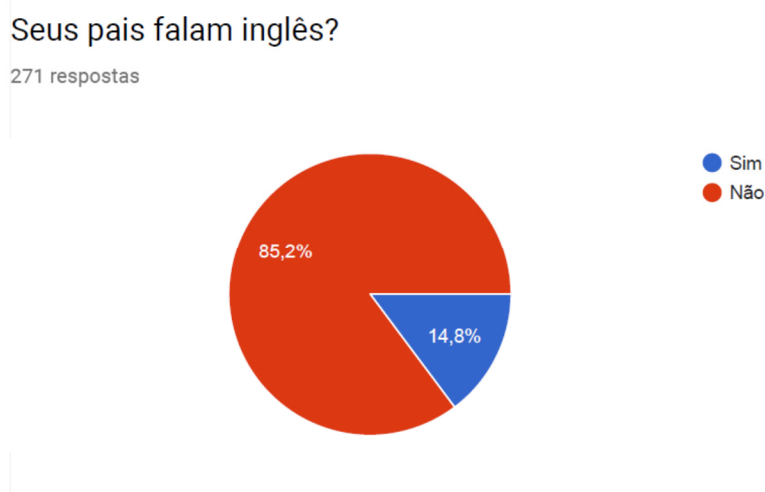
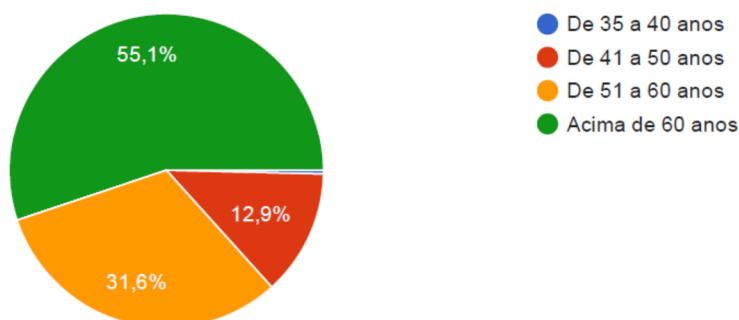


Gráfico 26 - Pais falantes de inglês
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Qual a idade de sua mãe? (263 respostas)



Qual a idade de seu pai? (256 respostas)

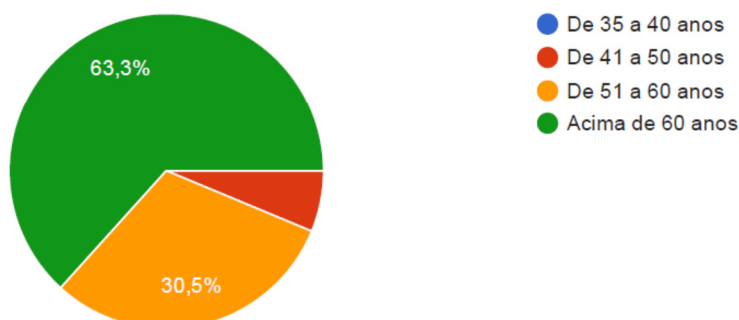


Gráfico 27/28 – Idades dos pais
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A Tabela 8 (APÊNDICE C) segue com o questionamento: “Você poderia falar sobre a opinião deles (dos pais) em relação a aprender inglês?”

Das categorizações estabelecidas “Dão apoio”, “Não dão apoio”, “Não emitem opinião”, “Não sabe responder”, “Pais na condição de aprendizes”, “Pais que não estudaram, mas apoiam os filhos a estudar”, uma parcela inexpressiva entende que os pais não consideram o estudo do inglês importante, somada à categoria dos que não sabem responder e aos que não emitem opinião. Assim a categoria “dão apoio” soma-se às “pais em condição de aprendizes” e “não estudaram, mas apoiam os filhos a estudar”.

Vale trazer as considerações de Vogt (2004), quando se refere ao capital social da região em estudo, por trazer um aspecto cultural que a cerca desde a colonização:

o empenho do povo colonizador em primar pela educação de seus filhos e ver no trabalho a possibilidade de melhorias de vida, tanto material quanto intelectual. O inglês tem-se colocado nas últimas décadas, além da presença das empresas na região, da operação em escala planetária dessas empresas, mas também pela força da globalização em geral, em outros setores, tais como: a presença de universidades; a presença de produções das indústrias culturais (televisão, cinema, entre outras); pela internet e suas possibilidades de conexão global, e o reconhecimento da família da necessidade de incorporação de capitais, entre eles o cultural, com o aprendizado do inglês, para que as gerações mais jovens tenham melhores condições de disputa no mercado de trabalho.

As três (3) categorias, anteriormente citadas, mostram uma opinião favorável ao estudo do inglês por várias razões. As mais relevantes abordam que os pais:

“Consideram de fundamental importância. Achem importante no mundo globalizado”.⁴²

Essa resposta representa 17% dos participantes.

“Eles sabem a importância de um idioma nos dias atuais. Gostam de viajar e tem algumas limitações por não conhecer um idioma. Sempre incentivaram os filhos a estudar uma língua” (PARTICIPANTE 68)

“Ambos são falecidos. Todavia, sempre consideraram importante aprender outro idioma. Isso propiciaria uma evolução profissional significativa” (PARTICIPANTE 56).

“Infelizmente eles já não estão mais entre nós. Mas na época, minha mãe sempre me motivava e tinha muito orgulho do meu desempenho nesta matéria” (PARTICIPANTE 30).

“Eles acham muito importante, porém não investiram no estudo do inglês dos filhos, porque são do interior e isso não era realidade para eles. Com as viagens a trabalho e férias que realizei, eles passaram a dar valor para o inglês. Minha mãe aos 60 anos (um pouco antes de falecer) ainda aprendeu a utilizar o computador, fazendo aulas e estava aprendendo inglês básico na internet” (PARTICIPANTE 45).

“Sem dúvidas os mesmos reconhecem a relevância do aprendizado do inglês (tanto que pagam um curso para um dos netos)” (PARTICIPANTE 7).

⁴² Participantes 1, 2, 34, 38, 39, 50, 51, 55, 60, 61,62, 63, 74, 77, 94, 96, 98, 101, 107, 119, 124, 127, 138, 172, 174, 186, 195, 197, 200, 201, 205, 207, 217, 224, 230, 232, 238, 243, 247, 249, 252, 255, 256, 258, 259, 262.

“Entendem que é muito importante para o desenvolvimento pessoal e profissional” (PARTICIPANTES 69, 83, 171, 212).

“Meus pais, juntamente com meu irmão, são meus principais incentivadores para estudar a língua inglesa. Meu pai, inclusive, me incentiva muito para fazer um intercâmbio fora do país, assim como meu irmão já fez - ele morou nos Estados Unidos através do ‘Work Experience’” (PARTICIPANTE 203).

“São apoiadores e incentivadores. Sempre foram meus grandes incentivadores. apesar das poucas condições financeiras, sempre fizeram o possível para eu poder me dedicar ao estudo do inglês”.⁴³

Essa reposta foi dada por 8% dos participantes.

Nas categorias “não dão apoio” e “não emitem opinião”, as respostas giraram em torno do fato de os pais não terem condição financeira, ou que, quando jovens não percebiam a importância do estudo e os respondentes (filhos) buscaram por si a aprendizagem /aperfeiçoamento da língua. Outros supõem que pais gostam como a declaração que segue:

“Eles devem gostar, pois falam alemão” (PARTICIPANTE 169).

A seguinte resposta também trouxe uma informação importante sobre os “pais na condição de aprendizes”, que produziu outra categoria, aliada ao fato que o inglês já era considerado de importância na região. É relevante salientar algumas opiniões:

“Meu pai teve inglês básico pois trabalhou em empresa multinacional, porém, o seu aprendizado foi na década de 60. Como pai, nos estimulou ao estudo de inglês e alemão” (PARTICIPANTE 9).

“Meu pai se esforça bastante para aprender inglês e tem um nível intermediário, e os dois sempre me apoiaram muito para aprender inglês” (PARTICIPANTE 156).

“Minha mãe é fluente em inglês e incentiva o estudo da língua” (PARTICIPANTE133).

⁴³ Participantes 19, 27, 28, 41, 49, 71, 76, 78, 84, 93, 100, 125, 130, 150, 155, 178, 179, 180, 193, 218, 223, 233, 245.

“Meu pai, acho que não dá a mínima e minha mãe acha importante. Ela já estudou inglês por um longo período, mas a falta de prática e o pouco convívio com a língua fez com que ela esquecesse praticamente tudo. Hoje ela sente dificuldades de retornar as aulas, porque não tem mais aquela facilidade de memorizar as coisas” (PARTICIPANTE 87).

Na categoria “Pais que não estudaram, mas apoiam os filhos a estudar encontram-se declarações como a que segue:

“Meu pai já é falecido e minha mãe já tem uma idade avançada e não pensa mais em aprender inglês, porém sempre me incentivaram a aprender uma segunda língua. Ambos falavam alemão” (PARTICIPANTE 103).

Há, em vários depoimentos, a inferência ao fato de os pais falarem alemão. Esse aspecto cultural tem grande relevância, pois, de novo, remete à valorização do estudo e da língua como responsável pelo sucesso pessoal e profissional.

A Tabela 9 apresenta a questão: “Como você descreve sua trajetória de vida pessoal e profissional podendo valer-se do inglês?”

Esta pergunta produziu as seguintes categorias: “Facilidade de acesso ao mercado de trabalho”, “Perda de oportunidades de trabalho ou crescimento por não falar o idioma”, “Uso da língua em ambiente profissional”, “Crescimento profissional”, “Qualificação”, “Facilidade na comunicação”, “Contribui para a tradução”, “Contribui para comunicação e viagens”, “Pouca aplicação”, “Insatisfação” e “Respostas genéricas”.

Dessas, cabe destacar que os 274 respondentes declaram que o inglês teve influência na valorização profissional e nos estudos. As categorias que surgiram resumem essa assertiva.

“Considero o inglês tão importante quanto a minha graduação. Ambos possuem, em minha carreira profissional, igual importância. Caso não possuísse o nível atual de conhecimento da língua inglesa, dificilmente poderia receber as chances de crescimento profissional que obtive em 15 anos de atividade. Atualmente, falar e compreender inglês ainda é um grande diferencial dentro do mercado de trabalho local, regional e estadual. Entretanto, acredito que em nível de Brasil, em centros maiores

(SP, RJ), é possível encontrar com maior facilidade profissionais com fluência na língua inglesa (PARTICIPANTE 19).

“Vejo como muito importante para a minha carreira profissional e por ter condições de ajudar no aprendizado dos meus filhos que estão hoje com 12 anos e já estudam com professor particular a mais de 5 anos, para eles vai ser fundamental para poderem ter uma carreira de sucesso” (PARTICIPANTE 40).

“Minha vida pessoal não teve tanta influência, porém a profissional sim. Hoje eu sou a pessoa mais solicitada onde trabalho para atender e resolver problemas de hóspedes estrangeiros, o que me faz sentir bem e desenvolver um relacionamento de parceria com os hóspedes, sem falar na confiança e na tranquilidade que eles têm quando podem se reportar a alguém que entende a sua língua” (PARTICIPANTE 215).

“Excelente. Lembro que, em 2013, fui chamada para participar da implementação de uma ferramenta nova no Brasil, fui a New Jersey e New York, aquele foi o maior desafio, porque tudo era muito novo, tinha apenas a experiência da sala de aula. Era a minha primeira viagem, estava sozinha, porém a vontade de estar participando e o reconhecimento para mim era muito maior que o medo que sentia. Foi uma experiência incrível e inspiradora, porque depois outras surgiram e estou aberta a novas” (PARTICIPANTE 266).

Todavia, é importante salientar que, mesmo que o inglês tenha tido relevância em propiciar tanto avanço na vida pessoal quanto na vida profissional, o mesmo não impediu oportunidades de trabalho aos que não sabiam falar o idioma.

O gráfico abaixo representa o afirmado no parágrafo anterior.

Você já perdeu alguma oportunidade de trabalho por não saber inglês?
(274 respostas)

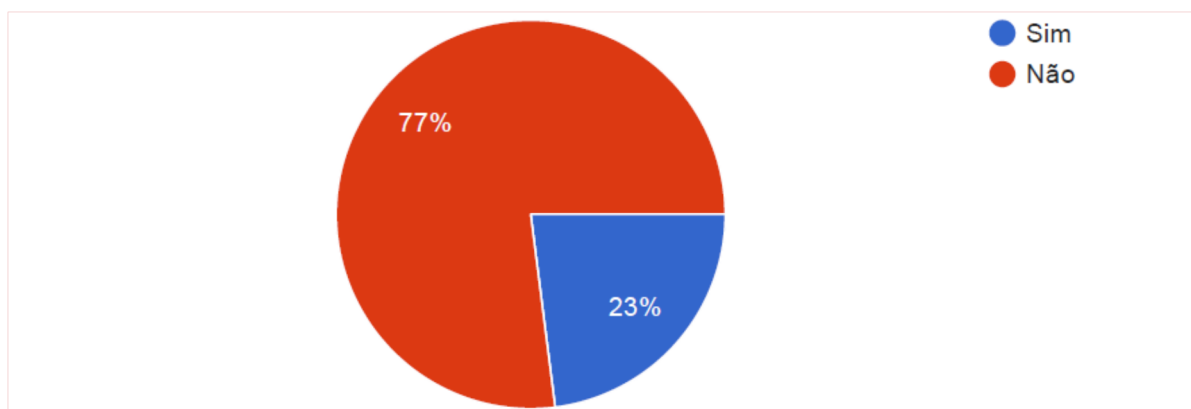


Gráfico 29 - Oportunidade de emprego perdida
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Na Tabela 10 (APÊNDICE C), quando perguntados - “Você gostaria de morar em outro lugar, num país que falasse inglês como língua oficial? Qual seria o país? Por quê?” -, a maioria respondeu que sim. Foram 228 respostas.

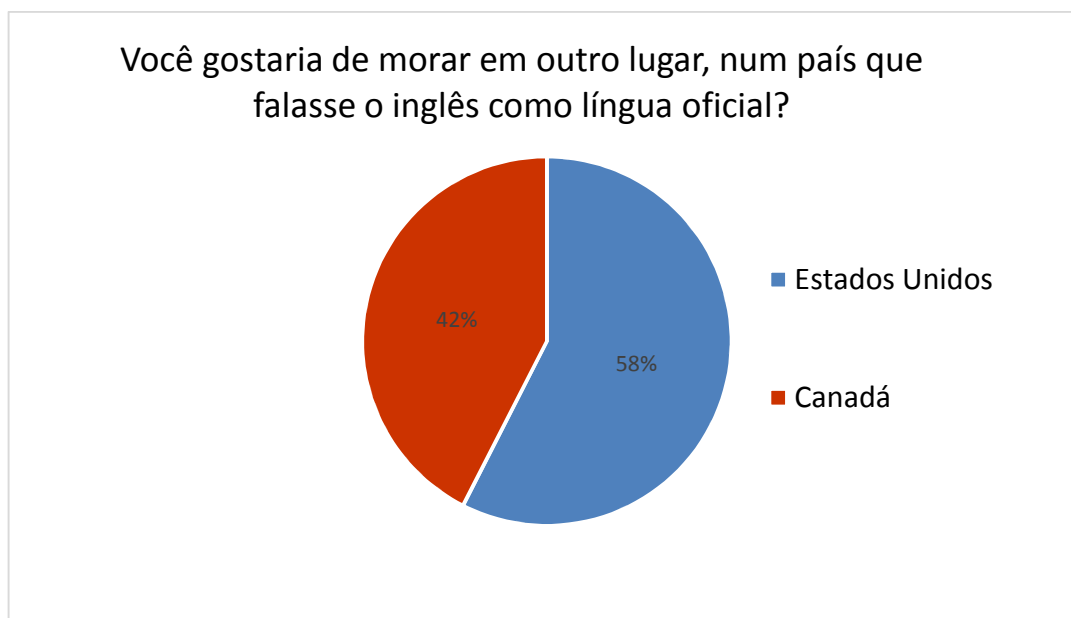


Gráfico 30 – Morar em outro país
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Obs.: A pergunta (Tabela 10) não limitava o número de preferências, razão pela qual o número de ocorrências, em que os países foram mencionados, não corresponde ao número de respondentes. O gráfico em barras, abaixo, ilustra o exposto.

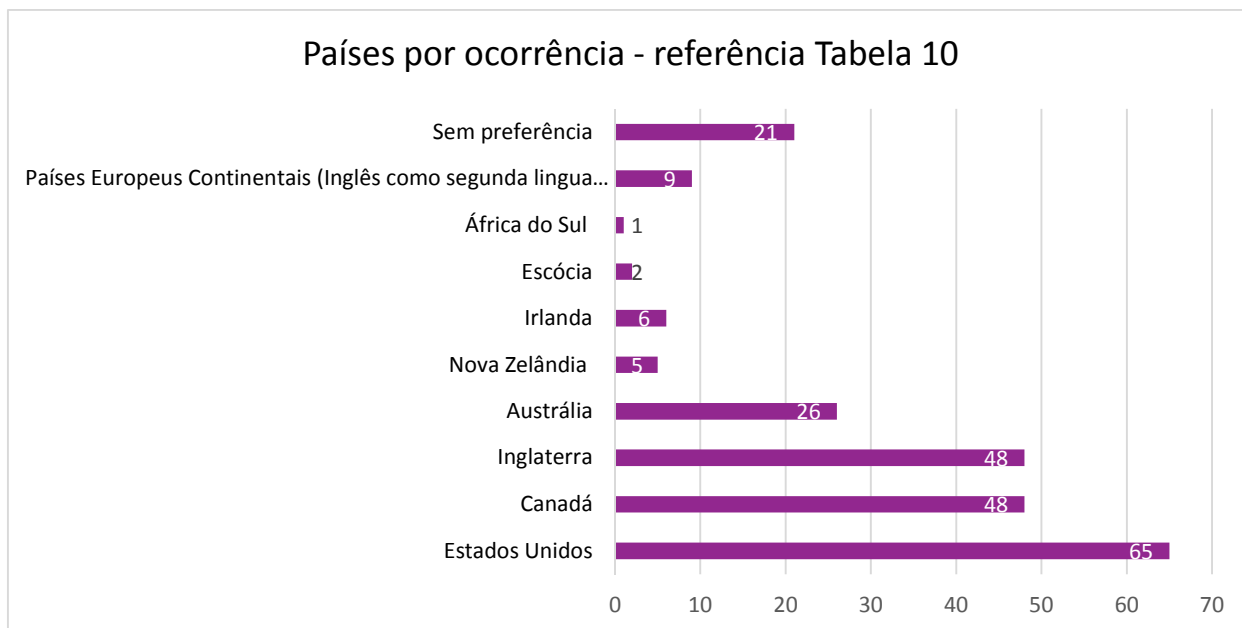


Gráfico 31 - Países

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa (2017).

Por ser uma questão optativa, 228 respostas, como mencionado acima, ou seja, 83,2% dos 274 participantes responderam à questão, o que é um percentual expressivo no universo pesquisado. Desses, a maioria gostaria de morar fora do país.

Nesta questão, recupera-se o que Canclini (2003) e Hall (2003) quando abordam as razões para a migração, provocando uma dúvida sobre quais seriam os motivos para tantas pessoas quererem morar fora do Brasil. Nas respostas para essa indagação encontram-se: a busca pela qualidade de vida somada à possibilidade de prover aos filhos segurança e serviços públicos de qualidade; oportunidades de trabalho; desenvolvimento pessoal e profissional; a cultura e estilo de vida; a estabilidade econômica; ampliação do conhecimento cultural e educação; vivenciar o inglês, no cotidiano e experiência de vida.

Os excertos a seguir mostram dois dos vários que constavam com essas palavras:

“[...] O motivo disto é que as oportunidades de conhecer várias culturas são muito grandes e a oportunidade de aprender novos idiomas é grande também...sem contar nas oportunidades que meus filhos teriam com esta vivência” (PARTICIPANTE 199).

“Gostaria. Moraria em quase qualquer lugar. Sendo o inglês a língua oficial ou não, porque acredito que as melhores oportunidades estão fora do Brasil” (PARTICIPANTE 12).

“Pela cultura, acho mais atraente o modo de vida destes países, principalmente os Europeus. Acho muito mais bonito o ordenamento do território, a praticidade para algumas coisas, a qualidade de vida, a educação (geralmente), acesso a bens de consumo relativamente mais fácil, etc. Não gosto de algumas coisas da cultura brasileira, principalmente desse jeitinho brasileiro, nem de carnaval, samba, pagode, funk. Enfim...” (PARTICIPANTE 219).

Na Tabela 11, a pergunta - “Você pode atribuir a preferência por filmes, em inglês, se for o caso, pelo fato de saber a língua ou seria por outro fator? Qual seria esse fator?” - gerou as seguintes categorias: “Saber a língua”, “Pelo enredo, mais opções (filmes em inglês)”, “Pela qualidade das produções”, “Para aperfeiçoar o inglês”, “Com uso de legenda”, “Assiste dublados”, “Não gosta de dublados”, “Não assiste”, “Outros”.

As categorias que emergiram, se autoexplicam e expressam uma definição, pelo inglês, para as preferências por filmes. Porém cabe salientar que, para cada categoria, as opiniões variam dentro do seu escopo. Quanto aos filmes a maioria opta pelos filmes estrangeiro de língua inglesa, pois das duzentas (200) respostas, sessenta e nove (69), ou seja, 34,5%, levaram esse aspecto em consideração. Em algumas respostas, pelo número elevado de ocorrências, para facilitar a consulta e manter o texto mais fluído, optou-se por colocar a identificação numérica dos participantes em nota de rodapé. Seguem alguns exemplos:

“Qualidade cinematográfica. A qualidade da interpretação. Pela qualidade dos filmes e por poder ver/conhecer ou saber mais da cultura ou de hábitos em outros países. Embora os assista legendados (e com isto tento assimilar a pronúncia com a tradução), a preferência pelos estrangeiros é pela melhor qualidade da produção, enredo, atores, etc”.⁴⁴

Outros apontaram que o objetivo maior é “aperfeiçoar o inglês”, categoria que tem, do total de duzentas (200) respostas, trinta e cinco (35) ou seja, 17,5% do total.⁴⁵

⁴⁴ Participantes 2,5,248, 11,19, 80, 90, 152, 221,7,27,45,26, 48, 96, 103, 20, 51, 76, 105, 120, 134, 147, 219, 208,62, 74, 94, 150, 216,14,10, 21, 24, 29, 37, 38, 57, 67, 70, 80, 85, 93, 101, 108, 110, 136, 138, 141, 146, 154, 156, 175, 180, 182, 193, 194, 226, 231, 233, 235, 236, 251, 257, 262, 266, 269, 270,274.

⁴⁵ Participantes 3, 7, 23, 30, 49, 52, 66, 75, 80, 95, 122, 130, 133, 137, 167, 174, 187, 196, 197, 200, 202, 203, 213, 215, 217, 222, 225, 226, 227, 229, 233, 234, 240, 262, 264.

Deve-se entender que uma das categorias, “saber a língua”, possui um percentual de 21,5%, com quarenta e três (43) respondentes e intervém nas outras categorias. “Saber inglês” foi o gerador para a busca do aperfeiçoamento da língua, justificativas de preferência pelos filmes, entre outras, podendo o mesmo participante ter seu número repetido. Era uma questão de múltipla escolha.⁴⁶

Na Tabela 12 a pergunta é: “Você assiste a algum esporte? Se, sim, qual(is) e por quê? As duzentas e sessenta e cinco (265) respostas foram justificadas pelas seguintes categorias: “Todos”, “Documentários”, “Surfe”, “Futebol”, “Futebol americano”, “Golfe”, “Tênis”, “Voleibol”, “Rugby” (Rúgbi), “MMA”, “UFC”, “Olimpíadas”, “Motocross”, “Dança”, “Ginástica”, “Natação”, “Paraquedismo”, “Esqui”, “Padel”, “Caminhadas”, “Basquetebol”, “Todos os esportes americanos”, “Enduro de Moto”, “Automobilismo/ Fórmula 1”, “Moto GP”, “Artes Marciais”, “E-sport”, “Ciclismo”, “Atletismo”, “NBA”, “NFL”, “Mountain Bike”.

Você assiste a algum esporte? (265 respostas)

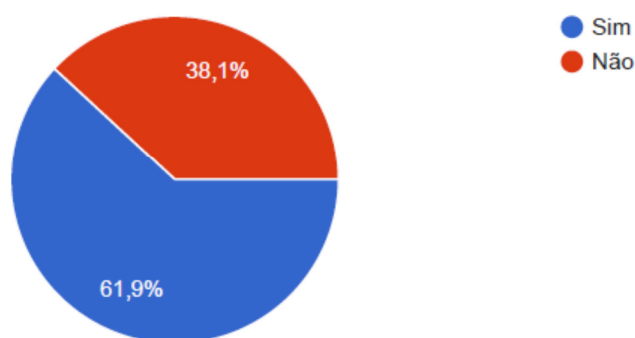


Gráfico 32 – Esportes
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Os esportes que mais se destacam são o futebol (de origem inglesa), o tênis⁴⁷

⁴⁶ Participantes 13, 18, 20, 29, 32, 38, 41, 45, 54, 59, 61, 63, 66, 68, 69, 72, 98, 101, 104, 105, 107, 118, 126, 146, 155, 156, 171, 173, 198, 204, 212, 215, 218, 223, 228, 229, 242, 246, 258, 259, 263, 265, 268.

⁴⁷ Jogo que teve origem em França nos séculos XII ou XIII, com o nome de jeu de paume. Em 1873, o major inglês Walter Clopton Wingfield inventou um jogo chamado Sphairistikè, a partir do qual se desenvolveria o tênis que hoje conhecemos. O jogo tornou-se popular na Grã-Bretanha. Por esta razão histórica, os ingleses dominaram as primeiras grandes competições e foram os principais responsáveis pela regulamentação técnica do jogo. O tênis propagou-se rapidamente aos países do império britânico. Após a Primeira Guerra Mundial, os ingleses viram-se ultrapassados pelos franceses, americanos e australianos. O primeiro campeonato do mundo realizou-se em 1877, em Wimbledon. A Associação Inglesa de Tênis foi criada em 1888. A Taça Davis surgiu em 1900, por iniciativa conjunta de ingleses e americanos. Em 1968 foi criada a Federação Internacional de Tênis. Os torneios de equipes

(de origem francesa, porém os ingleses desenvolveram o esporte que se joga hoje). Os esportes voleibol (de origem norte-americana) e basquete (de origem canadense) seguem, logo após, na preferência. Comenta-se, aqui, que o futebol já mundializado na concepção de Ortiz (2000), assim como outros esportes citados, estão hibridizados na cultura global, mas continuam a estabelecer novas influências, pois o processo é dinâmico e contínuo. Pode-se perceber que todos os esportes estão estruturados de acordo com as regras e, dizem-se aqui as regras, no sentido de que expressam condutas sociais e a carga cultural do seu ponto de partida (países que tem o inglês como língua materna).

A tabela 13 apresenta a pergunta: “Você pratica esporte(s). Se, sim, qual (is) e o que o levou a praticá-los?”

Você pratica esporte(s)? (266 respostas)

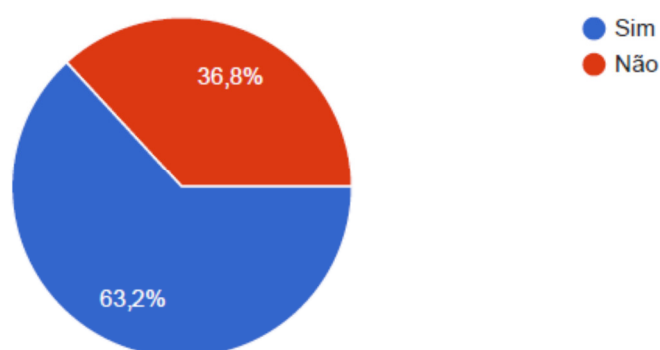


Gráfico 33 – Você pratica esportes
Fonte: Dados da pesquisa (2017).

“Não Informou”, “Futebol”, “Futsal”, “Futebol Americano”, “Academia/Fitness”, “Caminhada/Esteira”, “Corrida/Corrida de Rua/Running”, “Ciclismo/Andar de Bicicleta/Mountain Bike/Biking/Bike”, “Pilates”, “Vôlei”, “Padel”, “Tênis”, “Basquete”, “Musculação”, “Atletismo”, “Natação”, “Artes Marciais”, “Yoga”, “Boxe/Luta”, “Muay Thai”, “Handebol”, “Dança”, “Bocha”, “Trilhas de Moto”, “Aulas Funcionais”.

mais importantes que hoje se realizam são a Taça Davis, disputada por seleções nacionais masculinas. Os maiores torneios para jogadores individuais são o de Wimbledon, na Inglaterra, o de Flushing Meadows, nos Estados Unidos, o da Austrália e o de Roland Garros, na França. Informações relacionadas ao assunto podem ser encontradas no site: < <https://www.infopedia.pt/>>.

Tanto assistir a esportes quanto praticá-los leva ao entendimento que, se as regras dos jogos trazem a carga cultural que estava no bojo da língua que a criou, tem-se que levar em consideração que nos adaptamos às regras e, conseqüentemente, aos traços culturais da sua origem.

Para North (2008), o papel das instituições (regras), no seu caráter das relações sociais, foi relegado, em função do desenvolvimento econômico. Contudo, a falta de instituições resulta na ineficiência do próprio desenvolvimento econômico. Deve-se levar em consideração que as crenças e instituições (regras) armazenadas, estabelecidas no passado, limitam a forma como se vê o presente, como se vê o mundo. A cultura, ele diz, é o que os indivíduos acumulam: as várias instituições e crenças que conformam a maneira como se entende o presente. Demonstra que a cultura é um conjunto de instituições e crenças que se herda do passado, que molda a forma de ver o presente e como moldar-se-á o futuro.

Hall (1997a, p. 132), entende que é a cultura que nos governa – que regula a conduta, ação social, práticas humanas e, portanto, a forma como as pessoas agem na sociedade em geral. O autor salienta a importância da significação na sua dimensão cultural da ação social e da conduta humana. Nada poderia acontecer fora de um “sistema de significados, conhecimento cultural institucionalizado, entendimentos normativos e a capacidade de conceituar e usar a língua para representar”.

O esporte como um ente cultural traz em sua essência todos os aspectos norteadores da conduta, da ética, e, literalmente, o respeito às regras do jogo. Portanto, North (2008) afirma que é muito importante entender que as instituições (regras) são a forma como se estrutura a interação humana. O autor usa a expressão do esporte para definir as regras como orientadoras das relações sociais, ou seja, como o “jogo é jogado”.

Sob esse enfoque, Moscovici (2013) explica as representações tanto por seu caráter convencionalista quanto prescritivo. Diz que aquilo que é convencionalizado passa a ser representativo. Afirma haver uma tendência de apropriação do que foi acordado. As experiências de realidades, anteriormente determinadas convencionalmente, agregam-se às percepções, determinando o que pode significar. A memória traz os condicionamentos prévios por suas representações, linguagem e cultura. Enquanto prescritivas, as representações impingem estruturas que estão latentes anterior ao nosso pensar e de uma tradição que define o que deva ser

pensado: são o resultado de um processo que decorre do tempo por mediação das gerações.

O esporte pode contribuir para modelar a conduta das pessoas. O tênis, por exemplo, dispensa juízes em jogos de menor envergadura, pois a palavra do jogador (adversário) basta para que uma jogada ou um ponto sejam aceitos. Há uma convenção de confiança e ética entre os jogadores.

Através das duas perguntas direcionadas ao esporte teve-se a intenção de coletar informações sobre os hábitos dos participantes, buscado delinear o seu perfil, nesse âmbito.

A Tabela 14 traz o questionamento: “Ao estudar inglês, que hábitos ou costumes dos britânicos, americanos ou outros países de língua inglesa que mais chamam sua atenção, se comparados aos nossos hábitos?” As categorias principais, a partir dos depoimentos foram as seguintes: “Convívio Interpessoal”, dividida em subcategorias (“Educação”, “Formalidade e Comportamento”, “Relacionamento Familiar e com Amigos”), “Infraestrutura”, “Lazer”, “Hábitos Alimentares”, “Educação Escolar”, “Artes”, “Pontualidade”, “Cultura/Costumes”, “Higiene”, “Patriotismo”, “Comunicação”, “Rotina Diária”, “Disciplina/Organização/Princípios/Valores”, “Bens de Consumo”, “Clima”, “Arquitetura”.

A pergunta acima traz uma relação intrínseca com as perguntas relacionadas com as do esporte. Isso se justifica ao observar-se que as categorias levantadas, “educação, patriotismo, pontualidade, disciplina, organização e valores”, estão, através das regras, também atreladas ao esporte. Além disso, transparece o desejo de que se esses valores estivessem vívidos e fossem vividos no nosso país. A vivência em família, também, foi bastante salientada.

“A educação, pedindo por favor ou com licença, e agradecendo sempre que preciso” (PARTICIPANTE 91).

“Educação existente no trânsito e com a família” (PARTICIPANTE 218).

“Contribuição em querer ajudar o próximo” (PARTICIPANTE 207).

“Franqueza, maneira direta de abordar assuntos” (PARTICIPANTE 44).

“Americanos: não segue invasivo com perguntas muito pessoais, ou seja, afetuoso como um brasileiro em um estranho (beijos e abraços). Apenas um aperto de mão e olhe lá! Ingleses: muito mais respeitosos, e adoram um chá” (PARTICIPANTE 214).

“Ingleses seriedade, americanos orgulhosos” (PARTICIPANTE 175)

“Separam mais a vida pessoal da profissional do que os brasileiros” (PARTICIPANTE 105).

“Uma coisa que chama muita atenção é geralmente a frieza deles. Trabalhei como babá de 3 crianças e via pouco amor entre eles e os pais. Os pais se preocupavam muito com o trabalho, davam pouca atenção para as crianças. Outra coisa que me impressionava era como as crianças eram cobradas na escola, sempre tinham muito tema para fazer em casa. Mesmo os pequenos de 6 anos precisavam ler, pelo menos 15 minutos por dia, e fazer outros temas diversos, como português, matemática, redação e inclusive da segunda língua deles (eram judeus)”. (PARTICIPANTES 233).

“Pelo fato de já ter morado um ano nos EUA, me chama mais atenção as diferenças em alguns hábitos básicos deles, como nos horários e tipos de refeições. Eles costumam jantar muito mais cedo do que nós, fazem almoços menores, apenas um lanche, ao contrário do hábito brasileiro e um café da manhã muito mais completo, com carne, ovos, do que nós que costumamos comer coisas mais leves no café da manhã” (PARTICIPANTE 208).

“Intelectualidade. São muito estudiosos e estimulados ao aprendizado desde a infância” (PARTICIPANTES 242,50)

“A musicalidade (muitas pessoas tocam instrumentos e/ou cantam)” (PARTICIPANTES 192, 242).

“A pontualidade nos compromissos assumidos”.⁴⁸

A resposta acima refere-se a 12% dos respondentes. E seguem os depoimentos:

“Gosto por viajar e conhecer outras culturas” (PARTICIPANTE 3).

“Toda diferença cultural chama atenção, seja nos hábitos do dia a dia, na alimentação, enfim, no modo de viver” (PARTICIPANTE 193).

“Pessoas que admiram cultura, arte, música de boa qualidade, saem e curtem um simples piquenique, que valorizam o simples” (PARTICIPANTE 266).

“Proatividade, nacionalismo e cultura” (PARTICIPANTE 248).

“Respeito às leis e símbolos de seu país” (PARTICIPANTES 8, 34).

“O comprometimento e o patriotismo deles” (PARTICIPANTES 55,30,164,197,68).

“O respeito das regras” (PARTICIPANTES 60,130,206,274).

“Americanos me chama a atenção a forma como conduzem o sistema político do

⁴⁸ Participantes 95, 81, 135, 143, 157, 158, 232, 219, 243, 265, 274, 246, 249, 254, 14, 58, 85, 197,18,49, 73, 87,165, 221, 231,40.

país e dos britânicos a história e cultura (hábito de manter as coisas/histórias vivas que são diferentes do nosso país)” (PARTICIPANTE 115).

“Quando viajei para Europa, um dos hábitos que mais me chamou a atenção foi a devolução do troco de um centavo ao cliente. O segundo hábito, é o de não jogar lixo no chão. O terceiro, é o do pedestre apenas atravessar as ruas onde tem faixas de segurança (na maioria dos casos)” (PARTICIPANTE 219).

Há de se considerar também os que não perceberam qualquer diferença de hábitos ou não souberam defini-los representam 16,3%.⁴⁹

Na Tabela 15 a pergunta é: “Você percebe esses hábitos ou costumes da cultura inglesa integrados no seu cotidiano? Você poderia dar algum exemplo?” As respostas positivas (sim), superaram as negativas (não), quer seja por hábitos apenas dentro da família, na vida privada, ou por categorizações mais amplas como por exemplo: “Hábitos Alimentares”, “Cultura”, “Patriotismo”, “Arquitetura”, “Educação(Escolar)”, “Vocabulário”, “Princípios/Valores”, “Convívio Interpessoal”, “Respeitar Regras”, “Pontualidade”, “Tecnologia”, “Lazer”, “Trabalho”, “Pouco”.

A maioria respondeu que “sim” e a resposta positiva reflete aquilo que eles admiram nas culturas de países falantes de inglês. Procuram praticar em suas vidas pessoal e profissional os hábitos que entendem faltar ou não ter expressão na nossa cultura.

Há quem continue apregoando os velhos rótulos ou estigmas das culturas britânicas ou americanas, que datam de séculos passados. Não há como afirmar a ironia, que poderia ter sido a intenção dos respondentes. Como este excerto que segue:

“Infelizmente ainda não tenho costume de tomar o chá das 5h” (PARTICIPANTES 132 e 255).

Os valores como patriotismo, pontualidade, respeito às regras, organização são salientados em muitas respostas, como constituintes das vidas dos participantes, a partir da influência da cultura dos países que falam inglês.

⁴⁹ Participantes 9, 25, 28, 61, 63, 89, 104, 113, 116, 134, 141, 171, 185, 187, 220, 234, 235, 260, 261, 48, 53,54, 62, 70, 106, 118, 128, 133, 145, 148, 150, 167, 172, 230, 273.

“Trabalho em empresa multinacional onde estar presente nos horários marcados no *outlook* é algo imprescindível” (PARTICIPANTE 73).

Em outra seção se fala das empresas terem papel de escolas. Isso pode ser visto, também, pela declaração do participante 115, afirmando que:

“No trabalho aplico o sistema *Lean Manufacturing* que vem da cultura americana (época Ford- sistema puxado de produção e Toyota- sistema *Lean* de eliminação de desperdícios) onde aplico os **5S** (limpeza e organização)”.

Hall (2011), quando se refere “às culturas nacionais em que nascemos”, entende que a identidade nacional é formada e transformada no interior da representação. É o conjunto de significados que permite, nesse processo abstrato, que as pessoas compartilhem sentimentos através dos quais se identificam e mantêm a coesão.

Para Bhabha (1994), a revelação do espaço produtivo para o significante e o significado dá-se no entremeio, onde quem usa a língua(gem) encontra-se num contexto social e ideológico em que a história e a expressão comunicativa se realizam dando surgimento para o hibridismo. A representação e a identidade se unem, enquanto construção híbrida em cultura.

A Tabela 16 traz a pergunta “Quais as lojas na cidade que você mais frequenta? Por quê? Tem relação com marcas importadas?”

Categorias geradas: “Não”, “Sim”, “Nenhuma loja específica (sem relação com importados)”, “Compra por Internet, Lojas específicas (nacionais)”, “Loja específica (com produtos importados)”, “Loja não específica (opção por artigos importados)”, “Importados em alguns artigos”, “Diversos”, “Não frequenta lojas”, “Compra no exterior ou em outras cidades”.

As respostas variaram e percebe-se a valorização do produto importado pela marca e pela qualidade se comparados aos do Brasil. Tem-se, novamente, a questão da valorização do estrangeiro.

Na tabela 17 encontra-se a seguinte pergunta: “Quais são suas comidas favoritas? Você tem alguma preferência por alguma comida que não é comum da região ou dos costumes locais?” Essa gerou as categorias que seguem: “Não”,

“Somente Culinária Regional”, “Regional e Outras Culinárias”, “Sim”, “Somente Outras Culinárias”.

Nesse quesito é importante observar que houve uma mistura nas preferências. Porém há um número significativo de participantes que preferem outras culinárias e não a regional.

“Você frequenta alguma rede de *fast food*? Quais?” é a pergunta da Tabela 18. As categorias que surgiram foram: Não, Evito, Raramente, Já Frequentei, Eventualmente/Não Muito/Muito Pouco, Sim.

Ortiz (2000) afirma que a globalização e localização produzem todos os espaços como híbridos, tanto em diferenciação quanto em integração. São processos a serem refeitos. Um exemplo são os produtos McDonald adaptados aos gostos locais, uma vez que as sociedades contemporâneas estão interconectadas, não todas, é claro, mas grande parte delas, participam de uma mesma matriz. Basicamente, o que caracteriza o mundo contemporâneo são essa interligação e uma matriz comum, o que não quer dizer que seja idêntica. A matriz é a sociedade urbana, racional, industrializada. Ele exemplifica sua visão através dos hábitos alimentares do cotidiano. O importante não é os *fast foods*: não há relevância se é McDonald's, Subway, Pizza Hut ou se é um sanduíche local; é o significado que é o mesmo: é uma refeição rápida, numa sociedade na qual as pessoas têm de se mover rapidamente. Mudam-se não somente os conteúdos, mas os procedimentos.

A tabela 19 apresenta a pergunta: “Quais os restaurantes que você mais frequenta? Por quê?”

Nesta tabela, optou-se por citar todos os nomes que surgiram, conforme seguem: “Pizzarias - Brolese, La Fiamma e Fornalha”, “Churrascarias”, “Churrascaria Centenário”, “Churrascaria Gringo (Industrial)”, “Cantina Giovani”, “Cantina do Giovani (Unisc)”, “Comabem”, “Di Capri, Gelada”, “Restaurante Parque da Gruta”, “Zaffari”, “Restaurante do Imec”, “Restaurante do Supermercado Miller”, “Hotel Águas Claras”, “Hilda G”, “Le Chef”, “La Campana”, “Rancho Grande”, “Quiosque”, “Restaurante Casa das Cucas Waechter”, “Panela de Barro”, “Guloso”, “Espaço Gourmet”, “Vivaz”, “Restaurante do Comércio”, “Restaurante do Rudi”, “Tomaz (Aliança)”, “Dodo's”, “Première”, “Sorella”, “Távola”, “Amélia”, “Alemão Carioca”, “Antigo Bistrô”, “Le Bistrô”, “Chef Davi”, “Serrano”, “Duplo X”, “Comida Oriental”, “Tailandês”, “Japonês”, “Chinês”, “Shun King”, “Minato Murai”, “Qui-ro”, “Brasileiros”, “Galeterias”, “Subway”, “Heilige”, “McDonalds”, “Burger King”, “Bob's”, “Outback”, “Choperia da Brahma”, “Amsterdam”,

“Iluminura”, “Saboreares”, “Mafalda”, “UNISC”, “Sem preferência”, “Exclusividade”, “Restaurante não Especificado, mas Com Cardápio Específico”, “Restaurante Saboró” (V. Aires), “Restaurante Pizzaria D'Italia (V.Aires)”, “Restaurante Comebem” (V.Aires), “Restaurante Caçarola” (V.Aires), “Churrascaria La Grécia” (V.Aires), “Restaurante La Petite” (Vera Cruz), “Restaurantes locais de Vera Cruz”, “Raramente Frequenta”.

As preferências são variadas e não se percebe nos restaurantes a predominância de nomes em inglês.

Acredita-se que antes de iniciar a análise da seção 4 é apropriado trazer, neste segmento, o que se intitulou “ensaio fotográfico”, em que vários estabelecimentos comerciais e de negócios (alguns citados nas respostas) foram fotografados e, em algumas ocasiões, foi solicitado um rápido encontro com os proprietários de estabelecimentos ou gerentes para saber o que motivou a escolha do nome do estabelecimento. Para alguns, o nome em inglês atribui ao local um ar de “intelectualidade”, ou “é mais imponente”, “é chique”, “agrada aos clientes”, pois vão sentir-se num “ambiente de classe”. As possibilidades de justificativa variam, mas a preocupação que permeia todo o processo diz respeito ao inglês representar poder, intelectualidade, requinte. É nítida a valorização do estrangeiro.



Fotografia 6 - Red Container Hamburgueria
Fonte: Fotografado pela autora.

A proposta dessa hamburgueria, segundo os proprietários (participantes da pesquisa), foi trazer para Santa Cruz do Sul um hambúrguer tipicamente americano, adequando a comida e o ambiente do lugar a condições semelhantes aos originais.

A *Black Friday*⁵⁰ não é um fenômeno exclusivo da região em estudo, mas num acompanhamento de três anos (2015, 2016 e 2017), observou-se o aumento no número de lojas na região que aderiram a essa campanha de vendas. Ao indagar alguns gerentes de lojas com nomes em português, qual a razão da adesão; a resposta no caso de redes de lojas consideradas brasileiras ou do sul do Brasil, a resposta era sempre que a matriz determinou o evento e, junto com a resposta, era dito: “esse estabelecimento é, majoritariamente, de capital estrangeiro, não é mais brasileiro. Eles apenas mantêm o nome por ser popular/tradicional”. A resposta dos proprietários locais era de que “se não aderirmos à promoção, acabamos perdendo em vendas”. Há uma mudança de comportamento, impingida por uma questão econômica e, mais importantemente cultural, uma vez que se houvesse interesse dos proprietários locais, eles poderiam, talvez, contestar essa invasão de terminologias em inglês, mas, ao contrário, eles seguem o fluxo. O negócio é fazer dinheiro.

⁵⁰ Black Friday (Sexta-feira Negra, em inglês) é um termo usado para referir-se a vários eventos que ocorreram em sextas feiras e com alguma repercussão histórica negativa. Um deles foi um evento de sufrágio feminino ocorrido no Reino Unido em 18 de novembro de 1910, ocasionando morte e mulher e várias pessoas feridas. Se conhece como Black Friday o dia que inaugura a temporada de compras natalinas com promoções em muitas lojas. É um dia depois do Dia de Ação de Graças nos Estados Unidos, ou seja, celebra-se no dia seguinte à quarta quinta-feira do mês de novembro. Teve origem on 16, 1869 quando a revista Harper's Weekly exibiu uma charge sobre o escândalo do ouro com o dizer "Black Friday" na tentativa de controlar o mercado do ouro. Esta atividade comercial, nos Estados Unidos, começou nos anos 1930 (período da depressão econômica) e gradualmente, com a ajuda das novas tecnologias e a promoção deste dia por parte das diversas empresas, tem-se proliferado por outros países do mundo. A primeira *Black Friday* do Brasil aconteceu no dia 28 de novembro de 2010 e foi totalmente online. A data reuniu mais de 50 lojas do varejo nacional. Informações sobre o assunto podem ser encontradas nos sites: < [https://www.thebalance.com/what-is-the-history-of-black-friday->](https://www.thebalance.com/what-is-the-history-of-black-friday-); < https://pt.wikipedia.org/wiki/Black_Friday>; < [https://en.wikipedia.org/wiki/Black_Friday_\(1910\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Black_Friday_(1910))>.



Fotografias 7/8 - Panfletos de distribuição gratuita (2017)
Fonte: Fotografado pela autora.

Outro evento, seguindo a mesma linha da promoção Black Friday, diz respeito à semana seguinte, em que o centro da cidade de Santa Cruz do Sul estava tomado por faixas com a “Blue Week”⁵¹. É uma estratégia para estender o período de vendas, valendo-se de uma expressão em inglês. A iniciativa, em princípio, é da municipalidade Santa Cruz do Sul, através da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL). Certamente, outros municípios pelo Brasil afora podem estar lançando campanhas nesse sentido, para concorrer com as vendas na internet.

Capturando o que Bakhtin (2006 p.33) expressa a respeito da interpretação do significado ser ideológica: “Tudo que é ideológico é um signo, fora de si mesmo, pois sem signos não há ideologia”. E o domínio do signo passa pela representação, por uma fórmula, por um símbolo. O autor afirma que a palavra é o componente que segue com toda a criação ideológica. A palavra é o espelho do ato ideológico. É importante lembrar, ao mesmo tempo, que ideologia para Bakhtin é de caráter filosófico, ou seja, “as ideias humanas frente às percepções sensoriais do mundo externo”. Usar a cor aproxima à

⁵¹ Para fazer frente à liquidação da internet, a Black Friday, que em um dia leva R\$ 2 milhões em vendas do comércio local, cinco entidades se uniram para garantir uma semana inteira de descontos e preços baixos. Santa Cruz do Sul terá a sua primeira Blue Week, a partir desta segunda-feira, 20, até sábado, 25. Já nesta segunda, os estabelecimentos participantes da semana de descontos são indicados com faixas e tapetes azuis. Conforme o presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Santa Cruz, João Goerck, o comércio local tem condições de fazer frente à Black Friday e oferecer produtos de qualidade, com aquilo que todo consumidor quer em uma liquidação: preço baixo. “Quem leva vantagem é o consumidor de Santa Cruz e região”, comentou em entrevista à *Rádio Gazeta* na manhã desta segunda-feira. A iniciativa tem como principal objetivo a estimulação da economia local. “Fazemos o chamamento para combater a Black Friday, para que esse dinheiro gire em torno da economia de Santa Cruz”, afirmou. Disponível em: <http://gaz.com.br/conteudos/regional/2017/11/20/107650-blue_week_inicia_com_perspectiva_de_bons_descontos.html.php> Acesso em: 11 nov. 2017

ideia de ser uma promoção de preços baixos tão boa quanto ou melhor do que a da *Black Friday*. Manter os termos em inglês, garantem a representação e significação em contexto: uma época de bons preços. O processo está híbrido.



Fotografias 9/10 - Anúncios blue week
Fonte: Fotografado pela autora.

Nas três fotos que seguem ocorrem erros de ortografia, gerando uma ambiguidade e não adequação do significante e do significado.

Na primeira foto o nome da loja estaria dentro de uma lógica semântica, o equívoco está na expressão à direita abaixo da silhueta feminina. Ao colocar-se em contexto deveria ser “sex shop”.



Fotografia 11 - Sexy moda íntima
Fonte: Fotografado pela autora.

A segunda loja quer representar um local de requinte (chique), mas a palavra depois de “ponto” (*chick*) é, em inglês, “pinto”. Nessa situação, de novo o significado não representa aquilo que os proprietários da loja provavelmente desejavam.



Fotografia 12 - Ponto Chick
Fonte: Fotografado pela autora.

Neste terceiro caso, o equívoco ocorre de novo, pois acredita-se que a intenção era escrever “*chic*” (palavra que significa chique, elegante, refinado).



Fotografia 13 – Chicki “10”
Fonte: Fotografado pela autora.

Nas duas imagens que seguem temos a primeira, que mescla português com inglês, e a estrutura da segunda imagem segue a regra da inversão do inglês em que o substantivo próprio vem anteposto ao comum. Em português dir-se-ia “Hotel Charrua”.



Fotografias 14/15 – Mesclas português inglês
Fonte: Fotografado pela autora.

O objetivo nesta análise é mostrar que, tanto por aspectos sintáticos quanto semânticos os equívocos podem provocar a não compreensão do que se gostaria de significar e representar (HALL, 1997b; MOSCOVIC, 2013; BAKHTIN, 2006).

Há anúncios que trazem expressões idiomáticas que demandam, além da decifração do signo, alguma interpretação. Trazem explicitamente a carga cultural da língua (semiológica e discursiva). A fotografia que segue ilustra esse comentário.



Fotografia 16 - Outdoor

Fonte: Fotografado pela autora.

Aspectos culturais também são visíveis em relação a festivais de origem inglesa. O mais notório é o Halloween que tem uma repercussão significativa na região, especialmente, em Santa Cruz do Sul. Acredita-se que é um tanto inovadora a chamada “Procissão das Criaturas”, evento alusivo ao Halloween. Ele tem ocorrido nos últimos anos e o idealizador é um morador de Santa Cruz do Sul. O objetivo, além do entretenimento, é angariar donativos para entidades de caridade da cidade. As reportagens que seguem retratam o cenário desse evento inusitado.

HALLOWEEN 01/11/2015 16:24:04

Procissão das Criaturas lota ruas de Santa Cruz com monstros

De zumbis a enfermeiras maléficas, caminhada contou com cerca de 300 pessoas neste sábado, 31



Foto: Lula Helfer

Santa Cruz do Sul foi palco de uma celebração de Halloween de arrepiar qualquer pessoa. Na noite desse sábado, 31, cerca de 300 pessoas - ou melhor, criaturas - se reuniram na frente da Catedral São João Batista completamente caracterizadas para comemorar o Dia das Bruxas. Chamada de Procissão das Criaturas, a iniciativa chamou a atenção de quem transitava pelo Centro da cidade.

O grupo de fantasiados, que tinha desde zumbis e bruxas a personagens famosos de filmes de terror, seguiu pela Marechal Floriano em direção à Avenida do Imigrante, finalizando o percurso assustador no Shopping Santa Cruz. Por lá, chegou a acontecer um desfile destinado à escolha da melhor fantasia. Logo após os participantes se deslocaram para uma casa noturna de Santa Cruz para encerrar a noite de celebração.

A ideia de criar o evento surgiu do publicitário Eduardo Dalla Costa, que se inspirou em uma brincadeira feita entre seus amigos em 2014.

Fonte: www.gaz.com.br (2015)



Foto Lula Helfer

DE ARREPIAR 24/10/2016 08:42:23

Segunda procissão das criaturas em Santa Cruz vem aí

Com o objetivo de reunir os mais diversos personagens no Centro de Santa Cruz, evento também vai ajudar a AAPECAN.

Fonte: www.gaz.com.br (2016)

HALLOWEEN 28/10/2017 21:07:44

Procissão das Criaturas toma conta da Marechal Floriano

Evento começou ainda durante a tarde com uma feira de Cosplay na sede da Level, Zumbis, monstros, palhaços, personagens de filmes e histórias em quadrinho, além de bruxas, lotaram a Rua Marechal Floriano na noite deste sábado, 28, para celebrar o Halloween. Trata-se da terceira edição da Procissão das Criaturas, que começou ainda durante a tarde com uma feira de Cosplay na Level e encerrou durante a noite após o desfile pela principal rua de Santa Cruz do Sul.

Os participantes que marcaram presença na feira ou na procissão foram convidados a levar um quilo de alimento não perecível ou roupas em bom estado. Os donativos serão encaminhados à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

A concentração para a procissão iniciou às 19 horas na Rua Júlio de Castilhos, próximo à Loja Gang. Já a caminhada começou por volta das 20 horas. O evento encerra com uma festa na pista da Level a partir das 23 horas. A organização ainda não passou o número oficial de participantes.



Foto: Lula Helfer

Fonte: www.gaz.com.br (2017)

A pergunta da Tabela 20 – “Quais os clubes (incluindo os noturnos) que você mais frequenta? Por quê?” -, suscitou vários lugares. Por isso, optou-se por colocar o nome de todos, no sentido de evidenciar a diversidade e diferença de preferências.

Os nomes foram que surgiram nas respostas são os seguintes: “Legend Music Bar”, “Level”, “Yves”, “Sprints”, “Spirit”, “Beer Side, Casa Velha, West, Heilige, “Proeza”, “Choperia Amsterdam”, “Choperia da Brahma”, “AABB”, “Tênis Clube Santa Cruz”, “Clube União/Corinthians”, “Clube Aliança”, “Country”, “Clube Social e Esportivo Tiro e Caça”, “Pub's”, “Clube Cultural 25 de Julho”, “Associação do Rádio Amadores”,

“Galeras Rock Bar” (Lajeado), “AABB de Venâncio Aires”, “Não Específico”, “Não Freqüento”.

O objetivo principal na maioria das explicações é a interação social com os amigos, tipo de música (rock and roll, por exemplo). Seguem alguns comentários:

“São onde meus amigos vão” (PARTICIPANTE 172).

“Porque são ambientes que me sinto bem. Há pessoas bonitas e inteligentes” (PARTICIPANTE 262).

“Não costumamos sair muito, mas as vezes que fomos na Legend, gostamos. Talvez seja porque é mais frequentado por pessoas um pouco mais maduras e geralmente tem apresentação de boas bandas de rock” (PARTICIPANTE 79).

Outro aspecto que se mostrou, através da pergunta da Tabela 20, é que vários nomes de bares e clubes esportivos e noturnos têm seus nomes em inglês. O SCCC (Santa Cruz Country Club) é um exemplo disso.

Há 13 clubes de golfe afiliados à Federação Rio-grandense de Golfe, dentre eles, o Santa Cruz Country Club (SCCC), mais conhecido como “Country”.

Fundado em 11 de setembro de 1959, por um grupo de santa-cruzenses, na praia de Torres, onde conheceram e se interessaram pelo golfe. O SCCC é hoje o único campo de golfe de 18 buracos do interior do Rio Grande do Sul, construído com a colaboração dos sócios e de empresas da cidade e da região⁵² (SCCC, 2017).

Essas colocações nos remetem ao que Bakhtin (2006) diz em relação à palavra estrangeira, em que o “valor da língua está representado pelo fenômeno social, da interação verbal, realizada através das enunciações”.

A interpretação de significado remete à ideologia, independentemente de qual seja ela. É por ela que as mudanças sociais ocorrem.

⁵² Diz a história que o golfe chegou no Brasil, no final do Século XIX, quando engenheiros ingleses e escoceses que construíam a Estrada de Ferro Santos-Jundiá, a São Paulo Railway, pediram e convenceram os monges beneditinos a ceder uma parte do terreno do Mosteiro de São Bento para a construção do primeiro campo de golfe brasileiro. Em 1901, o campo mudou-se para cidade e o esporte passou a ser praticado em uma região próxima à Avenida Paulista e à Avenida Brigadeiro Luiz Antônio. A presença dos britânicos era tão comum, que o local é conhecido até hoje como o “Morro dos Ingleses”. Nesta época, foi fundado o São Paulo Country Club. O campo de golfe sofreu ainda mais duas mudanças de endereço, sendo a primeira para Jabaquara. Em 1915, surgem os campos de Santana do Livramento Golf Club, no Rio Grande do Sul, sendo o campo mais antigo do Brasil, e o de São Vicente, em São Paulo. Tais informações podem ser pesquisadas no site: <<http://frgg.com.br/frgg/clubes-filiados>>.

Uma vez que a discussão deste estudo está na área do Desenvolvimento Regional, entende-se próprio trazer outro exemplo de como o signo permeia nossas ações, através dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento, os COREDES.

OS COREDES, de acordo com Silveira et. al. (2014), utilizam a ferramenta de análise SWOT⁵³, para base de gestão e planejamento estratégico. Essa ferramenta teve sua elaboração inicial nos Estados Unidos da América. Partindo do posicionamento de Hall (1997a), quando afirma que a linguagem traz, em sem âmago, toda a cultura com ela criada, todas as nuances da língua-mãe, faz sentido pensar na importância da cultura, quando essa direciona para o seu papel na organização e estruturação da sociedade moderna, nos processos de desenvolvimento em nível regional e global e no arranjo dos recursos materiais e econômicos, especialmente, no que diz respeito aos meios de produção e seu compartilhamento. A cultura, pela linguagem, influencia as formas de vida, como as pessoas vivem, significam suas vidas e suas perspectivas futuras dentro de sua comunidade.

Nesse contexto, quando se pensa na influência das empresas transnacionais que desenvolvem planos estratégicos para seu funcionamento, é relevante destacar o depoimento de participantes que afirmam modelar seu planejamento doméstico, familiar com base nos planos estratégicos e ferramentas institucionais da empresa em que trabalham. As empresas assumem o papel de “educandário” (grifo da autora). As pessoas alteram sua forma de ver a vida, reavaliar valores tanto no plano material (econômico) quanto nos valores de ordem ética, moral e comportamental (cultural). A empresa DuPont (nota de rodapé 41), com afiliada em Santa Cruz do Sul, tem regras estritas quanto à segurança no trabalho, introduzindo uma série de condutas dentro da empresa visando à integridade física de seus empregados. Esses hábitos são levados para os lares e outros ambientes de interação social. Um exemplo pessoal, foi observar um aluno (respondente do questionário desta pesquisa) posicionando as pontas de todos os lápis (que estavam num porta-lápis na posição vertical) para baixo, porque aprendeu nessa empresa a assim fazê-lo.

⁵³ A técnica de análise SWOT é um sistema simples para posicionar ou verificar a posição estratégica da empresa no ambiente em questão. ... O termo SWOT é uma sigla oriunda do idioma inglês, significando Forças (Strengths), Fraquezas (Weaknesses), Oportunidades (Opportunities) e Ameaças (Threats). Albert S. Humphrey, então atuante no Stanford Research Institute (Instituto de Pesquisa da Stanford), conhecido hoje como SRI International, tem sido considerado o principal autor da Matriz SWOT, mas a ferramenta é antes de qualquer coisa, fruto de um trabalho coletivo. Em 1949, a DuPont, companhia americana fundada em 1802, que atua no ramo da indústria química, resolveu criar um Plano Estratégico Corporativo para nortear a sua atuação no mercado. Nesse sentido, recomenda-se a pesquisa do site: <<http://www.institutomontanari.com.br/analise-swot-origem>>.

Raffestin (1993), ao fazer uma analogia da língua como recurso, entende que essa se manifesta no interior da relação de produção. Não é direta como a detectada na relação econômica, mas indireta e de caráter semântico.

Pelo paradigma da filosofia da linguagem, Oliveira (1996) afirma que o mundo é o todo ao qual a experiência está linguisticamente delineada. Assim, pelas palavras, pode-se tomar conhecimento das mudanças de costumes e valores, pois a linguagem concretiza a relação com o mundo em que se vive.

Ao pensar a origem da língua(gens), Bakhtin (2006), como já mencionado, no fato de que a linguística e a filologia aludem à palavra estrangeira pelo papel histórico no processo de formação de todas as civilizações da história. Essa função foi conferida à palavra estrangeira em toda a gama da criação ideológica. Cabe ressaltar que Bakhtin (2006) refere-se à palavra como “veículo da civilização, da cultura, da religião, da organização política”. Essa função organizadora da palavra estrangeira – palavra que leva consigo forças e estruturas estrangeiras, a consciência ideológica do povo invasor – fez com que essa palavra se fundisse com a ideia de “poder, de força, de santidade, de verdade”.

Procurou-se, até aqui, dar uma sequência às análises, seguindo a ordem das perguntas dentro do questionário, um dos recursos utilizados nesta pesquisa. Porém, como a análise da Tabela 20 nos remete à palavra e ao impacto do signo, como elemento ideológico, traz-se a última seção, neste ponto.

A tabela 26 (APÊNDICE C) origina a seguinte questão: “Marque as expressões ou palavras que você percebe serem usadas no dia a dia, mescladas no uso do português”: os resultados são mostrados no gráfico de barras abaixo e as respostas estão em ordem decrescente, ou seja, da palavra de maior até a de menor ocorrência.

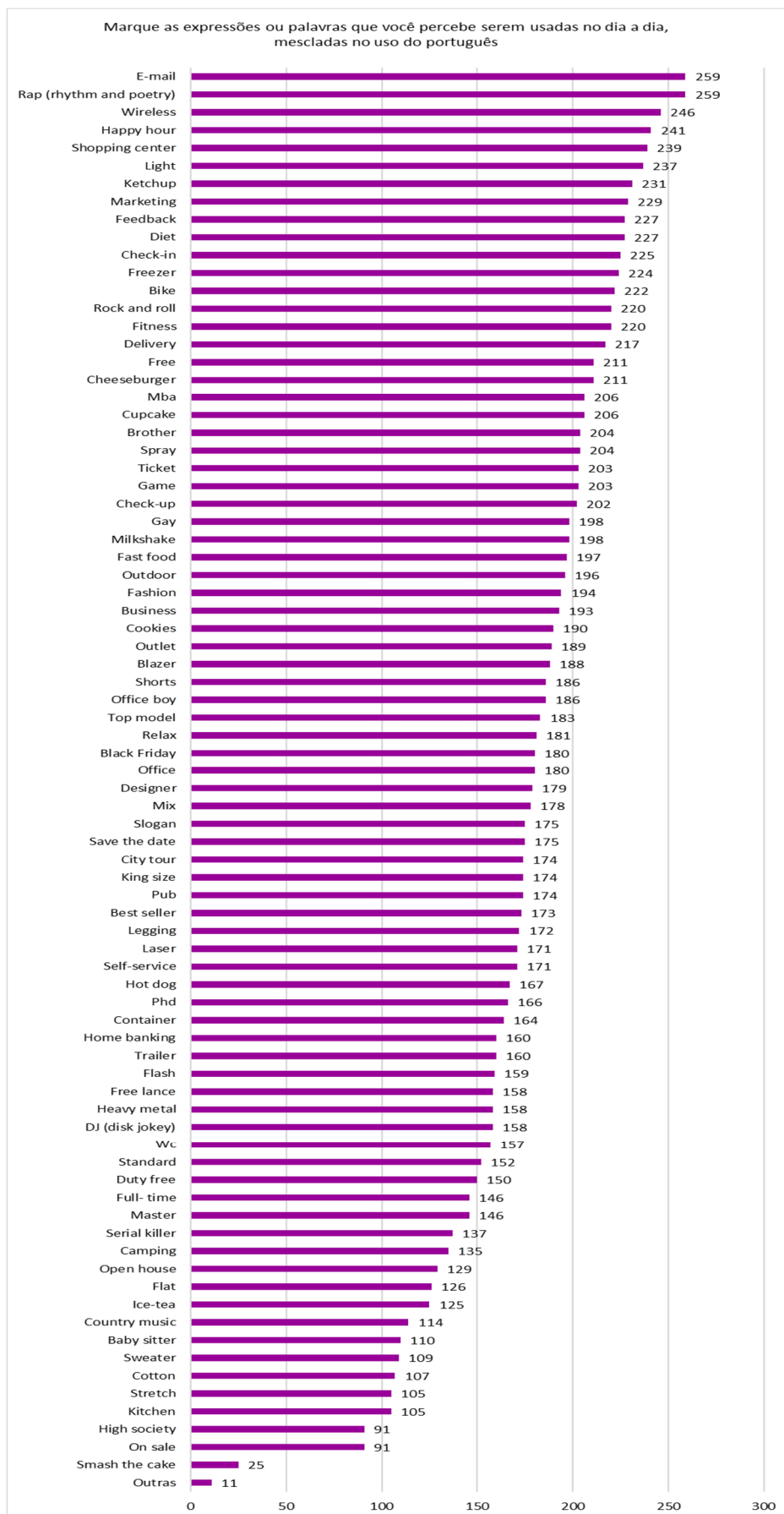


Gráfico 34 - Palavras mais recorrentes

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da pesquisa (2017)

As palavras estão em ordem decrescente, ou seja, a partir das que têm maior incidência. É importante ressaltar que dos 274 respondentes, um número restrito de palavras ficou abaixo de 105 (cento e cinco), sem serem consideradas de uso no cotidiano. A maioria é mencionada a partir de 150 (cento e cinquenta) ocorrências, o que representa quase 54,7%. Um exemplo de como as palavras são utilizadas, de forma espontânea e “óbvia”, é a resposta da participante 9 quando diz: “Levo alguns minutos para “setar” o cérebro. Outro exemplo ocorre com as expressões *e-mail*, *rap*, *wireless*, *happy hour*, que ficaram entre as quatro primeiras mais assinaladas. Digase, aqui, que foi intencional não colocar *online* e outras palavras relacionadas à informática, porque já estão “incorporadas” no português. As expressões *save the date* e *Black Friday* estão na frente de *hot dog*. Com intuito de provocar algumas pessoas, no decorrer da pesquisa, procurou-se convidá-las para “uma hora feliz”. Todos, sem exceção, reagiram com olhar de dúvida, estranhamento. Assim que se mencionava a expressão em inglês *happy hour*, a reação da maioria também foi similar: “Ah, você quis dizer *happy hour*! Agora entendi!” Poder-se-ia citar outros exemplos nessa linha, mas o mais importante é que, a partir da pesquisa, em muitos casos, não existe a percepção da incorporação das palavras em inglês. Elas estão se tornando “naturalizadas”. Vale a menção de que, quando se solicita a tradução da expressão *shopping center*, em experiência de sala de aula com a pesquisadora, a maioria não sabe traduzir a expressão para o português. A resposta é: “Ah, *shopping center* é ‘shopping’! Eu vou ao shopping!”.

Oliveira (1996) comenta sobre a inexatidão da linguagem, uma vez que está sujeita a codificações e recodificações e o contexto em que tais significações ocorrem. Essas ficam em suspenso, dependendo do tipo de jogo de linguagem que se queira. O jogo de linguagem vai validar a linguagem. Nos exemplos acima citados, confirma-se que o quadro (sobre as expressões mencionadas) já está circunscrito mentalmente para os sujeitos e todo esse conhecimento e representação já está configurado pelo inglês. Então, “hora feliz” ou “centro de compras” não significam, pois não têm valor representativo.

Moscovici (2013) e Hall (1997b) entendem que se pensa por meio de uma língua, com a qual organiza-se pensamentos num sistema condicionado, pelas representações e pela cultura. Vê-se somente o que as convenções subjacentes nos permitem ver: as pessoas mantêm-se inconscientes dessas convenções.

As tabelas (21, 22, 23, 24 e 25), que seguem, dizem respeito apenas aos participantes que migraram para a região. Através destas perguntas, procurou-se saber a opinião das pessoas que vêm para esta região.

Na tabela 21, as perguntas “Quais os lugares que você morou antes de vir para a região de Santa Cruz do Sul” e “O inglês foi importante nessas experiências?” geraram as categorias: “Não Informou”, “Sim”, “Não”.

A maioria dos respondentes é proveniente do Estado do Rio Grande do Sul e os que responderam “sim” para a importância de saber inglês, nessas experiências, tem relação direta a trabalho e estudo. O número de respondentes que disseram “não” para a importância do inglês é superior aos que disseram “sim”. Detalhes na tabela 21.

Na tabela 22 – “Em que aspectos a cultura da região de Santa Cruz do Sul difere ou se assemelha a sua região?”, as categorias criadas a partir das ocorrências foram: “Cultura/Tradição”, “Organização/Segurança”, “Clima”, “Culinária”, “Língua”, “Entretimento”, “Colonização”, “Relação Interpessoal”, “Trabalho”, “Similar”, “Diferente em tudo. Sugere-se recorrer à tabela 22 para apreciação das respostas individualmente.

A tabela 23 – “Que fatores facilitaram sua inserção nesta região?” produziu as categorias: “Trabalho”, “Família/Amigos”, “Capacidade de Adaptação / Comunicação”, “Origem Germânica”, “Esporte”, “Educação”, “Hospitalidade”, “Diversos”, “Não tive facilidades”.

A tabela 24 – “Que fatores dificultaram sua inserção nesta região?” teve com maior ocorrência: “Nenhum/ Não Houve”, “Povo Fechado”, “Não ser de origem germânica”, “Círculo de amizades restrito”, “Diversos”.

Por sua vez a tabela 25 – “Falar inglês teve influência ou não? Por quê?” o “não” tem prevalência sobre o sim.

A maioria dos participantes, que se deslocou para a região em estudo, foi motivada por oportunidades de trabalho em empresas transnacionais ou relacionadas a elas direta ou indiretamente.

Decorrente desse fato, cabe salientar que os respondentes entendem que o trabalho, na região em questão, é executado com disciplina, respeito, profissionalismo e obstinação. Para alguns, dentre os fatores que também facilitaram sua inserção nessa comunidade está a estreita relação com o trabalho pela reputação de sua empresa, que era transferida aos respondentes, tornando-os confiáveis e respeitáveis.

Observaram-se similaridades nas percepções sobre a região no que diz respeito a cultura alemã, clima, na organização e alegria das pessoas.

Alguns lamentaram a quase inexistência de atividades culturais como teatro, concertos musicais, exposições de artes, eventos esportivos, entre outros, que envolvessem variedades culturais internacionais. Criticaram a falta de programas de boa qualidade nos meios midiáticos regionais que se restringem às notícias locais, novelas e programas de conteúdo pobre, com pouca análise de visão internacional.

Na convivência social, o aspecto salientado é o culto ao convívio familiar mais intenso, especialmente nos finais de semanas, em detrimento à interação entre amigos, com a valorização das comidas e bebidas típicas como o churrasco e o chimarrão, integrados à culinária germânica.

Reunir-se para compartilhar uma refeição é vista como elemento de integração, salientando seu caráter social, ao comparar o hábito de tomar chimarrão e comer churrasco, comum aos brasileiros do sul, considerando que ambos têm um simbolismo de encontro.

Aprender a tomar chimarrão⁵⁴ e a falar sobre assuntos específicos da região foram levantados como fatores facilitadores de inserção na comunidade, pelos participantes.

O aspecto da tradição, no sentido folclórico da palavra, é motivo de observação aos que aqui vêm morar na região em estudo, considerando a música germânica e gauchesca, ouvidas nas rádios, têm o intuito de manter as tradições e o respeito pela cultura dos colonizadores bem como a do Estado.

A cultura da região, com ênfase em Santa Cruz do Sul, é vista como mais “vertical” comparada com a de origem de outros brasileiros, isto é, há referências culturais específicas da etnia europeia que a colonizou. É nítida a presença da cultura alemã, em especificidade e profundidade, sendo, conforme os participantes, rica em elementos da culinária, linguagem verbal, linguagem corporal, vestuário, arquitetura, religião, ética e valores culturais.

Da mesma forma, muitas relações de amizade e aproximação com as pessoas da comunidade foram estabelecidas através da prática de esportes como o tênis e o

⁵⁴ Regionalismo: Sul do Brasil. Diz-se de ou mate amargo, preparado com água fervente numa cuiá, sem açúcar, e sorvido por meio de uma bomba ('canudo'). Consumido frio ou quente no Brasil, no Paraguai, na Argentina, no Uruguai, na Bolívia e no Chile. Nome científico: (*Ilex paraguariensis*), árvore de até 10 m da fam. das aquifoliáceas, nativa da América do Sul. (HOJAISS, 2009)

golfe, esportes internacionais. Houve casos de brasileiros que, ao frequentarem escolas para estudar inglês, criaram amizades, ajudando-os, também, a compreenderem a cultura regional. Entendem que falar alemão⁵⁵ teria facilitado a aceitação e aproximação com as pessoas.

Outro aspecto a considerar, foi que muitos veem a cultura regional como “fechada”. Esse sentimento de exclusão foi expresso como um fator que dificultou a adaptação.

O período de deslocamento contribui para que as percepções se alterem. Pessoas que vieram para a região, mais recentemente, relataram que, especialmente, Santa Cruz do Sul pode ser considerada um “paraíso”, para quem conhece quase todo o Brasil, com sua marcante diversidade. Essa apresenta um nível mais elevado nos aspectos de educação, atenção aos idosos, qualidade dos serviços públicos, limpeza do espaço público. Entendem que a população é bastante reservada, mas responde com solicitude quando abordada, sempre buscando atender da melhor forma possível.

Nas tabelas direcionadas só para os migrantes, há uma mistura de percepções que dificulta apreender uma posição uníssona em relação à região. Poder-se-ia dizer que a subjetividade individual preponderou sobre a coletiva. Todavia, há uma riqueza de informações que pode ser percebida, resumidamente, nas observações acima.

Ampara-se em Bourdieu (1991) para afirmar que se deve estar consciente de que a língua (gem) é parte integrante da vida social com todas as suas complexidades e a troca de expressões linguísticas no dia a dia da interação em sociedade, o que para Bakhtin (2006) representa a ação entre duas pessoas, pois a fala tem base na alteridade da linguagem.

Hall (1997a) entende que na soma dos diferentes sistemas de classificar e as próprias formas do discurso, estão os recursos nos quais a língua apresenta o significado das coisas e as formações discursivas reúnem as assertivas sobre qualquer espaço em que a produção do conhecimento ocorre pela língua. Essa, segundo ele, é a “virada cultural” que se estende da linguagem à vida social, pois os eventos em sociedade estão condicionados aos significados e afetam as formas de

⁵⁵ O ensino do alemão é comum na região, devido à etnia hegemônica na formação da mesma. O dialeto germânico é falado em casa e em alguns locais de convívio social tanto pela população mais antiga, especialmente na zona rural dos municípios, bem como por parte dos mais jovens. Em muitas situações crianças começam a aprender a língua portuguesa, quando vão ao ensino formal, por volta dos seis anos de idade.

viver. Recai nessa questão que a cultura, por vezes, é entendida como significados e mapas conceituais compartilhados.

As experiências de realidades previamente determinadas por convenções, aquilo que tem significado (ou não), agregam percepções: o pensamento se expressa pela linguagem e se organiza mediante a um sistema condicionado por representações e cultura. Dessas experiências, novas expressões culturais (híbridas) germinam. Elementos que antes estavam determinados separadamente entram em combinação para resultarem em novas estruturas, objetos e práticas.

O hibridismo para Bhabha (1994), é elemento constituinte da linguagem e, de imediato, da representação. Não se pode pensar o hibridismo sem pensar no deslocamento existente entre o enunciado e a enunciação. A compreensão da representação, do lugar de enunciação e de quem emite a mensagem são determinantes. A enunciação mostra “um espaço atravessado” das diferenças ideológicas e valores socioculturais constitutivos do sujeito. Esse “terceiro espaço” reúne o contraditório e conflitante dos elementos linguísticos e culturais que, ao interatuar, hibridizam-se.

Uma vez que o inglês (a língua universal contemporânea) é o foco deste estudo, trazer Ortiz (2000) permite o entendimento de que esse idioma não representa o desaparecimento das outras línguas e culturas. Há um processo e, nele, um movimento hierárquico de expressão das diferenças culturais, identitárias e linguísticas. Esse processo é de afirmação, de variedade, de diferença num mundo hierarquizado. O inglês, no momento, é o primeiro no *ranking*.

Os dados mostram que na vida das pessoas da região desta pesquisa, em todos os ambientes de interação social (trabalho, cultura (arte, cinema, literatura), educação, viagens, restaurantes, lojas, esportes, saúde, redes sociais, hotéis, agências de turismo, etc.) percebe-se a obliquidade do inglês.

6 CONCLUSÃO

Com base nos Estudos Culturais, o termo hibridismo ou hibridização (a partir do discurso pós-colonial) assume outra definição que diz respeito às culturas e a interação entre elas. Referenciar hibridização em cultura envolve falar em linguagem, representação linguística e social, pois é elemento constituinte da linguagem e da identidade, imbuídas da representação. Nesse universo, os conceitos e ideias se traduzem em diferentes línguas e a língua(gem) pode ser interpretada para se referir ao ou ser referência do mundo. O processo de hibridização ocorre no interstício, em que aquele que usa a língua(gem) está posto num contexto social e ideológico, no qual a história e a expressão comunicativa se realizam. As considerações teóricas sobre a linguagem e a representação social se juntam, enquanto construção híbrida em cultura.

Essas transformações não são específicas de determinado grupo ou classe social: as deslocamentos culturais se manifestam em qualquer dimensão escalar, quer seja geográfica, econômica, social ou cultural.

Desse ponto, o sujeito, com seus valores culturais e sociais, recebe uma nova aceção dentro dos estudos regionais, eliminando-se o atributo que o reduzia a um ser, praticamente, econômico ou um dado estatístico. Houve uma ênfase no contexto cultural e histórico, entendendo-se que os homens são os atores de si mesmo e de sua história. Na análise da abordagem “Base e da Superestrutura”, o olhar direciona-se para a “Base” como processo e não como um estado de propriedades fixas que dita os procedimentos que variam na “Superestrutura”. Há de se pensar a “Base” afastada da noção de abstração econômica ou tecnologia como engessada em contraste com as atividades dos sujeitos, nas suas relações sociais e econômicas reais. Como já dito, é um processo em seu caráter ativo.

Outro fator substancial nos processos de hibridização cultural diz respeito aos deslocamentos humanos, pois nossas sociedades surgem a partir de muitos povos e suas origens são diferentes. Os que estão aqui pertenciam a outro lugar.

A dimensão dos processos de hibridização toma proporções incomensuráveis, considerando os processos de (i)migração que vêm ocorrendo por todo o globo e intervindo nas conformações das culturas e suas identidades. Essas novas formas não levam mais em consideração apenas os países que antes cominavam a matriz. Quando uma pessoa se desloca de um ambiente para outro, as semelhanças entre

os dois lugares passam despercebidas. O destoante é o que possivelmente deverá ser incorporado em favor da convivência.

A região se torna o espaço de pertencimento simbólico, de referência e de identidade regional, superando os limites do lugar em relação à sua realidade objetiva e, portanto, passa a ser visto como um contíguo de significações. Assim, os estudos regionais passam a visualizar o homem junto aos seus valores culturais e sociais. A base historicista da geografia é trazida à tona, uma vez que a região se torna um resultado da história e da cultura, recortada em um específico território. Os interesses sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais servem como propulsores do seu próprio desenvolvimento. As diferenças próprias de um território não significam necessariamente desigualdades quando comparadas, devem ser vistas como potenciais de desenvolvimento.

O território pode ser percebido a partir de diferentes pontos de vista, realçando aspectos antes não observados. Cada espaço social pode trazer representações específicas. Os aspectos históricos e a organização de um território sob as diversas ordens são determinantes no processo de desenvolvimento de cada região.

A narrativa histórica e o desenvolvimento socioeconômico e cultural da região de Santa Cruz do Sul enriquecem o entendimento desse processo interdisciplinar e a escolha por essa trajetória, uma vez que a construção histórica pode orientar para a referência cultural do processo de desenvolvimento dessa região.

Portanto, ressalta-se que a colônia de Santa Cruz do Sul, fundada em 1849, veio a ser uma das colônias mais prósperas do sul do Brasil, produzindo tabaco como cultura comercial e tornando-se município, em 1878.

A municipalidade de Venâncio Aires iniciou sua formação mais tarde, a partir de 1853. Em suas terras havia a pecuária extensiva, extração de madeira e erva-mate, bem como a agricultura de subsistência. Com o desenvolvimento gradativo, Venâncio Aires, em 1891, obteve sua autonomia política e administrativa.

Vera Cruz tornou-se município, em 1959. A proximidade geográfica facilitava o acesso à colônia de Santa Cruz do Sul (município-polo), permitindo a circulação e o escoamento dos produtos coloniais, o que facilitou alcançar sua autonomia.

Foi, a partir de 1917, que a reorganização e as novas composições de estabelecimentos comerciais e de beneficiamento de tabaco deram início, devido à acumulação de capital proveniente do comércio e do capital internacional na região. Outras indústrias do ramo metalúrgico, da alimentação e da borracha têm tido

relevância à economia de Santa Cruz e municípios vizinhos, mesmo que em menor escala.

Geograficamente, a posição central de Santa Cruz do Sul foi decisiva para o seu desenvolvimento a partir das primeiras atividades até o fim dos anos 1960, período que marca a instalação e o funcionamento das corporações internacionais, principalmente de tabaco, no município.

A imigração e a colonização alemãs, no Brasil, influenciaram o processo de diversificação da agricultura e o processo de urbanização e de industrialização, refletindo na arquitetura das cidades e na paisagem físico-social desse território.

Atualmente, as práticas de gerenciamento nas companhias transnacionais valorizam os trabalhadores, sob o ponto de vista intelectual e neles recai a necessidade do refinamento de sua educação e produção criativa. As empresas, ao reconhecê-los como colaboradores do desenvolvimento de produtos e processos para a sua melhoria, demandam uma mudança cultural e interacional relevante a esse gerenciamento. Essa nova configuração, especialmente na região em estudo e devido à transnacionalização das empresas, fez com que os trabalhadores passassem a buscar sua própria valorização e qualidade de trabalho. Essa nova visão tornou o aprendizado da língua inglesa fundamental nas mais diversas posições dentro das empresas e, por extensão, aos que buscarem trabalho em serviços relacionados à dinâmica laboral da região.

Nesse sentido, a crescente procura pelo estudo da língua inglesa gerou uma oportunidade de negócios visível com a criação e a ampliação do número de escolas de inglês e de profissionais dessa área na região, especialmente, em Santa Cruz do Sul.

Ao aprender inglês, entende-se que esse está vinculado a sua carga cultural, pois a língua(gem) é um sistema social e requer a ativação de um conjunto de significados que já estão entretecidos e seu sistema cultural e linguístico. Os atores, nessa interação social, podem interpretar e significar sua ação social devido aos vários sistemas e códigos que dão significação às suas ações e que permitem interpretar as ações dos outros. Nessa interação, o inglês representa a intercessão, pois os que (i)migram fazem uso dessa língua no seu trabalho e em momentos de integração social.

Em conformidade com o que foi delineado, percebe-se que a escolha do tema de tese, quanto à questão da interdisciplinaridade, estabelece a língua inglesa numa

relação de características peculiares com a região, aproximando elementos da linguagem, história e cultura num contexto social único. A interdisciplinaridade em cultura reconhece uma diferença cultural produzida. Nessa movimentação incessante para tradução cultural, os contextos híbridos abrem espaços na linguagem da cultura, em que a semelhança do símbolo, a maneira que ele atua em lugares culturais, em que a reprodução do signo é, tanto diferente quanto diferencial, em cada episódio social. Sob o ponto de vista da referência, num mundo de constante deslocamento de identidades, a língua é um dos elos geradores do sentimento de pertencimento cultural.

Os aspectos da língua(gem) no processo de hibridização, podem ser entendidos sob o fito interno da língua (semiótica ou semiologia) e, externo, pelos atos da fala e interação social (dialógica). No aspecto interno da língua, no significado, é que o pensamento e o discurso se juntam, gerando os atos da fala numa interação social. O mundo é o todo no qual nossa experiência está linguisticamente delineada. A formação linguística da experiência de mundo possibilita abranger as mais diversas relações e mudanças de vida e, pela transformação das palavras, o conhecimento das mudanças de costumes e valores é evidenciado. Os humanos têm o privilégio de contar com a língua(gem), a ferramenta da qual a ação comunicativa pode obter consenso para seu próprio avanço. A linguagem, também traz consigo as representações e, nesse produzir, entre a linguagem e as representações é que as formas de ver os acontecimentos são compreendidas.

Ancorando-se na língua em estudo, o inglês, esse se revela e manifesta a globalização da vida moderna, mas sua “mundialidade” mantém os outros idiomas dentro desse espaço “transglóssico”. O escopo do inglês ultrapassou as fronteiras dos seus povos autóctones e sua penetração o torna a língua oficial das relações internacionais.

Com base no acima exposto buscou-se uma leitura reflexiva em relação ao objeto (a língua inglesa e o hibridismo cultural na região de Santa Cruz do Sul), considerando a percepção dos atores sociais (os sujeitos participantes na pesquisa). Portanto a abordagem metodológica da fenomenologia-hermenêutica colaborou para ampliar e aprofundar este estudo, uma vez que, por meio dela, foi possível traçar o processo de constituição do fato social, pois são os atores sociais que geram a realidade social imbuídos da construção de significados (cultura e identidade regionais).

Orientada pelas considerações apresentadas e pela importância dessa região com uma cultura e uma identidade únicas, desvelou-se o problema da tese: como o aprendizado e o uso da língua inglesa configuram o processo de hibridização cultural na região de Santa Cruz do Sul, no contexto do desenvolvimento regional?

Pode-se afirmar que ao analisar essa problematização, as categorias que se sobressaíram remetem ao fato de que a região de estudo traz atributos da colonização germânica e está implícita a determinação para o trabalho e a preocupação com o estudo e crescimento intelectual, vistos os principais aspectos considerados pelos colonizadores ao chegarem aqui. Os participantes têm expressado a preocupação pela educação de seus filhos e veem no trabalho, através do inglês a possibilidade de melhorias de vida, tanto material quanto intelectual.

Os aspectos culturais são decisivos no desenvolvimento da região, levando em consideração a análise da relação entre “Base e Superestrutura”, sob o aporte dos Estudos Culturais. Explica-se que para entender uma cultura predominante, deve-se compreender o processo social de fato e o processo de abrangência do qual ele faz parte. Esses são significativos socialmente e impactam economicamente. Considera-se que os aspectos linguísticos e culturais da língua inglesa influenciaram a realidade regional, tanto no seu desenvolvimento social quanto econômico.

A comunicação em inglês se efetua na vida pessoal e profissional dos respondentes, uma vez que é aparente o compartilhamento de um mapa conceitual similar, num processo de reciprocidade, mesmo com o desafio de se originarem de diferentes contextos culturais. A dimensão simbólica, a que remete a linguagem, na maioria dos depoimentos, foi capturada efetivando o diálogo e a interação social. A palavra provou-se contextualizada.

Pelas representações se validam a estrutura e a tradição transmitidas, que são resultados de construções e transformações que ocorrem no tempo e entre gerações, sem mesmo que se perceba. A insegurança e a timidez, ao falar outro idioma, podem estar relacionadas a questões culturais e históricas. A memória tem relevância na dinâmica das relações, pois é o momento onde os acontecimentos passados são percebidos e compreendidos, em que os sujeitos possuem o capital e as habilidades linguísticas para se apropriarem dos significados, compreendê-los e poderem interatuar com autoconfiança.

Ainda que outros elementos passaram a integrar o quadro representacional invocado para narrar essa região, argumenta-se que nos múltiplos encontros

interculturais ocorridos ao longo da história da mesma região, ocorreram hibridizações de muitas ordens; étnicas, linguísticas, religiosas, entre outras, às quais vieram se associar aspectos decorrentes de uma particular conjuntura empresarial e econômica no bojo da qual a introdução da língua inglesa habilita grupos de sujeitos a integrarem-se a processos atinentes a essa conjuntura.

Uma questão que se sobressaiu trouxe as razões dos participantes para migrarem para os países de língua inglesa. Eles apontaram a busca pela qualidade de vida somada à perspectiva de educar seus filhos num ambiente de segurança, com serviços públicos de qualidade e oportunidades de trabalho. O inglês levou-os a conhecer uma nova realidade, que lhes permitiu perceber outros mundos (com outras culturas) que eles possivelmente possuem como ideal de vida.

A hibridização também se revelou no que diz respeito a vivenciarem hábitos culturais relativos ao esporte, à culinária e eventos sociais oriundos de países anglofônicos. O esporte, também, representa um atributo de hibridização, constatado pelos hábitos e preferências esportivas. Percebeu-se que o estigma de hábitos da cultura britânica ou americana, que data de séculos passados, ainda circula. Incorporaram, em suas vidas pessoal e profissional, hábitos que entendem faltar ou não ter expressão na cultura brasileira.

A palavra estrangeira encontra sustentação nos estabelecimentos comerciais e em clubes. Para alguns, o nome em inglês traduz um ar de intelectualidade, imponência e requinte, com a intenção de impressionar, positivamente, os clientes. Os nomes das lojas refletiram apropriação da língua inglesa, bem como no caso de alguns clubes noturnos e de golfe.

As palavras inglesas, integradas ao cotidiano da comunidade investigada, mostrou a hibridização da língua portuguesa, que, por conseguinte, introjeta a carga cultural das expressões incorporadas.

Os festivais de origem inglesa também são manifestados. O mais popular é o Halloween com reverberações na região de estudo. A “Procissão das Criaturas”, é um tanto recente e criativa e alude ao Halloween. Ela tem ocorrido nos últimos anos e foi idealizada por um residente de Santa Cruz do Sul, com o objetivo (além do entretenimento) de angariar contribuições para associações filantrópicas da cidade.

A introdução de elementos novos ao evento, como a Procissão das Criaturas, tem demonstrado a apropriação cultural. Indícios consistentes de hibridização foram

trazidos a partir de entrevistas relacionadas à “Black Friday” e à campanha “Blue Week”, bem como a partir do ensaio fotográfico deste estudo.

Os processos de hibridização levam tempo para sua consolidação e devem ser entendidos nos diferentes tempos, pois é na convivência, no compartilhamento de ideias que nos identificamos e nos inserimos em uma comunidade cultural. Essa é constituída de diferenças que coexistem numa região, numa nação e num mundo em constante transformação.

Ao analisar a trajetória do estudo de inglês, nas últimas cinco décadas, com base nos relatos, percebe-se que esse tem tido influência nas relações sociais pessoais e de trabalho. Pode-se afirmar que há uma visão manifesta sobre aprender inglês em outros segmentos dessa comunidade, se para estudo, interação com o mundo ou por oportunidades de trabalho.

Parte dessa nova visão foi motivada, inicialmente, pela vinda das empresas transnacionais e a demanda por uma língua mediadora de relações econômicas, sociais e culturais.

Da língua, pode-se concluir que foi um elemento facilitador de integração e falar inglês, para quem veio morar nessa região, influenciou positivamente na carreira profissional de parte dos participantes e permitiu sua interação social.

Mesmo que alguns dos respondentes não se “percebam” híbridos, o processo ocorre, pois, na dinâmica interativa sociocultural, haverá sempre novas combinações justapostas ou cruzadas de culturas que se manifestam nos mais diversos segmentos sociais.

Interdisciplinarmente esta pesquisa determina um marco entre dois programas de cursos de pós-graduação da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), o PPGL (Programa de Pós-Graduação em Letras) e o PPGDR (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional), sendo a primeira na investigação da influência da língua inglesa no contexto do Desenvolvimento Regional.

*A descoberta consiste em ver o que todos viram
e em pensar no que ninguém pensou.
Albert von Szent-Györgyi*

REFERÊNCIAS

- ACERVO HISTÓRICO DE SANTA CRUZ DO SUL. Disponível em: <<https://www.facebook.com/acervosantacruz/>>. Acesso em: 29 nov. 2017.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DO TABACO 2017. *Brazilian Tobacco Yearbook 2017/* Cleiton Evandro dos Santos... [et.al.]. (Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. Hucitec, 2006.
- BHABHA, Homi K. *The location of culture*. London: Routledge, 1994.
- BENKO, Georges. *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. Economics' globalization, world's metropolization. In: *Revista do Departamento de Geografia*, [S.l.], n. 15, 2002, p. 45-54.
- BETHLEM, A. *Estratégia empresarial: conceitos, processos e administração estratégica*. São Paulo: Editora Atlas, 1998.
- BLACK FRIDAY. History. Disponível em: <<https://www.thebalance.com/what-is-the-history-of-black-friday->>; <https://pt.wikipedia.org/wiki/Black_Friday>; <[https://en.wikipedia.org/wiki/Black_Friday_\(1910\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Black_Friday_(1910))>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- BLUE WEEK. Disponível em: <http://gaz.com.br/conteudos/regional/2017/11/20/107650-blue_week_inicia_com_perspectiva_de_bons_descontos.html.php>Acesso em: 20 nov. 2017.
- BOURDIEU, Pierre. *Language and Symbolic Power*. Cambridge: Polity Press, 1991.
- _____. *Photography: A Middle Brow Art*. Stanford: Stanford University Press, 1990.
- BRITISH COUNCIL. *The English effect: the impact of English, what it's worth to the UK and why it matters to the world* (2013). Disponível em: <www.britishcouncil.org>. Acesso em: 8 nov. 2016.
- _____. *Learning English in Brazil: understanding the aims and expectations of the Brazilian emerging middle classes*. 1. ed. São Paulo: British Council Brasil, 2014.
- Cálculo Amostral. Disponível em: <<https://www.checkmarket.com>>. Acesso: 12 dez. 2017
- Cálculo Amostral. Disponível em: <<https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator>>. Acesso: 12 dez. 2017
- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

_____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2003.

_____. *Mercado e Interculturalidade. A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CARDOSO, João B. Hibridismo cultural na América Latina. Araraquara: Itinerários. jul./dez., n. 27, 2008, p. 79-90.

COLTRO, Alex. *A Fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade*. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, n. 11, 1 trim., 2000.

CRYSTAL, David. *English as a global language*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

EMMEL, Adriano. Mobilidade e territorialidade: análise dos deslocamentos pendulares no arranjo populacional de Santa Cruz do Sul (RS). Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - UNISC, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/1097/1/Adriano%20Emmel.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FAIRON, Patrick F. História do Bairro Americano. Entrevista semiestruturada. Out. 2017.

FEDERAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. COREDES. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br>>. Acesso em: 15 out. 2017.

FEDERAÇÃO RIO-GRANDENSE DE GOLFE. Disponível em: <<http://frgg.com.br/frgg/clubes-filiados/>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FOUCAULT, M. *Power/Knowledge*. Brighton: Harvester, 1980.

GERTZ, René. Colonização - segunda fase. In: *Releituras da História do Rio Grande do Sul*. Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Org.: Sandra da Silva Careli, Luiz Claudio Knierim. Porto Alegre: CORAG, 2011.

GIBSON-GRAHAM, J.K. *Beyond global vs local: economic politics outside the binary frame*. In: A. Herod and M. W. Wright (eds) *Geographies of Power: Placing Scale*. Oxford: Blackwell, 2002.

GOODMAN, L.A. *Snowball sampling*. *Annals of Mathematical Statistics*, 1961.

HALL, Stuart. Coding and Decoding. In: DURING, Simon. *The Cultural Studies Reader (1973) Encoding and Decoding in the Television Discourse*, Birmingham: University of Birmingham Centre for Contemporary Cultural Studies. Stencilled Paper n.7. London: Routledge, 1993.

_____. *The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time*. In: Kenneth Thompson. *Media and Cultural Regulation*. London: Sage, 1997a.

_____. *Work of representation*. In: _____. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage, 1997b.

_____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. *Cultural studies' relationship with Marxism*. Tradução: Raquel Lazzari Pacheco. In the third part of his interview with Sut Jhally. Media Education Foundation 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=95CBvCLGx94>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

HABERMAS, Jürgen. *The theory of communicative action*. Reason and the rationalization of society. Boston: Beacon Press, 1984.

_____. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1990.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD Ester. Etc..., espaço, tempo e crítica. n 2 (4), Vol. 1, 15 ago., 2007.

HEROD, Andrew. *Scale: the local and the global*. In: Sarah L. Holloway, Stephen P. Rice and Gill Valentine (eds). *Key Concepts in Geography*, London: Sage, 2003.

HOLANDA, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3 (XXIV), 2006, p. 363-372.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, 2009.

IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/vera-cruz/historico>>. Acesso em: 2 nov. 2017a.

_____. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/alemaes/a-contribuicao-alema-para-a-formacao-da-cultura-brasileira.html>>. Acesso em: 2 nov. 2017b.

_____. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/>>. Acesso em: 16 jan. 2018

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP/ MEC, Censo Escolar 1999-2006. Disponível em: <<https://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=SEE01>>. Acesso em: 23 dez. 2017.

JAMES, Carl; GARRET, Peter. *Language awareness in the classroom*. England: Longman, 1992.

JOHNSON, Richard. O que é afinal, Estudos Culturais? Estudos Culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org. e tradução). 4. ed. Autêntica, 2010.

LARRAIN, Jorge. El concepto de identidad. In: *Revista Famecos*. n. 21. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

LENCIONI, Sandra. *Região e Geografia*. São Paulo: EDUSP, 1999.

MAPAS. Imagens. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:RioGrandedoSul_MesoMicroMunicip.svg> Acesso em: 10 ago. 2015.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARTIN, Hardy E. *Santa Cruz do Sul: de colônia a freguesia 1849-1859*. Santa Cruz do Sul: APESC, 1979.

MATTELART, Armand. *Diversidade cultural e mundialização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MATTELART, A.; MATTELART, M. *Histórias das teorias da comunicação*. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MATHIAS, Peter. *The first industrial nation: the economic history of Britain 1700–1914*. London: Routledge, 2013.

MAZZARINO, Jane. *Matrizes que se cruzam: interações entre movimento socioambiental e campo jornalístico*. In: *Ambiente e Sociedade*, Campinas: v.11, n.1, jan-jun.2008.

MENEZES, Marilda Aparecida de. Migrações e Mobilidades: Repensando Teorias, Tipologias e Conceitos. In: Paulo Eduardo Teixeira, Antonio Mendes da Costa Braga, Rosana Baeninger (org.). *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras*. Marília: Oficina Universitária; Cultura Acadêmica, 2012.

METADADOS. Conteúdo RH: Transferência internacional: entenda o que são expatriados! (2017) Disponível em: <<https://www.metadados.com.br/blog/transferencia-internacional-entenda-o-que-sao-expatriados/>> Acesso em: 8 nov. 2017.

MINAYO, M.C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: ABRASCO- HUCITEC, 1992.

MORLEY, David. EurAm, modernity, reason and alterity or, postmodernism, the highest stage of cultural imperialism? In: CHEN, Kuan-Hsing; MORLEY, David. *Stuart Hall: critical dialogues in cultural studies*. London: Taylor & Francis e-Library, 2005.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais*. Tradução Pedrinho A. Guareschi —10 ed Petrópolis: RJ Vozes, 2013.

NORTH, Douglass. *Why institutions matter*. Tradução de Raquel Lazzari Pacheco. Centennial Lecture Series. School of Economics, University of Philippines Diliman, 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sleqhKuq2z0>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta linguístico-pragmática da filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Identidades culturais no contexto da globalização Entrevista por Roseli Fígaro Em: *Comunicação & Educação*, São Paulo, [18]: 68 a 80, maio/ago. 2000.

PACHECO, Raquel L. A competência em leitura em L1 e a consciência linguística em L2 como facilitadoras da compreensão leitora em L2.179f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2007.

PRADO JR. Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PECQUEUR, Bernard. A guinada territorial da economia global. In: *Política e Sociedade*. [S.l.]. v. 8, n. 14, abr. 2009.

REVUZ, Christine *A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio*. In SIGNORINI, Inês. *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SANTA CRUZ COUNTRY CLUB. Disponível em: <<http://www.santacruzcountryclub.com.br/historia.html>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Course in General Linguistics*. Translated by Wade Baskin. Ferdinand de Saussure; Charles Bally; Albert Sechehaye; Albert Riedlinger; Wade Baskin. Editora: New York: McGraw-Hill Book Co., 1966.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SEARLE, John R. *Consciousness and Language*. University of California. Berkeley: Cambridge University Press, 2002.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. In: *Revista USP*. n. 53. São Paulo: Revista USP, mar/mai, 2002. p. 117-149.

SILVEIRA, Rogério Lima da. *A produção da periferia urbana em Santa Cruz do Sul-RS: o lugar dos safristas na terra do fumo*. Florianópolis: UFSC, 1997. (Dissertação, Mestrado em Geografia).

_____. *Cidade, corporação e periferia urbana: acumulação de capital e segregação espacial na (re)produção do espaço urbano*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da; FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan; SOUZA, Juliana Dornelles de. - *Planejamento regional no Rio Grande do Sul: uma proposta metodológica de análise dos planos estratégicos de desenvolvimento regional*, v. 19, ed. especial, Santa Cruz do Sul: REDES 112, 2014, p. 93-117.

SINDITABACO. Sindicato da Indústria do Tabaco. Disponível em: <<http://www.sinditabaco.com.br/a-entidade/associadas/>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

STOKES, Jane. *How to do media & cultural studies*. 1. ed. London: Sage, 2003.

SWOT. Strengths, Weaknesses, Opportunities, and Threats. Disponível em: <<http://www.institutomontanari.com.br/analise-swot-origem>>. Acesso: 8 nov. 2017.

SZENT-GYÖRGYI, Albert von. In: BUCHBAUM, Paulo. *Frases geniais que você gostaria de ter dito*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2004.

VILLAÇA, Flavio. *Perspectivas do planejamento urbano no Brasil de hoje*. Campo Grande, 2000.

VITAL JUNIOR, Raul Rebello. Caminhos da colonização alemã no Rio Grande do Sul: políticas de estado, etnicidade e transição. In: Sandra da Silva Careli, Luiz Claudio Knierim (org.). *Releituras da História do Rio Grande do Sul*. Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Porto Alegre: CORAG, 2011.

VOGT, Olgário. *A produção de fumo em Santa Cruz do Sul – RS (1849-1993)*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

_____. *História político administrativa de Venâncio Aires*. In: _____. (Org.). *Abrindo o baú de memórias: o Museu de Venâncio Aires conta a história do município*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 341-388.

WAIBEL, Leo. Princípios da Colonização Europeia no Sul do Brasil. In: *Revista Brasileira de Geografia*. n. 2, ano XI. IBGE, abr/jun, 1949.

WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1977.

_____. *Base and Superstructure in Marxist Cultural Theory*. Problems in Materialism and Culture. Selected Essays. Verso, 1980.

_____. *Culture is ordinary (1958)*: Resources of Hope: Culture, Democracy, Socialism. London: Verso, 1989, p. 3-14.

WINK, Ronaldo. *Santa Cruz do Sul: urbanização e desenvolvimento*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO

Hibridismo Cultural: a Influência da Língua Inglesa na Região de Santa Cruz do Sul

*Obrigatório



Programa de Pós-Graduação
**Desenvolvimento
Regional**
mestrado e doutorado

Hibridismo Cultural: a Influência da Língua Inglesa na Região de Santa Cruz do Sul

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordo em participar da pesquisa de campo referente à tese de doutorado intitulada Hibridismo Cultural: a influência da Língua Inglesa na Região de Santa Cruz Do Sul - RS – Brasil.

A pesquisadora responsável é a doutoranda Prof.^a M.^a Raquel Lazzari Pacheco, tendo como orientadora a Prof.^a D.ra Ângela Cristina Trevisan Felippi, ambas vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, realizar a leitura e preenchimento de entrevista anexa, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Em qualquer dúvida ou esclarecimento que julgar necessário, poderei contatar a pesquisadora, através do e-mail: difference@viavale.com.br ou pelo telefone (51) 3717-1242.

Estou ciente de que minha colaboração far-se-á de forma anônima, sendo que apenas o pesquisador e o orientador terão acesso aos dados coletados.

Autorizo, ainda, a utilização de gravações em áudio para os propósitos da pesquisa, ciente de que não haverá difusão ou distribuição das gravações em qualquer veículo de comunicação, tendo minha identidade resguardada.

Ao preencher e enviar esta pesquisa considero meu consentimento dado.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO

Dados Pessoais

Nome *

Idade: *

- De 21 a 30 anos
- De 31 a 40 anos
- De 41 a 50 anos
- De 51 a 60 anos
- Acima de 61 anos

Sexo: *

- Feminino
- Masculino

Estado civil: *

- Casado (a)
- Solteiro (a)
- União estável
- Divorciado (a)
- Viúvo (a)

Local de nascimento: *

Data de migração para a região (se for o caso)

DD MM AAAA

/ /

Local de trabalho ou estudo: *

Pupont do Brasil SA - Divisão Pioneira Semente

Tempo de trabalho na empresa (se for o caso):

- Até 5 anos
- De 5 a 10 anos
- De 10 a 20 anos
- Acima de 20 anos

Cargo que ocupa (se for o caso):

Está inserido(a) no programa de idiomas da empresa?

- Sim
- Não

Financia seu próprio curso de inglês?

- Sim
- Não
- Em parte

Você (que atua em empresas) está nesta região em caráter:

- Permanente
- Temporário
- Indefinido

Estudo e uso do inglês

Quanto tempo você estudou inglês em escola regular? *

- Não estudei
- De 1 a 3 anos
- 4 anos
- 5 anos
- 6 anos ou mais

Há quanto tempo você tem estudado inglês em escolas de idiomas? *

- 1 ano
- 2 anos
- 3 anos
- 4 anos
- 5 anos ou mais

Descreva o seu aprendizado de inglês na escola regular:

- Muito bom
- Satisfatório
- Básico
- Pouco aproveitável
- Inexistente

Seu aprendizado teve base em quais aspectos linguísticos (marque todas as alternativas que considerar relevantes):

- Ênfase em gramática
- Ênfase em vocabulário
- Ênfase em leitura e interpretação
- Ênfase em escrita
- Ênfase em conversação
- Todas as alternativas
- Outro:

Quantos colegas, em média, estavam com você em sala de aula?

- menos de 10
- 10
- 15
- 25
- mais de 25

Descreva o seu aprendizado de inglês na escola de idiomas: *

- Muito bom
- Satisfatório
- Básico
- Pouco aproveitável
- Outro:

Seu aprendizado teve base em quais aspectos linguísticos (marque todas as alternativas que considerar relevantes): *

- Ênfase em gramática
- Ênfase em vocabulário
- Ênfase em leitura e interpretação
- Ênfase em escrita
- Ênfase em conversação
- Todas as alternativas
- Outro:

Quais as escolas de inglês que você frequentou?

- CCAA
- Difference Language School
- New Door
- Wizard
- Instituto de Idiomas Schutz & Kanomata
- Yázigi
- Sky Limit
- Yeah
- Symbol Idiomas
- Fisk - Venâncio Aires
- Professor (a) particular/ metodologia própria
- Outro:

Quais os critérios que você usou para selecionar sua escola de inglês?
(marque todas as alternativas que considerar relevantes)

- Custo
- Metodologia
- Confiança na indicação de amigos e colegas
- Escolha pelo professor
- Todas as alternativas
- Outro:

Por que você decidiu estudar inglês? Qual seu objetivo com a língua? *

Melhor colocação no mercado de trabalho e facilidade de comunicação quando em viagens, férias ...

Como você acha que é o seu desempenho na língua inglesa? *

- Ótimo
- Muito bom
- Bom
- Regular
- Ruim

Por quê? *

Consigo me comunicar com facilidade. Além de assistir filmes e compreender bem o que os outros falam.

Qual sua maior dificuldade em relação ao estudo e uso do inglês? *

A parte escrita.

Você já viajou para algum país de língua inglesa? (Reino Unido, Canadá, Austrália, Estados Unidos, Irlanda...)

- Sim
- Não

Você deseja algum dia viajar ou voltar para algum país de língua inglesa?

- Sim
- Não

Por quê?

É importante o contato com outras culturas, pessoas e estilo de vida diferentes.

Como você mantém contato com a língua inglesa fora da sala de aula ou do trabalho? (marque todas as alternativas que considerar relevantes) *

- Socializo com falantes nativos de inglês
- Realizo leituras em inglês
- Assisto a programas e/ou filmes em inglês
- Ouço músicas em inglês
- Não tenho contato
- Outro:

O que você acha que é necessário para uma boa aula de inglês? (marque todas as alternativas que considerar relevantes) *

- Professor qualificado com graduação em línguas
- Vínculo com o professor
- Respeito às limitações do aluno
- Motivação do aluno
- Motivação do professor
- Ambiente escolar
- Material didático
- Recursos audiovisuais
- Diversificação das aulas, abordando todas as habilidades de aquisição de linguagem (ler, ouvir, escrever e falar)
- Outro:

O que é preciso para falar bem inglês?

É preciso dedicação, estudo e vontade de aprender.

Quando, qual e como foi sua primeira experiência ao utilizar o inglês escrito ou falado?

Quando criança, em aula, através de músicas e figuras que estimulavam a fala.

Você já teve contato com algum falante nativo? Como se sentiu? Se não, como você acha que se sentiria? Você gostaria disso?

Sim. Me senti ansiosa no início, mas no desenrolar da conversa a vergonha diminui e apesar de alguns erros a conversa flui e a comunicação acontece.

Seus pais falam inglês?

- Sim
 Não

Qual a idade de sua mãe?

- De 35 a 40 anos
 De 41 a 50 anos
 De 51 a 60 anos
 Acima de 60 anos

Qual a idade de seu pai?

- De 35 a 40 anos
 De 41 a 50 anos
 De 51 a 60 anos
 Acima de 60 anos

Você poderia falar sobre a opinião deles em relação a aprender inglês?

Consideram de fundamental importância

Vida e Trabalho

Como você descreve sua trajetória de vida pessoal e profissional podendo valer-se do inglês? *

Acredito que tenha facilitado a colocação no mercado de trabalho, especialmente no ambiente empresarial.

Você já perdeu alguma oportunidade de trabalho por não saber inglês? *

Sim

Não

Você gostaria de morar em outro lugar, num país que falasse inglês como língua oficial? Qual seria o país? Por quê?

Sim, na Inglaterra ou Canadá. Acredito que o comportamento e cultura são diferentes do que vivemos no Brasil e poderiam acrescentar experiências de vida, além de questões como segurança e educação serem melhores do que no Brasil.

Quais são suas atividades nas horas livres, finais de semana e férias?
(marque todas as alternativas que considerar relevantes)

- Viajar - pelo Brasil
- Viajar - pelo exterior
- Assistir a filmes - nacionais
- Assistir a filmes - estrangeiros
- Ouvir música - brasileira
- Ouvir música - estrangeira
- Ler - literatura brasileira
- Ler - literatura estrangeira
- Festas ou passatempo em família
- Festas/visitas a amigos
- Outro:

Você pode atribuir a preferência por filmes, em inglês, se for o caso, pelo fato de saber a língua ou seria por outro fator? Qual seria esse fator?

Gosto mais de histórias com fantasias e acredito que as histórias e filmes nacionais têm um plano de fundo baseado na pobreza e violência, fato que não me atrai, pois filmes são destinados ao lazer normalmente.

Você assiste a algum esporte?

- Sim
- Não

Se, sim, qual(is) e por quê?

Você pratica esporte(s)?

Sim

Não

Se, sim, qual(is) e o que levou a praticá-los?

Ao estudar inglês, que hábitos ou costumes dos britânicos, americanos ou outros países de língua inglesa que mais chamam sua atenção, se comparados aos nossos hábitos? *

Sim, comemorações de diferentes datas festivas, hábitos alimentares e a forma de tratamento de uns para com os outros.

Você percebe esses hábitos ou costumes da cultura inglesa integrados no seu cotidiano? Você poderia dar algum exemplo?

Sim, acredito que especialmente os hábitos alimentares.

Quais as lojas na cidade que você mais frequenta? Por quê? Tem relação com marcas importadas?

Não tenho uma loja específica, acredito não ter relação com marcas estrangeiras.

Quais são suas comidas favoritas? Você tem alguma preferência por alguma comida que não é comum da região ou dos costumes locais?

Gosto muito de frutos do mar, que não é típico da região.

Você frequenta alguma rede de fast food? Quais?

Eventualmente. McDonalds e Berger king

Quais os restaurantes que você mais frequenta? Por quê?

Pizzarias, trata-se de uma comida gostosa e prática.

Quais os clubes (incluindo noturnos) que você mais frequenta? Por quê?

Legend music bar, a música é o principal atrativo - rock.

Seção destinada aos entrevistados que migraram para a Região de Santa Cruz do Sul

Esta seção é de suma importância para um dos objetivos da pesquisa no sentido de trazer o olhar do migrante que veio de outras regiões .

Quais os lugares que você morou antes de vir para a região de Santa Cruz do Sul? O inglês foi importante nessas experiências?

Nasci e moro em santa Cris do Sul.

Em que aspectos a cultura da região de Santa Cruz do Sul difere ou se assemelha a sua região?

Que fatores facilitaram sua inserção nesta região?

Que fatores dificultaram sua inserção nesta região?

Falar inglês teve influência ou não? Por quê?

O que motivou sua vinda para este município ou região?

- A trabalho
- Trabalho dos meus pais
- Trabalho do meu cônjuge
- A estudo
- Estudo dos meus pais
- Estudo dos meus filhos
- Outro:

O inglês no cotidiano

Marque as expressões ou palavras que você percebe serem usadas no dia a dia, mescladas no uso do português:

cheeseburger -xis

cookies

diet

fast food

ketchup

light

milkshake

self-service

hot dog

ice-tea

bike

camping

fitness

game

Happy Hour

trailer

pub

smash the cake

save the date

cupcake

flat

- king size
- kitchen
- WC
- check-up
- check-in
- laser
- mix
- spray
- standard
- city tour
- master
- open house
- flash
- freezer
- DJ (disk jokey)
- country music
- heavy metal
- rock and roll
- rap (rhythm and poetry)
- wireless
- e-mail
- best seller
- business

- container
- delivery
- feedback
- free
- marketing
- MBA
- outdoor
- PhD
- shopping center
- slogan
- duty free
- ticket
- home banking
- office
- on sale
- outlet
- designer
- black Friday
- gay
- brother
- high society
- serial killer
- relax
-

full- time

baby sitter

free lance

office boy

top model

blazer

cotton

fashion

shorts

stretch

legging

sweater

Outro:

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE C - TABELAS

Tabela 1

Por que você decidiu estudar inglês? Qual seu objetivo com a língua?		
CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ENTREVISTADO
TRABALHO	Fins profissionais	1, 3, 6, 7, 16, 17, 18, 22, 27, 29, 33, 34, 38, 39, 40, 41, 43, 46, 47, 48, 49, 53, 55, 56, 57, 59, 61, 62, 67, 69, 74, 75, 83, 95, 96, 108, 111, 112, 116, 118, 120, 122, 123, 127, 129, 137, 138, 140, 143, 149, 155, 156, 163, 164, 174, 175, 176, 182, 187, 200, 202, 204, 206, 210, 211, 215, 216, 217, 218, 220, 221, 223, 225, 227, 232, 237, 239, 241, 249, 251, 253, 254, 256, 257, 264, 265, 268, 269, 270, 272
	Crescimento profissional	4, 12, 19, 20, 26, 28, 40, 72, 73, 76, 77, 78, 81, 91, 114, 115, 121, 125, 126, 128, 130, 136, 141, 161, 162, 164, 167, 181, 183, 196, 199, 214, 216, 219, 228, 231, 250, 271
	Inserir-se no mercado trabalho (qualificação para o mercado)	11, 24, 31, 82, 85, 93, 98, 100, 101, 102, 119, 125, 144, 150, 153, 157, 159, 171, 178, 186, 203, 207, 208, 212, 222, 229, 233, 242, 245, 247, 248, 261, 263, 267
	Leitura	8, 18, 23, 35, 63, 64, 79, 177, 179, 195, 197, 198, 213, 224, 241, 273
	Morar e trabalhar no exterior	59, 115, 147, 180, 191, 199, 205
LAZER	Viagens, turismo	1, 5, 8, 9, 13, 14, 21, 22, 23, 32, 36, 47, 52, 54, 55, 58, 63, 67, 68, 70, 75, 76, 80, 90, 99, 101, 108, 110, 124, 126, 133, 139, 142, 148, 154, 167, 168, 172, 175, 176, 177, 179, 194, 197, 198, 201, 203, 206, 207, 217, 221, 222, 224, 226, 229, 236, 248, 253, 256, 258, 262, 264, 273
CULTURA	Comunicação	7, 18, 21, 35, 37, 42, 46, 50, 51, 69, 91, 97, 98, 99, 103, 104, 105, 108, 110, 132, 142, 146, 151, 158, 160, 172, 181, 188, 194, 198, 201, 212, 214, 215, 217, 222, 223, 234, 240, 243, 244, 246, 252, 256, 263, 264, 266, 267, 271, 274
	Crescimento intelectual (aprimorar conhecimentos)	2, 10, 11, 13, 15, 20, 21, 25, 29, 30, 31, 42, 50, 51, 53, 60, 65, 66, 68, 71, 72, 73, 74, 77, 79, 80, 83, 85, 89, 90, 93, 94, 99, 100, 103, 106, 107, 109, 113, 114, 116, 117, 123, 129, 135, 138, 145, 146, 148, 150, 151, 152, 157, 162, 165, 167, 173, 176, 186, 189, 190, 192, 193, 199, 209, 230, 231, 257
	Necessidade acadêmica	9, 19, 23, 29, 45, 54, 78, 86, 88, 184, 213, 235, 238, 239, 260

	Estudar no exterior	58, 78, 85, 92, 131, 170, 180, 188, 208, 255
	Incentivar filho a estudar também	36
SAÚDE MENTAL	Prevenir Alzheimer e demência, manter a mente ativa	36, 110
DIVERSOS	Nunca estudei	44
	Por ordem materna	87
	Influência paterna	156, 259, 261
	Incentivo da filha	122
	Vencer desafio de aprender inglês, dificuldade de aprendizado	110, 201
	Gostar da língua	126, 143, 147, 160, 166, 174, 185, 197, 247, 266, 270
	Curiosidade	134
	Projeto pessoal futuro	138
	Por atuar na área de ensino de línguas	169

Tabela 2

Como você acha que é o seu desempenho na língua inglesa? Por quê?		
ÓTIMO	Ampla domínio e familiaridade com o idioma	28, 30, 32, 71, 147, 165, 205, 236, 245
	É professora de inglês	43
	Uso diário	136, 220
	Teve ótimos professores	173
	Três níveis acima da idade	180
	Dedicação	189
	Trabalhou no exterior	204
	Morou no exterior	45, 233
	Atende necessidades, falta fluência	206
MUITO BOM	Comunica-se com facilidade (formas oral e escrita)	1, 10, 12, 29, 41, 54, 55, 66, 76, 81, 94, 98, 99, 102, 104, 105, 119, 160, 169, 172, 174, 179, 187, 191, 197, 201, 208, 218, 226, 247, 249, 257, 259, 265, 272
	Assistir filmes	1, 10, 98, 197
	Consigo realizar minhas atividades	16, 58, 111, 182, 212
	Forma escrita boa, oral ainda com dificuldade	20, 27
	Morou no exterior	48, 179, 231
	Viagem ao exterior e participação em reuniões em inglês	57, 266
	Prática	61, 232, 238, 271
	Busco desenvolvimento dentro e fora da aula	84, 271
	Razoável compreensão e comunicação	97
	Facilidade de aprendizagem e interesse	100, 185

	Porque quero aprender e sou muito dedicada	126, 250
	Docente	93
	Atividade diária envolvendo a língua	171
	Limitado em ambientes informais	182
	Sempre fui bom aluno	255
	Gosto da língua e estudei no exterior	156
	Especializei-me na área	258
BOM	Dificuldade usar verbo	3, 96
	Facilidade em função de saber alemão	6
	Carência na comunicação	9, 79, 96, 110, 143, 270
	Razoável compreensão e comunicação	7, 50, 51, 77, 95, 103, 142, 229
	Comunica-se com facilidade	11, 15, 19, 62, 82, 120, 146, 199, 211, 225
	Dificuldade no ouvir	120
	Deveria estudar mais	13, 69, 75, 78, 106, 128, 131, 140, 157, 215, 223, 228, 246, 248, 251, 274
	Esforço para compensar dificuldade auditiva	18
	Compreensão e comunicação boas	19, 26, 37, 56, 68, 178, 184, 198, 200, 242, 267
	Leitura boa, dificuldade comunicação	21, 64, 72, 85, 143, 157, 167, 170, 261
	Insegurança	21, 49, 110
	Falta prática	21, 53, 63, 70, 109, 151, 158, 183, 237, 253
	Longo caminho a percorrer	31
	Contato semanal com nativo	38
	Comunicação boa, dificuldade na escrita	39, 116
	Constantes viagens	40
	Estudou no Exterior	40
	Atividade diária envolvendo a língua	40, 87
	Interpretar coisas básicas da língua	90
	Falta vocabulário e convívio com nativos	53, 96, 114, 194, 211
	Boa escola de línguas e viagem ao Exterior	91
	Metodologia de estudo	92
	Falta de base e estrutura. Aprendi inglês na marra e no convívio com estrangeiros e em visitas a mercados fora do Brasil	59, 75
	Pelo tempo estudado	107
	Sempre dá para melhorar	123, 181
	Iniciei há 6 meses, mas já noto evolução	125, 216, 262
	Dificuldade na gramática	129, 243
	Começo a pensar em inglês, não em tradução	133

	Atende necessidades	135, 161
	Mais tempo para alunos do que para resolver dificuldades próprias	137
	Não é melhor por opção própria	65
	Facilidade de aprender	154
	Ainda pratico	152
	Começou a estudar com mais idade	194
	Feedback de outros	162
	Faltou dedicação e levar o estudo a sério	207
	Vícios de linguagem a vencer	240
REGULAR	Leitura boa, dificuldade comunicação	4, 5, 127
	Deveria ter mais convívio com a língua	8, 60, 73, 193, 267
	Pouco tempo de estudo	14, 17, 33, 35, 73, 74, 108, 121, 122, 132, 153, 186, 188, 190, 213, 222, 234, 235, 239, 241, 254, 256, 260
	Pouca prática	34, 35, 52, 60, 122, 134, 138, 141, 144, 148, 150, 177, 193, 214, 219, 244, 256, 267
	Limitado na comunicação	22, 36, 42, 52, 115, 127, 149, 164, 175, 176, 203, 209, 221
	Aprendizado básico escolar	86, 88, 217
	Dificuldade de aprendizado	108, 227, 264
	Dificuldade na gramática	115, 221
	Dificuldade vocabulário	192
	Metodologia não adequada	121
	Não tem fluência	168, 224
	Somente entendimento técnico	195
	Pelo tempo de estudo, deveria saber mais	196
	Não gosto	227
	Pode melhorar	273
RUIM	Não suficiente	2, 252
	Falta de dedicação, abandono de estudo	25, 130, 145, 155, 159, 202, 230
	Não memoriza a língua	67
	Conhecimento básico	89, 130
	Falta prática	112, 139
	Não consigo me comunicar ainda	124
	Não estudo, nunca	210

Tabela 3

Qual sua maior dificuldade em relação ao estudo e uso do inglês?	
Escrita	1, 31, 39, 40, 50, 90, 94, 101, 109, 111, 116, 152, 153, 154, 163, 205, 208, 211, 214, 261
Leitura	54

Conversao (fala)	5, 8, 14, 18, 21, 23, 26, 28, 35, 46, 50, 52, 63, 70, 77, 78, 79, 80, 90, 96, 97, 108, 110, 112, 113, 118, 125, 127, 135, 139, 149, 164, 166, 171, 175, 176, 184, 195, 198, 202, 203, 207, 209, 222, 227, 242, 248, 249, 251, 260, 261, 264, 270
Pronúncia	37, 45, 67, 78, 85, 92, 151, 183, 188, 189, 250, 253, 254
Pronúncia da letra L	180
Raciocínio em inglês (pensar em inglês)	4, 7, 72, 85, 159, 168, 181, 224
Falta de confiança/inibio	3, 60, 108, 157, 206, 247
Audio	8, 10, 16, 32, 56, 57, 63, 65, 82, 105, 120, 132, 146, 169, 178, 182, 216, 232, 244, 266
Audio (deficiência auditiva)	44
Audio de nativo	11, 30, 41
Conversa ao telefone com citao de números	272
Vocabulário	19, 22, 26, 34, 38, 40, 50, 53, 63, 67, 91, 103, 108, 133, 136, 147, 160, 181, 183, 192, 200, 204, 217, 223, 226, 233, 238, 249, 254, 255
Reconhecer expressões, gírias, termos técnicos	11, 16, 30, 58, 114, 126, 158
Gramática	34, 35, 37, 61, 68, 69, 75, 103, 104, 117, 120, 123, 129, 143, 148, 153, 156, 159, 164, 165, 179, 193, 198, 199, 208, 212, 221, 226, 227, 243, 262, 266, 270
Verbos	22, 76, 96, 167, 197, 201, 218
Preposies	172, 208
Formar frases	142, 148, 159
Tempo para dedicao  língua (estudar)	2, 9, 13, 17, 25, 27, 33, 36, 42, 46, 48, 51, 73, 81, 84, 89, 100, 106, 107, 112, 124, 131, 137, 138, 144, 145, 155, 163, 174, 177, 196, 206, 213, 225, 228, 234, 235, 240, 256, 259
Falta prática	6, 15, 20, 26, 46, 49, 55, 62, 66, 71, 81, 92, 95, 99, 101, 102, 103, 119, 122, 124, 130, 131, 135, 138, 140, 145, 157, 161, 173, 186, 191, 194, 203, 204, 206, 215, 228, 229, 230, 236, 237, 244, 246, 252, 256
Pouco contato com nativos	64, 161, 267
Dialetos	231, 245
Fluência	53, 85, 121, 242
Nenhuma dificuldade	29, 43, 187, 271
Pouca dificuldade	64
Aprendizado lento/ Dificuldade de memorizar	33, 128, 141, 150, 160, 162, 215, 219, 239
Necessidade de aperfeiçoamento constante	274
Encontrar metodologia que me agrade	257
Vícios de linguagem	59
Falta de base	59
Não faço uso da língua	12, 134
Custo financeiro	33, 87, 98, 163, 185, 190, 213
Entender na melhor maneira possível	74

Compreensão	83, 170, 273
Interpretação	86, 88
Persistência	89
Disciplina	115, 137, 263
Falta de motivação	246, 269
Preguiça	210
O fato de me tornar fluente em francês	241
Certificações	258

Tabela 4

Você deseja algum dia viajar ou voltar para algum país de língua inglesa? Por quê?		
SIM	Morar no Exterior	45, 47, 78, 191, 203
	Estudar no Exterior	58, 78, 115, 138, 170, 257
	Intercâmbio	101
	Cultura e turismo	1, 2, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 41, 50, 51, 52, 53, 56, 59, 63, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 94, 95, 96, 97, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 112, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 127, 129, 132, 136, 138, 141, 143, 145, 146, 148, 149, 151, 153, 158, 161, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177, 178, 179, 182, 183, 186, 187, 189, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 214, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 238, 246, 248, 251, 252, 255, 257, 258, 259, 260, 262, 266, 267, 268, 270, 272, 274
	Fins profissionais	19, 34, 37, 40, 41, 53, 59, 95, 121, 161, 181, 182, 183, 191, 214, 221, 231, 232, 251, 268, 272
	Aperfeiçoar e/ ou praticar a língua	4, 6, 8, 18, 20, 22, 24, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 38, 39, 40, 43, 46, 50, 56, 62, 66, 68, 72, 73, 74, 75, 76, 81, 84, 85, 87, 92, 94, 109, 110, 112, 114, 117, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 141, 152, 153, 155, 158, 160, 164, 165, 167, 171, 174, 175, 178, 184, 186, 200, 202, 205, 207, 213, 215, 218, 219, 222, 223, 224, 228, 230, 239, 241, 249, 252, 254, 258, 261, 263, 264, 269, 270, 274
	Sonho a realizar	16, 126, 150, 154, 160, 185
	Experiências novas	49, 51, 54, 93, 107, 109, 139, 163, 198, 212, 250, 265
	Visitar familiares e amigos	55, 256
	Qualidade de vida e opções de emprego	98, 242
	Projeto de aposentadoria	162
	Dar oportunidade de meu filho estudar no Exterior	185
Dar oportunidade de meu filho ver oportunidades que são oferecidas quando existe o domínio de idiomas	199	

NÃO	Não relevante	3
	Nunca pensei nisso	118
	Não tem nada que desperte meu interesse	134
	Por falta de recursos financeiros	157

Tabela 5

O que é preciso para falar bem inglês?	
Dedicação	1, 3, 6, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 49, 51, 54, 55, 57, 59, 63, 69, 72, 76, 78, 79, 81, 84, 105, 108, 109, 110, 112, 124, 131, 132, 133, 139, 143, 147, 149, 151, 155, 167, 172, 177, 178, 180, 181, 182, 184, 189, 194, 201, 203, 206, 212, 213, 217, 222, 224, 225, 227, 230, 233, 246, 247, 249, 250, 251, 254, 255, 256, 262, 271, 274
Estudo	1, 10, 14, 24, 25, 27, 29, 32, 34, 36, 51, 52, 59, 74, 78, 91, 93, 95, 108, 118, 126, 171, 176, 186, 196, 212, 217, 227, 239, 247, 257, 268, 274
Vontade de aprender/motivação/interesse/determinação	1, 5, 12, 13, 17, 23, 30, 32, 43, 65, 71, 81, 91, 100, 101, 111, 118, 124, 136, 143, 147, 151, 152, 153, 164, 165, 168, 172, 178, 185, 190, 197, 210, 215, 224, 227, 230, 231, 242, 247, 252, 254, 257, 258, 259, 260, 265, 266
Exercitar /praticar sempre	2, 4, 10, 23, 26, 28, 29, 33, 34, 37, 38, 39, 42, 44, 46, 47, 48, 51, 52, 53, 54, 56, 60, 62, 64, 66, 67, 70, 75, 77, 80, 82, 85, 87, 89, 92, 93, 95, 96, 97, 99, 101, 104, 106, 107, 114, 115, 120, 121, 122, 127, 130, 131, 135, 138, 140, 141, 146, 152, 155, 156, 157, 158, 161, 162, 163, 165, 171, 174, 178, 179, 183, 191, 194, 196, 198, 199, 204, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 216, 218, 222, 223, 228, 229, 238, 245, 250, 253, 258, 260, 261, 262, 264, 266, 268, 269, 270
Convivência com nativos	8, 24, 40, 45, 56, 59, 85, 93, 94, 103, 138, 141, 176, 182, 183, 214, 231, 239, 241, 247, 254, 267, 270
Desde cedo ter contato com a língua inglesa e identificar o método correto de aprendizado	200
Bons professores/ metodologia adequada	3, 12, 26, 59, 73, 101, 139, 153, 184, 224, 240, 262
Bom vocabulário	7, 9, 41, 50, 53, 61, 80, 120, 130, 146, 163, 170, 187, 208, 222, 226, 234, 259
Conhecer regras da gramática	7, 9, 41, 46, 50, 61, 114, 115, 125, 129, 130, 146, 187, 208, 229, 234, 261
Compreensão das estruturas (tempos, verbos, auxiliares)	33, 128
Pronúncia correta	9, 73, 98, 119, 235
Aprender a teoria aplicando na conversação	35, 208
Conversação	80, 150, 170, 175, 195, 204, 206, 208, 220, 229, 237, 261
Não ter medo de errar /superar barreiras e expressar-se	21, 23, 33, 45, 68, 72, 73, 121, 134, 137, 141, 156, 157, 160, 169, 173, 178, 202, 208, 215, 233, 236, 253, 272
Audição	222, 240, 256, 266
Leitura	80, 163, 206, 266
Pensar em inglês	226
Buscar imitar fonética da língua em contato com nativos	272
Disciplina, foco e determinação	8, 12, 133, 165, 186, 210, 263

Persistência	212, 263, 268, 271
Estímulo	211

Tabela 6

Quando, qual e como foi sua primeira experiência ao utilizar o inglês escrito ou falado?		
INFÂNCIA	Quando criança, em aula, através de músicas e figuras que estimulavam a fala.	1
	Na sala de aula com colegas e professores muito criança ainda! Foi bacana	141
	Pelo que me recordo meus primeiros contatos com o idioma foi na infância e adolescência. Na infância, alguns jogos de videogame tinham um enredo em inglês então eu utilizava um dicionário bilíngue para entender o contexto. Na adolescência quando escutava músicas em inglês.	120
	Aos 7 anos de idade	136
	No Yázigi, onde fiz o curso básico que iniciei por volta dos 7 anos	208
	Desde muito pequena já escutava minha irmã mais velha estudando	151
	Quando eu era bem pequeninha (5 anos) fui para os Estados Unidos e morei três meses em Los Angeles, mas na época só sabia falar 'Hi' e 'thank you	172
	6 anos, com meu pai	174
	Tinha uns 10 anos de idade quando acompanhei o aprendizado de inglês do meu pai, por conta da atuação na indústria do tabaco. assistíamos juntos cursos em vhs, leituras, etc.	198
	Estudei inglês a infância e adolescência inteira, mas o primeiro contato real provavelmente foi em alguma viagem aos Estados Unidos, em viagem com meus pais	214
ADOLESCÊNCIA	Na minha adolescência, tentando compreender as letras das músicas	12
	Procuro desde a adolescência (a partir dos 12 anos) manter contato com o inglês, começando por seriados e filmes, após por meio de livros	184
	Creio que foi na adolescência com músicas e filmes, início da década de 90	191
ESCOLA	Escola/Colégio	7, 15, 31, 52, 79, 93, 98, 103, 107, 113, 140, 142, 158, 177, 195, 201, 211, 229, 245, 253, 253, 265, 272
	Estudei em escola particular, então desde pequena tínhamos contato com a língua e também sempre gostei muito de traduzir as músicas	233

<p>O inglês escrito foi utilizado desde os meus 8 anos (1998), quando iniciei as minhas aulas na escola regular, através dos exercícios em sala de aula. O inglês falado foi utilizado efetivamente em aulas que realizei nos EUA (2009), com nativos. A experiência foi maravilhosa por que eu entendia quase tudo o que era falado, e isso era muito gratificante</p>	242
<p>Na escola primária. Aos 10 anos de idade</p>	68, 47
<p>Na escola curricular primária. De forma natural.</p>	5
<p>No colégio por volta da terceira/quarta séries</p>	91, 217, 230, 238
<p>Minha primeira experiência foi no ensino fundamental, acho que na quarta série, quando aprendi a falar coisas básicas como "good morning" na aula de Inglês. Lembro até hoje que quando cheguei em casa, a primeira coisa que fiz foi contar aos meus pais que tinha aprendido a falar em inglês, ainda que algumas palavras.</p>	219
<p>A primeira experiência com o inglês escrito foi no colégio e sempre foi positiva. O inglês falado veio nas aulas particulares, onde éramos um grupo de 04 pessoas. Foi uma experiência bacana, pois as aulas eram muito descontraídas</p>	246
<p>Na escola, me apaixonei pelo idioma</p>	96, 248
<p>Em sala de aula na escola primária (+- sétima série)</p>	206
<p>Escrito, no tempo de escola e, escrito e falado, no curso Difference Language School</p>	118
<p>em 2000 no ensino fundamental. fiquei surpreso porque a pronuncia era diferente da escrita</p>	81
<p>Na escola regular comecei a ter a disciplina de inglês no 5° ano do ensino fundamental.</p>	125, 162, 185, 190, 222
<p>5º ano do ensino regular. Díficil o início o idioma era totalmente desconhecido à época.</p>	56
<p>Na escola pública, na quinta série, em um contexto muito desafiador para a professora que não teve condições de transmitir nada a turma de crianças</p>	76
<p>Foi no colégio, quinta série. Durante a aulas treinávamos os estados americanos e suas capitais e tínhamos que mostrar no mapa na frente dos colegas, falando corretamente os nomes. Foi das primeiras experiências. Escrevíamos cartas para a família em inglês também (dia dos pais, das mães). Era muito legal</p>	197
<p>no ensino médio. Escrevíamos cartas</p>	252
<p>Comecei a ter aulas de inglês aos 12 anos no colégio. Nessa época encarava apenas como mais uma matéria da escola. Aos 14 viajei a primeira vez para fora do país e comecei a perceber a importância do inglês, e foi então quando busquei aulas fora da grade curricular do colégio.</p>	21

Foi no ensino regular. Eu me interessei, porque o professor era bom e me motivou. Minha primeira experiência falada foi com um estrangeiro; trocamos algumas palavras e pensei que ele poderia ou deveria estar falando minha língua por estar no Brasil	168
na escola secundária, tive dificuldade devido alguma semelhança de palavras na pronuncia alemã	194
Ensino fundamental, com ênfase em gramática. Foi péssimo, pois não foi possível estabelecer gosto pelo aprendizado da língua	200
Foi no ensino médio, nas aulas de inglês, um pouco chato	130
No Segundo Grau em uma Escola pública	8, 234, 236
Na leitura e interpretação de textos, ainda no ensino médio, tive o primeiro contato com a língua inglesa. Neste momento, notei que precisaria ir em busca de um ensino especializado, que se foca no idioma, principalmente pela dificuldade de pronúncia das palavras e carência de vocabulário.	223
A primeira experiência escrita foi no ensino médio, porém as mais relevantes aconteceram no ambiente de trabalho a partir de 2001, pois houve contato direto com colegas estrangeiros. No início, a experiência não foi muito agradável, pela insegurança e pela falta de conhecimento.	121
No ensino médio. Era a minha matéria preferida, além de português e Literatura. Como eu respondia e acertava todas as questões que as professoras perguntavam, uma professora me usava como assistente nas aulas para ajudá-la para, por exemplo escrever as questões dos testes no quadro para que ela pudesse observar os demais alunos para que não colassem nas provas. Eu sempre fui a melhor aluna de inglês de toda a escola. Nas apresentações que a escola tinha, eu cantava canções em inglês (Nika Costa).	30
Em sala de aula, aos 15 anos	27
Foi na escola. Não me lembro bem de como foi, pois, foi irrelevante para meu aprendizado	66
Na escola estadual, quando tive o primeiro contato com a língua e também um colega de intercâmbio	129
Foi na escola. Me senti muito mal por perceber que era uma das únicas pessoas que não sabia falar em inglês	50
Na época de faculdade. Há mais ou menos 25 anos atrás	240
Acho que foi na faculdade, muito básico pois eu não tinha muito conhecimento	11
Escrito foi na universidade e o falado foi na empresa que trabalho	37
Provas de proficiências	235
Mestrado	9, 213

	2010 na prova de qualificação para mestrado	73
	Morei cinco meses em Washington DC, Estados Unidos, em razão de um pós-doutorado.	170
	Em 2013, no curso da Wizard, foi uma base muito boa para iniciar o aprendizado	24
	Não me recorde exatamente, mas provavelmente foi com algum estrangeiro que tive contato, quando fazia meu primeiro curso (na Wizard). Não me recorde de maiores dificuldades.	57
	Foi justamente em sala de aula, no aprendizado junto ao curso de inglês da Wizard, com colegas e professor, tanto o inglês escrito como o falado	274
	Em uma escola de idiomas, os colegas e professores falavam em inglês na minha primeira aula e eu entendia perfeitamente o que conversava	218
	Há mais de 20 anos, na CCAA. Minha experiência foi razoável, não praticava a língua fora do curso.	35
	Em 1976, ao iniciar CCAA. O método usado foi muito didático e prazeroso	146
	Não lembro, mas acredito que quando iniciei o CCAA, aos dez anos	270
	Foi em 1993 no curso de idiomas que frequentava na minha cidade. Foi ótimo, eu amava ir nas aulas, tinha facilidade, e ajudava os colegas	160
	Creio que quando tinha 20 anos e a um semestre no CCAA de Cruz Alta, quando era estudante ainda.	210
	Santa Cruz do Sul, no Yázigi e foi muito interessante, logo nos primeiros dias achei muito legal interagir com os colegas e me familiarizar com a língua	259
	Na escola através de músicas	71
	Só usava na sala de aula	139, 153
	cursos de capacitação	138
	Na escola, com um estrangeiro. Uma experiência interessante	255
	No colégio, mas a experiência maior se deu em viagens	256
VIAGEM	viagem	77
	em 2011 em uma viagem a Londres	13
	Foi numa viagem à trabalho ao exterior (Carolina do Norte-EUA) e a experiência não foi boa, uma vez que eu achava que poderia me comunicar com maior facilidade, porém praticamente não conseguia entender nada o que era falado devido ao forte sotaque (principalmente nesta região dos EUA). Foi frustrante	161
	Em 2007 quando viajei para a Europa e tive muita dificuldade para me comunicar, nos lugares onde, mesmo não sendo a língua nativa falava-se em inglês	14

Canadá, em maio de 2015, e foi muito difícil. Eles falam muito rápido	18
minha primeira experiência foi há exatamente 10 anos, em um congresso nos estados unidos. experiência boa. apesar das dificuldades iniciais, principalmente para captar/compreender a fala dos "nativos", foi motivador cada nova descoberta e evolução	19
quando fui à Disney em 1997, lembro de ter ficado decorando o meu pedido na fila e uns americanos começaram a rir de mim, não pq eu falasse errado, mas pela minha preocupação. Acabo de me dar conta de que boa parte do meu medo de falar errado pode vir disso!	23
Em uma viagem de férias aos Estados Unidos quando eu tinha 15 anos	32
Primeira experiência em viagem e foi com conversação	34
Foi na empresa onde trabalho até hoje e iniciou com uma viagem prêmio aos Estados Unidos, como tinha pouco conhecimento da língua foi muito difícil, principalmente para entender o que falavam	40
2010, numa viagem a Londres	42
Ao desembarcar nos EUA, com 27 anos	44
Foi em 2008, primeiramente escrito e logo na sequência falado. Consegui me fazer entender, mas de forma bem precária. Foi em uma viagem para os EUA onde fiquei 15 dias.	45
Em 2007, na Inglaterra, foi agradável, conseguia compreender melhor do que me expressar	51
A primeira vez que mais senti necessidade de falar a língua foi em uma viagem a Europa e eu precisei me comunicar em outra língua, como eu não sabia o alemão e italiano □z uso do inglês	85
Quando: necessidade profissional. Qual: viagem aos USA e contato com colegas nativos. Como: frustrante porque percebi que o meu conhecimento era básico	59
Viagem ao exterior	89
Foi quando eu fui para a Disney, foi muito interessante a experiência, no início fiquei meio nervosa, esquecia algumas palavras, mas depois consegui	94
No ano de 2012, em viagem de Lua de Mel, e foi difícil a comunicação	106
Na minha primeira viagem a China em 2004	108
Na primeira viagem aos EUA	117
Falado. Em 2013 nos Estados Unidos. Foi frustrante pois nos primeiros dias eu não entendia nada. Depois foi melhorando. Escrito. No trabalho através de e-mails, foi tudo bem.	127
Poucos anos atrás. Na Argentina. Em uma loja. Oportunhol não funcionou	134

	Foi aos 18 anos, quando fui para meu primeiro intercâmbio. Como já fazia inglês há anos, estava tranquila, e motivada para aprender	156
	Quando viajei para os Estados Unidos consegui me virar legal no inglês, mais do que eu imaginava. Buscava falar com as pessoas nas lojas e restaurantes. Porém, não conseguia manter um diálogo mais longo pela falta de vocabulário	203
	Foi numa viagem para a Europa. Tinha muito receio em falar. Entendia, mas não falava	209
	1994 Estados Unidos. Supermercado e contato com nativos para encontrar uma escola de inglês para estudar. Difícil e positiva	212
	Em uma viagem aos EUA, em 2001.	221
	Aos 15 anos em uma viagem para a Disney. Tive mais dificuldade para criar as frases e falar, do que para compreender as informações que recebia	224
	Ao viajar para Inglaterra pela primeira vez, foi bem impactante e recompensador de um trabalho longo que foi aprender inglês	226
	Em uma viagem para o exterior, pela empresa, no aeroporto foi muito tenso, pois o tom de voz é diferente do que estava acostumado, mas no final deu tudo certo.	267
TRABALHO	trabalho	22, 112, 122, 137, 143, 171, 196, 271
	no trabalho, no início bem difícil devido aos termos técnicos	16
	Contato com cliente e me senti bastante inseguro	3
	Quando conheci os acionistas da empresa pela primeira vez, foi bem complicado, por que só sabia cumprimentar.	4
	Minha primeira experiência com o idioma foi ainda como estagiário, em outra empresa multinacional (não pertencente ao ramo da Indústria do Tabaco), onde tive que realizar uma pequena apresentação de atividades e resultados realizados e obtidos em minhas tarefas, ao final de uma campanha de negócios (6 meses) - Material e Apresentação (fala), ambos em inglês	20
	Atividade profissional, cerca de 20 anos passados	25
	Em 2013, primeira apresentação em Inglês para time de gestores, experiência ruim devido à falta de desenvoltura e conhecimento; boa por ter enfrentado o desafio	26
	No trabalho, atendendo a clientes da África do Sul	28
	Minha primeira experiência "na vida real" foi no trabalho. Por volta de 2000, quando iniciei na área comercial e exportação em empresa multinacional. E-mails, telefone e colegas do exterior.	29

Em reuniões de trabalho. Inicialmente uma experiência motivadora, mas também com certa dose de frustração, por ainda não possuir habilidades suficientes para uma interação mínima. Isto aconteceu ainda no início de minha carreira.	41
O inglês escrito a tempo já venho praticando no trabalho, porém em pequena intensidade e com ajuda de algum recurso dependendo do assunto para a escrita. O falado também foi a tempo no trabalho, o falado, também foi no trabalho, fiquei bastante tímida	46
Em estudos de assuntos técnicos profissionais	63
No trabalho, inglês técnico em informática	67
Participação em reuniões na empresa, e-mails	69
Precisei conversar com áreas clientes da Global via e-mail ref. ao meu trabalho. Como foi por e-mail, confirmei no Google Tradutor se o que eu estava tentando expressar estava correto	72
No trabalho, precisei me comunicar com outros países por Skype e e-mail	75
Nos anos 80, fazendo traduções de material da Associação Internacional dos Produtores de Tabaco. o início foi difícil, mas propiciou-me ampliar meu vocabulário	95
Direto com clientes pessoalmente e escrito	114
Na empresa durante uma auditoria internacional, não foi uma situação muito boa, pois estava com uma equipe mais sênior e com inglês avançado e foi nesta ocasião que decidi começar a estudar (momento de motivação)	115
Em 2014, na empresa, durante uma visita de um técnico alemão para manutenção de uma máquina	119
Aproximadamente 15 anos atrás atendendo clientes empresa onde trabalho	126
Quando precisava atender ligações e que as vezes era do exterior	131
me comuniquei no meu trabalho, a primeira vez foi um pouco difícil pois sentia vergonha de falar algo errado.	132
6 meses atrás, com estrangeiros que estavam na cidade a trabalho e foi bem satisfatório, me comuniquei bem	154
No trabalho, após um tempo de estudo, ao receber a visita de um colega estrangeiro que estava conhecendo a produção agrícola do tabaco. A experiência foi satisfatória, pois conseguimos nos comunicar. O conhecimento da língua alemã me auxiliou na aceleração do aprendizado em Inglês	163
Visita de pessoas de fora na empresa e colegas de outros países	164, 175, 225
Na primeira empresa precisei falar e escrever com norte americanos	173

	No trabalho me comunicando via e-mail. Mesmo sendo de forma escrita fiquei bastante tenso, li e reli várias vezes, mas felizmente tive êxito em me fazer entender.	182
	Não me lembro exatamente, porém, já faz mais de 15 anos durante meu trabalho na área financeira.	183
	Trabalho há muito tempo em empresas multinacionais, portanto o contato foi desde o início da minha carreira aqui em Santa Cruz do Sul.	187
	Em 1998 quando fui trabalhar em Richmond	204
	Foi com hóspedes estrangeiros no hotel, há 3 ou 4 anos, por abordar sempre o mesmo conteúdo, que são solicitações referentes ao hotel, a escrita e a tradução na internet auxiliaram, após isto foi-se criando uma rotina e as solicitações eram mais fáceis de compreender e responder.	215
	Na empresa, em reuniões e contatos externos	263
	Envio de e-mails e reuniões	264
	Quando a empresa que trabalhava foi vendida para uma multinacional e tudo aconteceu muito rápido. Fui chamada para ser <i>power user</i> de um projeto e isso me fez buscar mais rapidamente a fluência no idioma, porque todo suporte foi por colegas estrangeiros. Naquele momento tive certeza que o idioma fez grande diferença e me oportunizou estar no projeto	266
DIVERSOS	Não lembram	2, 17, 87, 99, 105, 124, 169, 180, 202, 216, 227, 231, 251, 257
	Não lembro. Faz muito tempo. Provavelmente foi quando trabalhei na Souza Cruz, era telefonista.	80
	experiência desafiadora e ao mesmo tempo gostosa, quanto obtenho êxito	33
	muita dificuldade e me senti um analfabeto na língua e constrangimento em relação aos meus colegas que possuíam muita experiência	36
	Terrível, saiu tudo errado	38
	No escrito ruim penso em inglês, mas não consigo escrever	39
	Escrito	149, 207
	Escrita/leitura em sistemas de comunicação que utiliza inglês - Insegura por conhecer pouco.	176
	escrita, praticamente diária, falado, nas aulas.	262
	Há mais de 10 anos e a dificuldade foi na audição - entender o nativo	49
	Difícil pela falta de fluência	53
	2005	55
	Música	64, 152
	Surpreendente, pois vi que preciso praticar mais	70
	Fazem 4 anos, conversa com um estrangeiro através de Chat, a experiência foi muito boa	84
Não tive a oportunidade de usá-lo ainda	90, 150	

Quando: 2 anos atrás; Qual: conversação; Como: Fiquei extremamente nervoso	97
Muito boa	100
Estranho, não entendia nada, foi antes de 2006	104
Quando meu pai trabalhava com exportação de pedras e tivemos a visita de um alemão e um inglês e tivemos que chamar um intérprete. Foi maravilhoso, mas trouxe uma sensação de impotência	110
Diariamente. Tanto escrito como falado	111
Foi complicado quando precisei expor uma opinião em inglês. Faltaram palavras	133
Em jogos online	155
Ambos foram em jogos online em que tive que comunicar-me com americanos normalmente para realizar tarefas em jogos. Anos depois convivi com vários intercambistas que vinham até Santa Cruz do Sul.	165
leitura de alguns documentos, notícias, ouvir música e participação testes para seleção de vagas	157
Desesperador	178
Desafiadora	179
Surpreendentemente satisfatória	186
Aos 23 anos	199
Falar ao telefone profissionalmente	220
Acho que foi natural pois utilizei somente em aula, não tive a pressão da necessidade	228
15 anos	232
Foi bom. Me expressei bem	237
O aprendizado do inglês me possibilitou realizar leituras nesse idioma, especialmente de livros e artigos, bem como estabelecer contato com pessoas de outros países, especialmente aqueles cuja língua oficial não era o inglês. Entre esses países destaco o Vietnã, Japão e Coreia do Sul, por exemplo. É interessante o quanto o inglês pode aproximar realidades culturais diferenciadas	241
Faz bastante tempo. Consegui intermediar uma conversa entre um falante nativo e pessoas que não falavam inglês.	247
Normal	250
Frustrante	258
Ruim	260
Um pouco de dificuldade até se soltar	268
não recordo ao certo, mas causou bastante apreensão e nervosismo	269

Tabela 7

Você já teve contato com algum falante nativo? Como se sentiu? Se não, como você acha que se sentiria? Você gostaria disso?

SIM	SIM	15, 61, 82, 212, 220
DIFÍCIL NO PRINCÍPIO, MAS DEPOIS A COMUNICAÇÃO ACONTECEU	Me senti ansiosa no início, mas no desenrolar da conversa a vergonha diminui e apesar de alguns erros a conversa flui e a comunicação acontece.	1
	Hoje me sinto mais seguro, mas no primeiro contato é difícil.	3
	Levo alguns minutos para "setar" o cérebro. Este momento inicial é de nervosismo, muitas vezes, atrapalhando o entendimento da conversa e desencadeando em tropeços na fala e na escuta.	9
	hoje me sinto mais confortável, mas no início era mais difícil entender e conseguir se expressar	11
	Já tive várias oportunidades, sempre no início é necessário um esforço maior (até se acostumar com o sotaque), depois segue tranquilamente. Porém sempre é necessário estar "prestando mais a atenção" na conversa, ou seja, estar entendendo o "contexto" do diálogo.	12
	No início tinha dificuldade, agora já me viro	16
	Sim, tanto no cenário profissional quanto no particular. Acredito que no primeiro momento, tenha ficado meio que assustado, ao perceber dificuldades em entender algumas palavras, gírias, e até mesmo o sotaque do nativo	20
	Em um primeiro momento causa impacto e certo constrangimento pelo medo de errar	27
	Estou em contato diário desde 2000. Atualmente marido e familiares estrangeiros. Alunos estrangeiros estudantes de português na minha escola. Viagens de estudos - morando em casa de família estrangeira (2003, 2011). No início eu lembro que me sentia um pouco 'perdida', assustada, com vergonha. mas com o tempo, e principalmente agora, me sinto à vontade	29
	Inicialmente me senti preocupado em me fazer entender, mas aos poucos consegui me soltar e conversar	31
	No início houve um certo constrangimento, pois, por não praticar a comunicação é ruim e a vergonha prejudica. É preciso não levar tão a sério este período e deixar a vergonha de lado. É como aprender a dirigir, todos cometem erros no início	37
	Foi difícil no início, mas hoje é bem tranquilo a comunicação	40
	Em 2008 acuada e cansada de ouvir e falar inglês. Em 2012 quando retornei para os EUA foi uma experiência muito diferente. Em 2013 quando fui morar lá nos primeiros meses foi mais complicado, mas logo o inglês foi incorporado na rotina	45
	Já passei por essa experiência e foi difícil no início até entender o sotaque do nativo	49
	Já tive. No início foi nervoso e em alguns momentos tive dificuldades de expressar o que eu queria	55
No passado desconfortável, hoje me sinto confortável	59	

No início, com receio de não entender ou ser entendida. Aos poucos, melhora a capacidade de interação.	68
Senti dificuldade no início	70
No início me senti perdida, mas aos poucos fui me adaptando	90
Foi bem estranho até eu me acostumar, num primeiro momento parecem que eles falam muito rápido, mas depois acostuma	94
Em um primeiro momento me senti nervoso, mas com o tempo consegui me comunicar com mais facilidade	97
Senti certa dificuldade inicial de compreensão pela diferença na pronúncia em relação a professores brasileiros de inglês	98
No início um pouco complicado, mas ao treinar o ouvido foi tranquilo	104
Na primeira vez foi horrível a impressão que tive que nunca tive em uma sala de aula, isso porque entre o estudo e a pratica existe um espaço enorme	114
Sim, inicialmente foi difícil se adaptar ao ritmo da fala após foi mais fácil entender o que falava	116
Já tive contato direto com nativos (colegas de trabalho). No início, a experiência não foi muito agradável, pela insegurança e pela falta de conhecimento. Atualmente está mais natural	121
No início mais difícil, após vou criando confiança	137
No início foi/é bastante constrangedor e apreensivo, mas depois de um tempo a conversa flui normalmente	142
Confusa no primeiro momento	152
Em um primeiro momento pareceu que (eu) não sabia nada, mas depois a conversa acabou fluindo	158
No primeiro contato senti-me intimidado e achei que meus conhecimentos não seriam suficientes para a situação. Entretanto após algum tempo de conversa fui inclusive elogiado pelo meu inglês o que me fez ter mais vontade de me aprimorar	165
No primeiro contato é bastante difícil até vencer o nervosismo, mas depois se nota a evolução de forma rápida como o contato com nativos	182
Já tive, em meados de 2000. A primeira experiência foi difícil pelo fato de não estar habituado com o vocabulário do dia-a-dia	191
A primeira vez foi complicado, sentimento de incapacidade na compreensão. Não gostaria de passar por isto novamente, porém, em qualquer estudo de idioma, este sentimento no primeiro contato é certo que voltará a ocorrer	199
No início muito apreensiva	204
Inicialmente com muita dificuldade de comunicação. Contudo após um intercâmbio (3 meses) sinto-me mais seguro e a vontade	206
Primeiramente foi meio angustiante pois eu fiquei nervoso e não conseguia falar, após alguns minutos me acalmei e consegui me comunicar	207

	Sim. No início ficava insegura, mas com o tempo e a prática as coisas vão ficando mais fáceis. Depois de alguns meses, já conseguia pensar em inglês e as coisas já ficavam mais automáticas	233
	Inicialmente um pouco retraído, porém depois foi bem tranquilo ao entender o que falavam e na velocidade adequada. Por isso acredito que a audição treinada seja o melhor caminho para o aprimoramento na língua estrangeira	240
	Me senti muito deslocada nas primeiras vezes pela diferença cultural. Porém, à medida que eu fui me familiarizando com as diferenças, comecei a me identificar e a me sentir mais próxima. Afinal, são pessoas iguais a nós, porém se comunicam de maneira diferente	242
	Quando comecei a utilizar a língua, falava mais baixo, pois me sentia constrangida. Com o passar do tempo fui deixando a timidez de lado, não me importando mais com os erros que cometia	246
	Me senti um pouco desconfortável de início, porém desafiada	248
	Nos USA, e foi difícil de entender. e na escola de idioma que frequento todos os professores são nativos, me sinto bem depois de alguns encontros	262
	me senti primeiramente muito mal, pois a maneira e o tom de voz deles falarem é muito diferente, porém com um pouco de tempo você vai acostumando o ouvido	267
	Tive contato com nativo, mas as vezes dificuldade de entender. Atualmente muito mais confortável	268
	Foi bem complicado de entendê-lo, porém ao acostumar com o sotaque, foi possível um maior diálogo	269
COMUNICAÇÃO DIFÍCIL	Eu gosto, mas quando não se consegue entender fica aquele silêncio, é constrangedor	105
	Envergonhado	89
	Nervosa por não conseguir comunicar	54
	Foi difícil conseguir entender e se expressar. Falam bastante rápidos	6, 195
	Senti dificuldades em me comunicar	2, 34
	Me senti frustrada por não conseguir conversar com o básico, como: Hello. How are you? How old are you? Thanks. Nice to meet you	50
	Me relaciono com muito receio, por que não entendo muito bem o idioma	4
	Eu me senti muito ansiosa... tive dificuldade de compreensão. Percebi que preciso ampliar muito o meu vocabulário	42
	Desconfortável, pois precisava pedir para repetir e falar devagar o tempo todo. Não, preferia conseguir manter um diálogo normal	14
	Desconfortável por querer interagir mais e ter dificuldade	26
	Senti que preciso estudar e aprender mais	17

Já tive a oportunidade de conversar com várias pessoas que falavam inglês nativo, mas foi difícil conseguir manter uma conversa mais profunda por muito tempo. Apenas diálogos mais rápidos	21
Não muito confortável por falta de um bom entendimento da língua	35
Me senti mal de não poder manter uma conversar fluentemente	36
Com dificuldade por causa do sotaque	39
Me senti um pouco tímida e com dificuldade para formar uma conversa maior, pelo fato de não ter conhecimento sobre a cultura deles já que nunca viajei para o Exterior. Uma outra dificuldade foi também o sotaque, minha experiência maior foi com americanos e daí não foi muito fácil o entendimento. Uma outra barreira para mim também é quando tem a presença de algum colega (chefe) que é fluente, não me sinto confortável para tentar falar. Prefiro ficar mais como ouvinte. Já tive oportunidade também de ter contato sozinha com um nativo e a experiência já foi mais tranquila para mim, me senti mais confiante.	46
Ficou meio inibido, trancado...	52
Me senti insegura, desconfortável, justamente por não utilizar a fala no dia-a-dia, aliado ao medo de errar	72
Eu tive a oportunidade um tempo atrás, mas preferi não falar por estar a muito tempo sem contato com o Inglês e então fiquei um pouco nervoso e acredito que não sairia nada	79
Me senti nervoso e inseguro. O medo de errar interferiu muito na hora de conversar	87
Em alguns momentos faltava vocabulário para me fazer entender...	103
Me senti ignorante e sem noção/perdida	106
Não me senti muito bem por ter dificuldade de entendê-lo	108
Eu sempre me sinto muito ansiosa. Eu bloqueio e não ouço a pessoa e me perco todo o diálogo	110
Me senti um pouco embaraçada	117
Me sinto um tanto constrangido por não conseguir em algumas vezes me expressar adequadamente ou mesmo quando tenho dificuldade de entender	120
Me senti chateado por não poder me comunicar como eu desejaria	124
Com receio e medo de falar algo errado. Sim	131
Me senti nervosa por medo de falar algo errado, mas valeu a experiência	132
Me senti bloqueado, tímido e com muita dificuldade em expor de forma clara e consistente tudo o que pretendia dizer	138
Vergonha. Não soube entender nem falar	139
Nervosa por não conseguir explicar coisas básicas	140
Não confortável. A sorte é ter uma filha professa de inglês e outra que estuda e já consegue se virar	149

Foi numa viagem à trabalho ao exterior (Carolina do Norte-EUA) e a experiência não foi boa, uma vez que eu achava que poderia me comunicar com maior facilidade, porém praticamente não conseguia entender nada o que era falado devido ao forte sotaque (principalmente nesta região dos EUA). Foi frustrante	161
Nervosa e muito preocupada, pois sabia que ele esperava algo de mim e estava disposta a me escutar	164
Com vergonha por conhecer pouco e não saber me expressar corretamente	176
Um pouco constrangido	177, 235, 239
Fico com vergonha de falar	209
Nervosa por se tratar de trabalho e estar rodeada de superiores "teoricamente me avaliando"	178
Tive contato, mas não pudemos conversar. Senti que é preciso mais prática de conversação para poder manter um diálogo quando o nativo não souber que você não tem certo domínio	186
Senti que sei pouco, compreendo pouco e falo menos ainda	202
Como não pratico muito a fala, senti dificuldade em manter diálogos mais longos com pessoas nativas de lá. Acabava recorrendo à imagens e gesticulações para complementar o que eu sabia falar. Foi uma experiência única	203
Tive dificuldades para entender	217
Quando fui para Portugal num evento em que todos praticamente todos falavam em inglês e quando fiz um intercâmbio acadêmico na Espanha. Me senti feliz por estar tendo um contato com pessoas de outros lugares do mundo que falam inglês, mas, ao mesmo tempo, me senti frustrado, pois tinha dificuldades em compreender na integração que a outra pessoa estava falando, bem como tive dificuldades de completar frases na íntegra apenas em inglês, muitas vezes tinha que combinar o Espanhol e Inglês na mesma frase para conseguir terminá-la.	219
Sim, várias vezes. Um pouco perdida, pois falam rápido demais, difícil de entender. Por isso é importante ficar atento e tentar pegar o "x" da questão, não tentar traduzir todas as palavras. Mas acredito que sempre se consegue aprender um pouco com estas oportunidades. Já teve momentos que não entendi uma única palavra, pois a pessoa falava muito estranho, parecia que misturava 2 línguas diferentes.	222
Sabendo da minha restrição de conhecimento da língua, tive dificuldade de entendimento, por conta da rapidez da fala dos nativos	223
Com dificuldade de compreensão, pois em regra falam mais rápido	234
Inseguro	251
Me senti pouco à vontade	252

	Há muitos anos atrás. No meu país de origem existe uma influência muito forte da língua inglesa. Sempre me senti um tanto frustrada em não conseguir a fluência necessária para me comunicar da melhor forma possível	256
	Ruim	260
	Dificuldade na escuta	264
BOA COMUNICAÇÃO	Fiquei um pouco "travada" para falar, apesar de entender 90% de tudo que ele falava	270
	De fato, é muito difícil, mas percebo que o nativo tem de fato muita receptividade em ouvir, e mesmo cometendo erros temos da parte deles muito respeito e valorização pelo que falamos	33
	Um pouco acanhado por não ter fluência igual	263
	Dificuldade de diálogo e compreensão superados pela necessidade de comunicação	25
	De um lado confirmei a falta de fluência no idioma, de outro, houve uma compreensão mútua bastante positiva	193
	Falo muitas coisas erradas, mas a gente se entende	38
	Procuro me expressar do meu jeito, mesmo sabendo que estou falando com erros	8
	Possuo interações frequentes e por vezes, ainda me frusto, diante da dificuldade de reconhecer o "street language". Interação com um estrangeiro de sotaque muito peculiar, também me frustra. Por outro lado, me sinto realizada no sucesso de interações onde a comunicação flui	41
	Foi tranquilo, mas difícil. Em alguns casos faltam as palavras corretas para se comunicar bem	53
	Me senti um pouco assustado e tentando entender na melhor maneira possível	74
	Conseguo me comunicar. Mas há o que melhorar	102
	Inseguro, mas acho que consegui passar a informação que precisava	112
	Me senti confortável quando falava de termos técnicos da empresa, porém nos almoços ou jantãs não tinha o mesmo sentimento pois meu vocabulário do dia a dia não está no nível que quero ainda	115
	Me senti com pouca gramática	128
	Foi muito interessante, mas senti dificuldade	122
	Conseguo entender algumas coisas, mas dificuldade em me expressar	141
	Me senti desafiada, pois me dei conta que não é possível fazer traduções literais, estrangeiros não entenderão, temos que pensar em inglês	151
	Achei legal, só gostaria de conseguir me comunicar mais facilmente	153
	Foi uma boa experiência. Contudo me senti um pouco tímido por não saber conversar corretamente	155
	Entendia tudo o que ele falava, mas travava na hora da resposta	167

Foi no ensino regular. Eu me interessei, porque o professor era bom e me motivou. Minha primeira experiência falada foi com um estrangeiro; trocamos algumas palavras e pensei que ele poderia ou deveria estar falando minha língua por estar no Brasil	168
Dificuldade de conversação, quando o nativo falava rápido	175
Já tive. Sempre paira a dúvida se vai ser possível se fazer entender plenamente	179
Consegui me fazer entender e entendi um pouco	185
O fato de ele ser nativo me deixou preocupada em falar tudo corretamente e ser bem compreendida	224
Com colegas das empresas. Senti-me um pouco chateado por não dominar o idioma	227
Me senti um pouco ansiosa, principalmente por medo de não entender o que a pessoa estava falando	229
Não consigo entender muito, mas o básico foi possível	237
Fala nativa tem bastante sotaque, alguma coisa por falar rápido não dá para entender	250
O sotaque é bem diferente do visto em sala de aula	84
Tenho amigos ingleses, americanos, e sul africanos, de diferentes regiões de seus países. E conciliar todas as expressões e sotaques é bem complicado	214
Me senti curioso pela troca de experiências	5
Me senti bem	13, 32, 51, 93, 111, 123
Senti-me satisfeito por conseguir manter e entender o diálogo	10
Eventualmente dialogo com um amigo em eventos sociais. Conseguimos nos comunicar de forma satisfatória	7
Com o professor Alan, e é muito bom falar inglês com ele. Adoraria muito	18
Já tive contato, foi com colegas de trabalho	162
Ao me comunicar com nativos na língua inglesa me sinto bem, razoavelmente seguro. sei que vou, em algum momento, não saber me expressar com tanta clareza, mas isto não me desmotiva. opto por buscar palavras similares, melhores e maiores explicações	19
Sim, com vários, principalmente na Jamaica e Inglaterra. Consegui me comunicar	22
Senti-me confortável, apesar de, na época, meu inglês não era avançado	28
Confortável	107
Natural. Sempre peço para que o nativo me corrija caso eu cometer erros	30
Me senti muito à vontade	43
Tenho diversos amigos nativos, que apenas converso em inglês. Me sinto bem, porém minha pronúncia e algumas colocações de verbo deixam a desejar	47

Na escola de idiomas (Professor Excelente e com muita didática). Também, por motivos profissionais tanto pessoalmente como ao fone	56
É uma experiência muito boa. Me senti bem por conseguir manter diálogos	57
Foi mais tranquilo do que eu esperava. Me entenderam super bem, claro com algumas correções, e eu também consegui entender e manter a conversa	62
Foi uma experiência bem interessante, mesmo sabendo que era estrangeiro e não tinha fluência no idioma, não facilitavam o diálogo	63
Me senti bem, fez com que eu pudesse praticar estruturas dentro da conversar que apenas tinha ouvido	64
Foi tranquilo	65, 135, 136, 171, 232, 253, 265
Gostei muito pois pude testar os meus conhecimentos. Gostaria de repetir se fosse possível.	66
Na maioria das vezes bem, porque algumas pessoas compreendem e conseguem falar pausadamente ou no caso de não entender, repetem utilizando outras palavras	69
Normal...	71, 81, 134
Me senti muito bom por conseguir ser compreendido por ele	73
Já tive em uma escola de idiomas, achei muito bom para treinar o ouvido	75
Me sinto muito bem conversando com nativos, pois além de desenvolver meu inglês, aumento minha experiência cultural tendo contato com uma realidade diversa da minha	76
Foi uma experiência enriquecedora	77
Foi tranquilo. Na escola de inglês particular eu já escutava áudios com falantes nativos, então já estava com o ouvido acostumado com os sotaques	91
Senti-me relativamente confortável, pois consegui realizar a conversação	95
Adorei poder praticar a conversação	96
Foi antes de eu ser fluente, mas a comunicação foi boa, conseguimos nos entender sem problemas. Eu estava em um nível intermediário	99
Tenho contato e me sinto feliz em poder me comunicar em inglês	126
Foi ótimo	127
Tenho contato no trabalho e nas viagens. É muito bom entender e ser entendido, poder trocar ideia e conhecer o que pensam as pessoas que são de outras nacionalidades	129
Me senti muito bem! Desafiada a entender a língua	133
Me senti tranquila porque eu estava tentando aprender inglês e ela português, então, havia um respeito mútuo pelos erros	143
Me senti apto e satisfeito para conversar	146
Já tive, e é muito bom! É uma ótima forma de aprender, principalmente desenvolver o ouvido	156

É ótimo poder se comunicar. Me sinto cidadã do mundo, posso estar em qualquer lugar sem medo de não ser compreendida	160
Eu gostei da experiência	169
De modo geral me senti à vontade. Notando que eu era estrangeiro a grande maioria das pessoas se esforçava por se fazer entender	170
Já morei em Los Angeles e Scottsdale. É muito gratificante quando conseguimos nos comunicar com um nativo	172
Foi muito bom. Ajudou na gramática	173
No trabalho. Gosto do contato para aprender	174
Foi interessante	180
Sempre estou exposto	181
Muitas e vezes e não tenho dificuldade	183
Gostei da oportunidade de conseguir desenvolver a conversação e observar as maneiras de pronúncia também, e pretendo continuar tendo essa chance pois acarreta em mais confiança e melhoria no inglês	184
Já tive sim vários e nenhum problema de comunicação e entendimento	187
Consegui me virar, por incrível que pareça. Me senti bem. Fiz uma entrevista no Schütz e Kanomata em inglês e consegui responder a tudo, sem gestos	190
Tenho contato com nativo em viagens. me senti bem porque os nativos gostam e valorizam nosso esforço em aprender e tentar interagir com eles	194
Me senti tranquila para falar ou tentar comunicar	196
Adorei! Sempre tenho vontade de falar com nativos! Fico observando o quanto realmente sei inglês, gosto de "treinar"	197
Frequentemente. Me sinto livre e independente	198
Foi bastante positivo, pois ao mesmo tempo que tem contato com outra língua, você vê a necessidade de aprender mais e mais	200
Me senti um pouco nervosa, achando que não conseguiria entender, mas foi tranquilo, compreendi tudo e consegui me comunicar com facilidade	201
Foi a melhor experiência de aprendizado de inglês que tive. Me ajudou a perceber a importância de falar sem medo de errar e aprender falando	208
Várias vezes e me senti ótima, é maravilhoso quando conseguimos estabelecer comunicação, mesmo com inglês muito pobre de vocabulário como o meu, eu entendo e consigo me comunicar, é muito bom	210
Me senti confortável, embora em algumas oportunidades peço que o interlocutor fale mais vagarosamente. Honestamente, muitas vezes parece ser mais fácil quando o interlocutor não é nativo, em função dos acentos de cada região	211

	Quando não se sabe bem o inglês o contato gera receio, porém quando há a compreensão do conteúdo da fala, mesmo que não seja 100%, sempre há satisfação em poder manter uma conversa	215
	Me senti à vontade, foi meu professor na escola de idiomas	218
	Sempre foi tranquilo. Pedi auxílio no vocabulário quando necessário	221
	Já tive diversos contatos com falante nativo e me senti muito bem. Em alguns ambientes e ocasiões me senti mais limitado, mas sempre muito tranquilo	225
	É algo muito bom ter a capacidade de se comunicar com algum nativo em inglês	226
	Preocupada em saber me comunicar corretamente	230
	Tenho um tio britânico, gosto de conversar com ele	231
	Sem problemas	238
	Acho uma experiência rica e interessante e gostaria de ter mais contatos com nativos de língua inglesa no Brasil	241
	Ajuda muito para treinar a conversação	245
	Me senti muito bem, pois, consegui me comunicar e eu, como professora, considero a comunicação um dos objetivos principais	247
	Tenho contatos profissionais frequentes com nativos	249
	Foi bem divertido	255
	Em várias oportunidades, inclusive para entrevistas de trabalho. Me senti bem, pois consegui conversar bem, só fico insegura, pois não gosto de travar ao falar e percebo que cometo alguns erros	257
	Foi muito bom e desafiador.	258
	De fato, é um aprendizado muito diferente	259
	Tenho contato frequente pelo envolvimento com projetos, processos corporativos da empresa. Adoro porque me faz aprimorar a habilidade do entendimento	266
	Me senti confortável em virtude de possuir um conhecimento bom no idioma. Porém, existem diferenças do inglês nativo, principalmente em virtude da utilização de slangs	271
	Tenho contato constante	272
	Já tive diversas experiências. É diferente a sensação de conversar com alguém (professor ou aluno) e um falante nativo, seja na sonoridade, expressões, rapidez ao falar, etc.	274
NÃO	NÃO	24, 60, 118, 213
	Eu estaria perdido	67
	Nunca tive contato, eu teria um pouco de receio de não entender o que fosse dito, caso falassem muito rápido ou de me sentir despreparada para me comunicar	85
	Não tive contato com algum nativo, mas teria condições de conversar normalmente	119
	Acho que não entenderia muito. Não gostaria	130

Nunca tive. Eu me sentiria mal pois estou muito fraca no inglês	150
Tive contato com pessoas que a língua inglesa não era a nativa, tenho muita vontade de falar com nativos	154
Não tive mesmo tendo algumas oportunidades por me sentir constrangido e envergonhado, medo de falar errado ou não entender o que ele falaria	157
Nunca tive, mas se tivesse tentaria me comunicar	216
Talvez me sentiria um pouco inseguro, mas gostaria muito pelo menos acho que seria divertido os primeiros contatos	228
Não tive, mas na empresa às vezes ouço conversas de nativos. Acredito que ficaria com receio de entender e falar.	254
Nunca tive uma experiência dessas, mas acho que ficaria nervoso no início e com certeza me atrapalharia. Mas com certeza, seria uma experiência de grande valia	261

Tabela 8

Você poderia falar sobre a opinião deles (dos pais) em relação a aprender inglês:		
	SIM	18, 26
DÃO APOIO	Consideram de fundamental importância. Acham importante no mundo globalizado	1, 2, 34, 38, 39, 50, 51, 55, 60, 61, 62, 63, 74, 77, 94, 96, 98, 101, 107, 119, 124, 127, 138, 172, 174, 186, 195, 197, 200, 201, 205, 207, 217, 224, 230, 232, 238, 243, 247, 249, 252, 255, 256, 258, 259, 262
	Para eles o aprendizado da língua inglesa é imprescindível! Sem ela você não tem futuro! Está no mesmo nível de importância de fazer uma faculdade! Sem ela você não é nada	214
	Acham importante. Meu pai foi professor de inglês em escola pública estadual	22
	Acham superimportante. Sempre nos proporcionaram estudo em escola particular e oportunidades de estudos	29
	Concordam que é de extrema importância o aprendizado de línguas e sempre estão a incentivar não só a mim e minha irmã como também amigos e outros parentes	64
	Eles sabem a importância de um idioma nos dias atuais. Gostam de viajar e tem algumas limitações por não conhecer um idioma. Sempre incentivaram os filhos a estudar uma língua	68
	Eles percebem devido a minha profissão que isso é importante, mas acredito que até então, para eles, isto não tinha importância	129

Deve achar importante e um diferencial no mercado de trabalho. Açam superimportante, essencial atualmente, para qualquer profissão	6, 47, 112, 141, 147, 191, 222, 226, 261, 274
Ambos são falecidos. Todavia, sempre consideraram importante aprender outro idioma. Isso propiciaria uma evolução profissional significativa	56
Eles nunca interferiram nesse aspecto, mas sabem da importância que teve e tem para a minha profissão	11, 115, 263, 269
Eles acham importante, justamente por saber que é requisito para as melhores vagas no mercado de trabalho	72, 182, 250
Incentiva acreditando ser importante para se manter no mercado de trabalho	24, 239
Entendem que é muito importante para o desenvolvimento pessoal e profissional	69, 83, 171, 212
Eles também consideram importante e não só eles, minha bisavó fazia questão de pagar meu curso de inglês quando eu ainda estava no primeiro grau	37
Sem dúvidas os mesmos reconhecem a relevância do aprendizado do inglês (tanto que pagam um curso para um dos netos)	7
Sempre incentivando inclusive os netos agora	111
Meus pais, juntamente com meu irmão, são meus principais incentivadores para estudar a língua inglesa. Meu pai, inclusive, me incentiva muito para fazer um intercâmbio fora do país, assim como meu irmão já fez - ele morou nos Estados Unidos através do <i>Work Experience</i>	203
Minha mãe ficaria orgulhosa se soubesse que estou estudando inglês ou outra língua estrangeira	8
Infelizmente não falecidos, mas teriam se orgulhado do meu esforço	194
Meus pais já faleceram, mas ficavam felizes de saber que eu conseguia me comunicar com pessoas de outros países	246
Açam importante, mas não entendem a real dimensão disto	12, 199
É gratificante	13
Sempre fui incentivada a estudar inglês por eles, pois sempre acharam muito importante	16, 102, 146, 151, 208, 209, 211, 229, 248, 267, 268

<p>Sempre foram meus grandes incentivadores. apesar das poucas condições financeiras, sempre fizeram o possível para eu poder me dedicar ao estudo do inglês</p>	<p>19</p>
<p>São apoiadores e incentivadores</p>	<p>27, 28, 41, 49, 71, 76, 78, 84, 93, 100, 125, 130, 150, 155, 178, 179, 180, 193, 218, 223, 233, 245</p>
<p>O apoio de minha família quanto ao inglês sempre foi constante uma vez que desde muito cedo demonstrei interesse pela língua</p>	<p>165</p>
<p>Eles concordaram em estudar inglês dão todo apoio e sentem orgulho pelos filhos falarem outra língua</p>	<p>126, 181</p>
<p>Infelizmente eles já não estão mais entre nós. Mas na época, minha mãe sempre me motivava e tinha muito orgulho do meu desempenho nesta matéria</p>	<p>30</p>
<p>Sentem-se animados e confiantes</p>	<p>31</p>
<p>Consideram essencial</p>	<p>32, 53, 75, 109, 123, 206, 270</p>
<p>Meu pai é grande incentivador de aprender algo novo e fica feliz com minhas conquistas. Minha mãe é neutra e não expõe a opinião dela</p>	<p>266</p>
<p>Para o meu pai entende que é algo muito importante e um diferencial, pois ele teve idiomas na escola regular. Minha mãe é indiferente, pois não teve e nunca trabalhou</p>	<p>33</p>
<p>Eles acham muito importante, porém não investiram no estudo do inglês dos filhos porque são do interior e isso não era realidade para eles. Com as viagens a trabalho e férias que realizei eles passaram a dar valor para o Inglês. Minha mãe aos 60 anos (um pouco antes de falecer) ainda aprendeu a utilizar o computador, fazendo aulas e estava aprendendo inglês básico na internet</p>	<p>45</p>
<p>Me criei no interior e a cultura é bem diferente. Meus pais não possuem muito estudo, então, sempre me virei sozinha quanto a isso. Mas, hoje, com certeza eles sabem da importância da língua e me apoiariam</p>	<p>46</p>
<p>Acham muito útil</p>	<p>52</p>
<p>Importante? Principalmente pela oportunidade de morar no exterior</p>	<p>54</p>
<p>São muito favoráveis</p>	<p>57, 70</p>
<p>Sou independente e eles aceitam com facilidade</p>	<p>104</p>
<p>Eles achavam importante falar outra língua, mais alemão do que inglês</p>	<p>108</p>

	Até hoje não perguntei a opinião deles, mas acredito que pensam ser importante devido as origens germânicas e a utilização desta língua na comunicação diária	131
	Cresci ouvindo: "Inglês é obrigatório"	198
	Estudar, o conhecimento, é a única riqueza que ninguém pode tirar de você	152
	Meu pai não lembro se algum dia se manifestou sobre minha mãe acreditava ser importante, mas não tinha dinheiro para investir	196
	Atualmente entendem ser importante em razão de o mercado de trabalho exigir, porém no passado não tinham essa mesma opinião. Atualmente conseguem financiar meu irmão para estudar inglês, no passado isso não era possível por questões financeiras	176
NÃO DÃO APOIO	Não consideram necessário ou interessante	14, 175
	Não dão a mínima para o Inglês	134
	Não veem como algo importante	143
	Eles não têm noção da importância, na vida deles isto não era necessário ou possível.	210, 221
NÃO EMITEM OPINIÃO	Para eles é indiferente nunca me incentivaram para isso, o que sei hoje foi por vontade própria.	114, 235
	Não apresentam opinião até porque a minha condição sociocultural e econômica é muito superior a eles	36
	Meus pais falavam o alemão e já são falecidos, na época que educaram seus filhos o Inglês não era uma língua falada e pouco se ouvia em função dos poucos recursos de comunicação.	40
	Entendo que eles deveriam responder esta pergunta	81
	Não sei a opinião de meus pais, mas em relação aos meus filhos acho fundamental aprender o mais cedo possível	105
	Não tem opinião formada, pois não usam no seu dia-a-dia. Também estudei por iniciativa própria.	163
	Eles são muito idosos e nunca se envolveram com esse assunto	204
	Nunca falamos sobre aprender inglês	213, 254
	Não opinam	106, 164
	Eles devem gostar, pois falam alemão	169
NÃO SABE RESPONDER	NÃO	5, 15, 25, 80, 162, 227, 228

PAIS NA CONDIÇÃO DE APRENDIZES	<p>Meu pai teve inglês básico pois trabalhou em empresa multinacional, porém, o seu aprendizado foi na década de 60. Como pai, nos estimulou ao estudo de inglês e alemão</p>	9
	<p>Apesar de ter marcado que eles não falam, eles iniciaram aula há poucas semanas, pois pretendem viajar para o Canadá, mas estão bem no básico ainda. Eles consideram, também, super importante o inglês</p>	10
	<p>Eles sabem o básico, se viram assim como eu. Eles acham muito importante, infelizmente inglês é a língua universal e não temos como fugir de aprender!</p>	23
	<p>Minha mãe chegou a fazer algumas aulas quando eu era criança, há uns 25 anos atrás, mas não deu continuidade e hoje não sabe falar e não demonstra interesse em aprender. Meu pai também fez aulas, mais recentemente. Ele não fala, mas sabe algumas palavras e frases básicas. Ele sempre cogita voltar a ter aulas, acha importante</p>	21
	<p>Meu pai acho que não dá a mínima e minha mãe acha importante. Ela já estudou inglês por um longo período, mas a falta de prática e o pouco convívio com a língua fez com que ela esquecesse praticamente tudo. Hoje ela sente dificuldades de retornar as aulas porque não tem mais aquela facilidade de memorizar as coisas.</p>	87
	<p>Eles falam alemão! E perguntam algumas palavras em inglês</p>	137
	<p>Meu pai se esforça bastante para aprender inglês e tem um nível intermediário, e os dois sempre me apoiaram muito para aprender inglês</p>	156
	<p>Meu pai possui conhecimento básico e está sempre buscando avançar por meio de leituras e vídeos. Minha mãe não fala inglês pois tem mais dificuldade com a conversação, porém consegue entender várias expressões e falas</p>	184
	<p>Minha mãe é fluente em inglês e incentiva o estudo da língua</p>	133
<p>Meu pai fala fluentemente em inglês, pois ele viaja a trabalho e minha mãe sabe o básico do básico</p>	188	

Minha mãe tenta aprender, faz aulas, mas tem muitas dificuldades. Meu pai "se vira", lê bem e se comunica razoavelmente. Ele que me colocou no inglês quando eu ainda estava no Jardim (pré-escola), pois não queria que eu tivesse a dificuldade de aprender a língua, como ele teve	257
É algo importante, especialmente porque morei um tempo fora do país e nesse momento decidiram se dedicar ao aprendizado do idioma para eliminar as possíveis barreiras ao me visitarem	241
Autodidatas	89
Minha mãe estudou e aprendeu inglês e desenvolveu habilidade em ler livros, mas não fala e pouco entende	272
Minha mãe entrou para escola de inglês	140
Minha mãe está com 72 anos e está aprendendo inglês através de aplicativo no smartphone. Ela fala alemão e espanhol e tem uma facilidade para o aprendizado Referente ao pai, não sei informar	121
Acredito que gostariam de aprender	187
Muito difícil, já fizeram cursos, mas não praticam, o que dificulta	231
Pensam ser interessante, mas difícil.	170
Acredito que não teriam possibilidades de aprendizado na 3ª idade, pois o pai está com indícios de comprometimento demencial	240
Sem possibilidade	67
Ainda tentam, mas não conseguem	136
Nunca tiveram essa oportunidade	59, 122, 128, 237
Acho que gostariam, mas tem medo de ir a uma escola ou já acham que "passaram do tempo"	73
Não há interesse	79, 97, 116, 132, 139, 242, 161, 206, 215, 219, 225
Minha mãe gosta da ideia, mas nunca vai estudar. Meu pai não tem menor interesse em aprender	99
Não usariam de forma alguma	142
Meu pai não se interessa, minha mãe tem muita vontade em fazer aulas	154
Eles têm vontade, mas não fazem por não ser uma prioridade	160
A mãe já é falecida e o pai já tem 83 anos, portanto, acho que ele não tem mais interesse	183
Minha mãe já está falecida e meu pai com certeza não tem interesse nenhum	185

PAIS NÃO ESTUDARAM, MAS APOIAM FILHOS A ESTUDAR	Eles não tiveram a oportunidade de estudar outra língua. Mesmo assim, estimularam-me a estudar	95
	Eles sempre acharam muito importante eu dominar a língua. Mas eles não julgaram importante para eles	42
	Nenhum dos dois pensa em aprender, mas dão o maior apoio em eu estudar	4
	Eles acham que é muito importante saber outras línguas, que isso pode abrir muitas portas, tanto na vida profissional como na pessoal e sempre incentivaram muito que eu e minha irmã aprendêssemos. Apesar disso, eles nunca tentaram aprender pensando que com a idade deles não seria necessário	85
	Eles acreditam fortemente que o inglês se trata de uma ferramenta primordial para o desenvolvimento profissional, e o surgimento de futuras oportunidades profissionais para mim. Porém, essa situação não se faz verdadeira para o perfil deles, uma vez que acreditam que por trabalharem no comércio, não necessitam desenvolver seus conhecimentos em outros idiomas	20
	Meu pai já é falecido e minha mãe já tem uma idade avançada e não pensa mais em aprender inglês, porém sempre me incentivaram a aprender uma segunda língua. Ambos falavam alemão	103
	Eles não tinham interesse em aprender, porque eles falavam fluentemente italiano, mas eles achavam muito importante que nós aprendêssemos para nossos estudos, vida, trabalho...	110
	São pessoas mais simples, que não tiveram muito estudo e não tem nenhum contato com o inglês, mas sempre incentivaram os filhos a aprender	157
	Apoiam e aprendem um pouco comigo no dia-a-dia	189
	Acham relevante, mas não se matriculariam em um curso nem buscariam conhecimento nesse sentido. Preferem filme "dublado"	190
	Eles nunca tiveram contato com o idioma, mas sempre incentivaram seus filhos	271
	Muito positivo, mesmo que não tiveram oportunidade de aprender, mas com certeza dariam apoio	3

Tabela 9

Como você descreve sua trajetória de vida pessoal e profissional podendo valer-se do inglês?		
FACILITOU O ACESSO AO MERCADO DE TRABALHO	Acredito que tenha facilitado a colocação no mercado de trabalho, especialmente no ambiente empresarial	1
	Não recordo da minha vida pessoal/profissional sem o inglês. Profissionalmente, o domínio do idioma foi a porta de entrada para minha atual posição	27
	Inglês sempre fez parte da minha vida pessoal e profissional. Ele foi essencial para o primeiro emprego e decisões de intercâmbio	71
	O inglês sempre foi exigido nos locais onde trabalhei, e ter feito anos de aula de inglês me tornaram apta a conseguir essas vagas	98
	Me ajudou em algumas entrevistas de emprego	102
	Sem o inglês não teria conseguido emprego, e com o emprego estou sempre viajando para o exterior o que afeta também a vida pessoal	111
	Sinto que o inglês é parte importante em minha vida pois, devo minha primeira oportunidade de emprego ao conhecimento da língua inglesa	155
	Foi o grande diferencial na minha vida profissional. Todos meus empregos fui selecionada e me destaquei pelo idioma. A graduação foi secundária	160
	Me abriu portas, me fez chegar onde estou, efetivei na empresa pelo conhecimento da língua inglesa	218
	O inglês foi o maior responsável por eu estar trabalhando onde estou hoje	245
	a empresa que trabalho foi fundamental para o início e desenvolvimento do meu inglês	269
	Abriu-me portas	49, 53
	A língua inglesa sempre fez muita diferença na minha vida, pois fiz vários amigos estrangeiros e me emocionei com várias músicas, textos e filmes. Profissionalmente fez toda a diferença, visto que o conhecimento do idioma me abriu várias portas	246
	Acredito que tive mais oportunidades em questão de trabalho, pois consegui trabalhar em multinacionais. E acredito que minha vida se tornou mais rica culturalmente por conta do conhecimento do idioma	257
A possibilidade de trabalhar em uma escola de inglês	205	

	Na vida profissional, pode ser um ponto restritivo caso a empresa se expanda para outros países. Como docente, certamente, é um empecilho para participar de conferências internacionais	9
	O inglês abre portas no mercado de trabalho. Ou melhor, para certas profissões a ausência de uma segunda língua, restringe bastante as oportunidades de trabalho	79, 140
	Maior destaque profissional, ter acesso a novas formas de entretenimento e materiais de estudo	28
	Bem-sucedida, pois optei por trabalhar no ramo de ensino de idiomas	30
	Acredito que o inglês influenciou muito na minha trajetória profissional pois tive que fazer testes para conseguir determinados empregos e, principalmente, para a profissão que atuo hoje pois devido ao fato de estar estudando na <i>Difference</i> que recebi o convite de trabalhar como professora de inglês	11
	Minha trajetória foi marcada por derrotas e vitórias devido ao inglês. Em 2007 participei de uma seleção para trabalhar em uma empresa multinacional e fui desclassificada por falta de inglês na última fase de entrevistas. Em 2008, fui selecionada para participar de um projeto onde tudo seria em inglês. Em 2012, fui convidada a participar de um projeto global devido ao nível de inglês e o conhecimento em Espanhol. Em 2013, apliquei para uma vaga temporária nos EUA e fui selecionada. Considero que o inglês me possibilitou conhecer um mundo bem diferente e que eu me encantei. Eu odiava inglês, hoje adoro.	45
PERDA DE OPORTUNIDADES DE TRABALHO ou CRESCIMENTO POR NÃO DOMINAR O IDIOMA	Não tive aplicação tão direta, mas outrora perdi oportunidades profissionais por não dominar o idioma	7
	Já perdi oportunidades de trabalho	92
	Percebo que se tivesse fluência no idioma inglês poderia obter mais dinamismo e interação na minha posição de forma mais espontânea. Participo de teleconferência e reuniões, mas pela limitação de comunicação de forma mais restrita	33
	Eu poderia ter crescido mais profissionalmente	169
	Com certeza ampliariam muito as possibilidades profissionais.	213
	Seria muito interessante/ Melhoraria	17, 150

	Não mudaria/ indiferente	134, 186
	Se tivesse continuado estudando com certeza minha trajetória teria sido diferente	185
	Poderia ter sido melhor se tivesse me dedicado mais	195
	Seria melhor se soubesse falar bem	260
	Eu acho que seria de grande valia, pois assim, poderia investir meu trabalho em outros países, podendo crescer profissionalmente e trazer novas ideias para investir no Brasil	261
USO DA LÍNGUA NO AMBIENTE PROFISSIONAL	A minha vida profissional depende do Inglês. A minha vida pessoal teria sido muito diferente sem o inglês	32
	O conhecimento da língua inglesa na minha trajetória de vida profissional possibilitou a minha comunicação com clientes e fornecedores da empresa	34
	Minha vida profissional e pessoal tem a língua inglesa muito presente. No trabalho a utilizo diariamente, e não poderia exercer minhas atividades profissionais se não a utilizasse	37
	O inglês é uma ferramenta fundamental no meu trabalho	68
	Feliz por estar desenvolvendo este conhecimento, é muito importante para carreira profissional	69
	Me deu alguma credibilidade em alguns momentos e facilitou muitos desafios quando havia necessidade obter informações em inglês ou ajudar colegas em tarefas semelhantes	99
	Se não tivesse estudado inglês de repente não estaria mais trabalhando na empresa que tanto gosto	126
	Acredito que ajudaria já que em meu trabalho protegemos produtos de clientes em todo mundo, tendo como base a língua inglesa	141
	Atualmente, na vida profissional é necessário	162
	Quando comecei a estudar, não tinha certeza de que utilizaria todos os dias, pois nas atividades anteriores usava eventualmente. Na função atual é fundamental, pois utilizo todos os dias	163
	Muito importante e um diferencial requerido no ambiente profissional	167
	Profissional o que eu sei, já é suficiente, mas quero aprender mais para as duas partes, como profissional e pessoal	188
	Como profissional, acredito me virar bem no inglês	214

	<p>Minha vida pessoal não teve tanta influência, porém a profissional sim. Hoje eu sou a pessoa mais solicitada onde trabalho para atender e resolver problemas de hóspedes estrangeiros, o que me faz sentir bem e desenvolver um relacionamento de parceria com os hóspedes, sem falar na confiança e na tranquilidade que eles têm quando podem se reportar a alguém que entende a sua língua</p>	215
	<p>Inglês faz parte de mim, é o meio que me comunico com muitos amigos e é a disciplina que eu leciono, é meu trabalho e a atividade que faço diariamente com muito prazer</p>	236
	<p>Sem o inglês não teria sido possível exercer minha profissão</p>	238
CRESCIMENTO PROFISSIONAL	<p>Acredito que é de suma importância para meu crescimento e assim conquistando cada vez mais espaço no ambiente profissional e sendo bem competitivo no ambiente de trabalho</p>	4
	<p>Foi e é essencial para me tornar uma pessoa mais consciente do que ocorre ao meu redor e me auxiliou muito no meu desenvolvimento de carreira</p>	12
	<p>Considero o inglês tão importante quanto a minha graduação. Ambos possuem, em minha carreira profissional, igual importância. caso não possuísse o nível atual de conhecimento da língua inglesa, dificilmente poderia receber as chances de crescimento profissional que obtive em 15 anos de atividade. atualmente, falar e compreender inglês ainda é um grande diferencial dentro do mercado de trabalho local, regional e estadual. entretanto, acredito que em nível de brasil, em centros maiores (SP, RJ), é possível encontrar com maior facilidade profissionais com fluência na língua inglesa</p>	19
	<p>Minha trajetória está se resolvendo bem, tenho satisfação nas atividades que faço, e ganhou destaque pelo conhecimento da língua inglesa</p>	119
	<p>Vejo como muito importante para a minha carreira profissional e por ter condições de ajudar no aprendizado dos meus filhos que estão hoje com 12 anos e já estudam com professor particular a mais de 5 anos, para eles vai ser fundamental para poderem ter uma carreira de sucesso</p>	40

Profissionalmente não há como crescer sem o inglês como segundo idioma. seja a área que for, o idioma é fundamental para comunicação, ainda mais em uma globalização cada vez mais consolidada. Pessoalmente, conhecer inglês contribui para uma autoestima elevada. Também ajuda no turismo, uma das minhas paixões	56
Me ajudou a crescer profissionalmente e também pessoalmente	59
O inglês contribuiu bastante para meu desenvolvimento e crescimento dentro da empresa. Trouxe uma boa oportunidade de emprego/remuneração se comparado à média do mercado, desta forma, agregando qualidade na minha vida pessoal	72
Ser capaz de me comunicar em inglês tem permitido assumir funções importantes na empresa em que trabalho além de me proporcionar acesso a outras culturas	76
Abrem várias outras oportunidades	84, 191
Interessante, pois abre novas possibilidades de crescimento	90
Após atingir inglês pré-intermediário tive oportunidades de crescimento profissional	96
Grandes oportunidades surgiram por causa do inglês	173, 187, 196
Maior chance de promoção	100
Me ajudou a atingir os objetivos de carreira	105
Meu desenvolvimento profissional até um certo ponto não levou em consideração o inglês, porem quando a empresa expandiu e ampliou o inglês se tornou fundamental e tive que correr atrás. Hoje as pessoas mais jovens não são selecionadas nesta área se não souberem inglês	108
Acredito ser uma peça fundamental na minha profissional e pessoal, mas fico triste de não visto antes, o nível que já tenho agora e o aumento de nível de TOIEC estão proporcionando crescimento profissional	115
Ótima. Tenho uma profissão hoje por causa do inglês	146
Foi bastante útil, pois ainda é um diferencial que conta na opção por uma ou outra pessoa na seleção	157
O Inglês foi decisivo no meu crescimento profissional, sem isso não teria chance de crescer na empresa e chegar ao cargo que ocupo atualmente	161

O inglês abre portas profissionalmente, não saber o inglês na minha profissão pode fechar portas ou oportunidades de crescimento profissional	176
Muito boa, tudo que consegui está ligado a língua inglesa	181
Sem dúvida o conhecimento em Inglês me proporcionou crescimento profissional que do contrário não teria	182, 183
Na empresa em que trabalho somente eu e mais um profissional possuímos conhecimento em inglês por isso devido as novas relações comerciais desenvolvemos ótimo auxílio a empresa	184
Acredito que aproveitei as oportunidades que surgiram e quando estas surgiram por sorte (e por estar preparado) consegui performar de acordo com as exigências da empresa. A dobradinha Inglês e Espanhol para mim foi fundamental em uma série de oportunidades que bateram na minha porta. Acredito que sem esta dobradinha não estaria onde estou hoje	199
Muito produtiva com muitas oportunidades de conhecer vários países e de crescimento profissional	204
O inglês contribuiu e facilitou muito a ascensão profissional e consequentemente ajudou também na vida pessoal	249
De uma ascensão marcante. Abre-se muitos novos horizontes.	65
Acredito que tenho mais oportunidades de crescer profissionalmente e conhecer outras pessoas falando inglês	254
Muito boa, oportunidades sempre aparecem e o idioma está ligado a elas tanto no profissional quanto pessoal	262
Ganhei muito com o conhecimento que obtive com o idioma. Tive diversas oportunidades de viagens as quais beneficiaram a carreira profissional. Como vida pessoal, tenho poucos amigos que sabem o idioma	271
Inglês sempre foi um diferencial na minha carreira	272
Minha proficiência em inglês foi determinante em minha vida profissional	44
Não alavancou a minha carreira. Apenas me manteve no mercado de trabalho	82

QUALIFICAÇÃO

Qualificada	2, 106, 252
Sem dúvida uma trajetória promissora e o inglês me oportunizou viagens e novos conhecimentos	41
Acredito que estou me preparando para futuras oportunidades de crescimento profissional	20
Trajectoria de aprendizado. Quanto maior o conhecimento, maior a confiança na exposição profissional	26
Evolução pessoal	15, 18, 36, 38, 48, 77, 106, 235, 255, 264
Entendo que eu seria uma profissional mais gabaritada, porque poderia ter mais contato com literaturas em inglês e até com pessoas e profissionais de outras empresas estrangeiras, podendo antecipar tendências na área	42
Considerando estar mais preparado para os desafios	63
Muito produtiva, podendo consumir muito conteúdo seja lá qual for o tema	64
Tive inúmeras experiências tanto na vida pessoal quanto profissional por causa da língua inglesa	66
Possibilitaria buscar conhecimento em outros países	78
Profissionalmente nunca foi exigido que eu soubesse inglês, mas acredito que sempre ajudou tanto na contratação quanto nas atividades. Pessoalmente eu sinto que nada me impede e tudo é mais fácil. Não sei explicar especificamente no momento	87
Trajectoria de vida mais fácil, pois possuo uma ferramenta que facilitará minha caminhada tanto pessoal quanto profissional	97
Vejo que a língua é muito necessária no meio em que vivo, para adquirir informações novas	109
Com certeza o inglês irá me proporcionar novas oportunidades	125, 130, 256
O inglês irá auxiliar a aumentar a rede de contatos profissionais	133
Profissionalmente meu crescimento passa pela fluência. pessoalmente me sentiria mais seguro e com melhor autoestima se tivesse fluência	138
Utilizo apenas para uso particular	142
Acredito que sim, gosto de pensar que este conhecimento me agrega como pessoa e sempre que necessário para ajudar aqueles à minha volta.	165

Amplia imensamente possibilidades acadêmicas	170
Eu canto muitas músicas em Inglês e é também importante para alguém que estuda Economia	172
Embora o inglês não seja determinante na minha vida profissional, tornou-se um grande aliado no que diz respeito a aperfeiçoamento de ferramentas jurídicas internacionalmente utilizadas	179
Certamente tem sido um diferencial, mesmo com o conhecimento um pouco restrito	193
Me ajudou em provas de colégio e vestibular, além de me divertir com amigos em relação a músicas e conversações diversas	197
1. Meus pais tinham razão no conselho. 2. Fiz amigos 3. Ampliei visão do e de mundo, vendo o leque das escolhas profissionais e pessoais. 4. Ajudou na escolha da minha profissão 5. Sou advogada bem-sucedida e posso exercer direito (ou como paralegal) em qualquer lugar do mundo 6. Há 15 anos, acompanho meu hoje marido dermatologista nas leituras, estudos de casos, viagens, congressos todas em inglês 7. Muito disso para estimular Alice	198
O inglês hoje é muito importante para mim. Tanto para a vida pessoal, no caso das viagens, tanto para o trabalho - onde já tive contato em duas experiências empregatícias. Deveria me empenhar mais para estudar a conversação, porém acabei colocando minha graduação como prioridade e me afastei um pouco dos estudos da língua	203
O domínio do inglês me permitiu acessar as melhores oportunidades de estudo (através de intercâmbio universitário) que eu já tive. Com o domínio da língua meu acesso ao conhecimento como um todo também foi ampliado, pois muitos livros e artigos são publicados em inglês. Na minha vida pessoal permitiu formar laços de amizade e contatos profissionais com pessoas de várias nacionalidades, abrindo novos leques de oportunidades e relacionamentos	208
Profissionalmente, ajudou no sentido de facilitar a aquisição de conhecimento técnico	211

	Que vai ser muito importante para um projeto pessoal e profissional que realizarei	216
	Sem dúvida, o inglês na minha vida (pessoal e profissional) exerce um papel preponderante, pois ele me proporciona a comunicabilidade com outras culturas, o acesso a fontes de dados secundários importantes para o desenvolvimento da minha atividade profissional e a busca pelo aprendizado pessoal. Me possibilita, ainda, a diferenciação profissional	219
	Não nos faz mais que ninguém, mas nos põe a frente de muitos	223
	Sou formado em Contábeis, sendo que na minha função é necessário nível intermediário, mas eu quero ter fluência	227
	Hoje não tenho necessidade do inglês, mas somaria muito na vida profissional, pois poderia atuar em outro setor	228
	Tem funcionado como um diferencial, mas ainda não participei de nenhum processo seletivo onde fosse obrigatório	229
	Valoriza o currículo	232
	O inglês hoje é diferencial, tanto na vida pessoal como profissional. Quem possui fluência, sempre ganha destaque e novas oportunidades	239, 273
	A trajetória pessoal me permite efetuar trocas, especialmente com pessoas de outros países e culturas. Na vida profissional me possibilita acumular conhecimentos sobre minha área de formação e de interesse em pesquisas, por exemplo	241
	Sabendo a língua inglesa eu tenho acesso a diversas informações na internet, entendo melhor os filmes, as músicas, e pude passar na proficiência que era necessária para a realização do mestrado	242
	Quando voltei de uma viagem de três meses dos Estados Unidos, decidi que melhoraria meu conhecimento e prática na língua inglesa	258
	Trajetória de aprendizado nesse mundo globalizado em que vivemos	263
	Profissionalmente fui bem, mas poderia ter me dedicado mais e mais cedo ao estudo do inglês	3
FACILIDADE NA COMUNICAÇÃO	Ajudou a entender um jeito diferente de comunicação, entender coisas básicas de conversas com outras pessoas e redes sociais	24
	Provavelmente com mais possibilidades de contato social/pessoal e aprendizado	35

	Na vida pessoal ela me permitiu fazer novos amigos de outras nacionalidades e também me permite me comunicar com familiares que não falam português e por isto utilizamos o inglês para podermos nos entender	37
	Na vida pessoal, é ótimo poder ter mais autonomia, conhecer novas pessoas e utilizar a língua de forma adequada	68
	Profissional: nos relacionamentos de negócios, tenho condições de comunicar-me satisfatoriamente	95
	Hoje me sinto mais confiante e segura quando alguém chega para falar inglês comigo. Bem diferente de antes que ficava pensando apenas no que responder e acaba nem escutando a pergunta	114
	Nas ocasiões necessárias consegui me virar tranquilamente	116
	Entendo que sem o Inglês eu não teria uma das maiores ferramentas de trabalho, que é a comunicação. Me utilizo dele todos os dias	129
	Creio que foi importante para interagir com estrangeiros na vida pessoal e abriu portas profissionalmente	135
	Seria mais fácil me comunicar com hóspedes	209
	Até hoje no profissional nunca dependi do inglês, mas na vida pessoal já passei por algumas situações de extrema necessidade, onde eu tive algumas dificuldades	217
	A língua sempre foi muito importante, apesar de não ser fluente como gostaria, nunca tive grandes dificuldades de comunicação	224
	Minha vida pessoal e profissional sempre teve muita sintonia e com o inglês me abriu um horizonte infinito de comunicação	225
	Na trajetória pessoal, os cursos de inglês foram de grande valia para minha desinibição para me pronunciar em público (ou conversar com pessoas mais experientes), em tempos que tinha um conhecimento baixo sobre a língua inglesa	274
CONTRIBUI PARA TRADUÇÃO	Como estou fazendo doutorado em filosofia política dependo muito da língua inglesa para a tradução de textos	8
	Na área profissional (arquitetura), era preciso lidar com muitos termos em inglês, algo comum em escritórios de arquitetura e design. Muita coisa não se traduz e acaba se usando as palavras em inglês no dia a dia	21

É muito bom se fazer presente em uma palestra ou ler artigos em inglês e, ao menos ter uma ideia a respeito do que se trata o assunto	73
Como uso profissional usei muito pouco o inglês por enquanto, mas na vida pessoal é ótimo saber que posso fazer uma viagem, assistir filmes, palestrar e ouvir música e entender o que escuto, mesmo não entendendo sempre tudo	85
Profissionalmente ajuda bastante para a leitura de trabalhos e livros que necessito ler para me atualizar na profissão (médica).	103
Na vida profissional o idioma é quase que indispensável em função de inúmeros artigos técnicos, manuais de equipamentos e ainda para tratar com fornecedores e mesmo colegas de outras nacionalidades e mesmo que estas não tenham o inglês como idioma nativo. O idioma inglês é universal no meu caso. Na vida pessoal, me permite entender algumas músicas, filmes, jogos e certamente me ajudará no momento em que eu decidir viajar para algum outro país	120
Auxilia nas minhas leituras relacionadas a minha profissão	168
Para minha vida acadêmica consigo me informar por meio de artigos escritos em inglês que enriquecem meus trabalhos	184
Minha trajetória profissional seria enriquecida pela vasta bibliografia sobre marketing que hoje só estão disponíveis em inglês, por exemplo	190
Uma trajetória diferenciada. Pude conhecer pessoas muito legais através da língua inglesa e ajudar na tradução de e-mails com fornecedores no trabalho	201
Tive diversas oportunidades de conhecer pessoas com uma cultura totalmente diferente por causa do inglês, o que é algo incrível. Há muito conteúdo disponível na internet em inglês e, sabendo o idioma, muitas portas são abertas. A minha profissão, cientista da computação, também tem seu conteúdo majoritariamente em inglês	226
A compreensão da língua inglesa permite acessar textos e assistir palestras	234

	No campo profissional, meus conhecimentos em língua inglesa me proporcionam ler textos escritos em inglês, sem a necessidade de fazer uso de tradução	274
CONTRIBUI PARA COMUNICAÇÃO EM VIAGENS	Na vida pessoal, certamente, deve ser importante para viagens internacionais	9, 41, 56
	Para vida pessoal foi muito útil em viagens para o exterior. Incluindo países que onde o inglês não é o idioma oficial	13
	Em relação ao trabalho não houve mudanças, mas em relação a vida pessoal, mesmo não sendo fluente, sei que posso viajar sozinha sem medo	14
	Na vida pessoal, como gosto muito de viajar para fora do país, e normalmente sozinha, se não soubesse inglês, não me sentiria segura em fazer isso	21
	Na vida pessoal é extremamente importante em viagens e até mesmo em pesquisas simples na internet	23
	Na vida pessoal possibilitou a viagem para outros países sem depender de alguém para se comunicar	34
	Com o Inglês posso viajar para outros países e ter mais opções oportunidades no trabalho	39
	Sobre vida pessoal, seria uma realização maior, porque faria com que eu transitasse com mais segurança pelo mundo. Hoje, ainda me sinto limitada, mas sigo, mesmo com limitações	42
	Possibilitou viajar pelo mundo sem grandes problemas de comunicação	52
	Oportunidade de conviver e conhecer pessoas de várias culturas. Estudar em outro país	54
	O inglês facilita minhas viagens para o exterior. O inglês é falado no mundo todo	80
	É um diferencial e não me deixa limitada para fazer alguma viagem ou me comunicar com falantes nativos	91
	Acho muito importante, porque quando tu vijas para um país que fala inglês tu consegue se virar. E no futuro quando eu trabalhar terei que utilizar muito o inglês	94
	Pessoal: em viagens a turismo, principalmente para países da língua inglesa, sinto-me satisfeito em poder comunicar-me com os nativos	95

Na vida pessoal é muito bom em viagens, para manter contato com pessoas que só falam inglês, para assistir filmes e entender as músicas na língua inglesa	103
Na vida pessoal facilita a organização de viagens	105
Na vida pessoal auxilia em muito nas viagens de turismo ao exterior onde se fala inglês	161
Facilita nas minhas viagens	168
Pessoalmente é um desejo em relação a viagens	176
Maior inserção na sociedade e mercado. Possibilidades de viagens internacionais a turismo e trabalho, poder de comunicação	178
no aspecto pessoal é muito gratificante poder viajar para qualquer parte do mundo sem medo da dificuldade de comunicação	182
Escolhi a minha profissão porque adoro história e geografia, a minha graduação em turismo me levou viajar, conhecer outras culturas. o inglês foi uma necessidade e facilitador	194
Essencial para a vida profissional e pessoalmente importante em viagens e conhecer pessoas de outras nacionalidades	200
A possibilidade de viajar para outro país e conseguir me comunicar bem com nativos	205
Pessoal, com o pouco que tenho consigo viajar o que é muito importante para mim. Na vida profissional eu precisaria estudar inglês, utilizo tradutores para ler artigos, mas deveria ler em inglês, seria bem melhor	210
Excelente. Lembro que em 2013 fui chamada para participar da implementação de uma ferramenta nova no Brasil, fui a New Jersey e New York, aquele foi o maior desafio, porque tudo era muito novo, tinha apenas a experiência da sala de aula. Era a minha primeira viagem, estava sozinha, porém a vontade de estar participando e o reconhecimento para mim era muito maior que o medo que sentia. Foi uma experiência incrível e inspiradora, porque depois outras surgiram e estou aberta a novas	266
Na vida pessoal, auxiliou em viagens e turismo	270

RESPOSTAS GENÉRICAS

Excelente / De suma importância	43, 83, 136, 137, 153, 171, 174, 220, 253, 259
Satisfatória/ Bem melhor	10, 62, 67, 81, 86, 88, 112, 118, 128, 151, 158, 160, 222
Positiva	5, 107, 212
Oportunidade única	6
Acho que está tudo correndo bem	16
Para mim é mais importante na vida pessoal do que profissional atualmente, mas, já foi importante no profissional também	22
Descrevo um sucesso e o inglês está presente diariamente	29, 74, 247
Obtive sucesso devido ao meu esforço	122, 123
Essencial para o meu sucesso profissional e importante para o lazer	221
Proveitosa/ enriquecedora	31, 189
É um diferencial muito grande que abre muitas portas e continua sendo muito valorizado. Apesar de ser muito comum, ainda são poucas as pessoas que realmente sabem falar ou compreender	47
Normal	51
É um facilitador	57, 58, 175, 231, 240, 244
Mais dinâmica	61
Acredito que ajuda	70
Acredito que já me ajudou e vai me ajudar muito em um futuro próximo	75, 132
Gratificante	93, 267
Expandiu meus horizontes	117, 177
Pessoal, muito boa. Profissional, ainda não pude aproveitar	127, 131
O inglês me trouxe muitas felicidades e realizações.	146, 237
Até hoje saber inglês e ter feito intercâmbio me destacaram, principalmente aqui em Santa Cruz do Sul	156
Desafiadora	206
De grande valência pois poderei me destacar frente aos desafios propostos	207
Muito mais valioso	230
Uma segunda língua acaba se tornando importante para as situações diárias, pois cada vez mais se deparamos com o inglês.	243
Mais completa	248, 250
Promissora	251
Indispensável	265
Suporta muito e proporciona sempre novas oportunidades/desafios	268

POUCA APLICAÇÃO	Pouca necessidade de utilização do idioma	25, 60, 89, 104,110, 124, 144, 166, 233
	Longos anos de estudo e um pouco frustrante pelo fato de não ver uma luz no fim do túnel. Não é como um curso normal que você sabe que vai estudar por um período de tempo e vai estar apto a praticar. É um estudo contínuo, principalmente no meu caso que falta a prática diária	46
	Foi importante em menos de 10% do meu sucesso	55
	Até o momento a língua inglesa não foi fundamental na minha vida profissional e pessoal, porém no futuro poderá abrir novas portas	121
	Na verdade, não uso inglês hoje no meu trabalho, mas pretendo em alguns anos fazer mestrado e precisarei do inglês	154
	Meu contato com a língua é pequeno, mas sei da necessidade e que cada vez mais precisamos estar prontos. A língua não é um diferencial é uma obrigação	164
	Poucas oportunidades reais	192
INSATISFEITO	Sem perspectiva	152
	Insatisfatória/ Ruim	50, 202
	Nenhuma	113
	Não tenho como dizer/ Não sei	139, 143, 145
	Não tenho muita experiência. Não sei quase nada	148
	Baixa	159

Tabela 10

Você gostaria de morar em outro lugar, num país que falasse inglês como língua oficial? Qual seria o país? Por quê?			
SIM	Austrália		151, 253
			123, 177
		Não tenho uma preferência, talvez Austrália	127
		Curto a diversidade presente lá e o estilo de vida e cultura que difundem	64
		Porque não gosto de inverno ... Embora conhecendo lugares adoráveis no hemisfério norte, creio que não conseguiria me adaptar aos invernos gelados e com a neve...	103
		O povo parece receptivo com turistas, com oportunidade de cursos e emprego. O clima alegre e de praia tbm me encanta.	141

		Pois eu gostaria de conhecer uma cultura diferente e sair da zona de conforto	155
		Sim, pretendo me mudar no próximo ano após a formatura, pois tenho oportunidade na área da Engenharia e creio que terei mais qualidade de vida devido a cidade escolhida e emprego	184
		Porque acho um país perfeito para morar e aprender	188
	Austrália e EUA		214
		Sim, pois gosto do inglês em si e das oportunidades em outros países	47
		Pretendo morar fora do país, onde a qualidade de vida é melhor.	172
	Austrália, Reino Unido, EUA		53
	Austrália, Canadá, Estados Unidos, Nova Zelândia		75
	Austrália, Nova Zelândia, EUA, Canadá ou África do Sul	Oportunidades de desenvolvimento profissional, além de poder vivenciar situações e oportunidades em países mais desenvolvidos	20
	Canadá		15, 99, 197, 250, 258, 263, 264
		Acho um país muito acolhedor com estrangeiros e ótimo para aprender a língua.	239
		pelas oportunidades que ouço existir neste país	216
		qualidade de vida	77, 201
		Ouvi falar muito bem de lá	6
		devido ter um apreço pelo país	207
		nosso país está perdido pela violência, crise econômica, social e cultural. Ou seja, acabou	36
		Gostei muito de conhecer	107
		País com estrutura e boa qualidade de vida	232
		para trabalho	237
	Canadá ou Austrália		210
		Todos que foram falam muito bem...	230
		(Acho o clima de mais fácil adaptação), principalmente em função da qualidade de vida que eu poderia ter e prover aos meus filhos um dia, com mais segurança, serviços públicos de qualidade	208
	Canadá ou EUA		70, 196
		tenho vontade de morar fora do Brasil em algum momento.	229
		principalmente por causa da minha filha	187
		Oportunidade de viver em um país mais estruturado, ganho de conhecimento, experiência de vida.	26

		Gosto das culturas de ambos os países e por estar desacreditada com a situação no Brasil	27	
		Outra expectativa de vida profissional e pessoal	112	
			83, 257	
	Canadá ou Inglaterra	Existem vários lugares que gostaria de morar. Os com língua nativa inglesa seriam o Canadá ou Londres, ambos por gostar do clima frio e da cultura.	165	
		São países organizados, oferecem oportunidades de desenvolvimento. Conheço a ambos e guardo boas recordações	206	
		Acredito que o comportamento e cultura são diferentes do que vivemos no Brasil e poderiam acrescentar experiências de vida, além de questões como segurança e educação serem melhores do que no Brasil	1	
		Canadá, Inglaterra e Irlanda	Pela qualidade de vida desses países	28
		Canadá ou Irlanda ou Austrália	Para ter contato diário com a língua	131
		Canada, Austrália, Nova Zelândia, EUA	Qualidade de vida	191
		Canadá, Austrália, Nova Zelândia, EUA e Inglaterra		129
		EUA ou Canadá ou algum país da Europa	Se tivesse oportunidade pela empresa que trabalho ou por outra oportunidade futura, gostaria sim. Tenho presente que seria uma ótima oportunidade para os meus filhos	40
		EUA, Canadá ou qualquer país do Reino Unido	Sim. Qualidade de vida e estabilidade econômica e pessoal seriam os motivos	56
				140, 143, 173
	EUA	Trabalhar na Matriz	238	
		Porque os melhores jogos online, filmes e séries estão lá	218	
		Nova Iorque. Possui contato mais próximo com o idioma ajuda a inserir-se. A escolha desse país não tem uma causa específica, possui atração somente	202	
		Gostaria de morar em Nova York. Pelas oportunidades de trabalho e <i>lifestyle</i>	224	
		Pelo fato de ser nativo e conhecer melhor o país	174	
		Chicago	169	
		Porque a qualidade de vida neste país não se compara a precariedade do Brasil	4	
		Tudo muito barato e funcional	13	
			Cultura, oportunidades	31, 175, 200, 209

		Acho um país fenomenal que permite o desenvolvimento profissional daqueles que se esforçam.	37
		Porque já morei lá e sei a qualidade de vida e as oportunidades de emprego existentes	45
		Sim, gostaria de ter uma experiência. Acho que EUA, pela minha profissão	46
		Para conhecer uma cultura diferente	60
		É um país seguro, com excelentes oportunidades e culturalmente evoluído	68
		Gosto da cultura, dos lugares	69
		Tenho certeza que nasci no país errado. Meu perfil é americano	71
		Porque por trás do conhecimento com a língua, tem aspectos comportamentais de pessoas que vivem em um país desenvolvido que gostaria de ter, ou ao menos por um período	73
		Pois são muito bons em negócios e marketing	259
		Modo de vida e oportunidades nas áreas em que atuo	138
		Pois acho que primeiro mundo	139
		Sempre tive vontade de conhecer e pelo estilo e qualidade de vida gostaria de morar lá, fazer alguns cursos	154
		Para aperfeiçoar o Inglês	161
		Devido à oferta de trabalho	242
	EUA, França e Inglaterra		126
			11
	EUA ou Reino Unido	Além de melhorar o inglês conviver com pessoas de uma cultura diferente da nossa.	8
		Gostaria de fazer um intercâmbio para desenvolver e aperfeiçoar minha comunicação, pois além do aprendizado também. acrescentaria conhecimento cultural e poderia ver pessoalmente pontos turísticos e quesitos culturais que podemos ver em filmes/séries	72
	EUA, Canadá ou Austrália	Gosto muito das culturas locais desses países e tenho muito interesse de conhecer mais sobre eles	203
	USAC, Canadá e países que utilizam o idioma na Europa		270
	Estados Unidos, Canadá, Inglaterra	Tenho interesse em morar em muitos países que possuem o inglês como língua oficial. seriam algumas opções, para que eu pudesse ter essa vivência na prática	274

	Estados Unidos, Inglaterra ou Austrália	por ser de primeiro mundo e pela familiaridade que já tenho com o idioma	63
	EUA, Austrália e Canadá	(Mesmo que em algumas regiões o oficial é francês)	266
	EUA, Austrália, Canadá, Inglaterra		98
	EUA, Canadá, Irlanda	Porque acho que seria muito importante para finalizar o entendimento do idioma	262
	Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, entre outros.	Pela cultura, acho mais atraente o modo de vida destes países, principalmente os Europeus. Acho muito mais bonito o ordenamento do território, a praticidade para algumas coisas, a qualidade de vida, a educação (geralmente), acesso a bens de consumo relativamente mais fácil, etc. Não gosto de algumas coisas da cultura brasileira, principalmente desse jeitinho brasileiro, nem de carnaval, samba, pagode, funk	219
	Hawai, Island, EUA	o povo é muito amistoso e a natureza é maravilhosa	194
			2, 15, 182, 195
		Qualidade de vida, cultura, dinheiro	226
		Porque é um país fascinante	255
		Porque admiro a cultura deles	34
		Me identifico com o padrão de comportamento. Normas, regras	190
		Londres, porque esse lugar me encanta	43, 256
		Londres	86, 88
		Sim, Londres. Afim de aprimorar ainda mais o idioma	271
		Londres pela cultura local	122
		Pois simpatizo com a cultura	51
	Inglaterra	Pretendo trabalhar em um país de língua inglesa nos próximos anos, como experiência de vida e crescimento profissional. Atualmente a Inglaterra é a melhor opção por inclinações pessoais voltadas à música.	76
		Pela sua cultura e possibilidade de conhecer seus arredores, estudar e trabalhar.	78
		Porque gosto muito do estilo e história deste país	115
		Pois é um lugar maravilhoso	97
		Gostaria de morar para poder realmente treinar e melhorar meu inglês!	137
	Inglaterra ou EUA		50, 54, 84, 104, 231

	Inglaterra, EUA e Austrália	Gostaria, pois, assim você aprende e conhece culturas diferentes de uma forma mais profunda e claro que isso te dá uma grande experiência de vida.	120
	Inglaterra ou Escócia	A cultura me interessa	180
	Irlanda e Escócia.	Cultura	212
	Irlanda ou Inglaterra	Porque acho esses países lindos e desenvolvidos	90
	Nova Zelândia	É um país com uma cultura totalmente diferente de qualquer outra, sem falar nas paisagens. A maneira como tratam a natureza, se organizam e são educados é um ponto que me faz ter vontade de ir para nunca mais voltar	215
	Nova Zelândia ou EUA	Segurança e perspectivas melhores	146
	Europa (França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Itália)	Não seria o Inglês o idioma oficial, mas o Inglês seria o segundo/terceiro idioma. O motivo disto é que as oportunidades de conhecer várias culturas é muito grande e a oportunidade de aprender novos idiomas é grande também...sem contar nas oportunidades que meus filhos teriam com esta vivência	199
	Gostaria, moraria em "quase" qualquer lugar do mundo	Sendo o inglês a língua oficial ou não, porque acredito que as melhores oportunidades estão fora do Brasil.	12
	Gostaria de morar na maioria dos países que utilizam inglês como língua oficial.	A principal razão é a cultura e educação do povo	57
	Não escolhi o país	Dependeria mais da relação do país com a minha escolha de profissão	58
	Qualquer um que não fosse a Índia		251
		Sim, moraria por curiosidade de saber como viver e morar em outro país	18
		Objetivo de melhorar fluência	19
		Sim, adoraria, e não tenho preferência por país. Será onde tiver atividade remunerada legal e qualidade de vida!	160
		Sim, gostaria. Mas só após concluir a graduação em Administração, ainda não sei ao certo qual país gostaria de ir morar	222
		Questões culturais	65
		Gostaria de morar em outro país, independente da língua estrangeira	66
		Gostaria, mas não tenho planos	87
		Eu poderia morar em qualquer país do mundo que fala inglês. Não tenho nenhuma restrição	111
	Não tenho preferência	Tenho interesse, mas não tenho preferência específica. Tenho restrições com locais como África ou Ásia, onde não haja oportunidade de trabalho ou estudo para minha esposa	272

		Eu moraria, condicionado a uma colocação profissional	81
		Não me vejo morando em outro país, mas se um dia surgir a oportunidade levarei o inglês comigo, até porque conhecimento não se perde, se acumula	223
		Só para acompanhar minhas filhas	149
		Já morei nos US	220
		Já fui convidado profissionalmente e aceitei morar e trabalhar nos Estados Unidos por um período de 18 meses. Também trabalhei por alguns meses na Inglaterra	249
		Foi ótimo ter morado este 1 ano nos Estados Unidos, foram muitos pontos positivos, a única coisa ruim é ficar longe da família	233
			3, 9, 14, 17, 22, 24, 25, 30, 39, 41, 42, 49, 52, 80, 82, 91, 93, 94, 95, 108, 117, 118, 121, 124, 125, 130, 134, 136, 150, 152, 159, 179, 185, 213, 227, 234, 235, 265, 268
		Sou feliz aqui.	55
		sou muito apegada à minha terra natal	246
		Não, porque gosto daqui	106, 128, 142
		Não tenho planos de sair do Brasil	225, 228
		Não tenho essa necessidade/preensão	89, 158, 211
		Não tenho e nunca tive interesse em sair do Brasil. Nunca havia pensado nisto e hoje que tenho família e estou bem estabelecido é que não valeria a pena mesmo!	79
		Morar não, em vista dos vínculos pessoais e profissionais com Santa Cruz do Sul.	7
		Não gostaria de morar em um lugar que falasse inglês pois eu adoraria morar no Brasil, não penso em sair. Mas se eu fosse escolher, seria Alemanha ou França	23
		Não. Teria medo por não falar bem a língua	110
		No momento não gostaria de morar em outro lugar, mas gostaria de me dedicar ao aprendizado ao idioma por motivações pessoais.	241
		Não. Entretanto a minha profissão poderia gerar esta oportunidade.	59
		Neste momento não, mas pode acontecer por causa da minha posição	181
		No momento não, mas futuramente vejo como uma opção	248
		Para morar não, ainda	267
		Inglês, não. Francês, sim	221
		Estou feliz aqui, outro país só para conhecer	67
NÃO			

		Morar não, apenas conhecer.	96	
		Visitar apenas	5	
APENAS CONHECER	Irlanda, Inglaterra	Gostaria de visitar, mas morar não, tenho interesse em conhecer a Irlanda, Inglaterra porque me atrai turisticamente	132	
		Não sei! Talvez somente conhecer.	74	
		Morar não, apenas viajar	157	
		Não, somente como turista	162	
		Não. Outro país é para visitar ou permanecer por algum tempo	170	
	Canada ou Alasca	Para fazer turismo	183	
		Morar não sei ainda, acredito somente que para turismo ou negócios eventuais. Gosto do meu país	240	
POR UM PERÍODO	EUA, Austrália e Canadá	Sim (por um período), pois creio que são países com uma boa qualidade de vida.	135	
		Morar definitivamente não, mas gostaria de passar um tempo nos EUA	105	
		Não tenho interesse em morar, talvez apenas por pouco tempo como em um intercâmbio	85	
		Para sempre, não. Mas morei por 1 ano e gostei muito	32	
		Gostaria da oportunidade por um período	33	
	EUA	Não. Gostaria de passar uma temporada apenas	153	
		Não. Outro país é para visitar ou permanecer por algum tempo.	170	
		Não, somente viagens com prazo determinado	171	
		Temporariamente sim, não definitivo até porque não vivi essa experiência	176	
		Sem opinião definida sobre morar definitivamente. Períodos de estudo, sim	198	
	Morar não, apenas experiências temporárias	247		
		Poderia ser uma possibilidade com infinitas possibilidades	29	
		Talvez um dia	61	
	Canadá	Talvez, Canadá seria uma opção	245	
		Não necessariamente, gosto da Europa	260	
	EUA		Aprender de fato o inglês	35
			Mas nunca analisei em qual País seria	114
			Talvez sim. Seria em São Francisco, na Califórnia. Porque o lugar é interessante	252
			Gosto do meu país e me sinto bem aqui. Claro, morar em um país seria interessante.	269
NÃO SABE			62, 186	

NÃO RESPONDEU	SEM PREFERÊNCIA		38
---------------	-----------------	--	----

Tabela 11

Você pode atribuir a preferência por filmes, em inglês, se for o caso, pelo fato de saber a língua ou seria por outro fator? Qual seria esse fator?			
SABER A LÍNGUA/domínio do idioma			13, 18, 20, 29, 32, 38, 41, 45, 54, 59, 61, 63, 66, 68, 69, 72, 98, 101, 104, 105, 107, 118, 126, 146, 155, 156, 171, 173, 198, 204, 212, 215, 218, 223, 228, 229, 242, 246, 258, 259, 263, 265, 268
	Não costumo assistir muito filme, mas quando assisto um em Inglês é sim pelo fato de saber a língua, caso não fosse isto seria muito difícil ou mesmo não faria sentido a não ser para o aprendizado da língua e mesmo assim teria que ter muita força de vontade		
PELO ENREDO/mais opções de títulos	Gosto mais de histórias com fantasias e acredito que as histórias e filmes nacionais têm um plano de fundo baseado na pobreza e violência, fato que não me atrai, pois filmes são destinados ao lazer normalmente		1
	Por me interessar pelo argumento		15
	Porque são mais interessantes		36, 112
	Porque tem mais opções de filmes		26, 39, 48, 257, 270
	A opção pelo filme depende do objetivo e da oferta		25
	Seria mais pelas histórias que pelo idioma em si		116, 170
	Os filmes são melhores tecnicamente. E com fundamento no enredo		134, 193
	Não diria que gosto de filmes em inglês pela língua, apesar de sempre que possível vê-los na língua original, mas atribuo meu gosto cinematográfico mais à história desenrolada do filme em si		165
	Se for de meu gosto, como aventura, documentários, etc		183, 230
	Prefiro filmes em inglês pela língua, sim, pois gosto de ouvir os atores falando a língua e costumo repetir algumas palavras em voz baixa, mas também escolho os filmes pelo gênero. Suspense, por exemplo		197
	Minha preferência por filmes é sempre quanto ao enredo, independente da língua		201, 252
	Além de preferir os filmes americanos pelos enredos e elencos, gosto de assisti-los sem legenda. É uma forma de entretenimento e aprendizado		203
PELA QUALIDADE DAS PRODUÇÕES	Eu gosto da forma como os filmes em língua inglesa são produzidos. A língua facilita minha compreensão, mas assisto pela qualidade estética e pelas histórias. Em relação aos brasileiros, me identifico mais com as comédias nacionais. Os outros não fazem meu estilo		236
	Qualidade cinematográfica		5, 248
	A qualidade da interpretação		2
	Pela qualidade dos filmes e por poder ver/conhecer ou saber mais da cultura ou de hábitos em outros países		11
	Qualidade e oportunidade de aperfeiçoar conhecimentos		19, 80, 90, 152, 221

	Embora os assista legendados (e com isto tento assimilar a pronúncia com a tradução), a preferência pelos estrangeiros é pela melhor qualidade da produção, enredo, atores, etc	7
	Pela melhor qualidade de áudio e fidelidade das falas.	27
	Pelo fato de saber a língua e pela qualidade. A tradução normalmente não é das melhores	45
	Qualidade e disponibilidade (variedade)	26, 48, 96, 103
	Melhor produção	20, 51, 76, 105, 120, 134, 147
	Sim, deveria ser pela língua, mas geralmente assisto filmes estrangeiros pela qualidade na produção. Diferentemente de alguns filmes Argentinos, que costumo assistir, aí é em função da qualidade do conteúdo. Não gosto da qualidade dos filmes brasileiros, nem do conteúdo, que, geralmente, gira em torno de histórias toscas, pacatas. Claro, salvo alguns	219
	Acredito que a preferência seja mais em função dos recursos, melhores produções dos filmes em inglês e dos estímulos midiáticos do que em função de saber a língua	208
	Porque os filmes são melhores	62, 74, 94, 150, 216
	Acho que os filmes em inglês são melhores, pois ainda não temos muita tradição no segmento, enquanto nossas novelas são de melhor qualidade	14
	Maior qualidade dos filmes em geral	10, 21, 24, 29, 37, 38, 57, 67, 70, 80, 85, 93, 101, 108, 110, 136, 138, 141, 146, 154, 156, 175, 180, 182, 193, 194, 226, 231, 233, 235, 236, 251, 257, 262, 266, 269, 270
	A sonoridade da música estrangeira é diferente	274
PARA APERFEIÇOAR O INGLÊS	Aperfeiçoar o inglês	3, 7, 23, 30, 49, 52, 66, 75, 80, 95, 122, 130, 133, 137, 167, 174, 187, 196, 197, 200, 202, 203, 213, 215, 217, 222, 225, 226, 227, 229, 233, 234, 240, 262, 264
	Pelo fato de querer entender a língua, o sotaque, gírias, etc	6, 215
	Por saber a língua, manter contato com a língua, ajudar na fonética e acostumar com as diferentes sotaques	59, 194
	Para praticar o <i>listening</i>	28, 35, 78, 111, 114, 118, 126, 129, 131, 153, 250, 256, 260, 266, 271
	Busco assistir filmes na língua original, porque não gosto de dublagens. E para também treinar o ouvido, mesmo que use legendas	42
	Acabo optando pelo inglês, pois fui acostumada desde criança, então acho péssimo assistir um filme dublado, por exemplo. Além disso creio que fixa melhor a pronúncia e fala	47
	Para ter contato com a língua	46, 81, 119, 166, 172
	Pelo fato de ser uma prática, fora da sala, da aula da língua inglesa	97, 96, 117
	Além de estar estudando e muito melhor assistir na língua original	127, 184, 190
	COM USO DE LEGENDA	Assisto aos filmes com o uso de legendas em português

	Na verdade, assisto com legendas e mesmo assim me ajuda a entender, também assisto muito os seriados e mesmo com legenda a gente entende as gírias, é a repetição que nos faz gravar. Detesto assistir dublado pois o filme perde metade da graça	23
	Geralmente vejo filmes legendados pois minha esposa não fala inglês	53
	Ainda não consigo assistir filmes sem legenda, não entendo todo o contexto das conversas	132
	Gosto de assistir ao filme com a língua de origem, sem dublagens, e uso a legenda para melhor compreensão. Não preciso de legendas quando assisto vídeos mais curtos	224
ASSISTE DUBLADOS	Não costumo assistir filmes no idioma original	9
	Sim, mas ainda procuro os dublados para facilitar	157, 210
	Assisto filmes traduzidos, pela qualidade dos mesmos	108, 185
NÃO GOSTA DE DUBLADOS	Por não gostar de filmes dublados, principalmente	50, 151, 229
	Fator: original e fonte sem alterações. Nu e Cru	87
	Preferência por filmes com os áudios originais independentemente da língua	64, 79, 158, 211
	Só assisto em inglês	71
	Pelo fato de ser a língua original do filme. Isso para qualquer filme, a língua original é a melhor, pela entonação, etc. Filmes dublados melhor nem olhar	160
	Por saber a língua, por conseguir aprender algumas gírias e dialetos e porque as vozes originais são bem mais legais	215
	Por saber a língua inglesa e porque as dublagens não são fidedignas quanto ao que realmente foi falado na língua original	72
	Prefiro olhar em inglês, pois não gosto de olhar filme dublado. Curto olhar o filme com as vozes originais dos atores	261
	Acredito que gosto por filmes não guarda relação com a sua origem	56
NÃO ASSISTO	Infelizmente não gosto muito de TV	169
	Não tenho hábito de assistir filmes e assim não tenho preferências	186
OUTROS	Sem referência	238
	Outro fator. No meu caso tenho interesse particular em cinema estrangeiro, especialmente europeu.	241
	Não está atrelado à língua	191, 193
	Porque gosto de filme norte-americanos, não pela língua em si	99
	Não tenho preferência por filmes em inglês	124, 272
GOSTO DE FILMES BRASILEIROS E ESTRANGEIROS.		16

Tabela 12

Você assiste a algum esporte? Se, sim, qual(is) e por quê?

SIM	TODOS	Gosto de todos os tipos de esporte	75
		Porque sou professora de Educação Física e adoro todos os esportes	110
	DIVERSOS		163, 204
	SURF		2, 5, 74, 135
	FUTEBOL		4, 6, 8, 12, 14, 24, 25, 26, 48, 49, 51, 53, 55, 56, 59, 67, 72, 77, 80, 81, 108, 109, 112, 116, 121, 126, 127, 128, 138, 154, 168, 171, 174, 175, 199, 223, 227, 231, 234, 235, 237, 249, 254, 258, 263, 264
		Porque gosto do esporte	30, 39, 57, 76, 84, 94, 95, 103, 111, 135, 136, 155, 170, 181, 182, 187, 200, 207, 216, 228, 255, 257, 259, 262, 267, 269
		Me identifico com o esporte	3, 265
		Hobby / Passatempo	7, 13
		Interesse e lazer	19, 90, 101
		Nada de especial	89
		Pois sou apaixonado e joguei em time de futebol quando pequeno	36
		Pela popularidade destes esportes (principalmente o futebol)	79
		Porque gosto de olhar e praticar	130, 183, 211, 232
		Por estar na companhia da família	164
		Entretenimento e cultura familiar de assistir a jogos de futebol	226
		Pela criação e cultura	141
		Porque meu namorado adora e eu gosto também, porém muitas vezes acabo assistindo junto	197, 208
		Pelo gosto por esportes e algumas modalidades pelas transmissões serem na língua inglesa	131
		Joguei eles. Conheço as regras	134
		Porque gosto de competições e disputas	157, 206
		Pela disponibilidade na TV aberta	119
		Não tenho nenhum preferido, mas assisto com minha família futebol entre outros que passa na TV finais de semanas	114
	COPA DO MUNDO DE FUTEBOL		262
	FUTEBOL AMERICANO	Desenvolvi o gosto por parte do meu pai	184
	GOLFE		74
		Pelo gosto por esportes e algumas modalidades pelas transmissões serem na língua inglesa	131
	TÊNIS		9, 12, 24, 25, 27, 35, 80, 93, 121, 127, 146, 156, 162, 174, 175, 212, 238, 249, 260, 263
		Porque gosta dessa modalidade	94, 103, 117, 136, 187, 207
		Minha família toda assiste a este esporte	58
		Lazer	101
Porque são os esportes que pratico		98, 232, 246	
Pela disciplina e respeito dos atletas em relação ao adversário		122	

		Pelo gosto por esportes e algumas modalidades pelas transmissões serem na língua inglesa	131
	PADEL	Lazer	101
	VÔLEI		26, 35, 41, 42, 45, 55, 59, 68, 70, 77, 80, 93, 108, 113, 116, 121, 126, 138, 149, 154, 156, 167, 171, 191, 213, 227, 235, 238, 247, 254, 258
		Gosto desse esporte	30, 11, 16, 69, 76, 80, 94, 95, 103, 117, 120, 135, 200, 203, 216, 233, 257, 262
		Pela popularidade deste esporte	79
		Praticava no colégio	91, 240
		Porque gosto e pratico	188, 189, 246
		Porque são os esportes que pratico	98
		Pelo gosto por esportes e algumas modalidades pelas transmissões serem na língua inglesa	131
		Joguei eles. Conheço as regras	134
		Pela criação e cultura	141
		Porque gosto de competições e disputas	157, 206
		Para fazer companhia ao meu namorado	208
	RÚGBI	Passatempo	7
	MMA		26, 121, 127
		Passatempo	7
		Porque gosto	187
	UFC	Porque gosto do esporte	228
	OLIMPIADAS	Proporcionam entretenimento e agregam conhecimento	72, 262
	MOTOCROSS	Por preferência	119
	DANÇA	Gosto muito de todos os esportes e sempre fui ligada à este universo esportivo	203
	GINÁSTICA	Gosto muito de todos os esportes e sempre fui ligada a este universo esportivo	203
	NATAÇÃO	Porque gosto	216
	PARAQUEDISMO		5
	ESQUI		5
	PADEL		55
	CAMINHADAS		5
	BASQUETE		45, 53, 59, 66, 67, 68, 72, 80, 112, 116, 138, 168, 191, 227, 231, 235, 269
		Gosto desse esporte	76, 111, 120, 203, 262
		Basicamente todos, pois sou um fã de práticas esportivas, mas em especial o basquete, pois é o meu favorito	10
		Interesse e lazer	19
		Pela popularidade deste esporte	79
		Porque gosto de competições e disputas	157, 206

		Pois era jogar deste esporte e gosto da rapidez e da qualidade com que as jogadas são executadas. Diferentemente do futebol de campo	219
	AUTOMOBILISMO		67, 126, 138, 214, 221, 257
	Fórmula 1	Interesse e lazer	19
		Pela paixão por automobilismo	97
		Gosto por competição	206
	MOTO GP	Pela paixão por automobilismo	97
		Gosto por competição	206
	ARTES MARCIAIS	Aprendi a gostar pois meu filho é praticante e costumo acompanhá-lo em campeonatos e treinamento de Karatê	79
	E-SPORT	Por que gosto de games e pela enorme quantidade de material em inglês	28
		Pois gosto das estratégias abordadas por cada time	261
	CICLISMO	Porque gosto desse esporte	120
		Gosto por competição	206
		Volta da França e Espanha	263
	ATLETISMO	Porque gosto	200, 203
		Pelo gosto por esportes e algumas modalidades pelas transmissões serem na língua inglesa	131
	NBA	Porque gosto	187, 263
	NFL	Porque gosto	187, 231
		Para fazer companhia ao meu namorado	208
	DOCUMENTÁRIO	Mountain Bike	251
		Enduro de Moto	251
		Assisto esportes praticados aqui no Brasil e alguns canais que passam alguns jogos ou documentários de outros países e neste caso a comunicação é em Inglês ou espanhol hoje tenho utilizado bastante o espanhol também)	40
		Gosto de assistir filmes e documentários sobre esportes de Montanha	129
		Qualquer um que passe na TV	55, 225
		Apenas em época de olimpíadas ou copa	245
		Adoro todos os esportes Americanos (Football, Hockey, Baseball, Basketball, etc)	20

NÃO			1, 15, 17, 18, 21, 22, 23, 29, 32, 33, 34, 37, 38, 44, 46, 47, 50, 52, 54, 61, 62, 63, 64, 71, 73, 78, 83, 85, 87, 92, 96, 99, 100, 104, 105, 106, 107, 115, 124, 125, 132, 133, 137, 139, 140, 142, 143, 145, 147, 150, 151, 152, 153, 158, 159, 160, 165, 166, 169, 172, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 185, 186, 190, 193, 194, 195, 196, 198, 201, 202, 205, 209, 210, 215, 217, 218, 220, 222, 224, 229, 230, 236, 241, 242, 248, 250, 252, 256, 266, 268, 270, 271, 272, 274
-----	--	--	---

Tabela 13

Você pratica esporte(s). Se, sim, qual(is) e o que levou a praticá-los?			
SIM	NÃO INFORMOU QUAL O ESPORTE	Cuidado com a saúde	2, 22, 86, 88, 128, 257
		Necessidade da prática de atividade física	5, 187
		Manter a forma	13
		Qualidade de vida	16, 141
		Lazer	25, 254
		Minha família	58
		Conforto físico	152
		Inúmeras lesões	162
		Stress	169
		Necessidade de exercício e espírito de equipe	194
		Por influência no ambiente escolar	211
		Melhora do desempenho físico e cognitivo	240
		A prática é importante para controle de peso e saúde em geral	272
	FUTEBOL		2, 4, 8, 24, 53, 64, 102, 118, 163, 231
		Saúde e qualidade de vida	226
		O que mais tive oportunidade de praticar desde criança	3, 7, 136, 183
		São esportes que envolvem corrida e resistência	31
		A qualidade para praticar	56
		Pelo tempo com amigos e diversão	57, 228
		Necessidade de praticar esporte e gostar	67, 75, 130, 181
Capacidade pessoal para ambos e disponibilidade de local e tempo		76	
Meus amigos exigem que eu jogue, pois consideram um desperdício de talento não jogar		81	
Bem-estar		124	
Prazer		135, 161, 200, 263, 259, 265	
Gosto por estar em movimento, momento para relaxar e condicionamento físico	206		
Busca por melhor saúde e participar de eventos com meus filhos	225		

	Amigos e condicionamento físico	262
	Tenho facilidade para esses esportes	267
	Algumas vezes por mês	84
	Semanalmente	269
	Futebol até pouco tempo atrás.	170
		131
FUTSAL	Em função do ciclo de amigos que tenho e que praticam tal esporte, e é uma forma de sair da rotina, além de ser saudável	219
FUTEBOL AMERICANO	Por possuir interesses em comum com outros amigos e conhecidos na cidade	20
		18, 37, 104, 127, 133, 172, 198, 202, 207, 252
	Por saúde	23, 74, 139
ACADEMIA	Pois passo muito tempo ou em pé ou sentado	43
	Por fatores estéticos e de saúde	78
	Porque sou obrigada se quiser viver até pelo menos os 80 anos	180
	Para evitar o sedentarismo	239
	Perda de peso e disposição	268
FITNESS	Prazer e saúde	71
		6, 8, 29, 68, 69, 149, 166, 170, 177, 217, 266
	Basicamente cuidado com a saúde e mente	19, 160, 161, 219, 221
CAMINHADA	Para relaxar	92
	Bem-estar	124
	Busca por qualidade de vida	242
	Perda de peso e disposição	268
ESTEIRA	Por indicação médica	11
		8, 18, 29, 37, 64, 156, 160, 170, 199, 224, 250, 258, 264
	Basicamente cuidado com a saúde e a mente	19, 77, 219, 270
	Saúde, estética, qualidade de vida	26
	São esportes que envolvem corrida e resistência	31
	Capacidade pessoal para ambos e disponibilidade de local e tempo	76
	Bem-estar	124
	A possibilidade de executá-los no meu tempo e sozinho	138
	Porque minha mãe sempre me incentivou e me acompanhava	184
	Saúde e prazer	189, 191
	Gosto por estar em movimento, momento para relaxar e condicionamento físico	206
	Busca por melhor saúde e participar de eventos com meus filhos	225
	Amigos e condicionamento físico	262
CORRIDA		

CORRIDA DE RUA	Busco saúde bem-estar! Me ajuda muito a desestressar	197
RUNNING	Prazer e saúde	71
CICLISMO		175, 263
	Saúde, estética, qualidade de vida	26, 226
	Melhora da saúde física e mental, convívio com parceiros	63
	Pois me traz benefícios para a saúde, tanto físico quanto mental, além de me proporcionar desafios	120
	Gosto por estar em movimento, momento para relaxar e condicionamento físico	206
	O único esporte que me foi permitido praticar aps uma lesão nos joelhos	214
ANDAR DE BICICLETA		114, 264
	Fazer algo que não dependa de muitas outras pessoas	73
	Bem-estar	124
	Busca por melhor saúde e participar de eventos com meus filhos.	225
MOUNTAIN BIKE	Gosto do contato com a natureza e também é uma forma de praticar algum tipo de exercício regular	129
	Esporte radical e contato com a natureza	251
BIKING		105
BIKE	Bem-estar e saúde	215
PILATES		6, 11, 217, 266
	Pois me sinto bem, mais disposta	90
	Saúde e bem-estar	106, 160
	Pela concentração necessária e resultados	173
VÔLEI		64, 126, 131, 266
	Porque gosto	69, 70, 274
	Porque desde criança jogo e gosto deste esporte	30
	Pelo tempo com amigos e diversão	57
	Porque é o que mais me identifico	62
	Por incentivo dos meus pais e afinidade	98
	Me manter ativa	110
	Para fazer exercício físico e ajudar emagrecer	188
	Saúde e prazer	189, 215
	Qualidade de vida e prazer em praticá-los	233
	Por aptidão física	255
	Tenho facilidade para esses esportes	267
	Muito eventualmente	45
	Já pratiquei	224
PADEL		55
	Melhora da saúde física e mental, convívio com parceiros	63
	Por influência da minha tia que é jogadora	261

		9, 24, 53, 260
	Pela afinidade e interesse no mesmo.	12, 238
	São esportes que envolvem corrida e resistência	31
	Fazer algo que não dependa de muitas outras pessoas	73
	Influência de amigos	80, 263
	Por incentivo dos meus pais e afinidade	98, 136
	Me manter ativa	110
	Saúde e divertimento	117, 121
	Condicionamento físico, precisão e familiares praticantes	146
	Exige bastante do corpo e mente	174
	Saúde e qualidade de vida	226
		53, 116, 231
	O gosto pelo esporte e para exercitar meu corpo	75
	Me manter ativa	110
	Treinei desde criança	263
	Esporadicamente	269
		68, 117
	Manter o corpo e a mente saudáveis, assim como para ter um físico bom (meta muito mais pessoal do que por influência de outras pessoas)	10
	Saúde	51, 160, 234, 270
	Saúde, estética, qualidade de vida	26
	A possibilidade de executá-los no meu tempo e sozinho	138
	Qualidade de vida e prazer em praticá-los	233
	ATLETISMO	131
	NATAÇÃO	55, 274
	ARTES MARCIAIS	Questão de saúde e ter um hobby
		28
	YOGA	47, 252
	BOXE	60
	LUTA	O gosto pelo esporte e para exercitar meu corpo
		75
		151
	Por fatores estéticos e de saúde	78
	A motivação é qualidade de vida	119
	Para melhorar minha disposição física	127, 142
	Qualidade de vida e prazer em praticá-los	233
	Já pratiquei	224
	HANDEBOL	102
	Me manter ativa	110
	DANÇA	102

		Pratico dança há mais de 10 anos, mas sempre fui ligada às atividades esportivas. No tempo da escola também praticava vôlei, basquete e patinação. Gosto muito de praticar atividade física pelo bem-estar e saúde.	203
		Ballet, pratico, pois, sempre gostei de dançar e pela saúde, por manter um exercício físico na minha rotina.	208
		Zumba, porque gosto de dançar	245
		Busca por qualidade de vida	242
	BOCHA	Esporte que faz amigos e que pratico a mais de 12 anos	223
	TRILHAS DE MOTO	A motivação é qualidade de vida	119
		Esporte radical e contato com a natureza	251
	AULAS FUNCIONAIS		137
		Para manter a saúde em dia	153, 224
	OUTROS	Atividade física e alguns por conhecer melhor nas viagens ou através de canais de TV de outros países	40
		Realizo atividades aeróbicas, mas não um esporte em particular	41
		Se dissesse que não, parece que nunca pratiquei. Na verdade, joguei basquete e futebol por muitos anos, mas hoje em dia que não estou mais correndo. Mas devo voltar a fazer algum esporte, nem que seja caminhada	79
	ESPORTES AO AR LIVRE	Cuidado com a saúde	221
NÃO			1, 14, 15, 17, 21, 27, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 42, 44, 46, 48, 49, 52, 54, 59, 61, 66, 72, 85, 87, 89, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 103, 108, 109, 111, 112, 113, 115, 122, 125, 132, 134, 140, 143, 145, 147, 151, 154, 155, 157, 158, 159, 164, 165, 167, 168, 171, 176, 178, 179, 182, 185, 186, 190, 193, 195, 196, 201, 204, 205, 209, 210, 212, 213, 216, 218, 220, 222, 227, 229, 230, 235, 236, 241, 246, 247, 248, 249, 254, 256, 271

Tabela 14

Ao estudar inglês, que hábitos ou costumes dos britânicos, americanos ou outros países de língua inglesa que mais chamam sua atenção, se comparados aos nossos hábitos?

CONVÍVIO INTERPESSOAL	EDUCAÇÃO		39, 43, 109, 124, 153, 173, 190, 207, 231, 237, 206, 249, 265, 242
		Forma de tratamento de uns para com os outros	1, 270
		Hábito de ser sempre educados em qualquer situação	4, 34, 114
		A cordialidade e gentileza no trato com as pessoas	165, 182
		Dizer um boa-noite quando chega e outro quando vai embora	79
		A educação, pedindo por favor ou com licença, e agradecendo sempre que preciso	91
		Britânicos - educação, uso mais frequente das palavras por favor e obrigado	226
		Educação, polidez das pessoas destes países	98
		Educação existente no trânsito e com a família	218
		Respeito	31, 231, 206
		Afetividade	194
		Objetividade, simplicidade, bom humor,	206
		Respeito e educação as pessoas e coisas	212
		Principalmente o de zelar pelo respeito. Cuidado com as palavras hediondas.	223
		Sai pedindo "sorry" and "excuse me" a torto e a direito, pois já entrou no automático	125
		Falar "sorry" a todo momento	244, 245
		Franqueza, maneira direta de abordar assuntos	44
		Contribuição em querer ajudar o próximo	207
		Trabalho voluntário	204
	FORMAIS	Formalidades no trato interpessoal	26, 32, 95, 170, 213, 247
		São vários, mas o principal é a formalidade da língua e de comportamento	225
		São mais reservados	42, 82, 92, 206, 262
		São mais reservados, formais, coloquiais. Nós somos mais amistosos, warmest	160
		Eles não se cumprimentam tão amistosamente como brasileiros	99
		Tratamento formal as pessoas até que haja intimidade suficiente para ser informal	212
		Americanos: não segue invasivo com perguntas muito pessoais, ou seja, afetuoso como um brasileiro em um estranho (beijos e abraços). Apenas um aperto de mão e olhe lá! Ingleses: muito mais respeitosos, e adoram um chá	214
		A frieza nos relacionamentos de trabalho	45
		Ingleses seriedade, americanos orgulhosos	175
		RELACIONAMENTO FAMILIAR E COM AMIGOS	Pelo que já tive de interação criam mais os filhos para um dia saírem de casa, e nós latinos com mais desejo de estar juntos e afetividade.
	Sair bastante com os amigos		38
	Forte integração com os amigos no dia a dia. Pós trabalho		264
	Forma de interação entre as pessoas		41
	Separam mais a vida pessoal da profissional do que os brasileiros		105
Gostam de ficar com a família nos finais de semana, acampar nos parques	69		

	Uma coisa que chama muita atenção é geralmente a frieza deles. Trabalhei como babá de 3 crianças e via pouco amor entre eles e os pais. Os pais se preocupavam muito com o trabalho, davam pouca atenção para as crianças	233
	Vida em família	100
	A não proximidade das pessoas	239
	Fazer amizade	181
	Não se preocupam em julgar as pessoas e seus hábitos	35
	Manter a privacidade, a individualidade e não "invadir" a vida alheia	59
	São muito individualistas	238, 242
	Comportamento	127, 241
	Poder ter relacionamentos com povos diferentes	144
	No momento só me lembro do hábito dos happy hours em choperias e pubs	224
	Os pubs onde os amigos costumam se reunir,	254
INFRAESTRUTURA	A qualidade do transporte público, as avenidas, ruas, e locais de grande concentração de público sempre com informações claras e precisas, entre outros.	219
LAZER	Outro fato que me chama a atenção é como eles aproveitam seus parques na realização de piqueniques.	256
	Horário das festas (iniciam cedo e acabam cedo)	246
ESPORTE		251, 272
	Esportes preferidos e lugares que costumam frequentar.	120, 216
HÁBITOS ALIMENTARES		1, 12, 17, 29, 33, 39, 41, 51, 56, 96, 97, 101, 107, 111, 120, 121, 127, 174, 184, 190, 194, 204, 205, 209, 210, 216, 217, 228, 241, 251, 252, 258, 270, 272
	Má qualidade da alimentação	2
	Alimentação errônea e desbalanceada	240
	Os diferentes tipos de café da manhã dos americanos e britânicos	66
	Café da manhã generoso	13, 74, 199, 250
	O fato de comerem muito no café da manhã e fazerem um lanche ao meio dia	22, 79
	O fato de comerem bacon ao café da manhã. Cafés de manhã pesados e salgados.	147, 179
	Alimentação. Geralmente esses países têm por hábito a primeira refeição do dia ser a mais copiosa	168
	Os hábitos alimentares são diferentes, não apenas pela comida, mas pelo tamanho e horário das refeições. Nosso café da manhã é normalmente pequeno quando comparado com a dos americanos em geral e nosso almoço maior	37

	Pelo fato de já ter morado um ano nos EUA, me chama mais atenção as diferenças em alguns hábitos básicos deles, como nos horários e tipos de refeições. Eles costumam jantar muito mais cedo do que nós, fazem almoços menores, apenas um lanche, ao contrário do hábito brasileiro e um café da manhã muito mais completo, com carne, ovos, do que nós que costumamos comer coisas mais leves no café da manhã	208
	Modo que passam o dia... café da manhã - almoço e janta	74
	Principalmente as diferenças no estilo e comidas do café da manhã, e também do Brunch que ainda é pouco visto por aqui	229
	O almoço rápido durante a semana e o brunch no Fim-de-semana	146
	Fish and chips	42
	O que mais me chama atenção é o estilo de vida, cuja alimentação é embasada em fast food	72
	Comida fast food	108
	Americano. Comida muito apimentada e muito fast food	183
	O grande consumo de alimentos industrializados nos Estados Unidos	85
	Comer comidas prontas e rápidas	94
	Alimentação (temperos, horários)	103
	Horário das refeições	201
	Eu sempre achei legal o hábito dos ingleses tomar chá das 5h	132, 137, 156, 195, 214, 254, 255
	Me chamou a atenção o hábito de ir tomar café, no meio da tarde ou no final, em Estabelecimentos próprios para isto	219
	Café em copo de papel em todos os cantos	156
	Consumo excessivo, comer na mesa de trabalho	191
EDUCAÇÃO (ENSINO)	Intelectualidade	242
	Hábitos escolares	29
	São mais estudiosos e estimulados ao aprendizado desde a infância	50
	Os horários de escola, trabalho, a cultura do conhecimento (leitura) e lazer	71
	Horário dos colégios (não há necessidade dos pais ficariam indo de um lado a outro para buscar seus filhos em atividades extraclasse)	246
	A rotina escolar, que é maior em carga horária e mais interessante em termos de estrutura curricular	257
	Gramatica simplificada se comparada a língua portuguesa	86, 88
	Regras diferentes de gramática	142
	Conjugação dos verbos, é mais simples comparado a nossa língua	178
	Estudo nas universidades hábitos normais de convivência	140
	Método de ensino	151
	As faculdades de lá são bem diferentes, primeiro faz algumas cadeiras gerais, depois escolhe o curso, acho muito legal essa metodologia	154

	Leitura	161
	Maior dedicação de tempo para estudo de línguas, esportes, música e artes	176
	O jeito de agir na escola e no trabalho	186
	Dedicação ao tempo de estudo	189
	Períodos de aulas, data início das aulas,	201
	Outra coisa que me impressionava eram como as crianças eram cobradas na escola, sempre tinham muito tema para fazer em casa. Mesmo os pequenos de 6 anos precisavam ler, pelo menos 15 minutos por dia, e fazer outros temas diversos, como português, matemática, redação e inclusive da segunda língua deles (eram judeus)	233
	Muitas expressões, gramática mais simples	269
ARTES	Gosto por música	192
	Estar sempre com a música junto, no dia a dia	263
	A musicalidade (muitas pessoas tocam instrumentos e/ou cantam)	242
PONTUALIDADE		81, 135, 143, 157, 158, 232, 219, 243, 265, 274, 246, 249, 254
	Dos britânicos, a pontualidade, sem dúvida	14, 58, 85, 197
	Sei lá, acho que os brasileiros têm o hábito de chegar atrasados, o que chama a atenção dos americanos e britânicos	18
	Rígidos com horários	49, 73
	Horário, compromisso e pontualidade.	87
	A pontualidade nos compromissos assumidos	95
	O hábito que mais me chama a atenção é a pontualidade e gentileza britânicas. Ambos sempre chamaram minha atenção comparado aos brasileiros	165
	Atenção e respeito aos horários	221, 231
CULTURA /COSTUMES		5, 21, 90, 112, 200, 216, 228
	Gosto por viajar e conhecer outras culturas	3
	A naturalização das viagens internacionais	15
	Acredito que alguns aspectos gerais como cultura e comportamento	11
	Os costumes culturais, principalmente os feriados, o fato de manterem as tradições	78
	Comemorações de diferentes datas festivas	1
	Halloween	108, 131, 227
	As comemorações são diferentes, como <i>Halloween</i> ou <i>Valentine's day</i> .	196
	Natal	137
	Festas, feriados	174, 257
	Costumes locais	121
	Acredito que o estilo de vida, os costumes ou seja a cultura em geral	155
	Toda diferença cultural chama atenção, seja nos hábitos do dia a dia, na alimentação, enfim, no modo de viver	193
	A vida cultural dos britânicos parece ser mais rica que a dos brasileiros	256
Estilo próprio	242	

	Proatividade, nacionalismo e cultura	248
	Pessoas que admiram cultura, arte, música de boa qualidade, saem e curtem um simples piquenique, que valorizam o simples	266
HIGIENE	Não tomam muitos banhos, ele não tem muita higiene	243
	Questões culturais de higiene	101
		253, 262, 257
	Respeito às leis e símbolos de seu país	8, 34
	Honestidade e respeito às leis	55
	O comprometimento e o patriotismo deles	30
	O amor pela pátria	164
	Também me chama atenção o patriotismo dos americanos	197
	O comprometimento com o país e respeito à cultura local	68
	Americanos me chama a atenção a forma como conduzem o sistema político do país e dos britânicos a história e cultura (hábito de manter as coisas/histórias vivas que são diferentes do nosso país)	115
	Não vejo muita diferença. Apesar de eles serem mais pátrios	152
	Como assisto a muitas séries e vídeos, o que mais me chama atenção são as gírias comumente usadas	10
	Gosto muito da questão das gírias locais. Os Estados Unidos são repletos de gírias, e aqui no Brasil inclusive também utilizamos alguns como "wow", "bff - the best friend forever", "mega", "omg - oh my god".	203
	É possível perceber a influência da língua inglesa na língua portuguesa através da incorporação de palavras inglesas no português	37
	O que mais me chama a atenção é que a palavra tem um raciocínio lógico por trás da concepção das mesmas. Por exemplo: Shopping Center	259
	Regionalismo e abreviações de palavras	267
	Falam frases curtas frases objetivas	126
	Dizem muito em poucas palavras	148
	Sotaque, formas de se expressar,	142
	Sotaque de cada falando na língua inglesa	188
	Pronuncia diferente, em alguns casos costumam "engolir" letras	222
	Usar a língua inglesa sempre e com todos, independentemente da nacionalidade	198
	O que mais me chama atenção é o fato de que aonde quer que vão, todos são obrigados a saberem a sua língua, mas 95% destes estrangeiros não se esforçam para aprender a língua local, quando estão de passagem	215
	Jeito mais sério de conversar	157
	Descrição ao comunicar-se	206
	Dá a impressão de que a rotina diária é mais corrida e mais "tensa" que a nossa. Tenho dúvidas para responder esta questão	6
	parece que eles têm uma vida mais "prática", digamos	52
	Rotina de trabalho (Austrália)	64
ROTINA DIÁRIA		

	Praticidade na manutenção da casa	71
	Lá dificilmente as famílias tem alguém auxiliando nos serviços gerais da casa	201
	Estilo de vida	107, 241
	Curtir a vida	123
	Hábitos cotidianos	180, 202
		36, 122, 268
	Em relação aos ingleses (tomando a referência do professor que tive), observei uma atitude extremamente positiva de se manter absolutamente fiel a seus princípios e valores (educação, honestidade, cordialidade) e preservação de costumes	7
	Quando viajei para Europa, um dos hábitos que mais me chamou a atenção foi a devolução do troco de um centavo ao cliente. O segundo hábito, é o de não jogar lixo no chão. O terceiro, é o do pedestre apenas atravessar as ruas onde tem faixas de segurança (na maioria dos casos)	219
	O sistema de vida. A sociedade funciona normalmente; não há necessidade de propinas e de existir Corrupção	65
	Questões culturais como ética e honestidade	57, 169
	Vejo claramente que a cultura britânica assim como a Norte Americana é muito centrada em seguir um padrão de comportamento ético e voltado para o bem comum	129
	Seriedade com que se trata as coisas em todas as esferas	56
	Acho que o jeito disciplinado, organizado	16
	Foco no trabalho, estudo, nos objetivos de vida e respeito às regras	19
	Acredito que principalmente a conduta e organização dos britânicos	20
	Organização, precisão nas ações e apreço por cultura	27
	Sempre que estudei Inglês foi com colegas Brasileiros ou de outras nacionalidades que também estavam aprendendo. Mas uma coisa muito forte na cultura dos países desenvolvidos é levar a sério a rotina do dia e cumprimento dos horários	40
	Ética	42
	O respeito das regras	60, 130, 206, 274
	Seriedade, dedicação ao trabalho	77
	Eles obedecem mais às regras sobre o trânsito, são mais regrados, respeitadores das normas	80
	Respeito e postura	84
	Disciplina em tudo: organização, cuidado com o ambiente urbano (limpeza), cuidam e preservam o direito de trabalhar, mas também o de lazer com a família	110
	Seguem as leis	136
	O pragmatismo e a forma direta que fazem suas atividades, indo ao ponto e buscando eficiência e resolução, sempre	138
	A forma que eles lidam	139
DISCIPLINA/ORGANIZAÇÃO/ PRINCIPIOS E VALORES		

	Comprometimento, profissionalismo	159
	As leis funcionam na maioria dos casos	168
	Gostei do senso de organização, de praticidade	170
	Objetividade	177, 206
	Os ingleses normalmente são metódicos enquanto que os americanos parecem indisciplinados	179
	Segurança	190
	Foco em suas atividades	191
	Organização, planejamento	249
	Profissionalmente, acho muito interessante a busca incessante por simplificar tudo, de forma a tornar questões complexas mais acessíveis a todos	211
BENS DE CONSUMO		39
	Nos estados unidos percebo não ao estudar, mas pela convivência o uso mais intenso de automóveis que no brasil	37
	Consumismo dos americanos	20
	Dirigir do lado direito na Inglaterra	85
	A facilidade de adquirir bens de consumo, parece que nos Estados Unidos existe tudo e extremamente acessível	119
	Vestimenta	127
CLIMA		17
ARQUITETURA	De bom gosto em termos de urbanismo, arquitetura e serviços públicos	170
	Questão de moradia (<i>downtown</i>)	201
NIHIL	Não vejo hábitos que se destacam ou que me chamam atenção	9, 25, 28, 61, 63, 89, 104, 113, 116, 134, 141, 171, 185, 187, 220, 234, 235, 260, 261
	Não sei	48,53,54, 62, 70, 106, 118, 128, 133, 145, 148, 150, 167, 172, 230, 273
	Não utilizo fichas pautadas para anotações	236
Não considero hábitos como passíveis de generalização. Minha visão de mundo é subjetiva por definição, o que indica que cada nacionalidade é composta por milhares de hábitos e costumes dos indivíduos que a compõem. Nesta perspectiva, qualquer tentativa de abstração carrega erros explicáveis pela perspectiva pessoal do analista		76
Muitos. Não há como definir		102, 162

Tabela 15

Você percebe esses hábitos ou costumes da cultura inglesa integrados no seu cotidiano? Você poderia dar algum exemplo?		
SIM		77, 158
	Dentro da família sim, mas na sociedade em geral, não	98
	Na minha vida pessoal.	169
	Procuro, do meu jeito, aplicar aquilo que eles têm de bom a nos oferecer	8
	Percebo, porém não tenho exemplos	265
	Varia de pessoa para pessoa	91

		1, 17, 52, 107, 120, 251
	O almoço	38
	Gosto de jantar cedo	71
	Pizza	258
	Fast food	42, 96
	Pude perceber que a alimentação deles não é uma alimentação saudável com a nossa, dão preferência para alimentos "fast food"..	46
	Comida. Substituir refeição por fast food	72
	Mac Donalds	108
	Hambúrguer	174, 258
	Comida muito industrializada	252
	A compra de enlatados e congelados	94
	Analisando no meu círculo vejo muita influência da bebida na cidade. Amigos que vem de fora como LDN, África, Escócia, cria-se um estímulo de quem vem de fora para quem reside aqui. Creio que em Santa Cruz do Sul se desenvolveu esse comportamento com o passar dos anos	47
	Integrei ao meu cotidiano por exemplo o chá preto, além de outros hábitos alimentares.	51, 96
	Ir ao starbucks pela manhã, café da manhã com ovos	191
	Quanto a gastronomia, as refeições são realizadas em ordem inversa,	194
	Brunch	258
	Depois de morar fora passei a gostar e praticar muito o "brunch" nos meus fins de semana.	208
	A cultura hoje está muito globalizada	53
	Acredito que o mundo está muito globalizado e temos muitos costumes em comum com estes países	226
	O dia dos namorados e Natal	78
	Halloween por nossas crianças	108, 227
	Vestuário	120
	Morei um comuto período nos Estados Unidos, e adquiri alguns traços de lá! O mais visível, é a busca pela praticidade! Em tudo! Desde moderm de se vestir até vida social	214
	Exercendo a cidadania em pequenos exemplos como preservação do planeta.	68
	Procuro respeitar as leis do país	34, 55
	Intensifiquei o cumprimento da legislação de meu país.	168
	Outra herança foi o jornal, o primeiro entra no Brasil era impresso em Londres. O termino da escravidão também acredito ser mérito dos Ingleses, pois estes passaram um longo tempo cobrando as autoridades e com isso veio a expressão "só para inglês ver", criavam leis para acalmar os ingleses, mas que não eram tão efetivas e que aos poucos foram funcionando. Etc	196
	ARQUITETURA	Principalmente
		2

	Na engenharia, percebo a importância de simplificar e normatizar questões	211
EDUCAÇÃO(ENSINO)	Educação sempre vem em primeiro lugar em meu caso	4
	Leio muitos livros em inglês	71
	Não diria no meu cotidiano, mas procuro trabalhar essa formalidade nas minhas produções científicas	213
	Acredito que o gosto pela leitura e pesquisa	248
VOCABULÁRIO	O que fica mais evidente é assimilação de expressões em inglês no dia a dia (ex: no aeroporto faço in "check in", solicita-se um cheddarburger, cupcake, et...)	7
	Faço uso de diversas gírias, tais como: "oh my god", "what the hell" e outras utilizadas nos jogos online	10
	Palavras	17
	Encontrando pessoas falando inglês na rua	24
	Algumas expressões	32
	Com frequência uso palavras inglesas misturadas com portuguesas. Por vezes já comi um "brunch"	37
	Usar a língua mesclada ao português dentro do meu trabalho	115
	Com frases curtas consigo ser mais objetiva na conversação	126
	O que percebo aqui diretamente relacionado à cultura inglesa é o uso (geralmente desnecessário) de termos e expressões para designar atividades ou produtos, o uso do inglês na Computação/internet, além de produtos de consumo. Hábitos e consumos vejo-os mais associados à cultura alemã	170
	Acredito que temos um legado muito grande nas palavras que utilizamos e que foram "abrasileiradas"	196
	Sobre o linguajar, eu falo bastante gírias como "OMG" e "mega", além de falar seguidamente "hello, hello"	203
	Há hóspedes que ficam residindo no hotel até um ano, mas não sabem falar em português, somente olá e tchau	215
	Palavras em artigos, na literatura, nomes de restaurantes, bares e afins. Marcas de roupas, produtos em geral, especialmente ligados a perspectiva do consumo	241
Sobre expressões, tenho dificuldade, tento incluir a correta gramática nos meus diálogos	269	
PRINCIPIOS E VALORES	Respeito às pessoas	31, 212
	Sou honesto	55
	Compromisso. Se eu disse que eu vou, eu vou. O contrário também.	87
	De casa temos a mesma cultura do certo e do errado e sigo claramente este tipo de padrão de comportamento. Embora não seja o padrão da sociedade onde vivemos	129

CONVÍVIO INTERPESSOAL	Desde que voltei dos eua estou sendo mais direta, principalmente no ambiente profissional. No início estranhava a privacidade das pessoas, hoje que estou de volta ao	45
	Brasil sinto falta de poder chegar e sair do escritório sem precisar comentar nada com ninguém. A flexibilidade é outro fator encantador lá	
	Faz parte do cotidiano deles. Educação de modo geral	114
	Gosto sempre de tratar os outros com a maior gentileza o possível	165
	A forma como converso com as pessoas. Sempre respeitando	173
	Um pouco, mas pela nossa cultura gaúcha e de influência alemã na região, tendemos a ser menos formais e menos gentis no convívio diário com as pessoas, o uso do "por favor" é bem menor entre nós do que o "please" entre os de os de origem inglesa	182
	A afetividade gosto de ter contato frequente com família e amigos	194
	Dentro da empresa, as pessoas que conhecem a língua inglesa, normalmente possuem um comportamento mais contido	225
	Acho que um pouco de tudo. Mas não são costumes que aprendi com a cultura inglesa. São costumes que acabei trazendo de casa. Por exemplo a individualidade: sempre fui mais discreta e valorizo muito programas individuais e tenho gosto por isso, omo ler, assistir filmes, caminhar	242
	Educação, organização, planejamento e pontualidade	249
Percebo pouco porque meu ambiente não é tão integrado, mas hoje me preocupo em ser mais polido com meus colegas estrangeiros, pois eles também são	262	
RESPEITAR REGRAS		19
	Acho que muito mais em relação à língua do que um hábito, mas talvez o fato de eu respeitar sinalleiras e faixas de pedestres assim como funciona em UK, por exemplo	11
	No trânsito, procuro obedecer aos sinais. Cuidado com a cidade. Limpeza	80
	Não atravesso semáforo vermelho por exemplo	136
	Na verdade, tive a experiência de ter uma nativa norte americana morando em minha casa por 6 meses. O que me chamou a atenção foi a preocupação que a moça tinha com horário, Trabalho e estudo. Percebi que ela levava os compromissos muito a sério	30
	Procurro ser disciplinada naquilo que faço e com as pessoas do meu entorno	122
PONTUALIDADE		81, 221
	Valorizo a pontualidade	14
	Cumprir horários	16, 115, 130

	Sempre chego atrasada	18
	Trabalho em empresa multinacional onde estar presente nos horários marcados no outlook é algo imprescindível	73
	Costumo cumprir meus horários, respeitando o tempo dos outros	143
	Procuo não me atrasar em nenhum compromisso	165
	Admiro os britânicos pela pontualidade, pois sou chata com horários e muito pontual e aqui não temos muito este costume de cumprir horários	197
	Sou muito pontual. Se combino um horário, eu cumpro e espero que a pessoa cumpra também	246
TECNOLOGIA	Integrando neologismos	42
	A maior influência da língua inglesa em minha vida está ligada aos termos e concepções utilizadas na internet, pois sou um "heavy user"	259
LAZER	Músicas, programas de entretenimento	41
	Música	52, 120, 174
	Quando estava em Montreal a treinamento, uma colega me convidou para ir num restaurante e ouvir jazz e ela me comentou que quase toda semana ela vai, porque faz parte da rotina e o mais impressionante, não tinha lugar para sentar, pois estava lotado. Comparando com SCS, talvez se tivéssemos uma banda de jazz de qualidade e teríamos 100 pessoas, porém se nesse mesmo horário tivéssemos uma banda sertaneja teríamos 10.000 pessoas pagando o dobro do valor do jazz	266
	A dança com certeza é uma atividade muito influenciada pela cultura norte-americana. Fico feliz de ter conhecido o Brooklyn, um dos locais sede da origem do hip-hop, modalidade que pratico	203
	Viajar	71
	Pubs,	96
	Happy Hour	264
	Filmes	107
	O meu hábito em comum são o fascínio por séries	154
	Assistir desenhos (e filmes) sem legenda e tradução	198
	Basquete	174
	TRABALHO	Na empresa quando vem estrangeiros
O modelo europeu nas atividades de trabalho		83
Nas assembleias da Associação Internacional dos Produtores de Tabaco, das quais participam diversos países, a maioria falante da língua inglesa		95
Difícilmente trago assuntos familiares para o ambiente de trabalho, assim como os meus colegas gestores que possuem vivência com estrangeiros		105
Organização financeira, cuidado com preservação do trabalho e lazer		110

	Aplicação Lean Manufacturing que vem da cultura americana (época Ford- sistema puxado de produção e Toyota- sistema lean de eliminação de desperdícios) onde aplico o 5 S (limpeza e organização)	115
	A necessidade de ser direto e eficiente em tudo o que faço	138
	Ir direto ao ponto em questões relacionadas ao trabalho	191
	Na empresa vários hábitos e costumes	162
	Na empresa como uma multinacional estas duas características estão no nosso cotidiano - Ingleses seriedade, americanos orgulhosos	175
	Foco no trabalho, estudo, nos objetivos de vida	19
	Principalmente no trabalho. Aplicação de metodologias, maior enfoque em planejamento	27
	Cobrança por parte dos acionistas da empresa que trabalho	6
		69, 101, 176
POUCO	A nossa sociedade local ainda tem hábitos preconceituosos	35
	No meio onde estou inserido vejo em alguns momentos costumes similares aos países de língua inglesa	155
	Não muito, só nas aulas.	228
	Tenho mudando muito, mas a influência da cultura Brasileira por estar aqui no Brasil é bem mais forte e um desafio o mesmo tempo pois se trabalha ao mesmo tempo com pessoas daqui e de lá	40
	Não percebo muito. Mais na alimentação fast food e na tecnologia, integrando neologismos	42
	Um pouco de trabalho voluntario	204
	Não muito, mas quando tenho a oportunidade tento aproveitar mais. Nos últimos anos parece que há uma introdução dos piqueniques em parques.	256
NÃO		5,9, 13, 15, 21, 25, 26, 33, 39, 54, 56, 59, 66, 67, 75, 76, 79, 89, 99, 103, 104, 113, 116, 117, 119, 127, 141, 149, 150, 151 152, 153, 160, 171, 179, 183, 186, 187, 199, 200, 201, 210, 216, 218, 220, 230, 235, 237, 238, 239, 245, 250, 257, 260, 263, 267, 268, 270, 272
	Não sei	124, 172, 185, 222, 233
	Horários das refeições (almoço não é uma refeição muito importante para eles, muitos fazem só um lanche nesse horário) e os uniformes escolares e horas de aula (normalmente turno integral)	29
	Infelizmente ainda não tenho costume de tomar o chá das 5h	132, 255
	Pais desorganizado em tudo, mas é onde eu vivo	36
	Ninguém respeita horários para reuniões	49
	Acho que este é o lado negativo. Exemplo: Muitas vezes se fala e estuda sobre o "dia das bruxas" e não vejo conexão e nem sentido nisto.	121
	No Brasil somos muito mais abertos, alegres e vibrantes	157
	Não - leio pouco	161
	Não percebo tais hábitos no Brasil. Os vejo como exceção à regra, e não como a regra em si.	219

Aqui temos a cultura de não cumprir regras e horários	231
Excesso de produtos industrializados e sem preocupação com as embalagens (excesso).	240

Tabela 16

Quais as lojas na cidade que você mais frequenta? Por quê? Tem relação com marcas importadas?		
NÃO		3, 15, 16, 17, 27, 29, 54, 56, 71, 78, 104, 107, 124, 127, 137, 142, 152, 160, 162, 201, 220, 235, 251, 257, 258
NENHUMA LOJA ESPECÍFICA E NEM QUE TENHA RELAÇÃO COM IMPORTADOS	Nenhuma em especial/NENHUMA ESPECÍFICA	1, 5, 32, 35, 38, 67, 72, 89, 120, 128, 170, 185, 200, 203, 211, 213
	Não sou ligada em marcas em nem ao fato do produto ser importado ou não. Geralmente tenho uma desconfiança em relação aos produtos chineses	22
	Frequento lojas que me sinto bem tratada pelo vendedor, que me deixe a vontade, independente de marcas	21, 140, 266
	Lojas de vestuário, calçados	112
	Lojas de roupas. Não tem relação com marcas importadas	6, 169, 228, 236, 239, 242
	Compro pouca roupa na cidade, mas tento optar por marcas nacionais como farm, ou gang, moda mais jovem e casual	47
	Lojas de roupas infantis. Não	176
	Artigos infantis, por ter Filhos pequenos: roupas, brinquedos, uniformes, etc	196
	Lojas de esportes e vestuário. Não	63
	Lojas de esporte, calçados e roupas em geral. Não	117
	Não tenho lojas preferidas nem marcas. Compro o que preciso, procurando qualidade e preço justo	129, 210
	Prefiro loja que tenha variedade de produtos, roupas, calçados acessórios. Compro por sua qualidade e durabilidade	194
	Nada a ver com marcas. Importadas ou não	24, 114, 134, 156, 186, 193, 247, 270, 237, 265, 272
	Não compro sempre nas mesmas lojas. Variamos bastante	79, 80
	Loja de cervejas artesanais. Não, muitas são nacionais	13
	Mercados, farmácias. Não	26
	Só mercado	150
	Supermercado. Big e Muller. Não tem relação com marcas importadas	178
	Frequento cafés, livrarias e restaurantes. No momento não associo esses a marcas importadas, talvez um dos cafés... Uma franquia italiana, por exemplo	241
Lojas de livros. Não possuo relações específicas com marcas importadas	248	
COMPRA POR INTERNET	Compro praticamente tudo pela internet	153, 227, 240
	Normalmente realizo minhas compras on-line por sites variados, tanto brasileiros quanto americanos. Sobre marcas preocupo-me apenas com as relacionadas a tecnologia, sempre pesquisando antes de comprar, não muito por ela ser importada ou não mas sim por sua qualidade	160
	Não costumo frequentar lojas na cidade, gosto de comprar alguns produtos na internet e em viagens. Não tenho relação com nenhuma marca específica	224, 226, 229

	Não frequento muitas lojas, compro mais pela internet, mas tem a ver com marcas importadas	267
LOJAS ESPECIFICAS, MAS NACIONAIS	Afubra, porque é uma loja completa e não tem relação com marcas importadas	34
	Afubra e Tevah. Porque possuem produtos de meu interesse. Não	95
	AFUBRA, Beto Peças. Sou pouco consumista e frequento mais lojas de utilidades. Tenho alguma relação com marcas importadas pela qualidade que apresentam, mas podendo procurar consumir nacional	182
	Jm - não	31
	Loja Única. É de marcas nacionais	14
	Stok, Marlene Calçados e Yes. Não tem relação com marcas, apenas por gostar do produto e preço	11
	Yes. Não	96
	Em se tratando de lojas de roupas, geralmente frequento a Loja Yes, uma loja do Shopping Santa Cruz que não lembro o nome agora, a Minha Grife e Dorinho. O fato de um frequentar tais lojas não tem a ver com a questão de marca, mas, sim, pela melhor relação custo- benefício, pois nestas lojas sempre há roupas relativamente melhor com um preço mais acessível	219
	Lojas Delai. Gosto da qualidade e preço	30
	Delai, uzzi, ella blue. Não tem relação com marcas. Frequento por ter relação pessoal com pessoas relacionadas à loja	101
	Dullius, Palludo e Franco Giorgi	4
	Dullys, Rosa Pink, Arezzo. Na verdade, não tenho preferência por importados	132
	Dullius, gosto das modinhas da loja	250
	Dorinho, roupas de qualidade	98
	Dorinho e Sociedad - não	264
	Dorinho e Loja do Esportista	268
	Dorinho, casarão verde, ela blue homem.	8
	Dorinho, Patussi, mas não tem relação direta com marcas importantes, a não ser as chinesas	52
	Dorinho; Loja do Esportista; Brincasa; Lojas de Brinquedos	121
	Dorinho, arezzo, iluminura. Não	234
	Don Juan, Patussi. Não tem relação com marcas importadas	135
	Dom Juan, Romeu, Dorinho. Porém não dou muita importância para marcas, mas marcas internacionais tendem a ser mais "glamurizadas"	274
	Costumo comprar na Minha Grife, sem relação com marcas	91
	Minhagrife. Porque gosto de comprar lá. Não tem relação com marcas importadas. Esses compro quando vou a Rivera - Uruguay	131
	Marisa, Minha grife, Porque lá encontro roupas baratas e de boa qualidade	94
	Marisa, Eny. Gosto de atendimento e não me importo se a marca é importada ou não o que vale é ficar bonito no corpo	126
	Lojas prata, tevah	97
	Frequento bastante a Mariah e Uzzi	172
	Dita Bendita. Não tem relação	106
	Dita bendita e spantalhus. Não uso marcas	252
Henring, Alberts, Renova etc.. Não tem relação com marcas importadas	108	
Code 90, Donna Dora, são de amigas, não tem marcas importadas	154	
Pitt Jeans, onde trabalho	231	
Renner por ser uma loja de bons preços.	255	

	Vanussa esportes	139
	Boticário, stock shop	157
	Em Santa Cruz do Sul normalmente a Brincasa ou a Stock Shop, mas por apresentarem diversidade de produtos, não tem muito a ver com marcas importadas	215
	Compumax	9
	Tabuleria, porque é onde posso jogar board games. Não tem relação	218
	Livraria Iluminura, não tem relação com marcas	221
	Livraria Espírita, pois adoro ler. Não tenho o hábito de comprar muitas coisas, quando preciso de algo, escolho pelo melhor preço, a marca não me influencia	246
SIM		151
	Sim, trabalho diretamente	230
LOJA ESPECÍFICA, COM PRODUTOS IMPORTADOS	Hering, Dorinho, Loja do Esportista. Qualidade de produtos. Sim, tem relação	51
	Spantalhos, dorinho e loja do esportista, pelo gosto das marcas usadas nessas lojas	75
	Spantalhos, sim	130
	Dorinho! Sim	141, 188, 263
	Dorinho, loja esportista, jm esportes. Tem relação com as marcas	191
	Dorinho, Zara e Zirkus, porque há marcas reconhecidas no mercado e importadas	115
	Dorinho, Ela blu, Loja do Esportista. Pelo fato terem disponível as marcas de roupas que eu mais gosto. Sim, tem relação com marcas importadas	155
	Dorinho, loja do esportista. Sim tem	174
	Casa do Esportista. Uso marca importada para tênis	110
	Loja do Esportista, Dorinho, por que encontro diversas marcas, nacionais e importadas	175
	Loja do Esportista. Tem boas marcas de material esportivo	179
	Loja do esportista. Sim, vendem marcas importadas, e normalmente compro marcas internacionais pela tecnologia e design que possuem	37
	Dulius, JM Esportes, gosto de marcas importadas	269
	Lojas de esportes (Vanusa), a qual tem relação sim com marcas importadas	197
	Wein Haus, por tem boa oferta de vinhos tanto nacionais e importados. Romeu e Delai(roupas) em que há oferta mista de nacionais e importados	76
	LOJA NÃO ESPECÍFICA, MAS OPÇÃO POR ARTIGOS IMPORTADOS	Lojas de artigos de moda e eletrônicos, que proporcionam contato com artigos das principais marcas estrangeiras
Na cidade poucas, mas quando possível gosto de adquirir marcas estrangeiras pela qualidade		33
Nenhuma loja em específico (adquiro produtos que me cativam pela qualidade). Em termos de roupas, adquiro marcas como Polo, Tommy Hilfiger, conforme me sinta atraído pelo produto		7
Frequento várias lojas, não tenho preferência por alguma. Algumas tem relação com marcas importadas, e, dependendo do valor eu adquiro ou não		46
Lojas infantis. Tenho um filho. Sim		68
De roupas! Sim, pelos artigos importados		74
Frequento lojas que tem relação com marcas importadas		81
Não tenho frequentado lojas locais, mas sim, quando compro, geralmente são marcas importadas		138
Só chinês		149

	Não vou em nenhuma loja da cidade que não venda comida. Sim, provavelmente eles tem produtos importados	180
	Esportes e roupas. Sim	187
	Sim gosto muito de marcas importadas	204
	Supermercados para compra de bebidas e comidas importadas. Perfumes, pois normalmente são melhores	254
	Compro produtos importados	131
IMPORTADOS EM ALGUNS ARTIGOS	No país, opto por marcas nacionais, com exceção de roupas esportivas	41
	Não sou fiel a uma loja e pode ter vínculo com marcas importadas sim, em determinadas compras (calças jeans, etc)	42
	Não frequento muitas lojas, mas acho que algumas marcas importadas têm mais qualidade	103
	Por trabalho em Venâncio Aires tenho feito minhas compras aqui. Marcas importadas gosto mais das masculinas. De roupas femininas tenho preferência pelas marcas brasileiras	105
DIVERSOS	Eu frequento muito a loja de produtos naturais, a NUTRIVIDAS. Pois costume comer produtos naturais	18
	Lojas que mais frequento são produtos naturais e feira...de resto algumas lojas de roupa como a Dita Bendita (tudo nacional), Dalu e lojas de decoração como Brincasa e espaço casa. Amo a Iluminura, vou lá toda semana, acho que esse hábito do café. Quando vou em congressos em SP adoro ir no Starbucks, esse sim meu vício pois servem cafés com leite de soja e sou intolerante à lactose. Também tenho um iphone. Comprei uma cafeteira Oster (acho que é americana também) e amo e só tomo chás Twinings	23
	Depende do objetivo	25
NÃO FREQUENTA LOJAS	Não, não tenho, quase não frequento lojas	2, 53, 61, 62, 69, 171, 183, 222, 259, 260
	Não sou muito consumista/não frequento lojas	12, 59, 73, 93, 122, 168, 216, 225, 238, 256, 261
	Pouco frequento o comércio local, com relativa relação com marcas importadas	19
	Nenhuma desde que retornei	45
	Difícilmente frequento lojas somente restaurantes	181, 206
	Evito ao máximo comprar algo novo, só quando realmente preciso	189
COMPRA NO EXTERIOR OU EM OUTRAS CIDADES	Não frequento lojas por conta da marca, mas gosto de comprar na fronteira itens de marcas importadas que são mais baratos	245
	Não tenho preferência por lojas e por marcas aqui no Brasil, quando estou nos Estados Unidos ai sim dou preferência as marcas americanas, principalmente para roupa e calçado	40
	Frequento pouco lojas da cidade. Na cidade são principalmente lojas de esporte ou a Loja Pitt as quais não possuem relação com marcas importadas. Fora da cidade, costume comprar roupas na fronteira com o Brasil (Aceguá, Rivera, ou em viagens ao exterior...aí são marcas americanas - Tommy, Ralph Lauren, etc)	199
	Tem sim, porque atribuo qualidade a marcas importadas, mas em Santa Cruz não temos esse tipo de loja. Frequento loja da Nike, Outback, Applebees, Apple	262
	Não vou muito em lojas na cidade. Compro fora do Brasil devido a preço	111
	No período Q estive em viagem eu ia e vinha frequentemente para os USA e comprava lá. Portanto faz quase 5 anos que nunca mais comprei nada em lojas brasileiras	214
	Nenhuma compro tudo em Porto Alegre	36, 66

Tabela 17

Quais são suas comidas favoritas? Você tem alguma preferência por alguma comida que não é comum da região ou dos costumes locais?		
NÃO		12, 14, 63, 122, 127, 128, 134, 138, 142, 143, 152, 156, 219, 220, 230, 235, 238
SOMENTE CULINÁRIA REGIONAL	Nada específico uma boa comida esta é minha preferência, gosto é de comer comida boa	36, 180
	Comida caseira	8, 101, 137, 225, 252
	Todas são comuns na região	41, 46, 124, 171, 231
	Comidas tradicionais brasileiras, como arroz e feijão	119, 165
	Arroz feijão salada e carne	150
	Feijão, legumes e verduras. Não	5
	Arroz, Feijão, Saladas, Peixes e Frutas	110
	Feijão, arroz, carne, massa, salada de tomate e alface	118
	Churrasco	4, 38, 45, 59, 61, 97, 104, 130, 131, 176, 218, 225, 231, 234, 265
	Churrasco e Feijoada	55
	Churrasco, comida caseira, peixe	3
	Ala minuta. Não	31, 255
	Gosto muito de carnes no geral e cereais, além de muita salada. Não sou adepto dos fast foods americanos	40
	Frutas, massas, carnes magras e saladas	93, 228
	Galinhada	106, 213
	Galeto e peixes . Não	117
	Saladas e frutas, mais naturais e integrais. Não tenho exigências/preferências especiais	160
	Sim. Peixes	168
	Carnes vermelhas, legumes e verduras. Prefiro a gastronomia regional á qualquer outra do mundo	194
	Vegetariana	195
	Vegetais e carnes. Gosto muita de nossa culinária	200
Pães e massas, sem glúten e sem lácteos	240	
Carnes e pratos com batata	268	
REGIONAL E OUTRAS CULINÁRIAS	Churrasco e lasanha	6, 201
	Galinhada, Feijoada, Putcheiro, Carreteiro. Hambúrguer talvez	13
	Pizza (origem italiana), Churrasco (sul do Brasil), Massas (origem italiana), galinhada (sul do Brasil)	22

Não tenho um prato favorito, mas sou fã de feijão com arroz e moranga com guisado...mas como citei acima Starbucks eu adoro e só bebo chá Twinings, até mesmo por questões de higiene (no Brasil os chás não passam por um bom controle de qualidade)	23
Pizza, churrasco, sou mais adepto a comidas locais	7, 24, 33, 89, 157, 182
Churrasco, massas, feijoada. Pão de queijo - Mineiro	26
Saladas e peixe. Gosto muito de churrasco e sushi	30
Gosto muito de pizza, Xis, lasanha e churrasco. Sim pizza	39
Amo salmão, pizza, massas e carnes. Gosto também de comida mexicana e tailandesa pelos temperos. E a italiana pelas massas, queijos e molhos	42
Comida brasileira, alemã	52
Gosto de peixe e churrasco, mas em especial gosto de uma boa PAELLA	67
Pizza, risotos, lasanha, churrasco, costelinha de porco com barbecue, quiches	69
Pizza, massa, lasanha e churrasco	72
Hambúrguer. Cachorro quente	74
Gosto de churrasco e sushi	75
Como muitos vegetais (produção local) e gosto de cozinhar, carnes assadas e comida italiana	76
Gosto de churrasco, pizza e comida caseira	79
Churrasco, galinhada, mas gosto de panquecas americanas e o pão e queijo dos franceses	80
Minhas comidas preferidas são pizza e sorvete, a origem deles não é brasileira, mas passaram a ser muito comuns aqui	85
Massa com molho e peixe. Pratos típicos coreanos	87
Gosto muita de frutas e talvez goste mais de cogumelos frescos do que as pessoas locais	103
Saladas com ingredientes diversos, peixes, pão de qualidade, cogumelos, legumes	212
Minhas comidas preferidas são pizza, churrasco e comida caseira	120
Gosto de todos os tipos de peixes e frutos do mar. Infelizmente não temos restaurantes especializados em frutos do mar	129
As comidas locais, as mineiras e algumas nordestinas	170
Churrasco, Pizza, Lasanha e comida japonesa	175
Churrasco e massas	78, 178

	Churrasco bacalhau de Lisboa	181
	Churrasco e também gosta de comida Japonesa	183
	Churrasco, lasanha e sushi	184
	Sushi, hambúrguer, churrasco , pizza ,lasanha	188
	Churrasco, pizza, massas. Sim. Gosto muito de comida indiana e japonesa	191
	Gosto de carnes e de pizza	211
	Lasanha, peixe, macarrão entre outras. Nenhuma que lembre	223
	Churrasco, Pizza, gosto de comida chinesa, que não é muito comum na região	226
	Não tenho preferência por algum tipo em especial, mas churrasco, pizza lasanha, salmão e peixes são alguns exemplos	227
	Gosto de hambúrguer, pizza e churrasco	229
	Gosto de comidas que tenham pouca ou nenhuma carne. Adoro todos os tipos de saladas, massas e pratos que usem queijo	246
	Pizza, peixe	250
	Pizza e pastel	257
SIM		162
SOMENTE OUTRAS CULINÁRIAS	Comida brasileira	105, 205
	Gosto muito de frutos do mar, que não é típico da região	1, 129
	Comidas de receitas mediterrâneas. Minha preferência são as com peixes e crustáceos	35
	Comida mineira	170, 210
	Farofa	210
	Pão de queijo - Mineiro	26
	Pão e queijo dos franceses	80
	Comida nordestina	170
	Comida italiana	9, 17, 19, 27, 34, 37, 42, 53, 56, 76, 81, 121, 135, 199, 208, 256
	Lasanha	6, 39, 69, 72, 132, 175, 184, 188, 201, 223, 227, 264
	Massas e molhos	22, 25, 42, 51, 62, 72, 78, 87, 96, 98, 173, 174, 178, 185, 191, 197, 203, 207, 215, 224, 237, 246, 261, 263
	Tortell	2
	Risoto	69, 224
	Pizza	7, 11, 18, 21, 22, 24, 33, 39, 42, 62, 69, 72, 79, 85, 89, 91, 94, 98, 115, 120, 149, 151, 153, 154, 155, 157, 173, 174, 175, 182, 185, 188, 191, 203, 207, 211, 227, 229, 242, 248, 250, 257, 258, 259, 261, 264, 269, 274
	Sinto falta de uma boa galeteria	216
Comida indiana	9, 191	

Comida alemã	19, 52, 81, 126, 208, 269
Eisbein	95
Quiche (culinária francesa)	69
Gulash (prato húngaro)	260
Comida mexicana	29, 42
Mexicana, que conheci nos Estados Unidos. E peanut butter	32
Comida mexicana ao estilo americano	214
Pratos típicos coreanos	87
Comida oriental	77
Comida tailandesa	42, 54, 68, 135, 272
Comida japonesa	15, 37, 54, 68, 81, 99, 108, 121, 135, 175, 183, 187, 191, 241, 247, 262, 263, 266, 272
Sushi	30, 71, 73, 75, 98, 115, 139, 140, 141, 154, 169, 172, 184, 188, 197, 205, 270, 274
Sushi e sashimi	254
Comida chinesa	226
Comida árabe	251
Ceviche (culinária peruana)	71
Strogonoff (culinária russa)	91, 94, 132
Comida uruguaia	53
PAELLA (prato espanhol)	67
Comida asiática, como Noodles e Fried rice	111
Bacalhau de Lisboa	181
Comida americana (carnes e fritas)	262
Apple pie, comum nos EUA e muito difícil achar aqui	11
Ultimamente tenho frequentado muitas cafeterias na cidade. Hábito tenho quando viajo, e aqui em santa cruz tenho notado que está crescendo, até pelo número de cafeteiras que surgiram na cidade nos últimos anos	21
Hambúrguer	13, 16, 60, 66, 74, 155, 174, 188, 224, 229, 258
Gosto muito de massas, risotos e hambúrguer artesanal. O hambúrguer artesanal não é um costume local	224
O cheeseburger americano	71
Gosto bastante de fast-food - mcdonald's e Subway, além de pizza. Outras opções que gosto muito são massas	203
Gosto de fast-food	204, 222
Costelinha de porco com barbecue	69
Panquecas americanas	80
Gosto de comida temperada, comidas que geralmente não consegue se achar aqui	107
Brownie, cup cake, massa americana	115

Comida japonesa / thai / argentina (carnes)	187
As saudáveis e, abrindo mão disso de vez em quando. Sim tenho preferência por toda as opções vegetarianas/veganos que dificilmente são encontradas na região	189
Comida caseira bem feitinha, adoro polenta com leite...para Santa Cruz é diferente, assim como comer batata doce com churrasco	196
Eu gosto muito da culinária de influência alemã e italiana muito presente no nosso estado, mas após morar nos EUA sinto muita falta de algumas coisas típicas de lá, como o cream cheese de sabores diferentes, eggs benedict, cookies	208
Adoro Chicória, que é difícil de encontrar na região de Santa Cruz do Sul	179
Cogumelos	103, 112
Amo chocolate, gosto muito de alguns que não vendem no Brasil	217
Pizza, waffle, cupcake	242
Gosto de waffles que são típicas dos Estados Unidos	245
Starbucks eu adoro e só bebo chá Twinings	23
Sou eclético quanto à culinária. Gosto de provar todo tipo e comidas, de todas as culturas	221, 215, 267
Adoro cozinhar e testar receitas novas. Nesse ponto, sou cosmopolita	28

Tabela 18

Você frequenta alguma rede de fast food? Quais?		
NÃO		2, 3, 5, 8, 10, 13, 15, 17, 18, 19, 25, 31, 34, 36, 41, 43, 45, 50, 52, 55, 56, 59, 63, 67, 68, 71, 76, 77, 80, 81, 82, 89, 91, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 104, 105, 108, 110, 111, 114, 117, 119, 120, 127, 128, 130, 132, 134, 135, 137, 149, 150, 152, 157, 160, 162, 168, 172, 181, 182, 186, 191, 195, 196, 200, 206, 207, 212, 213, 214, 220, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 247, 248, 249, 252, 259, 260, 263, 265, 266, 268
EVITO		21
	Procuro não frequentar por não gostar dos pratos	138
RARAMENTE		103, 106, 185
	Mc donalds	22, 35, 85, 131, 146, 178, 229

	Burguer king	54, 229
	Subway	22, 69, 146, 210, 215, 246
	Starbucks	35
	Speed burger	131
	Madero	146
JÁ FREQUENTEI	Já fui no Subway e Mc Donald's	6
	Já frequentei Subway e mcdonalds. Porém acredito que o Subway tenha uma qualidade muito superior	165
EVENTUALMENTE/NÃO MUITO		53, 79, 153, 257, 211
	Mc donalds	1, 7, 29, 37, 183, 218, 245, 267
MUITO POUCO	Mcdonald's mas consumo mais sorvetes	46
	Subway	37, 122, 176, 187, 208, 216, 245
	Só vou eventualmente com meu filho ao Subway	170
	Burger king	1, 156
	Applebee's	7, 156
	Pizza diversas	37
	Pizza hut	208
	Outback	156
	Não especificadas quais redes	
	Não com muita frequência, mais para acompanhar os Filhos de vez em quando pois também não são muito adeptos, quando vamos as redes de fast food americanas que temos aqui no Brasil, sem preferência	40
	Muito pouco, mais para agradar as crianças	129
Muito pouco. 1 vez a cada 2 meses	199	
SIM		159
	Subway	4, 9, 12, 16, 24, 27, 28, 33, 38, 47, 51, 54, 66, 70, 72, 75, 78, 87, 102, 115, 121, 124, 126, 141, 142, 143, 151, 154, 155, 163, 169, 179, 180, 184, 188, 189, 194, 197, 198, 203, 204, 217, 219, 221, 222, 231, 256, 261, 264, 269, 270, 272, 274
	Mc donalds	16, 20, 24, 26, 27, 33, 38, 39, 42, 51, 54, 61, 62, 66, 70, 73, 74, 94, 102, 107, 121, 124, 125, 126, 139, 140, 141, 143, 145, 154, 155, 163, 164, 169, 171, 173, 174, 175, 184, 188, 198, 201, 202, 203, 204, 209, 217, 219, 221, 250, 251, 255, 261, 262, 270, 274
	MC Donalds, apenas pelo sorvete	11
	Mac Donald, para levar os sobrinhos	14
	Dodo's, Pizzarias, etc	20
	Burguer king	26, 39, 61, 66, 175, 201, 221, 270
Bob,s	66, 201	

	Croasonho	30
	Pizza hut	42, 258
	Outback	107, 258, 262
	Applebees	262
	Starbucks	202
	Café conveniência	198
	Lanche certo	222
	Pizzaria mamma mia	222
	Cine pastel	222
	Shopping Santa Cruz	228
	Mc café no aeroporto e Starbucks em SP ou RJ ou Campinas, já que no Brasil temos em poucas cidades. Já fui ao Subway mas tenho evitado por não ser tão saudável quanto parece	23
	Todas	32

Tabela 19

Quais os restaurantes que você mais frequenta? Por quê?		
PIZZARIAS		3, 16, 27, 39, 81, 96, 99, 107, 176, 178, 195, 215, 225, 255, 258, 259, 263
	Trata-se de uma comida gostosa e prática	1
	Para acompanhar meus filhos	122
	Porque gosto e para sair e estar em família conversando e tomando algo até o momento de comer	157
BROLESE		7, 125, 264
	Porque gosto da pizza deles	11, 34, 159
	Pelo tipo/gosto da comida	108, 153
LA FIAMMA		18, 20, 52, 125, 127, 140, 175, 211, 224, 249, 254, 264
	Gosto da comida, da conveniência de não preparar a refeição, da diversidade do buffet de saladas	37
	Devido a qualidade da comida	45, 153, 191, 197, 198, 234
	Porque gosto e porque é próximo de casa	131, 229
	Ótimo ambiente e boa comida com custo não muito elevado	182
	Pela qualidade e diferenciação do cardápio	206, 262
	Frequento estes ambientes pois são bons lugares para se conversar e jantar	219
FORNALHA		20, 103, 121, 125, 188, 236
	Pelo tipo/gosto da comida	108, 191, 262
	Sempre pizza maravilhosa	126
CHURRASCARIAS		31, 104, 169, 176, 178, 181, 183, 255

	Mais familiar	152
	Porque gosto muito de carne	228
CENTENÁRIO		3, 6, 13, 68, 80, 97, 121, 127, 163, 188, 204, 212, 216, 249, 264, 268
	Qualidade e preço	226
	Porque a comida e o atendimento são bons	14, 24, 79, 174
	Pelo tipo/gosto da comida	108, 262
	Devido ao meu trabalho	111
	Mais fácil acesso durante a semana	124
CHURRASCARIA GRINGO (INDUSTRIAL)		20, 51, 55, 236
CANTINA GIOVANI		55
CANTINA DO GIOVANI (UNISC)	Pois fica prático e fácil para mim jantar, não tenho tempo de ficar fazendo janta	222
COMABEM	(Atendimento, qualidade, preço)	269
DI CAPRI		55
	Pela variedade e qualidade	78, 110, 174, 196
	Variedade e peixes	129
	Praticidade	206, 217
GELADA		3, 256
	Possuir bom atendimento, ambiente agradável e boa comida	24
	Conveniência	28
	Gosto do tipo de comida e da qualidade	30
	Pela variedade de saladas e carnes	196
PARQUE DA GRUTA (GRUTA DOS INDIOS)		3, 13, 127, 163, 213
	Comida e ambiente	22
	Gosto do cardápio que oferece e da qualidade da comida	95, 126, 174
ZAFARI		13
RESTAURANTE DO IMEC		4
RESTAURANTE DO SUPERMERCADO MILLER		121, 256
HOTEL ÁGUAS CLARAS	Comida ótima, cardápio para todos os gostos	74, 236, 260
HILDA G		194, 210
LE CHEF		6, 80, 194, 249
	Gosto da comida, da conveniência de não preparar a refeição, da diversidade do buffet de saladas	37
	Porque a comida e o atendimento são bons	79
	Porque é uma comida variada e tem minhas preferências	110
LA CAMPANA		59, 211, 212
	Devido a qualidade da comida	45
RANCHO GRANDE	Gosto da comida	6
QUIOSQUE		12, 163
	Variedade e peixes	129
	Pela variedade de saladas e carnes	196

	Frequento estes ambientes pois são bons lugares para se conversar e jantar	219
RESTAURANTE CASA DAS CUCAS WAECHTER		8, 51, 210, 240, 249
	Gosto da comida, da conveniência de não preparar a refeição, da diversidade do buffet de saladas	37
	Diversidade	198
PANELA DE BARRO		8, 9, 13, 51, 127, 236, 256
	Comida e ambiente	22, 23
	Devido a qualidade da comida	45, 234
	Paladar	117
	Variedade e peixes	129
	Ótimo ambiente e boa comida com custo não muito elevado	182
GULOSO		51, 96
	Por ter comida de qualidade a um preço acessível	73
	Porque a comida é saborosa	130, 151, 210
	Por estar em meu trajeto	217
	Por terem coisas que gosto de comer e alguns por serem perto de casa.	229
	Pela sobremesa	250
ESPAÇO GOURMET		247
	Pelo cardápio diferenciado que oferece	246
	Por terem coisas que gosto de comer e alguns por serem perto de casa	229
	Meu padrao é dono	261
VIVAZ		216
RESTAURANTE DO COMÉRCIO	Porque a comida e o atendimento são bons	79
RESTAURANTE DO RUDY	Porque a comida e o atendimento são bons	79
TOMAZ (ALIANÇA)	Pelo ambiente, afinidade e hospitalidade	12
	Porque a comida e o atendimento são bons	61, 79
DODOS	Gosto da qualidade da comida	154
PREMIERE	Bom atendimento e ótimo serviço	87
SORELLA	Por conta do ambiente e seus pratos	47, 224, 241
TAVOLA		55
	Gosto do tipo de comida e da qualidade	30
AMÉLIA		103, 125, 204, 216, 254
	Comida e ambiente	22, 23
	Pela qualidade e diferenciação do cardápio	206
	Porque é uma comida variada e tem minhas preferências	110
ALEMÃO CARIOCA	Comida e ambiente	22
	Qualidade e preço	224
ANTIGO BISTRÔ		52, 59, 125, 175, 211

	Porque a comida é boa e também o ambiente	14, 146, 198
LE BRISTRÔ		212
CHEF DAVI		36, 51, 52, 59, 80, 103, 125, 127, 179, 194, 210, 211, 236, 260
	Porque a comida é boa e também o ambiente	14, 22, 146
	Adoro o cardápio delas	153, 154, 198
	Variedade e peixes	129
SERRANO	Mais fácil acesso durante a semana	124, 217
DUPLO X	Mais fácil acesso durante a semana	124
COMIDA ORIENTAL	Gosto	77
THAILANDES	Como uma opção de prato diferente.	11, 138
	Por gostar dessa cozinha	29
JAPONÊS		2, 27, 38, 81, 104, 108, 115, 138, 156, 187, 259
	Por gostar dessa cozinha	29, 107
	Por gostar da comida e ser mais difícil de fazer em casa	98
CHINÊS	Variedade	198
SHUNKING	Gosto do tipo de comida e da qualidade	30
MINATO MURAI		68, 140, 197, 198, 204, 254
	Por gostar da comida japonesa	75, 139, 274
	Porque considero ótimos restaurantes e adoro a comida, ambiente e atendimento	224
QUI-RO		99, 140, 172, 188, 241
	Pois gosto de comida oriental	78
	Gosto da qualidade da comida	154, 191, 262
	Uma vez por semana	205
BRASILEIROS	Por gostar dessa cozinha	29
GALETERIAS		63, 169
SUBWAY		180
	Pela preferência e praticidade	203
HEILIGE		71
MC DONALDS	Hambúrguer	201
BURGER KING	Hambúrguer	201
BOBS	Hambúrguer	201
OUTBACK	Qualidade e atendimento	214
CHOPERIA DA BRAHMA		163
AMSTERDAM		163
ILUMINURA		241
SABOREARES	Janta disponível para intolerantes a lactose	218
MAFALDA	Porque gosto da comida e é perto da minha casa	168
	Diversidade	198
UNISC	Por eu estar estudando lá	91
	Hábito	256

	Porque goste e porque é próximo de casa	131
SEM PREFERÊNCIA, EXCLUSIVIDADE	Aprecio variar restaurantes, dos mais tradicionais aos mais requintados	19
	Restaurantes locais	21, 54, 66, 106, 134, 142, 162
	Mais comuns na cidade	230
	Todos de Santa Cruz, mas não com muita frequência	105
	Restaurantes locais - self-service. Facilidade e praticidade	26, 114, 169, 236
	Frequento mais os restaurantes de buffet a quilo, pois no dia a dia devido ao trabalho cozinhar fica mais difícil e nestes tipos de restaurantes consigo ter uma alimentação mais saudável	184, 208
	Depende a oportunidade e objetivo alimentar	25
	Nenhum em especial, diversifico	67, 149, 221, 238
	Não há preferência	89, 128, 150, 170, 265
	Diversos	53, 135, 272
	Variados, para experimentar novas iguarias	56
	Restaurantes que servem à la carte, pois, as vezes saio para jantar com meu namorado e família e acho que esses restaurantes têm um ambiente adequado	85
	Não tenho preferência. Vou onde estão os amigos. Mais barzinhos.	160
	Restaurantes, pizzarias e Churrascaria, mas não tenho preferência por uma ou por outra, gosto da localização	227
	Comidas tradicionais	235
	Normalmente restaurantes em shoppings pelo fato de possuir praça de entretenimento para crianças	46
NÃO ESPECIFICADO RESTAURANTE, MAS COM CARDÁPIO ESPECÍFICO	Tenho preferência por restaurantes de cardápio variado com peixe	35
	Com comida variada e que traz opção para pedir em mais idiomas, facilita quando estou com alguma visita e também para poder me familiarizar-se com o nome dos pratos e os ingredientes em outras línguas	40
	Frequento restaurantes de comida contemporânea, sobretudo, porque é o que mais tem à disposição aqui em Lajeado. De resto, é muito fast food	42
	Um de sushi por causa das minhas amigas	180
	Restaurantes de Sushi e cozinha diversa (La Fiamma, Antigo Bistrô, Panela de Barro)	76
	Restaurante de sushi, pizzaria, buffet a quilo e bares, porque gosto e para não cozinhar em casa	270
	Não tenho restaurante preferido, mas gosto muito de pizzarias e de restaurantes de comida tradicional brasileira, mais especificamente gaúcha	120

	Com comidas mais saudáveis	137
	Aqueles que tem ou mantém ainda comida com jeito caseiro	186, 203
	Bistrôs	187
	Cafés	195
	Restaurantes com comida italiana	237
	Restaurantes locais, com comida caseira, pizzarias e lancheiras	248
	Restaurantes pequenos com comida caseira e natural	252
	De comida de panela, local	267
	Fast food, porque prefiro lanches	32
	Lancherias pelo custo e rapidez	141
RESTAURANTES EM VENÂNCIO AIRES E VERA CRUZ	Restaurantes da cidade de Toledo que tem comida boa e barata	245
	Restaurante saboró (Venâncio Aires), restaurante pizzaria d'italia (Venâncio Aires), restaurante comabem (Venâncio Aires), restaurante caçarola (Venâncio Aires), churrasceria la grécia (Venâncio Aires)	249
	Costaneira em Rio Pardo, gosto muito de peixe	155, 262
	Restaurante La Petite, em Vera Cruz, para algum almoço em família aos sábados	225
	Restaurantes locais da cidade de Vera Cruz, onde moro	239
RARAMENTE FREQUENTA	Prefiro ficar em casa com minha família	5
	Costumo almoçar em casa, quando saio vou ao Panela de Barro ou Amélia pois eles oferecem um ótimo ambiente	23
	Poucos	33
	Raramente frequento restaurantes onde resido. Em viagens, a opção é pela culinária italiana e frutos do mar	41
	Raramente frequento (La Fiamma, Guloso, Gellada)	69
	Não frequento	93, 165, 209, 231, 242, 266
	Sou muito caseira	164
	Muito pouco devido a problemas de saúde	185
	Frequento pouco a restaurantes, efetuamos muitos pedidos (delivery) com o restaurante Chef Davi (6 x ao mês). O motivo é que desta forma não fica muito caro e podemos beber os vinhos que costumamos comprar nas viagens que fazemos, além de ser mais cômodo em função das crianças pequenas que temos	199
Frequento mais a bares aqui em Santa Cruz, pois é onde acabo fazendo encontros com minhas amigas	257	

Tabela 20

Quais os clubes (incluindo noturnos) que você mais frequenta? Por quê?		
LEGEND MUSIC BAR		20, 51, 69, 76, 87, 125, 205, 224
	A música é o principal atrativo - rock	1, 74, 143, 154, 155, 203, 274
	Por causa do ambiente e do estilo musical (rock'n roll)	10, 47, 197
	Gosto do ambiente	28, 188
	Não costumamos sair muito, mas as vezes que fomos na Legend, gostamos. Talvez seja porque é mais frequentado por pessoas um pouco mais maduras e geralmente tem apresentação de boas bandas de rock	79
	Em função da boa música e das pessoas de mais idade que frequentam o lugar	120
	São os mais tradicionais da região	124
	Pois tem um clima mais descontraído e mais parecido com pubs	156
	Pela música e público de qualidade	160
	São onde meus amigos vão	172, 226
	Porque são ambientes que me sinto bem. Pessoas bonitas e inteligentes	262
LEVEL		137, 140, 205
	Por tocar músicas que combinam mais com o meu gosto	85, 154, 155, 203, 217
	Me sinto bem	139, 188
	Amigos	141, 172, 261
YVES		69, 125, 132
	São os mais tradicionais da região	124
	Gosto das músicas que tocam nessas festas	154, 274
	São onde meus amigos vão	172
	Porque são ambientes que me sinto bem. Pessoas bonitas e inteligentes	262
SPRITS	São os mais tradicionais da região	124
SPIRIT		125, 132, 140
	São os mais tradicionais da região	124
	Gosto das músicas que tocam nessas festas	154
	Porque são ambientes que me sinto bem. Pessoas bonitas e inteligentes	262
BEER SIDE		4
CASA VELHA		20
WEST		20
HEILIGE		20, 69, 224, 248
	Atualmente, não tenho companhia para balada. Sou o solteiro dos amigos e eles parecem uns velhos nesse quesito	99
	Vou eventualmente pois gosto de sair com os amigos para beber um Chopp	107

	Pela música e público de qualidade	160, 120
	Costumo frequentar o Pub da Heilige	182
	Frequento tais ambientes pois considero bons ambientes para se jantar e conversar com os amigos	219
	O único local que frequentei mais foi o bar Heilige aqui em Santa Cruz, pois gosto de cervejas artesanais	257
	Porque são ambientes que me sinto bem. Pessoas bonitas e inteligentes	262
PROEZA		75, 224
	Vou eventualmente pois gosto de sair com os amigos para beber um Chopp	107
	Gosto do ambiente e do tipo de música que toca	217
	Frequento tais ambientes pois considero bons ambientes para se jantar e conversar com os amigos	219
CHOPERIA AMSTERDAM		14, 69, 120
	Bons ambientes para se jantar e conversar com os amigos.	219
CHOPERIA DA BRAHMA	Porque são ambientes que me sinto bem. Pessoas bonitas e inteligentes	262
AABB		70
TENIS CLUBE SANTA CRUZ		9, 68, 73, 80, 121, 174, 175, 260
	Para jogar tênis	98, 146, 194
	Jogo futebol (principalmente), tênis e padel	183
	Raramente	103
CLUBE UNIÃO/		55, 63, 96, 126, 130, 162, 236, 261
CORINTHIANS	Possui bom ambiente, descontração	24
	Futebol com meus filhos	181
CLUBE ALIANÇA		126, 175, 216, 265
	Pois sou sócio e jogo tênis (quando consigo)	12
	Possui bom ambiente, descontração	24
	Por opção	25
COUNTRY		236
CLUBE SOCIAL E ESPORTIVO TIRO E CAÇA	Porque somos sócios e meu marido e enteado jogam bola lá, sem contar que é um clube que realiza muitos eventos sociais	42
PUB'S	(Heilige, Proeza, algumas festas)	75
CLUBE CULTURAL 25 DE JULHO		95
ASSOCIAÇÃO DO RADIO AMADORES	Sou sócio e pretendo cultivar este hobby quando tiver mais tempo	129
GALERAS ROCK BAR (LAJEADO RS)		76
AABB DE VENÂNCIO AIRES		176

NÃO ESPECÍFICO	A frequência a eventos sociais é variada e não vinculada a um clube ou local específico (frequente conforme a atração me cativa)	7
	Participo e frequento um clube da cidade para pratica de esporte (Tênis, Futebol, etc...)	40
	Barzinhos e choperia	81, 215
	Variados	104
	Poucos	122
	Não tenho preferência	128
	Choperias somente	153, 269
	Choperia, pois é o ambiente onde mais consigo aproveitar para conversar com os amigos	184
	Gosto muito de choperias, especialmente as que possuem pagode ao vivo	203
	Frequência eventual, na companhia de amigos.	170
	Pubs, sem um em específico	214
	A não ser o clube que pratico o esporte da Bocha, nenhum outro	223
	Ginásio de esportes, para assistir aos jogos e jogar quando possível	228
	Não muitos, prefiro ir ao cinema	255
	Raramente/quase não frequento	131, 150, 231
NÃO FREQUENTO		2, 3, 5, 6, 8, 11, 18, 19, 21, 22, 26, 27, 29, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 45, 52, 53, 56, 59, 67, 71, 78, 89, 93, 105, 108, 110, 111, 114, 115, 117, 127, 135, 138, 151, 157, 165, 169, 173, 178, 179, 185, 186, 187, 191, 196, 198, 199, 204, 209, 210, 211, 213, 218, 221, 222, 225, 227, 229, 230, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 246, 247, 250, 251, 252, 256, 258, 259, 263, 264, 266, 267, 268, 270, 272
	Prefiro churrasco com os amigos	13
	Não, pois costumo ir finais de semana visitar a família em PO	33
	Prefiro mais festas voltadas ao público da minha idade e ctgs. Já passei dessa fase de boates. Prefiro lugares onde possamos encontrar amigos e lugares que podemos também conversar	46
	Gosto de atividades ao ar livre	152
Nenhum, vida social praticamente inexistente	180	

Tabela 21

Quais os lugares que você morou antes de vir para a região de Santa Cruz do Sul? O inglês foi importante nessas experiências?		
NÃO RESPONDEU À SEGUNDA QUESTÃO	Porto Alegre, Caxias do Sul, Novo Hamburgo	2
	Santa Maria e Porto Alegre	36
	Sinimbu	38
	Somente Santa Cruz do Sul e EUA	45
	Barros Cassal e Santa Maria	55
	Arroio do Tigre e Sobradinho/RS	69
	Porto alegre	70, 206, 260
	Porto alegre, Blumenau e Curitiba	74
	Morei aqui, POA e Londres	71
	Lajeado, porto alegre	110
	Sempre morei em Venâncio Aires e 3 anos em Araranguá/SC	114
	Região central do rio grande do sul	157
	Cristal - RS, São Lourenço do Sul - RS	163
	Bento Gonçalves, Cacequi, Três de Maio, Santa Rosa, Cachoeira do Sul, Phoenix, Santa Clara (CA), Porto Alegre, Porto Xavier e Santo Ângelo	179
	Rio do Sul, Florianópolis	195
	Alegrete e Cachoeira do Sul	196
	Sou da região, mas vivi alguns anos em Curitiba e Goiânia	199
	Venâncio Aires	234
	Guaporé	237
	Sempre vivi em Vera Cruz	239
Londrina	251	
Panamá (na capital e interior) e Porto Alegre	256	
SIM	Goiás, seria muito importante se tivesse o idioma dominado	4
	Santa Maria. Sim por ocasião da faculdade	15
	Porto Alegre, Cachoeira do Sul, Santa Maria - RS, São José/SC, foi importante no colégio e na faculdade	100
	Porto Alegre na época da faculdade. Sim, foi	238
	São Paulo. Sim	26
	São Paulo. Belém - PA. Sim sempre foi importante	47
	Porto Alegre por 12 anos e inglês foi útil em alguns momentos	53
	Porto Alegre. Sim	68, 231
	Porto Alegre, Cascavel, Caxias do Sul. Sim, foi importante	89

	Nasci em santa Cruz do sul e o inglês é super importante em nossa cidade devido número de visitantes estrangeiros	126
	Noroeste, sim	127
	Porto Alegre e Sidney. Sim	135
	Pelotas e Porto Alegre. Sim, me abriu várias possibilidades	146
	Morei em algumas cidades do Sul do Brasil, na Austrália e na Holanda. E para a Holanda foi muito importante para conseguir a bolsa de estudos	156
	Panambi, Gramado, Canela, Porto Alegre, Caxias do Sul. Sim, o inglês foi fundamental pois as mudanças foram a trabalho e o inglês essencial	160
	Santa Maria/RS - Joinville/SC - Sim, o Inglês foi importante	161
	Porto Alegre, Rio de Janeiro, Los Angeles e Scottsdale. Sim	172
	Santo Ângelo, não. Cambridge (Reino Unido), sim	180
	Morei somente em São Miguel do Oeste SC e o Inglês foi e é importante na minha vida	187
	Curitiba-PR-Brasil; Richmond-VA-EUA; Lausanne e Montreux- Suíça. Sim	212
	Já morei em várias cidades e fora do país. Mas foi somente fora do país que senti a importância de saber falar outras línguas	259
	Recife, Mossoró e Rio de Janeiro, o inglês foi importante lá também	272
		20, 122, 152, 170, 235
	Porto alegre. Não	5, 33, 121, 216
	Morei em Vale do Sol somente. O inglês não foi importante nessa mudança	6
	Interior do município (onde o inglês não tinha aplicabilidade)	7
	Lagoão, Cruz Alta, Saldanha Marinho, Porto Alegre, Brasília, Chapecó, Passo Fundo. Não, o inglês não foi importante	14
	Vera Cruz. O inglês não foi importante	22, 62, 218
	Sou natural de Sobradinho, não utilizei inglês lá	24
	Morei somente em Sobradinho. A língua inglesa não foi relevante nesse período	119
	Santa Maria. Santo Ângelo. Não fiz uso do inglês nesses lugares	28
	Morei em diferentes cidades do RS, o inglês não teve papel nesta experiência	37
	O inglês não foi determinante nestas cidades (Curitiba, por ex.)	41
NÃO		

Venâncio Aires, Sta. Cruz do Sul e, agora, Sta. Cruz. Não foi fundamental	42
Erechim e Porto Alegre. Não, até então não tinha o inglês como algo presente em minha vida	73
Rio grande. Não	78
6 cidades diferentes no rio grande do sul. O inglês está sendo importante somente agora na cidade atual	81
A vivencia com a língua inglesa é mais forte em SCS comparada a região que morava antes	84
Não houve experiência anterior, em língua Inglesa	93
Morei em Dona Francisca, e o inglês não foi importante	97
Venâncio Aires, não	104
Gaurama RS e Anchieta SC, o inglês não foi importante	108
Ibirubá, Paraíso do Sul. Não teve nenhuma influência	132
Mesma região. Não	134
Rio Pardo. O inglês não foi importante	143, 155
Manaus, inglês não influenciou	150
Somente em Foz do Iguaçu/PR. Não pratiquei o inglês	153
Curitiba. O inglês não fez diferença	158
General câmara. Não	178
Morava em Uruguaiana na fronteira do estado e lá só possuía contato com a fala em espanhol	184
Lajeado. Não	191
Santa maria, Santiago. Não	200
Até 27 anos em Cruz Alta onde cresci. 4 anos em Marau e depois aqui. Não o inglês nunca foi importante em nenhuma destas cidades, senti falta nas viagens mesmo e na conclusão do meu mestrado onde acabei me dando bem no espanhol porque com o inglês não deu	210
Em Horizontina, não utilizava o inglês	213
Ijuí. Não foi importante	219
Interior de Vera Cruz. Não	222
São Vicente do Sul. Lá não teve importância a língua inglesa	223
Boqueirão do Leão, não era importante em função de ser um município mais de interior	228
Uruguaiana, Rio Grande e Porto Alegre. Não	232
Passo do Sobrado, não	250

	Morei em Porto Alegre e Madri. Acredito que o inglês não	257
	Sobradinho e na época não se falava do idioma	266

Tabela 22

Em que aspectos a cultura da região de Santa Cruz do Sul difere ou se assemelha a sua região?		
CULTURA/TRADIÇÃO	Trata-se de um gueto cultural	2
	Maior tradição em SC	70
	É totalmente diferente, pois minha cidade natal, valoriza os costumes da cultura gaúcha	200
	Cultura mais forte em Santa Cruz e mais conservadora	232
	Atos litúrgicos	240
ORGANIZAÇÃO/SEGURANÇA	Clima diferente. Pessoas diferentes. Cultura diferente. Cidade menor (SCS). Cidade com menos trânsito (SCS). Cidade mais segura (SCS)	26
	Santa Cruz é mais limpa e organizada. Melhor qualidade de vida	121
	São duas cidades bem distintas em termos de organização e costumes de regionais. Santa Cruz é uma cidade mais segura e mais limpa	184
CLIMA	Esta é a minha região, mas a principal diferença para as outras regiões que vivi foi o frio e a umidade de SCS (comparando com Goiânia). Curitiba é muito similar a SCS	199
CULINÁRIA	Culinária, festas típicas	81
	Há alguns costumes alemães por aqui que não vemos em outros lugares, como comida e pessoas que falam a língua	85
	Alimentos	96
	Cultura alemã em geral: língua, alimentação, etc	5
	Diferencial em Santa Cruz: Culinária, eventos e comportamento	33
LÍNGUA	A cultura de Santa Cruz é bem importante para o aprendizado da língua inglesa ou outras línguas	40
	A valorização do aprendizado de línguas estrangeiras é mais acentuada em Santa Cruz do Sul	234
	Cultura alemã em geral: língua, alimentação, etc	5
	Há alguns costumes alemães por aqui que não vemos em outros lugares, como comida e pessoas que falam a língua	85
	Cultura alemã e italiana é forte aqui. Na minha região não se tem o hábito de falar outro idioma nas famílias	28

	Sotaque e alguns costumes específicos	251
ENTRETIMENTO	Turismo	237
	É diferente, pois estava acostumada com cidades maiores. Aqui acaba sendo muito mais pacata a rotina e com menos opções	257
	A região daqui se diferente em relação a cultura e ao número de opções de entretenimento	219
	Difere no jeito de aproveitar a vida. Ex: cultura Alemã mais festeira em relação a Italiana. Se assemelha na vontade de trabalhar e progredir	24
	A vida agitada	250
	Preocupada em adquirir bens, patrimônio, e investe pouco em cultura.	160
COLONIZAÇÃO	Colonização alemã	36, 73, 122, 157, 195, 235
	Regiões que morei não eram de cultura alemã	55
	Do ponto de vista cultural difere pelos hábitos germânicos, que não está presente na minha região de origem. Entretanto como tenho influências germânicas em casa pude perceber contrastes de cultura do sul da Alemanha aqui mais presentes com os meus familiares que são mais do norte	37
	Santa Cruz foi colonizada por Alemães, que formaram a cultura da região, bem diferente de Lagoão, onde vivi até minha juventude, que foi colonizada por Portugueses	14
	Colonização, aqui em Santa Cruz do Sul mais característico da cultura Alemã, enquanto que minha cidade natal se caracteriza mais pela colonização Italiana	20
	Cultura alemã e italiana é forte aqui. Na minha região não se tem o hábito de falar outro idioma nas famílias	28
	Semelhança: cultura alemã. Diferença: em Lajeado também há cultura italiana bem presente, impactando no modelo de economia e de relacionamento. Economia, porque é mais diversificada... Os descendentes de italianos parecem mais empreendedores. Sobre relacionamento, a cultura italiana também parece mais aberta, no entanto, menos leal nas relações, comparado com descendência alemã	42
	Difere em relação à produção primária e às etnias de colonização	93
	Minha região tem descendência italiana, aqui é alemã	119

	Aqui a região e alemã, cultura muito diferente da região que eu morava	127
	Santa Cruz tem fortes características alemãs, o que difere de Curitiba	158
	A colonização e a cultura diferem das de Pelotas	146
	Aqui a cultura alemã é maior	187
	POA cidade grande, aqui cultura alemã	231
	Santa Cruz tem muita influência europeia	260
RELAÇÃO INTERPESSOAL	Do clima a recepção das pessoas são diferentes. Gaúchos mais secos e Goianos mais calorosos	4
	As pessoas "da cidade" são mais competitivas e menos hospitaleiras comparadas a cidades menores	6
	Por ser de porte muito maior e com maior diversidade em Santa Cruz do Sul as possibilidades profissionais e opções de interação social são múltiplas ao passo que na cidade natal percebia-se uma identificação com valores de família/pessoais difundidos entre os concidadãos	7
	As pessoas são mais acolhedoras, qualidade de vida melhor, pessoas são mais acessíveis	47
	A cultura local é forte, mas também bastante fechada ao novo. As pessoas são bastante tradicionais	68
	Cultura alemã de Santa Cruz mais "fechada"	100
	Ambas são de colonização italiana e alemã, organização, alimentação são semelhantes, mas Lajeado é mais simpática e acolhedora. Pessoas me disseram que odeiam chegar em SC	110
	Difere na hospitalidade	152
	Germânica. Fechada inicialmente	160
	As pessoas que são daqui são extremamente fechadas em seus grupos, nada receptivos	196
	As pessoas são mais reservadas. O ritmo é mais calmo	206
	Totalmente diferente. Aqui são mais racistas e preconceituosos, mas há muitas coisas boas, principalmente ótimas condições de trabalho	210
	Aqui se come muito, mas o que mais me impressionou foi como as pessoas não se integram muito. Parecem mais sérios e sem muito interesse em conhecer coisas novas	256
	Pessoas hospitaleiras e que buscam melhorar a qualidade de vida	266
Quando cheguei a cultura local era xenófoba e fechada	272	

TRABALHO	Mercado de trabalho	178
	Santa Cruz do Sul tem mais oportunidade de trabalho por ter muitas empresas transnacionais, minha cidade natal é mais agricultura	228
	Região típica alemã e por se constituir em grande parte de empresas multinacionais do ramo do tabaco	108
	Por ser de porte muito maior e com maior diversidade em Santa Cruz do Sul as possibilidades profissionais e opções de interação social são múltiplas ao passo que na cidade natal percebia-se uma identificação com valores de família/pessoais difundidos entre os concidadãos	7
SIMILAR	É igual	22, 104, 132, 134
	Se assemelha devido a cultura alemã	24
	Cultura e Clima bem semelhante	69
	Se assemelha devido a cultura alemã	97
	Moro aqui desde pequena não sinto diferença ou semelhança	150
	Pela proximidade da minha cidade natal com Santa Cruz do Sul os aspectos culturais são muito parecidos	155
	Muito similar, pois a colonização também é alemã	163
	Se assemelha na organização e alegria das pessoas	179
	Ambas têm a agricultura como economia, embora diferem em tipo, e origem cultural é semelhante	194
	É bem semelhante, pois a população também é de origem Alemã	213
	Santa Cruz não se difere tanto da minha cidade natal, por estar ao lado, a cultura alemã é a mesma. As rodas de chimarrão e as tardes nos parques ou praças. O churrasco no Domingo também	215
	Parecido	222
	Se assemelha na hospitalidade e se difere na comunicação	223
Costumes iguais	239	
DIFERENTE EM TUDO	Em tudo	38, 216

Tabela 23

Que fatores facilitaram sua inserção nesta região?

		122, 232
	Profissão	2, 5, 36
	Profissão de Engenheiro Agrônomo	73
	Minha capacitação profissional	146
	Oportunidade profissional	81, 215, 237, 127
	Fatores econômicos (emprego)	121
	Estar vinculada a trabalho e a partir de colegas de trabalho conhecer melhor a cultura e interação com outras pessoas	33
	Trabalhar numa empresa da cidade	42, 110
	Trabalhar numa grande empresa multinacional	195, 272
TRABALHO	Somente o fato de estar trabalhando em uma empresa de grande porte, que acabou fazendo parte do meu sobrenome por um período, depois outras empresas de grande porte e relações com pessoas importantes nestas empresas e na cidade, é assim que é	210
	Entrar num mercado que já conhecia a parte da produção da matéria prima	228
	Talvez tipo de trabalho	260
	Cultura e ambiente de trabalho - colegas	163
	Estou em SCS por influência do trabalho, pois fui transferida em 1997. Talvez pela cultura germânica e por falar alemão, pois a maioria dos colegas na época eram de Sinimbu e SCS e falávamos muito alemão, isso me deixava mais próxima deles	266
	Conheci famílias e colegas que me inseriram na sociedade local	37
	Amigos	14
	Familiares	20, 108, 158, 199
	Amizades da faculdade do trabalho	69
	Amizade com colegas de trabalho que me auxiliam a ter uma vida social	257
FAMILIA/AMIGOS	Familiar e profissional	93
	Minha família é da região, então sou descendente da mesma cultura	132
	Minha esposa é da região	135
	Ter crescido na comunidade, família e boa comunicação	141
	Já conhecer pessoas que moravam na cidade	200
CAPACIDADE DE ADAPTAÇÃO/	Minha capacidade de me adaptar e me comunicar, formar novas amizades.	7, 141
	Sou metido	28
	Minha facilidade em fazer amizades	150
COMUNICAÇÃO	Flexibilidade, sou de fácil adaptação, friendly, e sem frescuras	160
	Abertura a novas amizades	251

	Sou comunicativo	216
ORIGEM GERMÂNICA	Ser oriunda de região de imigração também ainda que não imigração alemã	15
	Ser de origem Germânica	38, 74, 84, 89, 126, 213
	A diversidade cultural local	179
	Acredito que foi pelo fato de me identificar com a município. Acho que pelo fator cultural, forma de organização do município	219
	O fato de ter minhas origens passadas vindas da região de Santa Cruz do Sul para a minha região	223
	Histórico familiar	255
ESPORTE		232
	Voleibol	70
	Esporte (tênis)	73
EDUCAÇÃO	Escola	96
	A universidade	55, 97, 104, 234, 256
	O fato de ser estudante, e socializar com pessoas que também são de outros lugares. E também de ter um irmão que já morava na cidade	78
	Diversidade das pessoas que frequentam a faculdade	119
	Acesso cursos inglês mais eficientes	126
	Estudo	152
	Pelo estudo e qualidade de vida	184
HOSPITALIDADE		157
	A boa receptividade, alto astral	24
	Acredito que tive sorte, fui muito bem recebida	47
	A comunidade local foi receptiva	194
DIVERSOS	Qualidade de vida - segurança, trânsito	26
	Ser natural de SCS (apesar de ter residido na cidade dos 0-4 anos de idade)	68
	Morei mais que metade da minha vida aqui No meu bairro talvez. Moro no Bairro Avenida. As pessoas são responsáveis e trabalhadoras	180
	Eu já conhecia Santa Cruz do Sul e quando recebi o convite para vir para cá aceitei na hora. Gosto muito daqui	187
	Organização, segurança, proximidade com POA, muitos colegas de trabalho também são de outras cidades e estados, muitos jovens estudantes (UNISC), bons restaurantes e bares	206
	Oportunidades de lazer e comércio	6
	Morar em uma boa localização em POA	231
	Disciplina	235
	A diversidade de coisas para fazer	250

NÃO TIVE FACILIDADES		196
	Nenhum	134, 185
	Não vejo diferença	222

Tabela 24

Que fatores dificultaram sua inserção nesta região?		
NENHUM/ NÃO HOUE		2, 4, 36, 37, 42, 73, 89, 93, 97, 104, 108, 110, 121, 134, 150, 157, 179, 185, 187, 199, 200, 213, 215, 216, 219, 222, 232, 234, 235, 260
	Não senti dificuldade, sempre tive apoio e ajuda quando precisei	266
	Nenhum, como cheguei nova, foi muito fácil de me relacionar	47
	Naquele momento não tive dificuldade, já o hoje seria mais complicado, pois tem muita oferta e pouco procura	228
	Nenhum, mas somente porque trabalhava naquela empresa	210
POVO FECHADO		24, 55, 70, 74, 127, 195
	As pessoas de cultura alemã não costumam ser muito receptivas	81
	Cultura alemã é mais fechada, é necessário construir uma relação de confiança	119
	A cultura alemã tem como característica pessoas mais desconfiadas e fechadas	141
	Os traços culturais e comportamentais marcados pelo distanciamento	15
	O comportamento das pessoas	6
NÃO SER DE ORIGEM GERMÂNICA	Não ser nativa, pela valorização das origens e parentescos. Mas, também vejo que tem sido algo que vem mudando, e temos atualmente mais abertura a receptividade de pessoas de outras localidades	33
	Pessoas, cultura. Cidade com predominância de alemães e gaúchos	26
	Não ser descendente de alemães e não ser natural de Santa Cruz ou região	196
	Não tem sobrenome germânico	68
	Não falar alemão	96, 237
	A língua	194
	O fato de não ser da cidade dificultou um pouco no início.	146
	Cor da pele	152
	Odeio alemão	180
	O fato de ser nordestino	272
Inicialmente, algum nível de preconceito pelo fato de trazer comigo comportamentos interioranos	7	

	Cultura	122
CIRCULO DE AMIZADES RESTRITO	Por a família não morar aqui	250
	Tinha poucos relacionamentos aqui	28
	Não ser reconhecido	5
	Demora para fazer amizades consistentes	160
	Círculo de amizades restrito	256
DIVERSOS	Custo de vida	163
	Não trabalhar	158
	Transporte	231
	Bairrismo do gaúcho	251
	Santa Cruz do Sul é muito maior que Sinimbu	38
	Ser uma cidade mais pacata	257

Tabela 25

Falar inglês teve influência ou não? Por quê?		
NÃO		2, 4, 5, 14, 15, 20, 22, 24, 26, 30, 36, 38, 53, 55, 69, 73, 74, 78, 84, 89, 97, 100, 110, 119, 123, 124, 134, 141, 142, 146, 156, 157, 158, 160, 179, 194, 195, 199, 211, 213, 216, 222, 223, 231, 232, 235, 240, 250, 251, 256
	Não, pois na cidade natal o contato com inglês ocorria apenas no colégio	7
	Não, pois ainda era muito jovem	47
	Não, vim para Santa Cruz ainda criança	127, 150, 191
	Não. Porque em Lajeado não há muito presença de estrangeiro, diferente de Santa Cruz, onde se percebe mais	42
	Não, porque não é hábito falar inglês entre brasileiros	81
	Não. Não teve. Pois a região não tem o hábito de se comunicar em inglês	219
	Não, poucas pessoas que conheço fora do ambiente profissional falam inglês	206
	Não. Porque não havia tanta interação cultural	33, 93
	Não, em função da universidade foi tranquilo	104
	Não teve, porque não havia necessidade na época	108, 200, 210, 234, 255
	Não, porque na época comecei como comprador de tabaco e não precisava do inglês	228
	Não. Não era requisito fundamental	121
	Não, trabalhei inicialmente em uma empresa familiar	122
Não, mas está tendo agora	163	

	Não tenho, mas consigo me comunicar. Porque não investi tempo e dedicação suficiente	178
	Não a cidade é mais da cultura germânica	185
	Não, não falar alemão sim	260
	No sentido da adaptação, não fez diferença	257
SIM	Sim. No momento que você tem um "currículo" mais avantajado é uma pessoa de mais estudo ou é "viajada" você é visto com outros olhos	6
	Sim. Sou professora e medica. O meu trabalho depende do conhecimento do inglês	68
	Falar inglês é primordial para minha profissão	126
	Sim teve e continua tendo. Porque na minha profissão exige que me relacione em Inglês, respondendo e-mails, lendo contratos e conversando com estrangeiros	187
	Sim, para conseguir a oportunidade de trabalho	135
	Sim. Era pré-requisito para meu emprego	143, 152, 215
	Teve no momento da inserção no mercado de trabalho em função das fumageiras	196
	Sim. Sem o inglês não teria sido selecionado a trabalhar na empresa que me trouxe aqui	272
	No meu primeiro trabalho foi um dos itens de peso no currículo	184
	Sim, quero um futuro que me renda dinheiro e felicidade e não quero que a língua seja uma barreira	180
INFLUENCIOU POUCO	Apenas no meu ramo de trabalho	28
	Ler e falar inglês auxiliou um pouco no início no meu trabalho, mas o desenvolvi nas minhas atividades profissionais cotidianas	37
	Um pouco	237
NA ÉPOCA EU NÃO FALAVA		70, 96, 266

Tabela 26

Marque as expressões ou palavras que você percebe serem usadas no dia a dia, mescladas no uso do português	
Palavra em inglês	Respostas
Outras	11
Smash the cake	25
On sale	91
High society	91
Kitchen	105
Stretch	105

Cotton	107
Sweater	109
Baby sitter	110
Country music	114
Ice-tea	125
Flat	126
Open house	129
Camping	135
Serial killer	137
Master	146
Full- time	146
Duty free	150
Standard	152
Wc	157
DJ (disk jockey)	158
Heavy metal	158
Free lance	158
Flash	159
Trailer	160
Home banking	160
Container	164
Phd	166
Hot dog	167
Self-service	171
Laser	171
Legging	172
Best seller	173
Pub	174
King size	174
City tour	174
Save the date	175
Slogan	175
Mix	178
Designer	179
Office	180
Black Friday	180
Relax	181
Top model	183
Office boy	186
Shorts	186
Blazer	188
Outlet	189
Cookies	190
Business	193
Fashion	194

Outdoor	196
Fast food	197
Milkshake	198
Gay	198
Check-up	202
Game	203
Ticket	203
Spray	204
Brother	204
Cupcake	206
Mba	206
Cheeseburger	211
Free	211
Delivery	217
Fitness	220
Rock and roll	220
Bike	222
Freezer	224
Check-in	225
Diet	227
Feedback	227
Marketing	229
Ketchup	231
Light	237
Shopping center	239
Happy hour	241
Wireless	246
Rap (rhythm and poetry)	259
E-mail	259